



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Educação

Representações sociais de género e violência em contexto familiar: um estudo com mulheres idosas de meio rural no Concelho de Castelo Branco

Maria João Oliveira Guerreiro de Carvalho

Orientadores

Professora Doutora Maria João da Silva Guardado Moreira

Mestre Clotilde Alves Nunes Agostinho

Trabalho de Projeto apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Gerontologia Social, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Maria João da Silva Guardado Moreira e da Mestre Clotilde Alves Nunes Agostinho, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Outubro de 2020

“Onde o amor impera, não há desejo de poder; e onde o poder predomina, há falta de amor. Um é a sombra do outro.”

Carl Gustav Jung

“É preciso ser um herói para enfrentar a moral da sua época”

Michel Foucault

Composição do júri

Presidente do júri

Doutora Cristina Maria Gonçalves Pereira

Professora Adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Vogais

Doutora Stella António Bettencourt da Câmara

Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa

Doutora Maria João da Silva Guardado Moreira

Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Dedicatória

Dedico este trabalho:
Ao meu querido irmão
Às minhas avós e bisavós
(in memoriam)

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Doutora Maria João Guardado Moreira, que me motivou a abraçar este projeto, pela transmissão de sábios conhecimentos, pelo seu incentivo, rigor, exigência, disponibilidade para o esclarecimento de dúvidas e pelo apoio ao longo deste percurso.

À minha orientadora, Professora Mestre Clotilde Alves Nunes Agostinho, pelo seu olhar exigente, reflexão crítica e sugestões que atenuaram as minhas inseguranças e me indicaram o caminho a seguir. Pela disponibilidade e apoio na concretização deste projeto.

A todas as mulheres que participaram neste estudo, sem as quais não conseguiria obter a informação recolhida e realizar esta investigação. Pela simpatia, carinho e disponibilidade com que me receberam e ainda um bem-haja pela confiança que depositaram em mim.

Ao meu marido Paulo, pelo amor, companheirismo, compreensão e paciência, que comigo percorreu este caminho de mãos dadas, pelo seu apoio nos momentos difíceis, pelo encorajamento constante e por me fazer acreditar que conseguia vencer mais esta etapa da minha vida.

À minha filha Patrícia pelo seu carinho, amor, compreensão e paciência sobretudo nas horas em que não consegui estar mais presente. Mas também por me dizer sempre “mãe tu consegues”.

À minha família próxima, que me apoiou sempre ao longo de todo este deste percurso difícil e por ter acreditado nas minhas capacidades.

Aos meus/minhas amigos/as que me deram a mão nesta caminhada e que se encontram sempre presentes na minha vida.

A todos o meu reconhecido agradecimento

Resumo

A violência sobre os idosos começou a ser investigada, sobretudo a partir dos anos 80 do século XX, sendo hoje considerada um problema de saúde pública e uma grave violação dos direitos humanos. Através dos estudos realizados tem sido possível perceber que os comportamentos violentos sobre os idosos resultam de uma combinação de fatores: individuais, contextuais e socioculturais. Contudo, existe alguma dificuldade em concetualizar este fenómeno devido à sinonímia entre o conceito de violência, abuso e maus-tratos. O traço comum a todos estes termos, refere-se à manifestação de comportamentos violentos a nível do contexto das relações interpessoais de confiança e íntimas onde se podem integrar a violência doméstica e maus tratos.

De acordo com os estudos realizados em diversos países incluindo Portugal, a problemática da violência em contexto familiar contra as pessoas idosas afeta sobretudo as mulheres, por razões socioculturais e de desigualdades de género.

Os estereótipos de género, são fruto de representações sobre os papéis sociais de género que tem sido veiculado ao longo da história e que têm contribuído para a manutenção das assimetrias de género nas famílias e nas sociedades.

As representações negativas acerca dos papéis sociais diferenciados, têm contribuído para perpetuar comportamentos discriminatórios e violentos para com as mulheres, sobretudo as mulheres idosas. Todavia, e apesar da criminalização da violência e da aquisição de direitos sociais por parte das mulheres, verifica-se que estes comportamentos foram socialmente normalizados e legitimados no seio da família e da comunidade, sobretudo para com as mulheres idosas.

A realização do estudo, com recurso a uma abordagem metodológica de carácter qualitativo, permitiu conhecer as representações sociais de género que se encontram subjacentes à perpetuação dos comportamentos violentos para com as mulheres que vivem em meio rural e perceber em que medida estas representações têm contribuído para a aceitação e perpetuação de comportamentos abusivos nas comunidades rurais.

A presente investigação foi concretizada através da realização de entrevistas semidirigidas a dez mulheres idosas de zonas rurais do Concelho de Castelo Branco, e permitiu dar-nos uma perspetiva sobre o enraizamento cultural de estereótipos de género nestas comunidades e sua relação com a perpetuação da violência conjugal.

Palavras chave

Violência, Estereótipos de Género, Desigualdades de Género, Mulheres Idosas, Meio Rural.

Abstract

Violence against the elderly began to be investigated, especially since the 1980s, and today is considered a public health problem and a serious violation of human rights. Studies have showed that violent behavior on the elderly results from a combination of factors: individual, contextual and socio-cultural. However, there is some difficulty in conceptualizing this phenomenon due to the synonym between the concept of violence, abuse and mistreatment. The common trace of all of these terms refers the manifestation of violent behavior in the context of interpersonal relationships of trust and intimacy where domestic violence and mistreatment can be integrated.

According to studies carried out in several countries including Portugal, the problem of family violence against older people affects mostly women for socio-cultural reasons and gender inequalities.

Gender stereotypes are the result of representations about the social roles of gender that have been transmitted throughout history and have contributed to the maintenance of gender asymmetries in families and societies.

Negative representations about differentiated social roles have helped perpetuate discriminatory and violent behavior towards women, especially older women. However, despite the criminalization of violence and the acquisition of social rights by women, these behavior has been socially standardized and legitimized either by the family and the community, especially against older women.

This study, using a methodological approach of a qualitative nature, has made possible to identify the social representations of gender that are underlying the perpetuation of violent behavior towards women living in rural areas and also to understand how these representations have contributed to the acceptance and perpetuation of abusive behavior in rural communities.

This investigation has been accomplished by semi-structured interviews with ten elderly women in rural areas of Castelo Branco, and gave us a perspective about the cultural roots of gender stereotypes in these communities and the relationship with the perpetuation of marital violence.

Keywords

Violence, Gender stereotypes, Gender Inequalities, Elderly Women, Rural Environment

Índice geral

Introdução	1
Capítulo I- Enquadramento Teórico.....	3
1. O Fenómeno do Envelhecimento nas sociedades modernas.....	5
2. A Velhice Ontem e Hoje.....	10
3. Violência, Maus-tratos ou Abusos - enquadramento concetual.....	15
3.1. Fatores de risco e consequências para o abuso de idosos	17
4. Enquadramento jurídico-penal da violência contra idosos	21
5. Estudos prevalência	25
6. Modelos de análise para compreensão do fenómeno da violência sobre os idosos..	29
6.1. Dados sobre a violência sobre as mulheres idosas em contexto familiar em Portugal e no Concelho de Castelo Branco.....	30
6.2. O Idadismo	31
6.3. Estereótipos de Género e crenças associadas.....	34
6.4. A influência dos Estereótipos de Género nos comportamentos violentos	37
6.5. A Transgeracionalidade da violência	39
6.6. O Modelo Socioecológico.....	41
Capítulo II- Enquadramento do estudo	43
1. Finalidade e objetivos do estudo.....	43
2. Metodologia da Investigação	46
2.1. Caracterização da Amostra	46
2.2. Instrumentos de recolha de dados	47
2.3. Procedimentos	48
2.4. Tratamento de dados	49
3. Apresentação e análise dos dados	51
3.1. Tema 1 – Vivência no contexto familiar de origem: Dinâmica e estrutura familiar	51
3.1.1. Subcategoria - Condições de vida na infância e juventude	51
3.1.2. Subcategoria - Responsabilidades na gestão da casa e na educação dos filhos	52
3.1.3. Subcategoria - Relação hierárquica entre os progenitores	54
3.1.4. Subcategoria – Perceção sobre as diferenças de género na educação dos filhos	56

3.1.5. Subcategoria - Diferenciação de papéis em função do género em relação aos filhos.....	57
3.1.6. Subcategoria - Comunicação entre pais e filhos	58
3.2. Tema 2 - Escola e vida profissional: Vivências do percurso escolar e profissional.....	60
3.2.1. Subcategoria – Perceção sobre o percurso escolar	60
3.2.2. Subcategoria - Perceção sobre os castigos aplicados na escola	63
3.2.3. Subcategoria - Vivências do Percurso Profissional	64
3.3. Tema 3 – Namoro, casamento e sexualidade: Perceções sobre o namoro e casamento	65
3.3.1. Subcategoria – Namoro.....	66
3.3.2. Subcategoria – Casamento	69
3.3.3. Subcategoria - Perceções acerca do papel do homem, hierarquias e relações de poder	73
3.4. Tema 4 – Conhecimento acerca da violência doméstica e formas de apoio às vítimas na atualidade: Representações pessoais acerca da Violência Doméstica.....	78
3.4.1. Subcategoria- Conhecimento e Perceções sobre situações de violência doméstica conhecidas e/ou vivenciadas.....	78
4. Síntese dos principais resultados	83
5. Plano de Intervenção	89
5.1. Justificativa do projeto de intervenção	89
5.2. Definição de objetivos e Atividades/ Ações.....	91
5.3. Atividades do Projeto a desenvolver – Fases do Projeto.....	93
5.4. Propostas de sessões de sensibilização/Informação e ateliers a dinamizar com as mulheres idosas	94
Considerações Finais	96
Bibliografia	98
APÊNDICES.....	107
APÊNDICE A- Declaração de Consentimento.....	109
APÊNDICE B- Guião de Entrevista	111
APÊNDICE C- Caracterização sociodemográfica das entrevistadas.....	117
APÊNDICE D- Categorização das questões analisadas	119
APÊNDICE E- Tabelas de Análise de Conteúdo	123
APÊNDICE F- Plano de formação para programa de voluntariado	247

Índice de figuras

Figura 1- Pirâmides etárias, Portugal, 2008 e 2018.....	7
Figura 2- Modelo Ecológico da violência- níveis de intervenção nos maus-tratos aos idosos.	42

Lista de tabelas

Tabela 1- Índice de Envelhecimento em Portugal nos anos de 2001 e 2018.	7
Tabela 2- Índice de Envelhecimento na Beira Baixa nos anos de 2001, 2011 e 2018. .	8
Tabela 3- Vitimização segundo a tipologia dos crimes entre os anos 2013 e 2018.	30
Tabela 4- Caraterização sociodemográfica das entrevistadas	118
Tabela 5- Categorização das questões analisadas	120
Tabela 6- Análise de Conteúdo Entrevista 1	124
Tabela 7- Análise de Conteúdo Entrevista 2	136
Tabela 8- Análise de Conteúdo Entrevista 3	151
Tabela 9- Análise de Conteúdo Entrevista 4	161
Tabela 10- Análise de Conteúdo Entrevista 5	172
Tabela 11- Análise de Conteúdo Entrevista 6	188
Tabela 12- Análise de Conteúdo Entrevista 7	199
Tabela 13- Análise de Conteúdo Entrevista 8	213
Tabela 14- Análise de Conteúdo Entrevista 9	228
Tabela 15- Análise de Conteúdo Entrevista 10	239
Tabela 16- Plano de Formação dos Voluntários	248

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

CE- Comissão Europeia

CEJ – Centro de Estudos Judiciários

CIG – Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género

DGS – Direção Geral da Saúde

GNR – Guarda Nacional Republicana

INE- Instituto Nacional de Estatística

OMS/WHO - Organização Mundial da Saúde

ONU/UN – Organização das Nações Unidas

ULSCB- Unidade Local de Saúde de Castelo Branco

Introdução

Nos últimos anos, as alterações demográficas, em consequência do acelerado envelhecimento da população portuguesa, sobretudo em meios rurais, têm feito emergir novas problemáticas junto dos idosos, nomeadamente a da violência.

A violência sobre os idosos resulta de uma combinação de fatores: individuais, contextuais e socioculturais.

Foi sobretudo a partir dos anos 80 do século XX, que se começaram a realizar investigações mais concretas e centradas sobre a problemática da violência sobre os idosos, sendo esta hoje considerada um problema de saúde pública e uma grave violação dos direitos humanos.

Existe alguma dificuldade em concetualizar este fenómeno sobretudo devido à sinonímia entre o conceito de violência, abuso e maus-tratos. O traço comum a todos estes termos, consiste na manifestação de comportamentos violentos a nível do contexto das relações interpessoais de confiança e íntimas onde se podem integrar a violência doméstica e maus-tratos.

De acordo com os estudos realizados em diversos países, incluindo Portugal, a problemática da violência em contexto familiar contra as pessoas idosas tem vindo a ganhar visibilidade e afeta sobretudo as mulheres, por razões socioculturais e de desigualdade de género.

Os estereótipos de género, são fruto de representações sociais transmitidas ao longo da história e têm contribuído para acentuar as diferenças de género e as assimetrias de poder nas famílias. Estas diferenças têm ajudado a perpetuar comportamentos discriminatórios e violentos para com as mulheres, sendo atualmente ainda socialmente comuns e legitimados sobretudo junto das mulheres idosas.

A violência contra os idosos, nomeadamente sobre as mulheres, é um tema que está na ordem do dia, revestindo-se por esse motivo de grande importância. Conhecendo a história de inúmeras mulheres que vivenciaram situações abusivas no contexto familiar, foi despoletado o interesse em realizar um estudo para tentar perceber, quais as representações que se encontram na base do enraizamento, aceitação e legitimação dos comportamentos violentos.

De acordo com o exposto, este estudo pretendeu conhecer as representações sociais de mulheres idosas, que vivem em meio rural, acerca da violência em contexto familiar e nas relações de intimidade. Os objetivos que nortearam a nossa investigação foram os seguintes:

- Conhecer as representações sociais que mulheres idosas, que vivem em meio rural, têm acerca dos comportamentos abusivos em contexto familiar e nas relações de intimidade;

- Conhecer os estereótipos ligados aos papéis de género de mulheres idosas de contextos rurais e perceber a sua relação com a violência doméstica;
- Identificar se no contexto pessoal/familiar já foram vítimas de maus-tratos ou presenciaram situações de violência;
- Avaliar a perceção da existência de apoio/pedidos de ajuda das redes informais e ou formais.

Assim, o presente trabalho de projeto divide-se em dois capítulos que se apresentam muito sucintamente:

No capítulo I, faz-se a abordagem teórica a partir da revisão da literatura, que serviu de suporte ao estudo.

No capítulo II, faz-se o enquadramento do estudo onde se apresenta a finalidade e objetivos do estudo, a metodologia de investigação, a apresentação e análise dos dados, a síntese dos principais resultados e a proposta do plano de intervenção.

Em seguida e no quarto ponto, enunciam-se as considerações finais, as recomendações e limitações ao estudo.

Por fim, completa-se o estudo com a bibliografia consultada e os apêndices que complementam o trabalho de projeto.

Capítulo I- Enquadramento Teórico

Desde a década de 70 do séc. XX, que vários organismos internacionais começaram a demonstrar preocupações face ao envelhecimento e às alterações demográficas presentes nas sociedades que deram origem à emergência de novas problemáticas relativamente ao envelhecimento. A Assembleia das Nações Unidas que se reuniu em Viena em 1982, seria o ponto de partida para o início de um programa de ação internacional (com a designação de Plano de Viena) com o intuito de criar um modelo de atuação, que garantisse a segurança económica e social das pessoas idosas, oferecendo oportunidades que contribuíssem para o desenvolvimento dos diferentes países. Este marco histórico a nível das preocupações sociais com as pessoas idosas e a necessidade de trabalhar no sentido da valorização do seu papel nas sociedades, acabou por impulsionar o protagonismo social das pessoas mais velhas na sociedade. Destaca-se neste âmbito, a relevância do papel das políticas sociais que, passaram a centrar-se sobretudo num modelo de prolongamento da vida humana com qualidade e também a necessidade de fomentar a cidadania ativa junto das pessoas de idade, pois, o envelhecimento não é só uma questão ou um problema de proteção social e de prestação de serviços específicos. Desta assembleia resultou um conjunto de 62 recomendações abarcando sete áreas de intervenção: Saúde e nutrição, proteção das pessoas de idade como consumidores, habitação e meio ambiente, família, assistência/proteção social, segurança e emprego e educação e formação.

Já em 1991, a Assembleia das Nações Unidas adotou a resolução 46/91, que incluía os 18 Princípios das Nações Unidas para as pessoas idosas, com preocupações pelo respeito pela dignidade e direitos de todo o ser humano, sobretudo da pessoa idosa (ONU, 1991). Este Plano de Ação Internacional sobre o envelhecimento espelha-se em critérios reguladores dos direitos das pessoas idosas, focando-se nas responsabilidades sociais e comunitárias. Esta resolução divide-se em cinco áreas de atuação prioritárias: independência e acesso aos recursos e direitos básicos, acesso à educação, trabalho e capacitação, participação social e envolvimento na delineação e aplicação de políticas sociais, podendo estas áreas serem concretizadas através da criação de movimentos ou associações que contribuam para a defesa e a melhoria das condições e direitos dos idosos.

Não podemos ainda esquecer, os principais marcos históricos na defesa da igualdade de género e de direitos, que vieram contribuir para dar uma nova perspetiva sobre a necessidade de se proteger as mulheres no que concerne às questões da violência. Destacamos neste caso, a convenção adotada pela Assembleia das Nações Unidas, em 18 de dezembro de 1979, sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres, mais vulgarmente conhecida por CEDAW (CIG, 2018), que reuniu os consensos internacionais em torno destas matérias, ratificada por Portugal a 30 de julho de 1980, tendo entrado em vigor em 3 de setembro de 1981. Outro dos marcos a ter em consideração, é a Plataforma de

Ação de Pequim, aprovada pelos países membros da ONU, na IV Conferência Mundial das Nações Unidas sobre as Mulheres, em setembro de 1995. Nesta Declaração os Governos adotam e comprometem-se explicitamente a colocar em prática a Plataforma de Ação de Pequim, de modo a garantir que a perspectiva de igualdade entre mulheres e homens será refletida em todas as suas políticas e programas dos respetivos países (CIG, 2013).

No entanto, as formas de discriminação perduram, bem como, os estereótipos de género pois, a nível valorativo homens e mulheres não são considerados equitativamente como seres humanos com igual valor e dignidade.

Destaca-se também que o processo de envelhecimento demográfico, presente nas sociedades contemporâneas, tem tido repercussões nas diferentes esferas da estrutura social, económica e política, dadas as necessidades específicas apresentadas pelos idosos. (Siqueira, Botelho & Coelho, 2002, cit. por Saraiva & Coutinho, 2012).

Este fenómeno trouxe consigo grandes mudanças e alguma incapacidade das sociedades em se adaptarem a esta nova realidade, nomeadamente, no que concerne às dificuldades que os idosos têm devido à sua condição biopsicossocial. Estes tornaram-se potenciais vítimas no que diz respeito aos maus-tratos e aos diferentes tipos de violência, comprometendo as conquistas alcançadas no campo da longevidade, para além de ter importantes consequências na sua qualidade de vida e saúde.

Outra das situações a ressaltar, é que a violência doméstica e os maus-tratos a idosos não devem ser entendidos fora do contexto de violência social e estrutural em que os indivíduos e comunidades estão inseridos. A forma como a violência é entendida e percecionada varia nas diferentes culturas e sociedades.

Num contexto cada vez mais visível de envelhecimento demográfico a problemática da violência contra a pessoa idosa tem vindo a ganhar visibilidade. Algumas organizações internacionais como a Organização Mundial de Saúde (OMS/WHO), a Comissão Europeia (CE) e a Organização das Nações Unidas (ONU/UN), tem focalizado as suas agendas políticas neste fenómeno.

A OMS (2002, p.6) reconhece no Relatório Mundial sobre Violência e Saúde que, a violência se constitui como um dos principais problemas de saúde pública, identificando neste documento, a necessidade de traçar uma estratégia global para a prevenção dos maus-tratos às pessoas idosas, através da intervenção em três áreas prioritárias: negligência (isolamento, abandono e exclusão social), a violação de direitos (humanos, legais e médicos) e a privação de direitos (tomada de decisão, situação social, gestão económica e de respeito).

Em suma, embora muito trabalho já se tenha realizado e um longo caminho já tenha sido percorrido no sentido de reconhecer que este problema deve ser erradicado muito mais há a fazer, sendo que, toda a sociedade tem que ser sensibilizada para esta problemática, deve ser promovida a participação ativa de

todos na erradicação da violência contra os idosos. Isto só é possível se os estereótipos acerca da velhice e envelhecimento forem desmistificados, mas também através da adequada preparação de futuros profissionais que intervêm diretamente com esta faixa da população, nomeadamente os profissionais de saúde, que muitas vezes são os primeiros a detetar as situações de maus-tratos.

1. O Fenómeno do Envelhecimento nas sociedades modernas

O envelhecimento demográfico constitui-se cada vez mais como um desafio das sociedades modernas, caracterizando-se pelo aumento da proporção da população idosa no conjunto total da população e pelo maior peso dos idosos relativamente à população mais jovem (Bandeira, Azevedo, Gomes, Mendes, Baptista & Moreira, 2014).

Por sua vez, as alterações demográficas que se vêm observando desde os anos 60 do séc. XX, fruto de transformações nas estruturas sociais e familiares, vieram contribuir significativamente para evidenciar fragilidades e vulnerabilidades nos idosos, sobretudo nas mulheres, devido à sua maior longevidade o que acarreta maior probabilidade de situação de dependência. A existência uma maior prevalência de doenças crónicas e incapacitantes, sobretudo nas camadas da população mais idosa, coloca igualmente um conjunto de desafios a nível do sistema de cuidados sobretudo de longa duração. Os cuidados prestados são cada vez mais especializados, mas representam igualmente uma maior despesa para os serviços de saúde (Lundkvist, 2005; Wholey & Lawton, 2000, citados por Martín & Brandão, 2012, p. 273). Estes problemas emergentes devem ser encarados como um desafio às políticas públicas, havendo que trabalhar no sentido de equacionar novos tipos de cuidados e fomentar a coordenação entre os serviços social e de saúde, de forma a reduzir os custos financeiros, apostar na qualidade dos serviços para responder adequadamente às necessidades sociais e de saúde emergentes (Stepurko et al., 2010; Sehwat, 2010, citados por Martín & Brandão, 2012, p. 273).

Segundo Giró (2014), o equilíbrio geracional que permitiu durante séculos manter a solidariedade no seio familiar está a alterar-se. A convivência familiar tende a fragmentar-se e desagregar-se em detrimento do benefício individual, afastando-se do modelo de equilíbrio intergeracional, onde os cuidados dos membros de uma família, passavam de uma geração para a outra. Este autor destaca ainda que, hoje em dia, existe um modelo de solidariedade intergeracional em que os adultos protegem os seus filhos, em combinação com outro em que, o apoio prestado aos mais velhos é transferido para as instituições e o voluntariado. Deste modo, cada vez mais, o modelo familiar que predomina é o unipessoal, ou então o modelo familiar composto pelo casal de idosos ou viúvos/as.

A pressão relativamente aos sistemas de saúde e de proteção social é também muito elevada, sendo que, em Portugal, o sistema de Segurança Social, que é a única entidade estatal responsável por reger as respostas sociais dirigidas à população

idosa, que funciona de forma descentralizada em estreita parceria com as Instituições Particulares de Solidariedade Social. Esta assume neste contexto duas funções específicas de relevo: o financiamento das instituições que prestam as respostas sociais (através dos acordos de cooperação e de gestão) e a supervisão das mesmas (Hespanha, et al. 2000, referido por Martín & Brandão, 2012, p. 275). No entanto, outras atribuições lhe estão consagradas, nomeadamente a nível da Ação Social.

Tal como acontece a nível mundial, o fenómeno do envelhecimento demográfico encontra-se igualmente presente em Portugal, sobretudo nas zonas do interior.

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE, 2017), o envelhecimento populacional em Portugal tem evidenciado um assinalável aumento, e segundo as projeções da população portuguesa para 2015-2080, a população idosa em Portugal irá continuar a crescer, diminuindo o número de jovens, sobretudo devido ao decréscimo acentuado das taxas de fecundidade e natalidade. Por sua vez, o INE (2017) refere ainda que o número de idosos passará de 2,1 para 2,8 milhões, com repercussões ao nível do índice de envelhecimento, sendo que, os cenários apontam para que passem de 147 para 317 idosos, por cada 100 jovens em 2080.

No que diz respeito à Relação de Masculinidade por grupos etários as Estatísticas da População Residente (INE, 2018), revelam que, acima dos 65 anos, o número de homens é significativamente inferior ao das mulheres, em resultado da maior mortalidade da população masculina. Estes números indicam-nos também que, em 2018, no grupo etário dos 65 aos 79 anos, existiam 79,3 homens por cada 100 mulheres revelando uma acentuada feminização do envelhecimento nestas faixas etárias, sendo que, no grupo etário dos 80 e mais anos esse valor foi de 55,8. No entanto, ainda segundo a mesma fonte (INE, 2018) nos grupos etários acima dos 65 anos, a diferença entre os sexos está a diminuir: há dez anos, para cada 100 mulheres dos 65 aos 79 anos existiam 77,3 homens e no grupo etário dos 80 e mais anos existiam 54,1 homens.

Assim, nos últimos dez anos é visível, através da sobreposição das pirâmides etárias (**Figura 1**), o duplo envelhecimento demográfico: a base da pirâmide apresenta um estreitamento, enquanto o seu topo se alarga. De salientar ainda que, no período compreendido entre 2008-2018, o número de idosos (pessoas com 65 ou mais anos) aumentou 345 922 e o número de jovens diminuiu 223 419 indivíduos. O número de pessoas em idade ativa (com idades dos 15 aos 64 anos) também diminuiu, em 408 900 efetivos (INE, 2018).

Relativamente aos Índices de Envelhecimento em Portugal e segundo dados do INE e PORDATA (2019), verifica-se que o Índice de Envelhecimento em Portugal é de 157 idosos por cada 100 jovens. Na **Tabela 1** podemos ainda observar que, este Índice, tem aumentado em todas as regiões do país, nomeadamente entre 2001 e 2018, sendo que as regiões que destacam um crescimento mais acentuado são sobretudo as zonas do interior como é o caso do Alentejo e a Zona Centro.



Figura 1- Pirâmides etárias, Portugal, 2008 e 2018.
Fonte: INE - Estatísticas da População Residente 2018

Tabela 1- Índice de Envelhecimento em Portugal nos anos de 2001 e 2018.

Territórios	Índice de envelhecimento	
	2001	2018
Portugal	101,6	157,4
— Continente	103,8	160,3
+ Norte	79,4	156,4
+ Centro	129,2	196,6
+ Área Metropolitana de Lisboa	102,2	136,6
+ Alentejo	161,9	201,2
+ Algarve	126,3	143,3
— Região Autónoma dos Açores	60,1	91,2
+ Região Autónoma dos Açores	60,1	91,2
— Região Autónoma da Madeira	71,4	120,6
+ Região Autónoma da Madeira	71,4	120,6

Fonte: INE, PORDATA (2019)

Quando comparamos dados relativamente ao Índice de Envelhecimento na Beira Baixa (**Tabela 2**), pode-se afirmar que, no concerne ao Concelho de Castelo Branco, e de acordo com os dados do INE e PORDATA relativos ao ano de 2018, o Índice de Envelhecimento é de 209 idosos por cada 100 jovens.

Tabela 2- Índice de Envelhecimento na Beira Baixa nos anos de 2001, 2011 e 2018.

Territórios		Índice de envelhecimento		
Âmbito Geográfico	Anos	2001	2011	2018
NUTS III	Beira Baixa	237,1	254,0	281,9
Município	Castelo Branco	166,6	179,9	208,6
Município	Idanha-a-Nova	453,7	422,0	432,2
Município	Oleiros	371,5	488,6	660,8
Município	Penamacor	412,6	527,8	630,4
Município	Proença-a-Nova	245,7	321,8	378,2
Município	Vila Velha de Ródão	529,6	683,2	671,5

Fonte: INE, PORDATA (2019).

De destacar ainda que, o Concelho de Vila Velha de Ródão tem o Índice de Envelhecimento mais elevado com 672 idosos por cada 100 jovens, seguido de Oleiros e Penamacor, com 661 idosos por cada 100 jovens e 630 idosos por cada 100 jovens respetivamente.

Salienta-se ainda que, relativamente a 2011, houve um aumento dos índices de envelhecimento, em todos Concelhos os excetuando o Concelho de Idanha-a-Nova, pelo que será interessante perceber o que iremos encontrar nos próximos Censos de 2021 relativamente a estes dados apresentados pois será possível compreender o que mudou em relação ao envelhecimento na região e no país.

Estes indicadores podem ter a sua explicação no êxodo de população que teve início na década de 60 do Séc. XX para outras zonas do país ou para o estrangeiro, que ofereciam condições de vida mais atrativas aos jovens (a nível de emprego, qualidade de vida, acesso a bens e serviços, ...). A incapacidade de fixar estes jovens e criar condições para que permanecessem nestas regiões, teve repercussões nas taxas de natalidade e fecundidade, dando origem ao envelhecimento dos meios rurais.

A região de Castelo Branco não foi exceção à regra, no que diz respeito à mobilidade de jovens para as cidades e para outros países. No entanto, esta fuga para as cidades em busca de oportunidades por parte da população mais jovem, teve as suas consequências a vários níveis, não só no que se refere ao despovoamento, mas também a nível da fragilização das redes sociais de apoio informal de carácter intergeracional que existiam nos meios rurais.

Outra questão muito importante que se coloca é o facto de decorrente do aumento da longevidade o número de pessoas idosas, com idade acima dos 80 anos, ter tendência para aumentar. Segundo dados publicados pelas Nações Unidas (ONU, 2001), no relatório, *“World Population Ageing, 1950-2050- Economic and Social Affairs, 2001”*, o número de centenários irá aumentar nos próximos anos, fruto da melhoria das condições de vida, higiene e saúde, sendo que estaremos igualmente perante um cenário demográfico de longevidade avançada. Se, por um lado, estes ganhos indiscutíveis a nível da longevidade, fruto dos avanços civilizacionais a vários níveis, se repercutiram em ganhos da qualidade de vida dos idosos, os problemas que advirão desta situação a nível económico e social têm que ser antecipados e previstos

para que o país possa estar preparado para este cenário a médio e longo prazo, nomeadamente a nível das vulnerabilidades que esta faixa da população pode vir a manifestar.

De acordo com Fonseca, Paúl, Martín & Amado (2005, pp. 99-100), os idosos em zonas rurais “debatem-se com inúmeras necessidades não preenchidas, como a ausência de serviços sociais, de saúde, transportes, e apresentam dificuldades económicas evidentes para aceder a serviços e equipamentos afastados da zona residencial”. Estas situações fazem com que “haja frequentemente, uma dupla ou tripla sobrecarga da condição do idoso, ou seja, vive-se em zonas fracamente povoadas e com poucos recursos, a que se associam ainda por vezes problemas de saúde, de baixos rendimentos e de solidão”. Os autores referem ainda que, todos estes problemas enfrentados pelos idosos em contexto rural fazem com que muitas das nossas aldeias sejam *terras de velhos*, estando estes na maioria das vezes entregues a si próprios, ou ao cuidado dos cônjuges, ou de outros familiares, institucionalizados (quando não existe outro remédio), sendo que as redes de suporte informal são na maioria das vezes o único apoio desta camada da população.

2. A Velhice Ontem e Hoje

As representações sociais da velhice mudaram ao longo do tempo e do espaço e não têm sido sempre encaradas da mesma forma, tendo cada civilização e cada tempo histórico atribuído aos mais velhos diversos significados e valoração. A etapa da vida conhecida como Velhice, com as suas especificidades, só pode ser entendida a partir da relação que se estabelece entre os aspetos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais do indivíduo (Schneider & Irigaray, 2008, p. 585).

Segundo Esquivel, Calleja, Hernández, Medellín & Paz (2009, p. 50), conceito de velhice pode ser perspectivado em três dimensões:

- Biológica – definida em função da referência cronológica, a partir das alterações funcionais e físicas do indivíduo ou mesmo do seu declínio;
- Psicológica – que abarca os processos psicológicos básicos inerentes ao desenvolvimento do sujeito (dimensão psicobiológica), bem como, a dimensão psicoestrutural (que engloba a personalidade e suas alterações ao longo da vida);
- Social – que se divide em três vertentes tais como, a sociodemográfica (crescimento populacional e os seus efeitos endógenos e exógenos), a vertente sociopolítica (participação e integração social), e a economia política (estudo dos recursos e condições socioeconómicas dos mais velhos).

A velhice como etapa da vida é também considerada uma construção histórica e social do ser humano, sendo que, em cada cultura, se classificam as idades de acordo com a posição, os papéis, os direitos sociais que cada indivíduo ocupa na estrutura social. (Martins, 2013, p. 136-137).

Se recuarmos uns séculos, podemos verificar que houve períodos da história em que existiu uma maior valorização da velhice dado que, poucos atingiam a idade avançada, e que este facto simbolizava a pertença a uma elite. Era então, um grande privilégio ser velho, pois a esperança média de vida era muito baixa e a ciência e a medicina não se encontravam desenvolvidas. Por sua vez, o acesso a recursos básicos como a alimentação adequada, os cuidados de saúde e a higiene eram igualmente bastante deficitários ou quase inexistentes.

Nas civilizações antigas como o Egipto e a China, a velhice, era considerada um marco importante nas comunidades, pois os idosos, eram associados à divindade, à ética, à política e à sabedoria. Entre alguns povos tais como os Maias, os Aztecas e os Incas, os idosos eram venerados, sendo-lhe outorgando um papel muito relevante relacionado com os aspetos mitológicos e proféticos, literários, filosóficos e mitológicos, para além dos mais velhos serem considerados sujeitos com experiência e sabedoria (Esquivel, Calleja, Hernández, Medellín & Paz, 2009, p. 48).

De acordo com Moragas (2003, p. 5, citado por Daniel, Antunes & Amaral, 2015):

“[o]s velhos eram poucos e, por isso, valorizados por seus semelhantes mais jovens; para chegar a uma idade avançada era necessário possuir certo status ou poder que permitisse uma alimentação e forma de vida sem as carências e trabalhos exaustivos da maioria da população. (...) Envelheciam os sacerdotes, os reis, os nobres e privilegiados que desfrutavam de poder sobre a maioria e que não tinham que se preocupar em obter seu sustento básico; controlavam os recursos materiais e espirituais nas sociedades históricas” (p. 292).

Já no Séc. XVIII, a palavra *velhice* é utilizada para designar as pessoas que detinham algum poder aquisitivo associado a uma imagem social positiva como *Bom Pai*, *Bom cidadão*, sendo que, “a velhice só existia para aqueles que estavam situados na camada mais rica da sociedade e podiam vender a sua força de trabalho” (Moreno, López & López, 2004, p. 12-24, citados por Martins, 2012, pp. 143-144).

A revolução industrial teve uma influência importante no desaparecimento parcial do papel dos mais velhos devido ao crescimento das indústrias, à divisão social do trabalho e definição de novos papéis sociais nas famílias tanto no lar como no trabalho, adequando-se estas, às novas condições de desenvolvimento e crescimento social, ficando os mais velhos dependentes das gerações mais novas (Esquivel, Calleja, Hernández, Medellín & Paz, 2009, p. 49).

É sobretudo neste contexto da segunda metade XIX, que a velhice começou a ser encarada como uma etapa da vida caracterizada pela decadência física e ausência de papéis sociais, assim como, um processo contínuo de perdas e dependência, associado a um conjunto de imagens negativas sobre os mais velhos (Debert, 1999, citado por Schneider & Irigaray, 2008, p. 586).

Anne-Marie Guillemard (1980, citada por Fernandes, 1997, p. 23) identificou duas conceções relativamente à velhice: a velhice invisível e a velhice identificada.

A primeira, reflete as características típicas do Séc. XIX e início do Séc. XX, em que, a condição de velho era função do património familiar. A mesma autora refere que a velhice é invisível porque, a solidariedade para com estes idosos “é praticamente uma solidariedade familiar, privada, remetida para o interior do espaço doméstico. Na ausência desta, a velhice desprotegida era atirada para o espaço público, identificada com a mendicância e recebia então algum consolo das instituições de caridade”.

Relativamente à segunda velhice, a autora salienta que, nesta fase se começou a constituir a ideia de uma etapa da vida, homogénea introduzida pelo aparecimento dos sistemas de reforma. Esta assenta “no conforto material do proprietário, segurança essa que é gradualmente mediatizada pelo acesso ao trabalho remunerado e pela posição social”.

O aumento da esperança média de vida e o aumento percentual da população idosa no total da população veio colocar em causa este modelo de pensamento e de organização das idades e tempos sociais, bem como, a sua distribuição no ciclo de vida, entre os tempos do trabalho e os de inatividade, como referem Rodrigues &

Moreira, (2019, p. 9, citando Guillemard, 2008; 2010), dando origem a novas categorizações no que diz respeito ao conceito de velhice.

Mais recentemente, a idade de acesso à reforma tem sido o marcador utilizado na passagem para a categoria social denominada de *velhice*. Fernandes (2001, pp. 5-6) refere que, a velhice fica condicionada ao limiar da idade reforçada pelo acesso à pensão de reforma. O *jovem velho* adquire as características que se encontram socialmente imputadas à situação de *velhice*, perdendo o estatuto social que lhe é conferido pelo trabalho profissional, sendo percecionado como forma de exclusão social, adquire o “estatuto desvalorizado de *reformado*” (Fernandes, 2001, pp. 43-44).

De acordo com Caradec (2008, p. 17, referido por Rodrigues & Moreira, 2019, p.10) o critério da idade cronológica deu também lugar a critérios funcionais relacionados com as capacidades individuais. Paralelamente, assistiu-se a uma redefinição dos papéis sociais desempenhados pelas diferentes gerações e pelos vários grupos etários. Estes adaptaram-se igualmente aos desafios da longevidade e dependência com todas as consequências que acarreta, quer para o contexto familiar, quer para os serviços de saúde, nomeadamente no que diz respeito à sua qualidade e especificidade, mas também a nível das políticas públicas, proteção social e da pressão sobre os recursos existentes.

Socialmente, os critérios de classificação do envelhecimento continuam a basear-se nos aspetos físicos do indivíduo, tais como, o sexo e idade, que têm diferentes significados de acordo com o contexto histórico, pois as representações sociais existentes acerca da velhice têm sofrido modificações ao longo dos tempos.

Pode-se ainda referir que, o envelhecimento, não é, no entanto, um fenómeno homogéneo ou uniforme, sendo que, cada indivíduo o percebe de forma diferenciada. Assim, a forma como se envelhece, depende dos inúmeros aspetos que os indivíduos foram vivenciando ao longo das diferentes etapas do desenvolvimento, as características de cada um, de acordo com os contextos onde se insere, a maior ou menor capacidade de adaptação e ajuste ao meio envolvente, as suas características genéticas e biológicas, a saúde mental, e sobretudo no que diz respeito às percepções relativas à satisfação e qualidade de vida.

De acordo com Caradec (2008, citado por Rodrigues & Moreira, 2019, p. 12) as representações atuais da velhice encontram-se divididas em dois polos:

- Uma velhice positiva, autónoma e ativa associada aos idosos dispõem de capacidade de consumo e que se encontram ativos física e cognitivamente, destacando-se como exemplo as diferentes ofertas e campanhas de lazer e turismo (universidades sénior e turismo sénior);
- Uma velhice negativa e ingrata em que se destacam todos os aspetos relacionados com as perdas cognitivas e físicas dos idosos e suas consequências.

Assim, considera-se que, cada idade tem os seus ganhos e perdas, cabendo aos sujeitos saberem aceitar ambas as situações e devendo cada um, atribuir-lhe significado próprio de acordo com as suas vivências e experiência pessoal pois, a entrada na fase da reforma e na fase considerada da velhice é sobretudo um tempo de rutura, transformação, mudança e reajustamento/adaptação à nova realidade. No entanto, a forma como cada sociedade enfatiza mais os aspetos positivos ou negativos da velhice condiciona igualmente a perceção social que se possui sobre a mesma.

Paul e Margret Baltes (1990, citados por Acúrcio, 2015, p. 8) propuseram um modelo integrado numa perspetiva de desenvolvimento ao longo do ciclo de vida, que defende que o envelhecimento bem-sucedido se baseia num processo dinâmico de equilíbrio entre perdas e ganhos, no qual interagem três processos:

- Seleção - em que o indivíduo restringe e prioriza domínios, tarefas ou objetivos consoante as suas capacidades e os recursos do meio;
- Otimização - que se refere à maximização do potencial do desenvolvimento do indivíduo e da vertente adaptativa do mesmo nos domínios selecionados;
- Compensação - através da utilização de meios alternativos quando os recursos se tornam insuficientes para alcançar os objetivos pretendidos.

É através deste modelo que é possível a maior ou menor adaptação às limitações por parte dos mais velhos, mas também, ter uma perceção mais ou menos positiva do seu processo de envelhecimento, dependendo do foco que estes estabelecerem ao longo do processo.

Beck (1994, citado por Limón & Crespo, 2002, pp. 14) destaca algumas atitudes negativas que servirão de entrave na aceitação da mudança e/ou ajustamento à realidade da velhice:

- O indivíduo agarra-se ferozmente ao *status* e às funções e papéis desempenhados na etapa anterior, escondendo-se numa atitude autoritária ou demonstrando uma nítida incapacidade para evoluir e adaptar-se equilibradamente às novas situações;
- O rompimento com o modo de vida anterior (relações, convicções, etc.) de forma a poder disfrutar de uma *segunda juventude*, pode ser percecionado como algo negativo e associado ao declive vital. Por sua vez, é-lhe difícil romper com o modo de vida anterior (relações, convicções) e quer disfrutar de uma *segunda juventude*, porque, considera a velhice como algo negativo associado ao declive vital. Neste sentido, vivencia uma juventude ensaiada como forma de regressar a uma etapa que passou e não retorna.

A conotação mais ou menos positiva que se tem sobre o envelhecimento está sempre condicionado pelas necessidades próprias que cada indivíduo tem em todas as idades. Contudo, considera-se que um bom envelhecimento é a continuidade de um bom amadurecer e desenvolvimento positivo ao longo do ciclo de vida (Fierro, 1994,

p. 14, citado por Limón & Crespo, 2002, p. 27), mas também tem a ver com os estereótipos relacionados com a velhice e o envelhecer.

Apesar da existência de estereótipos positivos e negativos associados à velhice, alguns autores, verificaram que os efeitos dos estereótipos negativos prevalecem sobre os positivos, sendo que, a exposição repetida ao longo da vida a estereótipos relativos à idade, leva a que estes sejam reforçados tornando-se auto-estereótipos (KotterGrün & Hess, 2012; Levy, 2003, citados por Acúrcio, 2015, pp. 12-13).

Por sua vez, Belando (2000, pp. 37-38, citado por Limón & Crespo, 2002, p. 27), refere que os mitos e estereótipos acerca do envelhecer e da velhice se encontram enraizados nos contextos culturais e têm influência não só nas pessoas mais velhas, mas igualmente em toda a sociedade, que tende a isolar os mais idosos e inutilizá-los. Este autor destaca ainda as características fundamentais para um bom envelhecer, sendo estas:

- O ter autonomia e poder decisório sobre o próprio corpo e a própria vida, sentindo-se o indivíduo livre de imperativos sociais, podendo concentrar-se nos aspetos positivos e ganhos que a velhice lhe trouxe em detrimento das perdas;
- A adaptação às novas condições biológicas e sociais, aceitando a perda dos papéis sociais anteriores à reforma, as novas responsabilidades, fomentando novas relações sociais, aceitando ainda as perdas de familiares e de amigos e também as condicionantes da saúde com o aparecimento de alguma doença. Perante estas novas realidades, os idosos devem encontrar estratégias construtivas para enfrentar os problemas e as novas situações inerentes ao processo de envelhecimento.

Outro dos aspetos reforçados por Belando (2000, p. 37-38, citado por Limón & Crespo, 2002, p. 27) prende-se com o bem-estar emocional dos idosos, sendo que, este salienta que, estes devem continuar com as atividades sociais, mantendo os vínculos de intimidade, afeto e carinho não só com o/a cônjuge e a família mais próxima, mas também através do estabelecimento e manutenção dos relacionamentos mais alargados com os amigos e outros grupos, por forma a estimular as atividades físicas e mentais tendo em vista um envelhecimento saudável.

Em suma, podemos dizer que, as alterações que se manifestam a nível biológico, psicológico e social irão ter repercussões, quer no comportamento quer nas interações sociais que o idoso mantém com os que o cercam, sejam estes a família, ou a comunidade mais alargada. Deste modo, podemos afirmar que, nem todos envelhecemos do mesmo modo, apesar de esta fase do desenvolvimento humano ser vista nas sociedades contemporâneas, frequentemente, como negativa devido às perdas que lhe estão associadas. A velhice prima pela experiência, sabedoria e maturidade, aspetos estes, que devem ser mais valorizados, contribuindo desta forma para ir contra os estereótipos e as representações sociais que existem acerca da mesma.

3. Violência, Maus-tratos ou Abusos - enquadramento concetual

Através da revisão da literatura, podemos constatar que não existe unanimidade no que diz respeito à concetualização do fenómeno social da violência contra idosos englobando esta, conceitos como, os maus-tratos, abuso e negligência, sendo que estes conceitos são recorrentemente utilizados para referir o mesmo. Neste sentido, existe a necessidade de clarificar devidamente os diferentes conceitos na tentativa de compreender a sua complexidade.

Os maus-tratos contra pessoas idosas foram descritos pela primeira vez nos anos 70 do século XX, no artigo *Granny battered* (espancamento de avós) pelos investigadores ingleses Baker & Burston (1975). Só alguns anos mais tarde, os maus-tratos a pessoas idosas foram reconhecidos como um problema social e universal, tendo este reconhecimento tido lugar aquando da aprovação da Declaração de Toronto em 17 de novembro de 2002, subscrita pelos países membros da ONU. A violência sobre idosos é assim definida como:

“o uso intencional da força física ou poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande probabilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação” (WHO, 2002, p.2).

Ainda de acordo com o estudo realizado pela OMS (2002, p. 3) em oito países, *Missing Voices, Views of Older Persons on Elder Abuse*, a violência sobre os idosos é considerada como, “a ação isolada ou repetida, ou a ausência de resposta apropriada, que ocorre em qualquer relacionamento em que haja uma expectativa de confiança, e que cause dano ou sofrimento a uma pessoa idosa”, tendo esta definição sido igualmente adotada pelo *International Network for the Prevention of Elder Abuse*. De acordo com a mesma fonte, os abusos podem ser categorizados em abusos físicos, psicológicos/emocionais, financeiros/materiais, abuso sexual e negligência.

Desde aí, a OMS tem demonstrado imensa preocupação com esta problemática, contando o apoio de instituições académicas internacionais que em muito têm contribuído com as suas investigações para aumentar o conhecimento acerca do fenómeno, para além de ajudar na consciencialização das pessoas para a dimensão do problema.

No Relatório “*A Global Response to Elder Abuse and Neglect: Building Primary Health Care Capacity to Deal With the Problem Worldwide: Mean Report*”, a OMS (2008, p.1) considerou que, a violência contra os idosos comportava sérias consequências para a saúde e o bem-estar, sendo tipificados os maus-tratos como: físicos, verbais, psicológicos/emocionais, sexuais e financeiros. Por sua vez, considerou-se este tipo de comportamentos como uma grave violação dos direitos humanos, tendo como consequências, o isolamento social, perda de produtividade, doenças, sequelas físicas e psicológicas/emocionais, para além de inúmeras repercussões no bem-estar e qualidade de vida dos idosos.

Independentemente da concetualização em causa, a violência integra vários tipos de maus-tratos sobre os idosos, como o abuso físico, abuso psicológico, material e financeiro e a negligência, seja esta ativa ou passiva (Dias, 2009, p. 7).

No entanto, outras definições são preconizadas por diversos organismos internacionais, mas todos apresentam três pressupostos comuns a este conceito sendo estes:

- A existência de um ato ou conduta que pode ser de natureza distinta (física, psicológica, financeira, sexual, entre outras);
- A sua ocorrência numa relação interpessoal de confiança;
- As consequência que provocam, traduzidas num dano físico e/ou mental (Gil et.al, 2015, p. 123).

Por sua vez, Novo, Prada, Fernandes & Cerqueira (2016, pp.31-33), mencionam que a violência exercida sobre os idosos comporta cinco tipos de comportamentos ou atos abusivos sendo estes:

- **Abuso Físico** - conjunto de ações ou agressões que possam vir a causar dor ou dano físico. Neste tipo de abuso, a pessoa idosa violentada fisicamente apresenta normalmente hematomas, lesões, feridas infetadas, queimaduras e fraturas inexplicadas. Outras manifestações comuns apresentadas são queixas somáticas como cefaleias, palpitações, dor crónica e queixas gastrointestinais, entre outras;
- **Abuso Psicológico** – O abuso psicológico ou emocional produz sofrimento, aflição ou angústia na pessoa idosa, mediante agressão verbal, ameaça, intimidação, humilhação, infantilização, chantagem emocional, manipulação, desvalorização da pessoa idosa, e/ou desvalorização dos seus direitos, impedindo-a de tomar decisões. Este tipo de abusos pode manifestar-se através de atos verbais e atitudes manipulativas, mas também, através de atos não-verbais como o silêncio, a indiferença e o isolamento social (Burnett, Achenbaum & Murphy, 2014; Santos & Vieira, 2014; Tortosa, 2004);
- **Negligência** - A negligência/omissão de cuidados são termos utilizados de forma similar na literatura da área para se referir à recusa ou inadequação, intencional ou não, de prestação de cuidados sociais, higiene e/ou de saúde imprescindíveis para satisfazer as necessidades da pessoa idosa. Nesta vertente podemos ainda incluir a situação de administração inadequada ou irregular de medicação (APAV, 2010, p. 47). Ainda que não seja de todo consensual, o abandono da pessoa idosa pode ser integrado neste tipo de violência (Burnett, Achenbaum & Murphy, 2014; Santos & Vieira, 2014; Tortosa, 2004);
- **Abuso financeiro** - O abuso financeiro ou material define-se como o uso não autorizado ou abusivo dos recursos financeiros e/ou materiais da pessoa idosa, impedindo-o do controlo e uso do seu próprio dinheiro ou

dos seus bens e património. Reporta-se ainda, à subtração de dinheiro e objetos sem o seu consentimento, obrigando-a a assinar documentos/procurações e/ou fazer donativos (Burnett, Achenbaum & Murphy, 2014; Santos & Vieira, 2014; Tortosa, 2004);

- **Abuso Sexual** - É considerado abuso sexual o desenvolvimento de qualquer tipo de contato íntimo, que obrigue e force a pessoa idosa a ter conversas ou condutas sexuais sem o seu consentimento (Burnett, Achenbaum & Murphy, 2014; Santos & Vieira, 2014; Tortosa, 2004).

3.1. Fatores de risco e consequências para o abuso de idosos

Têm sido apontados inúmeros fatores de risco ou fatores potenciadores que podem estar na origem dos maus-tratos sobre os idosos, podendo de acordo com Burnight & Mosqueda (2011, citados por Gil, Santos, Nicolau & Santos, 2015, p. 79) estes ser enquadrados em quatro abordagens específicas: interpessoal (focada nas relações e na reciprocidade de interações entre indivíduos); intrapessoal (centrada no desenvolvimento individual); multissistémica (em que se perspetiva que a origem dos maus-tratos surge associada a uma multiplicidade de causas agrupadas em subsistemas) e sociocultural (que se baseia nas relações de desigualdade e poder, mas também na discriminação tendo por base a idade e as situações de desvio e dependência dos abusadores). No entanto, estes fatores de risco são sempre tidos em conta na sua interação conjunta, numa perspetiva sistémica.

Gil, Santos, Nicolau & Santos (2015, pp. 81-88) referem quais os tipos de fatores de risco inerentes à vítima que podemos encontrar nos estudos realizados em diferentes contextos e países, sendo estes:

- Cerca de metade dos estudos realizados indica que as vítimas são sobretudo mulheres de 75 ou mais anos (Wolf, 1992), sendo que estas se encontram mais propensas a sofrer de violência global (Marmolejo, 2008), ou tipos específicos de violência (Laumann, Leitsch & Waite, 2008; O'Keefe et al., 2007; Podnieks, 1993);
- Laumann, Leitsch & Waite (2008), Lowenstein, Eisikovits & Band-WWinterstein (2009), concluíram que, o estado civil da vítima parece estar associado ao género, sobretudo, no que diz respeito à violência física e sexual quando cometida sobretudo pelos parceiros, evidenciando-se um risco acrescido nas relações dentro do casamento;
- As dinâmicas da relação são também apontadas por alguns investigadores como fator determinante da violência, sendo que, os contornos da violência conjugal fazem parte de uma história de vida de agressões. Estes salientam ainda que, em idades mais avançadas o risco de violência aumenta entre os membros do casal (Gil, 2010; Desmarais, Reeves & Gray, 2007);
- Relativamente ao estado civil das vítimas, os estudos demonstram que, este se encontra mais associado à violência financeira, destacando-se neste

âmbito como vítimas mais vulneráveis, as pessoas que vivem sozinhas, sejam estas solteiras, separadas ou divorciadas (Acierno et al., 2010; Podnieks, 1993; O'Keefe et al. 2007);

- O fator idade poderá não se constituir por si só como um fator de risco, mas assume um papel relevante quando associado à deterioração do estado de saúde e à incapacidade funcional das vítimas. Dois dos estudos realizados concluem que, a idade mais avançada (+ de 85 anos), é um potencial fator de risco de violência psicológica, financeira ou de negligência, enquanto que, nos grupos etários mais jovens as vítimas apresentavam maior vulnerabilidade à violência psicológica, física e sexual (Acierno et al., 2010; Podnieks, 1993);
- No que diz respeito à saúde mental, de referir que, esta tem sido apontada como fator de risco sobretudo a nível dos sintomas depressivos, podendo-se neste campo referir que, no estudo de O'Keefe et al. (2007) a sintomatologia depressiva foi entendida como fator precipitante da violência em geral (Podnieks, 1993) traduzindo-se esta variável, num aumento na vulnerabilidade à violência financeira, física e psicológica;
- Outras das variáveis estudadas referem-se às condicionantes socioeconómicas e habilitações literárias. As conclusões permitiram aferir que os rendimentos mais baixos e as necessidades económicas são fatores potenciadores da negligência (Acierno et al. 2010; Lowenstein, Eisikovits e Band-WWinterstein, 2009). Por sua vez, Lowenstein, Eisikovits e Band-WWinterstein (2009) referem ainda que, os rendimentos mais elevados se encontram mais associados à violência psicológica;
- Relativamente à escolaridade, os estudos revelaram dados um pouco contraditórios identificando-se, no entanto no estudo de Naughton et al. (2012), uma associação entre violência e classe social, conjugando entre si a agregação do rendimento, habilitações e situação profissional. Este estudo identificou ainda que, pessoas oriundas de profissões operárias, com baixos rendimentos e baixas qualificações escolares, tinham maior probabilidade de serem potenciais vítimas de violência.

Outra das questões pertinentes que deve ser abordada no sentido de compreender a violência contra os idosos, diz respeito aos fatores de risco associados não só à vítima, mas também aos agressores.

Neste sentido, Gil, Santos, Nicolau & Santos (2015, pp. 88-89), mencionam como fatores determinantes associados aos agressores, que podem estar na origem da violência, os seguintes:

- A proximidade relacional com a vítima – geralmente são familiares diretos, nomeadamente os parceiros (Podnieks, 1993; O'Keefe et al., 2007; Grande et al, 2010) e os filhos/as (Marmolejo, 2008; Naughton et al. 2012). De salientar ainda que, nos estudos em que os agressores foram sobretudo os parceiros, exceto na violência financeira e negligência, predominavam os

agressores maiores de 64 anos (Grande et al., 2010; Marmolejo, 2008; Podnieks, 1993);

- Relativamente à dimensão socioeconómica associada à situação perante o trabalho, os estudos revelam que esta se constitui como fator de risco de prevalência da violência contra os idosos (O’Keefe et al., 2007; Lowenstein, Eisikovits & Band- WWinterstein, 2009; Grande et al, 2010; Podnieks, 1993);
- Os estudos apontam ainda como fatores de risco os problemas de saúde mental do agressor, o abuso de álcool e drogas, e problemas associados ao jogo (Grande et al, 2010; Lowenstein, Eisikovits & Band- WWinterstein, 2009; Marmolejo, 2008; Naughton et al. 2012; O’Keefe et al., 2007; Podnieks, 1993).

De salientar ainda que, alguns estudos de prevalência referenciam que, determinados traços de personalidade nos agressores podem estar associados a comportamentos violentos. Os traços depressivos são também enumerados, bem como, as dificuldades de autocontrolo, que podem igualmente fazer emergir sentimentos de desilusão, raiva e frustração, e consequentemente comportamentos agressivos (Reis & Nahmias, 1985; Stock & Hwalek, 1985; Quinn & Tomita, 1986, citados por APAV, 2010, p. 66)

De acordo com Ramos (2012, pp. 12-13), as investigações realizadas na área, apontam ainda como principais fatores de risco da violência contra pessoas idosas o ciclo de violência intergeracional (Sousa et al., 2005; Motta, 2009), o isolamento social (Oliveira et al., 2009), e a pouca importância atribuída pela vizinhança à violência em geral (Sousa et al., 2005; Araújo et al., 2009; Cohen et al., 2010).

Outros estudos evidenciam também que, a falta de suporte social e o isolamento podem potenciar a vitimização na violência em geral, mas também, podem incrementá-la significativamente (Pillemeier, 2005; Naughton et al. 2012; Lachs et al. 1997; Acierno et al. 2010, citados por Gil, Santos, Nicolau & Santos, 2015, p. 92).

Como consequências da violência sobre os idosos destacam-se principalmente as de carácter emocional e psicopatológicas referenciadas por alguns autores como Corbacho & Salvadores (2013, referidos por Martínez-Moreno & Bermúdez-Pérez, 2016), que referem a incidência da depressão e o stress pós-traumático. Contudo estes mencionam igualmente as manifestações clínicas mais visíveis nas vítimas e que são mais facilmente detetadas pelos profissionais de saúde. Destacam-se sobretudo a confusão, a desorientação, o medo, a procura de atenção e afeto e as alterações de comportamento perante a presença do potencial agressor.

Dias (2009, p. 7) destaca que, de acordo com Barnett, Perrin & Perrin (1997), os abusos perpetrados sobre os idosos reportam-se a comportamentos destrutivos no contexto de confiança e cuja frequência e regularidade não só provoca sofrimento físico, psicológico e emocional como também representa uma grave violação dos direitos humanos.

Independentemente de o abuso ser praticado no contexto familiar ou institucional os seus efeitos são semelhantes. Esta investigadora refere ainda que, os idosos tendem a desenvolver atitudes de culpa, baixa autoestima, isolamento social e entram mais facilmente em depressão, sofrem perturbações do sono, reforçando igualmente as suas dependências e o estigma social (Dias, 2005).

4. Enquadramento jurídico-penal da violência contra idosos

Sabe-se que a violência e os maus-tratos são fenómenos socialmente construídos, tendo diferentes representações consoante as sociedades, os tempos históricos, culturas e grupos onde se insere.

Todos os anos, um grande número de idosos, sobretudo mulheres é ou foi vítima de violência, no contexto doméstico, possuindo contudo este fenómeno ainda contornos de invisibilidade pois, a privacidade do meio familiar contribui de alguma forma para que o problema seja escondido, quer por vergonha, receio de represálias, ou ainda devido à desvalorização que muitas vezes é feita pelos profissionais que com estes lidam no quotidiano considerando que “os idosos apenas se sabem queixar”.

O facto de se perpetuarem na esfera privada da família, contribui também para que os comportamentos abusivos continuem a ser na maior parte das vezes desvalorizados culturalmente em alguns contextos sociais e aceites como normais. Por outro lado, as vítimas encontram-se em situação de vulnerabilidade e fragilidade social, dependência emocional, física e financeira dos agressores, acabando por não denunciar os comportamentos violentos.

Em Portugal a problemática da violência contra as mulheres permaneceu socialmente invisível ao longo dos tempos. Só a partir da década de 80 do séc. XX, foi identificada como um problema social e apenas na década de 90 foi criada legislação específica dirigida às vítimas de violência doméstica, assumindo-se como crime público desde o ano 2000, sendo enquadrada a nível legal, em sentido lato no Artigo n.º 152º do Código Penal.

De acordo com Novo et al. (2016, p.63) em termos legislativos, a violência intrafamiliar contra as pessoas idosas é classificada como um crime de ordem semipúblico (ofensas à integridade física simples, grave, qualificada, etc.) ou público (violência doméstica), dependendo dos pressupostos presentes na situação denunciada e da consequente qualificação do crime pelo Ministério Público em função da/s:

- Reiteração ou não da prática do crime;
- Coabitação entre vítima e agressor;
- Dependência económica da vítima;
- Consequências biopsicossociais da violência.

No caso dos crimes semipúblicos é necessária a apresentação da queixa por parte da vítima ou do seu representante legal, no prazo máximo de 6 meses, podendo haver lugar à desistência do procedimento criminal, e não é atribuído o Estatuto de Vítima (Lei n.º 130/2015, de 04 de setembro) com implicações diretas nos apoios prestados, na priorização dos mesmos, respostas sociais existentes, isenção de taxas moderadoras bem como, a nível dos procedimentos de emergência na proteção à vítima.

No direito interno, a matéria da violência contra as mulheres idosas não dispõe de diploma específico, o mesmo não sucedendo com a violência doméstica, a qual não só se encontra tipificada como crime autónomo, nos termos do artigo 152º, do Código Penal, como, por via da Lei nº 112/2009, de 16 de setembro, em que se estabelece um regime jurídico aplicável à prevenção da violência doméstica, à proteção e à assistência das suas vítimas (CIG, 2016, p. 51).

Por sua vez, o Código Penal, em algumas das suas secções, já enquadra muitos dos comportamentos abrangidos pela Convenção de Istambul e tem em consideração as tipologias de crimes mais frequentes ocorridos no seio familiar, tais como:

- Crimes de ofensa à integridade física simples (art.º 143º), ofensa à integridade física grave (art.º 144º), violência doméstica (art.152º), maus tratos (art.º 152º-A), coação sexual (art.º 163º) ou violação (art.º 164º), já para não falar nos crimes de homicídio (art.º 131º) ou homicídio qualificado [alíneas a) e principalmente b) do nº 2 do art.º 132º].

Assim e de acordo com o estipulado na alínea d), do Art.º152 do Código Penal, a violência contra os idosos no seio familiar enquadra-se no âmbito da violência doméstica, e engloba comportamentos simples ou repetidos, utilizados num relacionamento em que haja uma expectativa de confiança, causando dano ou angústia à pessoa idosa. Considera-se igualmente violência doméstica o ato de infligir maus tratos, de forma continuada ou não, maus tratos físicos ou psicológicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais a pessoa particularmente indefesa, nomeadamente em razão da idade, deficiência, doença, gravidez ou dependência económica, que com ele coabite.

As transformações ocorridas nas últimas décadas levaram à tomada de consciência, pelos Estados Europeus, da necessidade de realizar uma revisão nos modelos judiciais vigentes.

É com base neste objetivo que surge a Recomendação (85)11 do Conselho da Europa, veio propor linhas de orientação tendo em vista melhorar a administração da justiça sob o ponto de vista da vítima. Especificamente, a Recomendação (85)11 pode ser dividida em três vetores nomeadamente no que concerne:

- Informação dada à vítima;
- Compensação por parte do ofensor ou do Estado;
- Tratamento e proteção da vítima pela Justiça.

O impacto deste documento nas revisões dos textos judiciais europeus foi analisado num estudo realizado por Brienen & Hoegen, terminado em 2000, envolvendo 22 países europeus (Albano et al, 2016. p.47).

No entanto, infelizmente, nem todas as possibilidades consignadas na Lei conseguem ter efetiva tradução na prática quotidiana dos agentes policiais e judiciais, quando confrontados com situações de violência doméstica ou conjugal.

A Convenção sobre a Prevenção e o Combate à Violência contra as Mulheres e a Violência Doméstica, ou Convenção de Istambul (2011) seria, no entanto, o grande marco histórico neste âmbito. Esta Convenção cria um quadro jurídico a nível pan-europeu, que visa proteger as mulheres contra todas as formas de violência, assim como, criminalizar e eliminar a violência contra as mulheres e a violência doméstica. Em Portugal, a Convenção foi aprovada pela Resolução da Assembleia da República nº 4/2013, de 14 de dezembro de 2012, e foi ratificada pelo Decreto do Presidente da República nº 13/2013, ambos publicados no Diário da República, I série, nº 14, de 21 de janeiro de 2013.

De referir ainda, a importância de outras estratégias e respostas implementadas na Europa, em matéria de proteção das vítimas, a nível legislativa, mas igualmente no que se refere à capacitação dos profissionais que trabalham no contexto de violência doméstica (Albano et al, 2016, pp. 48-49) destacando-se os seguintes:

- O surgimento de organizações de apoio à vítima, sejam estas ligadas a organismos públicos ou iniciativas de organizações não-governamentais, e a criação de redes de apoio especializadas com apoio jurídico e psicológico (embora nalguns países ainda não existam ou assumam serviços generalistas e assistencialistas);
- A nível dos sistemas jurídicos torna-se uma preocupação, dotar os agentes policiais e judiciais de competências que melhorem os procedimentos de investigação e inquirição (exemplo, a presença de pessoa de confiança nos interrogatórios, apoio psicológico e social sempre que seja necessário, interrogatório por videoconferência; gravações em registo vídeo de “depoimentos para memória futura”; unidades de atendimento policial específico, entre outros);
- Relativamente aos meios de comunicação social começam a surgir medidas que têm como objetivo evitar uma sobre-exposição da vítima: obrigação de manutenção do segredo de justiça, leis específicas que regulam a publicitação de informações processuais, entre outras situações;
- Preocupação com o realojamento, a existência de salas separadas para as vítimas, e o testemunho pré-julgamento, o estabelecimento de medidas de coação e de afastamento relativamente ao ofensor.

De salientar ainda, a grande relevância que teve a criação das estruturas de atendimento e de apoio (legal/judicial, médico, social e psicológico) às vítimas de violência/crime, em 1991, através da Lei nº 61/91, de 13 de agosto, sendo estas, igualmente uma das mais importantes conquistas dos anos 70-80. Esta situação só foi possível graças ao esforço dos movimentos feministas, através das lutas pelos Direitos e pela Igualdade das Mulheres, mas também devido à crescente consciencialização social para o problema da violência doméstica e conjugal. Por sua vez destaca-se ainda a relevância e o contributo que determinadas instâncias tiveram para o desenvolvimento do conhecimento científico sobre o fenómeno e consequente desenvolvimento de estratégias de intervenção específicas (Albano et al., 2016, p. 52).

Por fim de referir que existem outras medidas legislativas de relevo em Portugal para além das referenciadas (como o Código Penal) que devem ser tidas em conta sempre que se fala em violência contra os idosos, e que embora sejam de âmbito geral, possuem um enquadramento a nível das problemáticas dos idosos. De entre estes destacam-se:

- Constituição da República Portuguesa – Artigo 72.º n.º 1 e n.º 2 - “Terceira Idade”;
- Lei de Prevenção da Violência Doméstica, Lei n.º 112/2009 com as recentes alterações em 2017, nomeadamente pela Lei n.º 24/2017, de 24 de maio;
- V Plano Nacional de Prevenção e Combate à Violência Doméstica e de Género 2014-2017;
- Estratégia Nacional para o Envelhecimento Ativo e Saudável 2017-2025.

5. Estudos prevalência

Inúmeros estudos têm sido realizados no sentido de compreender o fenómeno da violência sobre os idosos, quer a nível internacional, quer nacional, embora seja difícil comparar os resultados entre os estudos, pois os mesmos têm na sua base diferentes variáveis e a utilização de diferentes metodologias, originando resultados igualmente distintos, para além de se verificarem diferenças culturais entre os diversos países.

Assim, destacamos alguns estudos relevantes realizados em diferentes países como o de Pillemer & Finkelhor (1988, EUA), Kivela et al., (1992, Finlândia) e Miranda et al., (2002, Cuba) referenciados por Espíndola & Blay (2007). Assim, o que se verifica a nível das diferentes realidades sociais é que, embora não exista um modelo explicativo concreto para a violência contra os idosos, esta encontra-se delimitada ao quadro da violência doméstica ou da violência interpessoal (Chokkanathan & Lee, 2005; Garre-Olmo et al., 2009; Lowenstein, Eisikovits & Winterstein, 2009; Marmolejo, 2008; Naughton et al., 2010; Oh et al., 2006; Pillemer & Finkelhor, 1988; Soares et al., 2010, citados por Santos, Nicolau, Fernandes & Gil, 2013). Outros autores referem que se verifica a existência de um relacionamento interpessoal (de confiança) entre a vítima e o agressor dado o contexto familiar e privado onde a violência ocorre (Garre-Olmo, et al., 2009; Lowenstein, Eisikovits e Winterstein, 2009; Marmolejo, 2008; Naughton et al., 2010; Podnicks, 1993, citados por Santos, Nicolau, Fernandes & Gil, 2013).

Por sua vez, Luoma e colaboradores (2011) fazem, referência ao modelo socioecológico. Este modelo agrega não só os aspetos individuais, mas também socio-situacionais e sociais, sendo a violência considerada um produto da interação entre as determinantes individuais da vítima e do agressor, que por sua vez são moldadas pelas condições sociais e pela estrutura social.

Relativamente a Portugal, e segundo Dias, Lopes & Lemos (2019, citados por Paulino & Costa, p. 29), destacam-se sobretudo dois estudos de prevalência de âmbito europeu, dos quais Portugal fez parte:

- Projeto *Elder Abuse: A multinational prevalence survey* (ABUEL) (Soares et al., 2010) - realizado em sete países da União Europeia – Alemanha, Grécia, Itália, Lituânia, Portugal, Espanha e Suécia;
- Projeto *Abuse and Violence against Older Women* (AVOW) (Luoma et al., 2011), no qual participaram seis países. Este estudo teve a particularidade de ter como destinatárias mulheres.

Indo ao encontro dos estudos internacionais, de referir que, existem referências empíricas a nível das assimetrias de género no que concerne à prevalência de abusos na população idosa portuguesa. Os estudos ABUEL e AVOW vieram dar-nos uma visão mais precisa relativa aos abusos sobre as mulheres, sendo estas as principais vítimas.

Assim sendo, no caso do Estudo ABUEL destacam-se as seguintes conclusões principais:

- Em comparação com os homens, as mulheres, apresentam maior prevalência de abuso psicológico (sendo a percentagem mais elevada em relação aos restantes países), abuso sexual e apresentam mais lesões físicas; as mesmas mulheres apresentam ainda, uma maior prevalência de abuso financeiro estando mais expostas a este tipo de risco;
- Estes estudos revelaram também que, os principais agressores são os seus parceiros ou ex-parceiros, seguidos dos descendentes do sexo masculino. De notar ainda que no abuso físico e psicológico existe uma relação familiar de descendência com as vítimas.

A nível nacional, destaca-se a realização de um estudo igualmente relevante para a compreensão do fenómeno da violência sobre a população idosa, sendo este, o *“Projeto Envelhecimento e Violência”* (2011-20014) realizado pelo Instituto Dr. Ricardo Jorge (Gil et al., 2014, p. 6) em parceria com a CESNOVA da Faculdade Ciências Sociais e Humanas da UNL (CESNOVA/FCSH), o Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses, IP (INMLCF, IP), Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), Instituto da Segurança Social, IP (ISS, IP) e Guarda Nacional Republicana (GNR). Este estudo de prevalência epidemiológica, veio dar igualmente enormes contributos para o entendimento da violência sobre os idosos em contexto familiar, visando perceber a sua dimensão e características, tendo-se dividido em duas vertentes de análise: o estudo populacional sobre a violência e o estudo sobre as vítimas.

A realização do estudo *“Projeto Envelhecimento e Violência (2011-2014)”*, permitiu obter dados muito relevantes dos quais destacamos os seguintes:

- A nível populacional - A violência financeira e a psicológica foram as mais evidenciadas, ambas com uma prevalência de 6,3% na população com 60+ anos, seguida da violência física com uma prevalência de 2,3%;
- Os tipos de violência menos frequentemente reportados foram a negligência, que afetou 0,4% da população, e a violência sexual com uma frequência de 0,2%. Das pessoas com 60+ anos que foram vítimas de situações de violência, a maioria (72,1%) vivenciou um único tipo de violência;
- Cerca de 3,4% dos inquiridos/as referiu ter experienciado mais do que um tipo de violência. Por sua vez, dois dos fatores associados à violência destacados, foram o fator idade e o fator escolaridade.

Assim, concluiu-se que, relativamente à idade, nos indivíduos com idades superiores a 70 anos, o risco de ser vítima aumentou em 10%. No que diz respeito à escolaridade, esta constitui-se ainda como um fator protetor em níveis mais elevados, sendo que, os indivíduos que possuíam o 2º e 3º ciclos do Ensino Básico tinham um risco inferior de serem vítimas, comparativamente a indivíduos com níveis de escolaridade mais baixos.

No que diz respeito à análise e caracterização das vítimas de referir os seguintes aspetos fundamentais: predominavam as mulheres (76,1%), sendo a faixa mais representativa entre os 60 e os 69 anos (49,8%). Mais de metade das mulheres em causa era casada (61,5%), e residia em núcleo familiar composto por duas pessoas (57,2%). Relativamente à escolaridade destas mulheres 65,7% tinha frequentado o ensino básico e 22,9% não possuía escolaridade.

A nível da tipologia da violência o relatório refere que, dos cinco tipos de violência avaliada (física, psicológica, financeira, sexual e financeira) prevalece a violência física com 87,8%, seguida da violência psicológica com 69,6% e a financeira com 47,5% sendo as restantes, menos representativas. De salientar ainda, a existência de fatores de risco como a polivitimização, sobretudo em casos de coabitação, a existência de uma relação conflituosa com o agressor prévia à ocorrência e pouco apoio da rede informal.

O estudo destaca ainda que, os principais agressores, nomeadamente os agressores de violência física e psicológica são os/as (ex.) cônjuges ou (ex.) companheiros, seguidos dos descendentes. Mais especificamente, na violência física, destacam-se os/as descendentes e os (ex.) cônjuges ou (ex.) companheiros, sendo que, a violência sexual ocorre sobretudo no âmbito da relação conjugal.

Um dos aspetos ainda muito importantes de referenciar e que este relatório nos dá conta é que face às situações vivenciadas, a maior parte das vítimas não denuncia a situação. Os motivos evocados são sobretudo o receio de represálias, a proteção do agressor e também a importância da família (Gil et al., 2014, p.6).

Relativamente ao Projeto AVOW (Luoma et al., 2011), realizado em cinco países europeus, incluindo Portugal, este destaca que, existe uma maior probabilidade do sexo feminino ser vítima de violência, com exceção da exploração financeira, em que os homens reportam mais vezes serem vítimas. Esta situação, deve-se segundo os investigadores, ao facto das mulheres possuírem características individuais que contribuem para o aumento desse risco, tais como, o ser casada, estar próximo da idade da reforma, possuir uma saúde física e mental mais baixa, e adotar recorrentemente a desistência comportamental (*behavior disengagement*) como estratégia de *coping*, que se encontra também associada a um risco significativamente maior de maus-tratos.

Quando se aborda a questão da relação com o agressor, o parceiro ou companheiro tal como referenciado no estudo de Soares et. al (2010) é reportado como sendo o principal perpetuador de maus-tratos, destacando-se em segundo lugar filhos ou outros descendentes.

Por sua vez e ainda relativo ao Projeto AVOW de realçar que, os resultados se aproximam do estudo do “Projeto Envelhecimento e Violência 2011-2014” sendo que, a violência psicológica foi novamente a mais reportada com 32,9% de prevalência, seguida da financeira com 16,5%, da violação dos direitos humanos com 12,8%, da negligência com 9,9%, da violência sexual com 3,6% e, por fim, da violência física com

2,8%. De salientar ainda que, o referido estudo, incluiu a negligência nos tipos de abusos estudados e ainda, uma nova forma de abuso, a violação dos direitos humanos (Luoma et. al., 2011, p. 7).

Interessa reter no entanto que, os estudos realizados não são fáceis de comparar, pois existe uma grande heterogeneidade nas definições de abuso, bem como, no que diz respeito à sua tipificação, com implicações a nível legal. Outro dos aspetos a considerar é que, os estudos realizados em Portugal se encontram em consonância com o descrito na literatura, sendo que, existem evidências empíricas de assimetrias de género no que diz respeito, à prevalência de abuso na população idosa.

6. Modelos de análise para compreensão do fenómeno da violência sobre os idosos

São vários os modelos teóricos que ajudam a compreender as perceções sociais acerca da violência nas sociedades, explanando a causalidade destes comportamentos à luz do tempo histórico, da cultura e grupo social onde ocorrem.

Os comportamentos discriminatórios com os idosos encontram-se muito associados às perceções negativas associadas ao envelhecimento que são veiculadas por diversos meios nas comunidades. Estas perceções são socialmente construídas e diferindo de sociedade para sociedade, consoante os tempos históricos, as culturas e os grupos onde se inserem. Jardim, Medeiros & Brito (2006) afirmam que, no imaginário social, o envelhecimento encontra-se associado ao fim de uma etapa da vida, sendo sinónimo de sofrimento, solidão doença e morte.

Os modelos de análise da violência sobre os idosos destacam como principais causas da violência, a veiculação de estereótipos negativos relacionados com a idade – Idadismo, os estereótipos de género, e a transgeracionalidade da violência. Outro aspeto relevante que pode explicar os comportamentos violentos contra idosos diz respeito aos desiguais níveis de dependência entre agressores e idosos, e tem que ver com a situação de inversão geracional. Neste contexto Dias (2005, p. 255) menciona que, existe uma dependência por parte dos idosos face aos seus cuidadores, emergindo os maus-tratos neste contexto de *stress* por parte da pessoa que cuida. Contudo confrontamo-nos também com a situação inversa, em que os agressores se encontram dependentes dos idosos a nível financeiro, habitacional e outros. A mesma autora, salienta ainda que, as mulheres mais velhas que se encontram dependentes desta relação de troca desequilibrada, oferecem muitas vezes mais este tipo de apoios, do que recebem em termos de cuidados e atenção (Dias, 2005, p. 264), sendo este facto também corroborado pelos estudos de Pillemer (1985).

Dias (2009, p. 9) destaca ainda a existência de cinco fatores que podem encontrar-se subjacentes à violência perpetuada em contexto doméstico sobre os idosos, sendo estes:

- a) As dinâmicas intra-individuais;
- b) A transmissão intergeracional dos comportamentos violentos (o ciclo de violência);
- c) Os desiguais níveis de dependência entre os agressores e os idosos;
- d) O isolamento social;
- e) O *stress* externo.

No entanto, os principais modelos explicativos para explicar para a compreensão da violência sobre os idosos tem sobretudo na sua base o Idadismo, os Estereótipos de Género, a Violência Transgeracional e o Modelo Socioecológico.

6.1. Dados sobre a violência sobre as mulheres idosas em contexto familiar em Portugal e no Concelho de Castelo Branco

Recentemente as estatísticas da APAV sobre Pessoas Idosas Vítimas de Crime e de Violência 2013-2018, destacavam que 79,5% dos crimes reportados se enquadravam no âmbito da violência doméstica no sentido estrito. A **Tabela 3** dá-nos uma perspetiva do número de casos de vitimização, de acordo com os tipos de crime, entre os anos 2013 e 2018, notando-se claramente a prevalência dos maus-tratos psíquicos.

Tabela 3- Vitimização segundo a tipologia dos crimes entre os anos 2013 e 2018.

	Tipo de Crime	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Violência Doméstica no sentido estrito	Ameaças/Coação	272	309	265	281	270	267
	Maus-tratos físicos	385	409	450	442	435	420
	Maus-tratos psíquicos	556	641	727	717	646	627
	Injúrias/difamação	140	198	182	199	199	170
	Natureza sexual	10	15	18	22	24	34
	Outros crimes	59	61	55	39	49	37

Fonte: APAV, 2018.

Prevalecem as vítimas do sexo feminino, sendo que, cerca de 28% das pessoas idosas vítimas de crime e de violência, tinham entre 65 e 69 anos de idade. Relativamente à relação entre a vítima e o/a autor/a do crime verifica-se que, em 36,9% dos casos reportados existe uma relação pai/mãe e 27,5% das denúncias correspondem à situação de cônjuge. De salientar ainda que, 4,4% corresponde à existência de uma relação avô/avó e neto/a.

O mesmo relatório faz ainda referência à violência de acordo com as faixas etárias das vítimas destacando-se as faixas entre os 65 e os 69 anos e entre os 70 e os 74 anos, como as mais representativas dos referidos crimes.

Ainda segundo as estatísticas da APAV (2019a) referentes à violência exercida sobre pessoas idosas entre 2013-2018, observa-se que, em 2018 as vítimas de violência doméstica por parte dos filhos com idades a partir dos 65 anos corresponderam a 47,3% do total de vítimas, sendo sobretudo viúvas (27,7%) e pertenciam a um tipo de família nuclear com filhos/as (30,2%).

Dados de âmbito mais geral revelam que, em cerca de 69% das situações, o/a autor/a do crime é do sexo masculino, com idades entre os 36 e os 45 anos (17,4%). Tendo em conta o tipo de problemáticas existentes, prevalece o tipo de vitimização continuada em cerca de 80% das situações, com uma duração média entre os 2 e os 6 anos (13%); 55,2% das vítimas relataram que a violência ocorreu na residência

comum. Quanto às queixas/denúncias registadas, estas representam somente 28,7% face ao total de crimes assinalados.

Relativamente ao tipo de vitimização registam-se sobretudo percentagens mais significativas a nível de maus-tratos psíquicos (39,4%), maus-tratos físicos (24,9%) e, por fim, a ameaça/coação em 16,1% dos casos.

Já ao nível do Concelho de Castelo Branco, e segundo dados cedidos pelo Comando Territorial da Guarda Nacional Republicana de Castelo Branco (GNR), durante o ano de 2018, foram reportadas 55 denúncias de situações de violência contra idosas.

Os dados apurados indicam-nos que, existe uma prevalência deste tipo de crime na faixa etária entre os 65 e os 69 anos de idade com uma percentagem de 40%, seguida das faixas etárias entre os 65 e os 69 anos e a faixa etária a partir dos 85 anos (tendo a vítima mais idosa 96 anos de idade), ambas com uma percentagem 16,76%.

Por fim, destaca-se a faixa etária entre os 80 e os 85 anos com uma percentagem de prevalência de 14,55% e a faixa entre os 70 a 74 anos com uma percentagem de 12,73%.

De acordo com os dados, são sobretudo as vítimas ou familiares a denunciar as situações, havendo, no entanto, em algumas situações a denúncia é anónima.

Relativamente à relação entre vítima e agressor/a destacam-se vários tipos de maus-tratos, sendo os mais relevantes, os maus-tratos causados pelos filhos/as (43,64%), seguidos dos maus-tratos por parte do cônjuge (41,82%) e os maus-tratos em situação de união de facto e na situação de divórcio/separação com uma percentagem de 5,45%. Por fim salientam-se a percentagem de 1,82% que diz respeito aos maus-tratos provocados pelos netos/as e sobrinhos/as respetivamente.

Outras questões relevantes a destacar são o tipo de maus-tratos exercidos sobre as idosas. Os dados apontam para a prevalência da violência psicológica, seguida da violência física e financeira (no geral decorrente da dependência económica das vítimas).

Por fim, e no que concerne às causas que lhe estão na origem dos maus-tratos às idosas, destacam-se sobretudo o consumo de álcool, as perturbações psicológicas e o consumo de drogas por parte dos agressores, entre as mais expressivas.

6.2. O Idadismo

A Teoria das Representações Sociais, desenvolvida por Moscovici em 1978, diz que, as representações sociais são um fenómeno típico das sociedades modernas. Estas são um conjunto de conceitos, afirmações e explicações originadas no quotidiano, durante a comunicação e cooperação entre os indivíduos e grupos, que servem para o ser humano compreender o mundo, integrando a novidade (Moscovici, 1978, 2009, referido por Saraiva, Rubia & Coutinho, 2012).

A influência social encontra-se presente em todos os grupos sociais e em todas as culturas, sendo que, de acordo com Moscovici, o indivíduo é exposto a influências do grupo social em que se encontra inserido (figuras de autoridade) e confronta-se com três alternativas: ou se conforma ou mantém a independência, ou tenta fazer com que o grupo mude de perspetiva (Garcia-Marques, 2006, p. 264).

Inúmeros estudos foram realizados com o intuito de explicar de que forma, o grau de influência social que vários indivíduos exercem sobre outros em sociedade, pode ser mediada pela relação de dependência que se estabelece entre um grupo face a outro. Neste sentido Deutsch & Gerard (1955, citados por Garcia-Marques, 2006, p.278), distinguiram dois tipos de influência social, a Normativa e a Informativa, encontrando-se ambas associadas à necessidade de aceitação do indivíduo face às expectativas do grupo, evitando deste modo a rejeição.

Assim sendo, na interação em todos os grupos sociais existem normas partilhadas que influenciam e definem os comportamentos intragrupo e uma vez estabelecidas tendem a institucionalizar-se. Esta situação é referenciada por Jesúno (2006), que nos diz que:

“Ao nível individual, as normas de grupo, são expectativas que os membros têm sobre o que deve e não deve ser permitido a um determinado membro e em circunstâncias específicas. As normas são aprendidas e constituem um dos mais importantes mecanismos de controlo social e do comportamento dos indivíduos” (p. 325).

De acordo com Marques & Paéz (2006, p. 338), ao utilizarmos essas categorias no quotidiano negligenciamos as características próprias de cada pessoa em particular e exageramos as que as tornam semelhantes aos estereótipos dentro dos seus grupos. O mundo passa assim a ser compreendido em termos de categorização por juízos de valor transmitidos no início do desenvolvimento moral e cognitivo do ser humano pela sociedade. Ao aceitarmos como dados objetivos os juízos de valor ou representações sobre a realidade, atribuímos importância e veracidade aos mesmos, cristalizando-se e perdurando pela vida adulta dos indivíduos.

As representações são compartilhadas e socializadas no quotidiano das pessoas, na maior parte das vezes, através dos meios de comunicação social ou da convivência social, com o intuito de reproduzir o mundo de forma significativa e diferem de sociedade para sociedade. A comunicação social pode agir positivamente ou negativamente na produção, propagação e difusão das representações sociais permitindo a circulação da informação e de opiniões sobre um todo coletivo de forma muito rápida, influenciando as mudanças nas representações.

Nas sociedades atuais, difunde-se muito a ideia de que uma pessoa vale o quanto produz e o quanto ganha. Neste sentido os idosos quando ficam de fora do mercado de trabalho e que não produzem mais, recebendo apenas a sua reforma, na maioria das vezes muito baixa, são considerados um peso económico para os restantes membros da família. Este aspeto é corroborado por Jardim, Medeiros & Brito (2006,

pp. 27-28) que nos dizem que, no imaginário social, envelhecer, encontra-se associado ao fim de uma etapa, sendo sinónimo de sofrimento, solidão doença e morte, dando-se maior enfoque aos aspetos negativos do envelhecimento como processo biológico, em detrimento de uma visão psicossocial e sociocultural, enfatizando-se os estereótipos relacionados com as enfermidades, a pobreza, situação de dependência e passividade, entre outros.

Legitima-se o discurso das políticas sociais públicas que associam os idosos à ideia de “*pessoa doente*”, “*pessoa isolada e só*”, “*abandonada (materialmente e moralmente pela família)*” e sustentada pelo Estado (Debert e Neri, 1999; Ardelt, 2004, citados por Martins, 2013, p.138).

Ainda no que diz respeito a esta situação, Pérez & Chulean (2013, referidos por Martínez-Moreno & Bermúdez-Pérez, 2016), salientam que, a perda do valor social da velhice e o Idadismo ou *Ageism* (isto é, os estereótipos associados à velhice), podem chegar a ser considerados como causa desencadeante dos maus-tratos, já que, são crenças, atitudes e comportamentos que discriminam os mais velhos pela idade. De acordo com Marques (2011, p.17), o conceito de “*ageism*”, ou Idadismo em português, foi estudado pela primeira vez pelo psicólogo americano Robert Butler em 1969, que procurou explicar, através de um estudo que realizou, as reações negativas de uma comunidade aquando da construção de um empreendimento de pessoas idosas na vizinhança. As pessoas da comunidade, motivadas por estereótipos negativos ligados à idade, consideraram que este tipo de construção poderia diminuir o valor patrimonial das habitações e o prestígio do bairro.

Para Marques (2011, p.18), o Idadismo tem na sua origem atitudes ou práticas generalizadas em relação aos indivíduos baseados numa característica – a idade, assumindo estas três componentes essenciais, tais como:

- Crenças e estereótipos que se tem relativamente ao grupo de pessoas idosas, tendendo a perceber este grupo como homogéneo, caracterizado com traços negativos, tais como a incapacidade ou doença;
- Atitudes ligadas ao preconceito e sentimentos negativos relativamente aos idosos assumindo formas mais disfarçadas, como a piedade e o paternalismo;
- Comportamentos e atos efetivos de discriminação em relação às pessoas idosas.

De referir ainda que, as vulnerabilidades resultantes do processo de envelhecimento acarretam consigo perdas de ordem física e psicológica, ficando os idosos estão mais expostos a situações de violência. Também os contextos onde estes fenómenos ocorrem (a esfera familiar ou institucional), contribuem de alguma forma para que seja aceite, escondida pelos idosos ou mesmo desvalorizado pelas comunidades e pelos profissionais que com estes lidam no quotidiano.

A valorização dos estereótipos relacionados com a idade projeta sobre os idosos uma representação social gerontofóbica devido ao medo de envelhecer e de lidar com

as limitações da velhice, influenciando a própria percepção que o idoso tem sobre si próprio, levando-o à autodiscriminação. A gerontofobia é considerada um medo irracional relativamente a tudo o que se relaciona com o envelhecimento, acabando por ser considerado um fenómeno social generalizado. Este medo leva a um bloqueio afetivo, provocando atitudes de desdém e resistência face ao envelhecimento, que se repercutem em comportamentos de recusa, apatia e indiferença, sendo o contexto social o grande responsável por estas condutas (Berger, 1995, p. 66, citando Clark, 1967).

Os estereótipos relacionados com o Idadismo, são baseados em mitos generalizados e homogeneizados e que no caso dos idosos se referem apenas àquele grupo-alvo. Estudos de Ebersole e Hesse (1985), citados por Berger e Mailloux-Poirier (1995, p. 67) identificam sete mitos associados à velhice e ao desconhecimento do processo de envelhecimento, sendo estes:

- Os idosos são na sua maioria senis e doentes;
- A maioria dos idosos é infeliz;
- Os idosos não são produtivos;
- A maioria dos idosos precisa de ajuda nas suas atividades da vida diária;
- Os idosos mantêm os seus hábitos de vida, são conservadores e incapazes de mudar;
- Os idosos são todos iguais;
- A maioria dos idosos isola-se e sente-se só.

Assim, podemos dizer que as atitudes face à velhice e perante os processos de envelhecimento desenvolvem-se desde muito cedo e podem ser influenciadas por inúmeros fatores tais como a idade, a educação, os meios de comunicação social, entre outros. Apesar de todos os membros da sociedade serem influenciados pelos estereótipos, nem todos desenvolvem o mesmo tipo de atitudes e comportamentos discriminatórios face à velhice. As sociedades também se diferenciam quanto aos comportamentos discriminatórios face aos mais idosos, sendo que Oliveira (2005) refere que:

“o envelhecimento é pintado por cores sombrias, quer pelos mais novos, quer pelos próprios idosos. Estes estereótipos sobre a velhice marcam sobretudo as sociedades ocidentais e desenvolvidas havendo a percepção que a sociedade africana e oriental estima mais os seus idosos. Mas nestas nações a proporção de idosos é menor e constituem uma memória viva” (p.25).

6.3. Estereótipos de Género e crenças associadas

Quando falamos em violência contra idosos há que destacar a perspetiva de género como fator determinante que devemos ter em conta, dado que, os papéis sociais de género diferenciados e os comportamentos expectáveis para ambos os sexos, continuam culturalmente arraigados em especial nas gerações mais velhas, contribuindo muitas vezes para comportamentos discriminatórios e maus-tratos.

Como afirma Neves (2017) as desigualdades de género potenciam a violência e a discriminação, sobretudo quando às desigualdades de género se somam outras, como as étnicas, as ligadas à idade, deficiência, classe social.

Narotzky (1995, citada por Basto, 2015, p. 82) refere que, que as diferenças de género se vão construindo na ideologia seguida pelas sociedades, tornando-se também elas parte das suas práticas, dependendo de recursos materiais, dos grupos que compõem essas mesmas sociedades e da época em que estas se encontram.

Socialmente a cultura predispôs que a mulher fosse remetida à esfera privada da família (procriação e cuidado), cabendo ao homem o domínio do espaço público e as relações de poder, mas também a função instrumental de sustento da família (Perista, Silva & Neves, 2010, p. 22). Para as mulheres mais idosas a família é o seu elemento agregador e dificilmente se percecionam fora do seu contexto familiar. “(...) São mulheres com trajetórias de vida muito vincadas pela função expressiva da manutenção do agregado familiar, percursos profissionais inexistentes ou precários e intermitentes, ausência de uma carreira contributiva ou com uma parca contribuição.” (Perista, Silva & Neves, 2010, p.22). Referem ainda que, estes aspetos contribuem para o fomento da crença de que, são mais dependentes, menos autónomas, mais frágeis e com menor capacidade de decisão.

Em Portugal, no contexto do Estado Novo o papel social da mulher foi ideologicamente enaltecido, mas teoricamente diminuído perante o do homem. A Constituição de 1933 afirmava a “igualdade entre todos os cidadãos perante a Lei” e a “negação de qualquer privilégio de nascimento, nobreza, título nobiliárquico, sexo ou condição social”, no entanto, fazia ressalvar uma pequena cláusula justificada através do fator biológico – “a natureza” – e um fator ideológico – o “bem da família”. Estas ressalvas perante o princípio da igualdade constitucional a nível de género fomentaram a desigualdade de valores atribuída aos papéis específicos e diferenciados fazendo com que a posição hierárquica da mulher fosse inferior à do homem na família (Pimentel, 2011, p.36).

O casamento, devia ser encarado como objetivo de vida para todas as mulheres, devendo estas, fazer de tudo para que tal acontecesse. Basto (2015, p. 98) salienta que, as mulheres que ficavam solteiras, eram mal vistas pela sociedade, sendo muitas vezes conotadas negativamente de “solteironas”. Do ponto de vista moral, a união conjugal era para toda a vida, mesmo que implicasse a inexistência do amor entre o casal e a perda do afeto, que não justificava a separação, devendo ambos os cônjuges honrar o compromisso assumido pois o divórcio era reprovado pela sociedade.

Segundo Monteiro (2012, p. 590), a sexualidade, planeamento familiar e contraceção, eram inexistentes e foram proibidas durante a primeira metade da ditadura salazarista, “em nome da ideologia pró-natalista, católica e conservadora” (Freire, 2013, pp. 58-59).

O mesmo investigador destaca que, até finais de 1960, o Estado, a Igreja Católica, a família, a escola e os media, convergiram no sentido de aconselhar as mulheres

solteiras e casadas, a esconder o corpo, reprimindo a sensualidade e o erotismo. Os papéis sexuais encontravam-se perfeitamente definidos e enraizados na sociedade. A sexualidade feminina estava circunscrita ao casamento e esperava-se um comportamento recatado e retraído por parte da mulher neste âmbito, sendo que, aos homens era tolerada a visita aos bordéis regulamentados e inspecionados pela polícia (apesar de ser moralmente censurados e indultados pela Igreja).

Por sua vez, a virgindade e a seriedade das mulheres, eram requisitos fundamentais para o casamento, podendo uma mulher ficar sem casar caso tivesse sido enganada. Por esse motivo, as famílias rodeavam as filhas casadoiras de inúmeros cuidados, sobretudo durante a fase do namoro.

No que concerne às condições sociais e de trabalho da mulher, Pimentel (2011, pp. 55-77), salienta que, estas se encontravam condicionadas pela ideologia política vigente, reconhecendo-se sobretudo em determinados estratos sociais (médio e alto) a importância da maternidade e do papel doméstico e familiar, sendo desvalorizado o trabalho da mulher fora da esfera doméstica, porque se considerava que desagregava as famílias. Este facto teve repercussões no acesso por parte das mulheres a determinadas profissões, que foi bastante dificultado ou mesmo proibido. No entanto, a realidade das mulheres das classes mais baixas era bem diferente, pois estas, para além de terem a seu cargo as tarefas do lar e da educação dos filhos, eram analfabetas, ocupavam-se de trabalhos mais difíceis no campo, oferecendo a sua força de trabalho em condições terríveis, sofrendo inúmeras provações, vivendo vidas de miséria, luta e sofrimento e recebendo um salário mais baixo em relação aos homens em iguais circunstâncias. Dadas estas condicionantes sociais e culturais as mulheres portuguesas sobretudo as mais idosas, interiorizaram desde muito jovens percepções negativas e estereotipadas relativas aos papéis sociais de género, contribuindo estas percepções para a assunção de uma posição de vulnerabilidade social, fragilidade e dependência.

Por forma a diminuir o analfabetismo, sem aumentar a instrução, e para através da educação promover a sua ideologia, foi implementado o ensino primário com carácter obrigatório (Pimentel, 2011, p. 114). A mesma refere ainda que (2011, p. 127), o regime de separação de sexos na escola foi criado com o propósito de incentivar uma educação especificamente feminina.

O ensino seguia assim, os mesmos valores idealizados pelo regime, em que se valorizava o papel da mulher perfeita e submissa, que cuidava e mantinha a ordem no lar e educava os filhos. Na escola, as meninas eram educadas para o casamento e eram desincentivadas a prosseguir os estudos no ensino secundário. Neste sentido, regime salazarista providenciava cursos para formar o seu ideal feminino. De referir ainda que, durante o Estado Novo, as práticas discursivas da Escola Portuguesa tinham como objetivo orientar os agentes do ensino para ação e adesão ao regime e, por seu intermédio, inculcar a ideologia de matriz autoritária e ideológica, nos alunos e na comunidade local. O modelo a seguir é sempre a figura de Salazar, o “*Chefe da Nação*”,

que aparecia como um homem próximo dos portugueses, com espírito de sacrifício e de dedicação à Pátria (Serrão, 2018, p. 18).

A autora menciona ainda que, a escola primária obrigatória, passa a ter livros únicos que servem de instrumento doutrinário, cuja ideologia difunde “*os novos valores cristãos*”, pois pretendia-se que, as crianças, sobretudo as dos meios rurais fossem socializadas de acordo com os valores que serviam o Estado, para evitar o acesso a leituras e doutrinas que lhes corrompessem o espírito.

Os castigos físicos eram permitidos na escola como um recurso legítimo e perfeitamente natural para disciplinar os alunos nas suas aulas. Segundo António (2004):

“do ponto de vista do regime, a escola tinha, por natureza, de ser repressiva, uma vez que, tinha um ideal a transmitir aos alunos. As crianças tinham que ser submetidas a uma severa disciplina a fim de criarem hábitos de ordem e método, respeito e obediência, civildade e modéstia (...)” (p. 85).

Nas escolas de ensino primário, a arquitetura da disposição da sala era sempre a mesma, o quadro, as carteiras, o crucifixo e até as fotografias dos representantes do Estado, ocupavam, obrigatoriamente, um lugar de destaque na sala, sendo colocadas na parede, sob a secretária do professor (António, 2004, pp. 103-106).

A investigadora (pp. 112-116) salienta ainda que, os castigos corporais eram aplicados à frente da classe, como forma de exemplo e de reparação pública, não sendo graduados em função da idade e das características de cada criança. Mesmo os alunos que não eram punidos sentiam-se intimidados com os castigos que eram aplicados aos colegas. A diversidade dos castigos corporais ia desde o recurso às “*orelhas de burro*” até à punição física com diferentes tipos de instrumentos como a palmatória, a régua, a vara ou cana, mas era igualmente utilizada a humilhação e intimidação como meios de punição. Por sua vez, os castigos corporais para além de serem aplicados pelos professores, podiam ainda ser aplicados por colegas (António, 2004, p. 131).

Em suma, pode-se afirmar que, o matrimónio, a família e a escola foram durante o Estado Novo considerados os instrumentos de socialização mais relevantes e tiveram um papel primordial na transmissão dos valores morais e papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, numa sociedade profundamente marcada pela pobreza e atraso generalizado.

6.4. A influência dos Estereótipos de Género nos comportamentos violentos

De acordo com Machado, Matos & Gonçalves (2006), as situações de violência contra as mulheres, sobretudo a violência conjugal, tem sido explicadas por crenças socioculturais, como a distribuição do poder desigual na família, os estereótipos de género e a socialização diferenciada dos dois sexos. Desde sempre houve legitimação

da violência e esta tem na sua base crenças, valores e estereótipos que valorizam o papel do homem em detrimento da condição e do papel da mulher na sociedade.

As perspectivas feministas em particular, têm vindo a enfatizar o papel das mensagens sociais e culturais na normalização e na aprovação da violência na intimidade (Buzawa & Buzawa, 1996, citados por Matos p. 84).

Por sua vez, postula-se que, as crenças e atitudes mais tolerantes e conservadoras sobre os papéis do homem, da mulher e da violência conjugal, se encontram relacionadas por um lado, com a situação de os primeiros, tendencialmente culpabilizarem as mulheres pela violência sofrida e, por outro lado, pelo facto das mulheres justificarem e desculpabilizarem os comportamentos violentos dos seus cônjuges. Estas crenças, constituem-se como fatores de risco de perpetuação e legitimação dos abusos (González-Ortega, Echeburúa e Corral, 2008, citados por Ventura, Ferreira & Magalhães, 2013, p. 97).

Por sua vez, no estudo de Machado, Matos & Moreira (2003), os agressores do sexo masculino acreditam que a violência poderá ser aceitável e justificável em função dos comportamentos das mulheres, considerando estes ainda, como fator de grande importância, a preservação da privacidade familiar. Justificam-se igualmente com causas externas e fora do seu controlo como por exemplo, o consumo de álcool ou situação de pobreza. Foi ainda verificado que, os agressores desvalorizam a “*pequena violência*” (e.g. dar uma bofetada) no contexto das relações íntimas (Ventura, Ferreira & Magalhães, 2013, p. 97).

Já no que diz respeito às mulheres, Dias (2004, p.136) refere que, estas se mantêm nas relações violentas porque não conseguem libertar-se da pressão das normas sociais, culturais e religiosas existentes em relação à mulher, casamento e família, sentindo-se culpadas por querer sair da relação e vivendo a violência conjugal como um fracasso pessoal. Por sua vez, algumas desconhecem ainda as respostas legais e sociais existentes, não conseguindo desta forma colocar termo na relação abusiva.

Foreman & Dallos (1993, p. 3, citados por Matos, pp. 85-86), confirmam a existência de dinâmicas de segredo associadas aos maus-tratos na intimidade, considerando que este fenómeno deve ser gerido dentro do contexto privado. Este discurso sobre a privacidade familiar ignora, contudo, os diferenciais de poder que caracterizam este tipo de famílias. A ênfase na preservação da família a qualquer custo alimenta ainda determinadas dinâmicas emocionais (e.g., confusão, culpabilidade) e pode promover uma reação passiva por parte da vítima, inibindo a sua tomada de decisão.

De referir ainda que, de acordo com Serra (citado por Dias, 2004, p. 136), nas relações violentas o agressor promove a subordinação e punição da vítima, deixando-a insegura e fragilizada e levando-a a criar resistência em relação ao abandono da relação abusiva.

Em suma, pode-se dizer que a violência familiar e sobre as mulheres teve contornos de invisibilidade ao longo de séculos, sobretudo porque foi culturalmente aceite e em certa medida, vista como necessária ou normal. Segundo Lourenço, Lisboa & Pais (1997, p.23, citados por Lisboa, Barroso, Patrício & Leandro, 2009), o conceito violência é dinâmico, reportando-se genericamente a uma transgressão das normas e valores socialmente instituídos em cada momento. A sua qualificação tem sido assumida em função de normas que variam consoante os contextos e podem não ser partilhadas por todos, pelo que os mesmos factos não são sempre apreendidos nem julgados segundo os mesmos critérios, assistindo-se a uma variação temporal e espacial do seu significado.

6.5. A Transgeracionalidade da violência

Segundo Beck (1979; Pires, Pereira, Paiva & Silva, 2017, citado por Ferreira, 2018, p. 14), a origem das crenças no comportamento humano surge na infância como resultado das perceções que vão sendo construídas ao longo das interações com os sujeitos mais significativos, bem como, derivado aos acontecimentos e experiências que vão acontecendo ao longo da mesma. No entanto, cada um de nós interpreta as experiências de acordo com as suas crenças e assunções. Estas crenças encontram-se latentes, até que surge uma situação que as ative e que por sua vez molda a resposta do indivíduo, tanto a nível emocional como comportamental.

Existem algumas teorias que procuram explicar o que pode dar origem ao desencadear da violência transgeracional. Machado & Gonçalves (2003) referem que o comportamento do indivíduo é determinado pelo ambiente social, principalmente por membros de sua família, sendo que a experiência de vitimização na infância pode favorecer a perpetuação da violência na vida adulta do indivíduo.

A perspetiva da transmissão intergeracional da violência tem subjacente a noção de aprendizagem social, a qual postula que o comportamento de cada indivíduo é determinado pelo ambiente em que este se insere, particularmente pelos membros da sua família, através de mecanismos de observação, reforço, modelagem ou coação (Gelles, 1979, citado por Matos, 2006, p. 72).

Para Dias (2009, p. 10), uma criança que seja educada e tenha sido exposta a um contexto familiar violento durante a sua infância, a experiência de vitimização e a observação de comportamentos abusivos poderá levar à sua reprodução, podendo em adulta vir a tornar-se uma pessoa violenta, perpetuando desde modo o ciclo de violência.

Por sua vez, Redondo, Pimentel & Correia (2012), destacam que, as crianças expostas direta ou indiretamente a este tipo de violência apresentam maior risco de sofrer problemas a vários níveis na adolescência e em adulto (como por exemplo, problemas emocionais e comportamentais como abuso de álcool, consumo de drogas, depressão e ansiedade, perturbação de stress pós-traumático, ideações ou tentativas de suicídio).

Estes investigadores, referem ainda que, geralmente estas crianças apresentam um padrão de agressividade crescente nas suas relações familiares, escolares, sociais e nas suas relações íntimas em adultos. Outra das situações que se colocam a estes indivíduos que presenciaram episódios de violência entre os pais na infância, é que, possuem poucos recursos para lidar com situações angustiantes uma vez que, experiências interpessoais traumáticas podem levar a uma regulação dos afetos deficitária (Brière, Hodges & Godbout, 2010).

Alguns autores, como Godbout, Runtz, MacIntosh & Briere (2013), salientam que o facto de ser vítima de violência ou testemunhá-la na infância, especialmente relativamente aos modelos ou figura privilegiada, como os pais, pode originar um trauma relacional. Referem ainda que, os indivíduos que viveram este tipo de experiências traumáticas e que conseguiram estabelecer uma relação conjugal, apresentam taxas elevadas de insatisfação sexual, divórcio ou separação, vinculações ansiosas e violência doméstica e podem manter padrões de interação disfuncionais nas relações.

Desta forma, a exposição à violência na infância é um fator de risco para a ocorrência de violência conjugal na vida adulta (Haj-Yahia, Sousa, Alnabilsy & Elias, 2015). Esta relação é explicada através da transmissão intergeracional da violência, que é apoiada na lógica da teoria social, na qual experiências e testemunhas de episódios de abuso ou violência na família de origem durante a infância contribuem para o aumentam do risco de perpetuação de violência no futuro (Gelles, 1997, p. 62).

A violência intergeracional ou transgeracional pode ser ainda explicada através a Teoria Ecológica de Cottrell y Monk (2004), que se baseia na interação estabelecida entre diferentes contextos sociais do individuo desde criança. Para estes investigadores, as estruturas sociais influenciam tanto o individuo como a família, facilitando na maior parte das vezes o aparecimento das situações de violência dos filhos em relação aos pais. Referem ainda alguns fatores geradores de abusos por parte dos filhos em relação aos pais: stress provocado pelo poder aquisitivo e pessoal (financeiro), o isolamento social, a influência social negativa e a falta de apoio institucional (redes formais) e das redes informais da comunidade, bem como, por parte da família (Arouca-Montolío, 2010, pp. 171-172).

O modelo da violência transgeracional veio também incorporar outros fatores geradores de abusos tais como: os valores culturais e sistemas de crenças que aprovam, influenciam e legitimam o uso da violência contra os indivíduos, incluindo, os meios de comunicação social (devido à contínua promoção da violência) e as relações interpessoais baseadas nas relações de poder. Neste tipo de relações assistimos a uma postura de submissão por parte dos progenitores perante as exigências dos filhos, perpetuando a hostilidade e o aparecimento de agressões verbais e físicas.

Assim, segundo Fonseca, Maia, Melo, Rodrigues & Cordeiro (2017), a exposição a violência doméstica é determinante para a transmissão intergeracional deste tipo de comportamentos.

Coln, Jordan & Mercer (2013, citados por Bolze, Schmidt, Böing & Crepaldi, 2017, p. 458), referem que, os conflitos conjugais que têm lugar na presença das crianças podem afetá-las de forma direta, pela própria exposição em si, servindo de modelo de resolução de problemas, ou ainda, de forma indireta, podendo comprometer o relacionamento pais-filhos e gerar mudanças nas práticas parentais, nomeadamente a nível da responsividade emocional e na imposição da disciplina. Considera-se assim, que o conflito conjugal se encontra relacionado a práticas parentais negativas, associadas ao conceito de *spillover* (Erel & Burman, 1995). De acordo com, Hameister, Barbosa & Wagner (2015), esta transposição da qualidade da relação conjugal para a relação entre pais e filhos, tem impacto negativo junto dos filhos, podendo gerar situações stress e hostilidade e levar a mudanças na disponibilidade emocional por parte dos pais (rejeição, hostilidade, falta de responsividade) ou no que diz respeito ao controlo que esses exercem sobre a criança (baixa monitorização, ou ainda aplicação de regras de disciplina severa ou inconsistente).

Ainda nesta lógica, Cui, Durtschi, Donnellan, Lorenz & Conger (2010) concluíram que, os sujeitos que foram expostos a altos níveis de violência na família de origem repetem, posteriormente, essa conduta na sua relação conjugal. Acrescentam ainda que esses indivíduos escolhem como suas parceiras, aquelas que também partilham um padrão de interação idêntico. Outros investigadores (Godbout, Dutton, Lussier, & Sabourin, 2009; Reyes, et al. 2015) também se debruçaram sobre a hipótese da transmissão de violência, demonstrando nos seus estudos que a violência interparental na infância é considerada um fator de risco significativo para a perpetuação da violência conjugal na vida adulta.

6.6. O Modelo Socioecológico

O modelo Socioecológico que deriva da Teoria Ecológica, aliada à perspetiva do ciclo de vida, possibilita uma visão multifatorial acerca dos maus-tratos e violência, uma vez que, enfatiza as causas do problema e as interações entre os fatores relativos ao próprio indivíduo e relaciona-os com o contexto onde o mesmo se encontra inserido. Este modelo abrange a complexidade do problema, dividindo-a em três níveis: o individual, o social e o estrutural (Gil, Santos, Nicolau & Santos, 2015, p. 80). Os fatores determinantes individuais, quer da vítima, quer do agressor, constituem-se como fatores de risco que são moldados pelas condições sociais e pela estrutura social. Este é o modelo de referência proposto pela OMS (2002, p. 13) no “*Relatório Mundial sobre violência e saúde*” e compreende um conjunto de fatores com quatro níveis de influência que se interrelacionam, reforçando-se ou modificando-se mutuamente no comportamento dos indivíduos, podendo contribuir para aumentar ou diminuir o risco de interações violentas.

O modelo ecológico aplicado à violência preconizado pela OMS (2002, p. 13), (**Figura 2**), divide-se nos seguintes níveis de acordo com os fatores que se lhe encontram associados:

- Nível 1 – Fatores individuais: biológicos, psicológicos, éticos, morais, sexo, idade, nível de dependência, histórias de vida, nível de educação, presença de incapacidades/limitações, transtornos psíquicos ou de personalidade, consumos, historial de comportamentos agressivos ou de abusos e maus-tratos, entre outros;
- Nível 2 – Fatores relacionais: a forma como o indivíduo se vincula ou se vinculou, nomeadamente em contextos de relacionamentos mais próximos e íntimos tais como, a família, os amigos, nas relações íntimas, etc.;
- Nível 3 – Fatores relacionados com a comunidade onde se desenrolam as relações de pertença que funcionam e atuam como referência ética e moral. Como exemplos destes sistemas destacam-se o contexto bairro, escola, trabalho, ...;
- Nível 4 – Este nível mais abrangente refere-se à sociedade em si mesma, e inclui as normas e padrões culturais, hábitos e costumes, políticas de saúde, económicas, educativas e sociais, que podem contribuir ou não para fomentar as desigualdades.



Figura 2- Modelo Ecológico da violência- níveis de intervenção nos maus-tratos aos idosos. Adaptado de: World Health Organization Regional Office for European report on preventing elder maltreatment (2011, p. 5).

Por fim de referir que, Santos, Nicolau, Fernandes & Gil (2013) consideram que as características pessoais se encontram associadas às características contextuais, podendo assumir-se como fatores desencadeantes das situações de violência ou não violência.

Capítulo II- Enquadramento do estudo

1. Finalidade e objetivos do estudo

Chegados a este ponto importa conhecer a finalidade do estudo. Assim, e tomando como referência a revisão bibliográfica, podemos afirmar que, o fenómeno do envelhecimento demográfico trouxe consigo grandes mudanças e alguma incapacidade na adaptação das sociedades a esta nova realidade, dadas as especificidades da condição biopsicossocial dos idosos.

A problemática da violência contra a pessoa idosa é um dos problemas que tem vindo a ganhar visibilidade neste contexto, dadas as consequências que comporta para a saúde e qualidade de vida das pessoas idosas, passando também a estar nas agendas de organismos nacionais e internacionais como tema preponderante. As mulheres idosas constituem-se como as principais vítimas destes comportamentos abusivos na atualidade.

Independentemente da diferenciação de conceitos que definem a violência, os abusos encontram-se tipificados de acordo com Novo, Prada, Fernandes & Cerqueira (2016) em abuso físico, abuso psicológico, negligência, abuso financeiro e sexual, ocorrendo estes sempre numa relação interpessoal de confiança. Verificou-se também, e de acordo com Burnight & Mosqueda (2011, citados por Gil, Santos, Nicolau & Santos (2015) que, os fatores de risco que estão na origem dos maus-tratos podem ser enquadrados em quatro abordagens específicas: interpessoal, intrapessoal e multissistémica, devendo estes ser sempre tidos em conta na sua interação conjunta.

Os traços de personalidade do agressor são também fatores referenciados nos estudos de prevalência, sendo que, estes referem como determinantes associados aos agressores a proximidade relacional com a vítima, a situação socioeconómica dos mesmos, problemas associados ao abuso de álcool e drogas, saúde mental, e problemas associados ao jogo. São ainda destacados nesses estudos, outros fatores tais como, o ciclo de violência intergeracional, o isolamento social e a pouca importância atribuída pela vizinhança à violência em geral (APAV, 2010; Ramos, 2012).

Relativamente às características das vítimas, as evidências empíricas dos estudos ABUEL e AVOW, mostram a existência de assimetrias de género no que concerne à prevalência de abusos na população idosa portuguesa, indo ao encontro dos estudos internacionais, que demonstram que as mulheres são as principais vítimas destes abusos, sendo a faixa etária mais representativa entre os 60 e os 69 anos. Prevalece a violência física seguida da violência psicológica e a financeira sendo as restantes menos representativas. Salientam-se como fatores de risco, a polivitimização, sobretudo em casos de coabitação, existência de relação conflituosa com o agressor prévia à ocorrência, e pouco apoio da rede informal. Estes estudos revelaram ainda

que, os principais agressores são os seus parceiros ou ex-parceiros e os descendentes do sexo masculino. De notar ainda que, as situações de abuso não são denunciadas pela maior parte das vítimas por motivos de receio de represálias, a proteção do agressor, mas também dada a importância que a família se reveste para a vítima. Outros fatores são ainda apontados como é o caso de a vítima ser casada, estar próximo da idade da reforma, possuir uma saúde física e mental mais baixa, e adotar recorrentemente a desistência comportamental (*behavior disengagement*) como estratégia de *coping*.

Relativamente às consequências dos abusos perpetrados sobre os idosos os estudos referem sobretudo a incidência da depressão e o stress pós-traumático, atitudes de culpa, baixa autoestima, isolamento social, mas também se encontram presentes algumas manifestações clínicas mais visíveis e mais facilmente detetáveis pelos profissionais de saúde.

Foi ainda possível refletir acerca do percurso legislativo e normativo a nível da violência contra os idosos e verificou-se que, de acordo os pressupostos presentes na situação denunciada e da consequente qualificação do crime pelo Ministério Público que a violência contra pessoas idosas é classificada como crime semipúblico e crime público.

O crime semipúblico, comporta de acordo com a legislação neste âmbito, os comportamentos em contexto intrafamiliar como, ofensas à integridade física simples, grave, qualificada e carece de apresentação obrigatória da queixa por parte da vítima ou do seu representante legal, no prazo máximo de 6 meses, podendo haver lugar à desistência do procedimento criminal, não sendo ainda atribuído o Estatuto de Vítima (Lei n.º 130/2015, de 04 de setembro).

Por sua vez, a violência é classificada como crime público, quando enquadrada no contexto de Violência Doméstica dependendo dos pressupostos presentes na situação denunciada, nomeadamente: a reiteração ou não da prática do crime, coabitação entre vítima e agressor, dependência económica da vítima, e tendo em conta as consequências biopsicossociais da violência. Contudo, o direito interno, não dispõe de um diploma específico em matéria da violência contra as mulheres idosas, devendo os abusos ser enquadrados no crime de violência doméstica (art.152º), maus-tratos (art.º 152º-A), coação sexual (art.º 163º) ou violação (art.º 164º), crimes de homicídio (art.º 131º) ou homicídio qualificado [alíneas a) e principalmente na alínea b) do n.º 2 do art.º 132º presentes no Código Penal.

No que concerne aos modelos de análise para a compreensão da violência sobre os idosos, de referir que esta é justificada pela interação dos aspetos individuais, sociais, e situacionais, que por sua vez são influenciados pelas condições estruturais. Os investigadores destacam sobretudo como principais modelos da violência, a veiculação de estereótipos negativos relacionados com a idade – Idadismo, os estereótipos de género, e a transgeracionalidade da violência. Os estereótipos negativos associados à idade e ao género, potenciam a violência e a discriminação,

sobretudo quando associados às desigualdades de género. De acordo com vários investigadores, as crenças conservadoras acerca papéis do homem e da mulher e da violência conjugal, levam a que a violência seja aceitável e justificável em função dos comportamentos das mulheres, que são culpabilizadas pela violência sofrida, e estas justificam a desculpabilização dos comportamentos através da necessidade de preservação da privacidade, mas igualmente com causas externas e fora do seu controlo como por exemplo, o consumo de álcool ou situação de pobreza.

Foi possível perceber pela literatura de suporte ao estudo que, Segundo Dias (2004) a relação abusiva é mantida devido à pressão das normas sociais, culturais e religiosas, das quais as mulheres não se conseguem libertar, mas também pelo facto de considerarem a saída da relação como um fracasso pessoal e por desconhecerem as respostas legais e sociais existentes.

Ainda de acordo com a revisão bibliográfica, foi possível compreender que, a intergeracionalidade da violência pode ser igualmente considerada um fator determinante para o risco da prevalência de comportamentos abusivos. Os estudos referem que, a exposição a episódios de violência durante a infância no contexto familiar de origem, aumenta o risco de perpetuação da violência no futuro (Gelles, 1997). Investigadores como Cui, Durtschi, Donellan Lorenz & Conger (2010) referem inclusivamente que, indivíduos que foram expostos a elevados níveis de violência no contexto familiar de origem, tendencialmente repetem essa conduta na relação conjugal, escolhendo igualmente como parceiras, mulheres que também partilham um padrão idêntico de interação.

Por fim e como reflexão final sobre a bibliografia de referência para a realização do estudo salienta-se que, o modelo socioecológico é aquele que melhor abrange a explicação da complexidade da violência sobre as mulheres idosas e preconiza que, a violência resulta da interação de uma variedade de fatores contextuais: a vertente individual, relacional, comunitária e estrutural, sendo que, todas estas se interrelacionam entre si para justificar a problemática e não é possível a sua dissociação (OMS, 2002; Santos, Nicolau, Fernandes & Gil, 2013).

Face ao exposto, e tendo em conta a especificidade do Concelho de Castelo Branco, considera-se pertinente a realização de um estudo que englobe os seguintes objetivos:

- Conhecer as representações sociais que mulheres idosas, que vivem em contexto rural, têm acerca dos comportamentos abusivos em contexto familiar e nas relações de intimidade;
- Conhecer os estereótipos ligados aos papéis de género de mulheres idosas de contextos rurais e perceber a sua relação com a violência doméstica;
- Identificar se no contexto pessoal/familiar já foram vítimas de maus-tratos ou presenciaram situações de violência;
- Avaliar a existência de apoio/pedidos de ajuda às redes informais e/ou formais.

2. Metodologia da Investigação

De acordo com a perspetiva de Quivy & Campenhoudt (2005):

“Uma investigação é por definição sempre algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, desvios e incertezas que isso implica. (...) Por conseguinte, o investigador deve obrigar-se a escolher rapidamente um primeiro fio condutor tão claro quanto possível, de forma que o seu trabalho possa iniciar-se sem demora e estruturar-se com coerência” (p.31).

Neste sentido, após um trabalho intensivo de seleção e organização das leituras acerca da problemática escolhida para o estudo, e após traçado o fio condutor da investigação, optou-se por um estudo qualitativo, exploratório e interpretativo.

A investigação qualitativa permite, segundo Fortin (2003, p. 22), que o investigador observe, descreva, interprete e aprecie o meio e os fenómenos tal como se apresentam, sem procurar controlá-los. Por sua vez e de acordo com Vilelas (2009, p.148) “(...) os estudos de caso são um tipo de estudos muito particulares e que, para serem eficientes terão de ter o seu objeto bem definido, devendo o caso escolhido ser representativo do problema ou fenómeno a estudar”.

2.1. Caraterização da Amostra

A amostra foi selecionada por conveniência, tendo-se recorrido a pessoas conhecidas que indicaram familiares que poderiam ser entrevistadas e correspondessem aos critérios definidos. A amostra teve como critérios de inclusão, mulheres com idades iguais ou superiores a 70 anos, residentes no meio rural no concelho de Castelo Branco, que vivessem no seu domicílio (não se encontrassem institucionalizadas), que possuíssem boa audição e não tivessem as funções cognitivas comprometidas, num total de 10 participantes. A seleção da amostra foi ao encontro do preconizado por Gauthier (2003), que salienta que:

“(...) Os respondentes são escolhidos, porque eles são reputados possuírem uma competência pertinente relativamente ao objeto de estudo e são capazes de a verbalizar (...) Os critérios subjacentes à amostragem são, bem entendido, ligados ao quadro conceptual do estudo e é importante coloca-los porque eles permitem o estabelecimento de um grupo possuindo certas caraterísticas comuns” (p. 290).

Outra das questões que se coloca a nível da investigação, tem a ver com a seleção do número de elementos da amostra. Neste sentido, Kvale (1996), Glaser & Strauss (1967) e Savoie-Zajc (1996) referem que o importante nestas questões é que o investigador pode selecionar um número indivíduos, de 10 a 15 respondentes, sendo este número estabelecido logo de início. No entanto, este número é passível de ser alterado, através do aumento ou redução durante o processo de investigação, tendo em conta o grau de saturação atingido (isto é, quando a junção de novos dados já não acrescenta nada à compreensão do se quer investigar (Gauthier, 2003, pp. 290-291).

Neste sentido, foram seleccionadas um grupo de 10 mulheres com idades a partir dos 70 anos de idade.

2.2. Instrumentos de recolha de dados

Os estudos realizados em ciências sociais, podem utilizar várias técnicas, dependendo a seleção dos instrumentos de recolha de dados do problema, dos objetivos do estudo, do nível de análise (exploratório, descritivo ou explicativo), das variáveis ou do foco de interesse pessoal do investigador (Ghiglione e Matalon, 1993, pp. 62-65). Todavia, uma dada natureza de fenómenos pode ser estudada com uma técnica, mas também com outras, ou com várias conjuntamente (Dias, 2009, pp. 126-128). Assim, a técnica preferencial de recolha de dados do presente estudo foi a entrevista semi-estruturada.

A **entrevista** é um método de recolha de dados que permite que o interlocutor exprima as suas vivências ou perceções acerca dos problemas, sendo que frequentemente é a primeira vez que o/a entrevistado/a é levado a exprimir-se acerca de determinado assunto, tendo para esse efeito que refletir, reunir ideias, colocá-las em ordem, e encontrar palavras (mais ou menos adequadas), para exprimir o seu ponto de vista (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 80). A justificativa para a escolha deste instrumento de recolha de dados centra-se no facto de este permitir entrar e conhecer com maior profundidade o mundo social, construído de significados, símbolos e emoções, nomeadamente as histórias, vivências e contextos onde se inserem os participantes. Por outro lado, a entrevista pressupõe sempre uma conversação intencional e orientada, baseada na interação com a finalidade de recolher informações junto do próprio sujeito. Este relatará a forma como percebe e interpreta a sua realidade, permitindo ainda ao investigador explorar, descrever e compreender as suas reações e representações sociais, indo ao encontro dos objetivos previstos no estudo. Sendo o estudo de carácter exploratório, as entrevistas às mulheres idosas foram semiestruturadas, isto é, seguiram um guião orientador, mas é concedida liberdade ao entrevistador para ordenar e formular tópicos e perguntas ao longo da mesma, acabando por permitir alguma flexibilidade (Moreira, 2007, p.204).

De acordo com Gauthier (2003):

“A entrevista semi-dirigida consiste na interacção verbal animada de forma flexível pelo investigador. Este deixar-se-á guiar pelo fluxo da entrevista com o objetivo de abordar de um modo que se assemelha a uma conversa, os termos gerais sobre os quais deseja ouvir o respondente, permitindo assim uma compreensão rica do fenómeno estudado” (p. 282).

O Guião da Entrevista (**Apêndice B**), foi construído pela aluna com base na literatura científica consultada e de acordo com os objetivos do estudo. Gauthier refere que o guião da entrevista ou esquema da entrevista “(...) é um guia no qual o investigador identifica os temas, os subtemas e as questões de orientação a fim de

escolher dados pertinentes para a investigação. O estabelecimento dos temas e subtemas assentam numa estrutura teórica” (Gauthier, 2003, p. 289).

De referir ainda que, as questões constituintes do guião (**Apêndice B**) foram testadas e adaptadas a partir da realização das três entrevistas teste, que não constam da amostra, por forma a identificar possíveis problemas de compreensão das questões, a sua adequabilidade e pertinência, permitindo a validação do guião. Permitiu ainda verificar se o guião conseguia dar resposta aos objetivos propostos para o estudo. Neste sentido, foram identificadas algumas questões de difícil compreensão, tendo estas sido posteriormente reformuladas ou retiradas do guião. O número de questões também foi reduzido em relação ao guião inicial, tendo passado de 57 questões para 47 questões. A linguagem foi também reformulada nalgumas questões tendo estas sido adaptadas às características do grupo a estudar.

2.3. Procedimentos

Para a recolha de material para este estudo, foi efetuado um contato preliminar com as entrevistadas por forma a apresentar a investigadora, a investigação e os objetivos da mesma, procurando também obter informações factuais e contextuais do seu meio de vida com vista a construir o guião da entrevista, adequando-o às pessoas a entrevistar e adaptando o vocabulário a utilizar. Segundo Gauthier (2003, p. 291) este momento permite organizar ideias, opiniões e sentimentos a propósito do objeto da entrevista e criar condições para a marcação do local, dia e hora e prever como deve ser conduzida a entrevista.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de agosto e dezembro de 2019. O local escolhido para a realização das mesmas foi a residência pessoal de cada uma das mulheres que integraram a amostra, por considerar-se ser um ambiente mais tranquilo e reservado, facilitador de uma maior naturalidade e abertura com a entrevistadora.

Não foi definida limitação de tempo para a realização das entrevistas e, de acordo com as características das entrevistas semiestruturadas, no decorrer das mesmas, certas questões e respostas levaram ao surgimento de novas questões, consideradas pertinentes para obter informações adicionais, bem como a clarificação e aprofundamento de outras questões, ideias e temas. Relativamente à hora para sua realização, teve-se em conta a disponibilidade pessoal e familiar das entrevistadas, dado que, algumas mulheres continuam a ser o suporte da família em algumas tarefas do dia-a-dia, designadamente no apoio aos netos em idade escolar.

A entrevista foi precedida dos procedimentos éticos em investigação, nomeadamente o consentimento informado e a autorização (**Apêndice A**) para gravação da mesma, para além de prever a garantia da confidencialidade das respostas, dada a sensibilidade das questões que iriam ser colocadas às participantes no estudo. Deste modo, foi respeitado o direito à vida privada, que consiste no direito que o indivíduo tem de ele próprio definir quando e em que condições os seus

comportamentos, atitudes e crenças podem ser tornados públicos e em que moldes, podendo revelar o que quiser sobre a sua pessoa, mesmo sendo detalhes mais íntimos (Gauthier, 2003, p. 242). Ainda segundo o mesmo autor (2003, p. 243), o consentimento informado permite que seja fornecida à pessoa o maior número de informação sobre o que irá ser solicitado e para que fins será utilizada essa mesma informação, permitindo aos entrevistados/as compreender o intuito da entrevista e de que forma podem fornecer informação mais concisa e pertinente sobre o que se pretende estudar.

Todas as entrevistadas manifestaram o seu consentimento para a realização da entrevista, assim como, para a gravação da mesma.

De salientar que, em alguns casos, no início da conversação, se notou por parte de algumas entrevistadas alguma relutância e pouco à vontade para falar sobre alguns temas, no entanto, essa atitude foi rapidamente ultrapassada através da utilização de questões quebra-gelo por forma a criar uma atmosfera de cordialidade e simpatia.

2.4. Tratamento de dados

Uma análise bem estruturada do trabalho realizado é fulcral a uma boa investigação. Assim sendo, e porque o texto reproduz fielmente o discurso registado, assim como, as suas repetições, os seus eventuais erros de linguagem, as pausas, os suspiros, silêncios, etc. é fulcral que a transcrição do texto seja efetuada o mais fielmente possível (Poirier, Valladon & Raybaut, 1995, p. 54).

Após a recolha dos dados procedeu-se à organização dos mesmos através da análise de conteúdo, permitindo a categorização e a organização da informação relevante para a investigação.

A análise de conteúdo é um trabalho minucioso e exaustivo de análise do material que foi recolhido durante as entrevistas. Poirier, Valladon & Raybaut (1995, p. 101) consideram que, esta consiste na apresentação de “um instrumento que permita efectuar uma série de operações destinadas à interpretação de um «corpus» abundante, multiforme e recheado de informações. O problema reside precisamente em dar um sentido a este conjunto de factos sem reduzir a riqueza das significações”.

É assim necessário por parte do investigador adotar uma série de procedimentos de análise de forma a retirar o máximo de informação possível que vá ao encontro dos objetivos do que se pretende estudar. Esses procedimentos de análise devem seguir uma metodologia que vá do geral para o particular. Esse aspeto só pode ser conseguido através do processo de categorização, devendo criar-se uma grelha de análise categorial de todos os aspetos de realce para a investigação (Poirier, Valladon & Raybaut, 1995, pp. 112).

A categorização permite uma análise aprofundada das relações que cada tema pode ter com outros, e também estabelecer relações, apreender a especificidade e atribuir significação ao conteúdo da entrevista.

De realçar ainda que, segundo os autores anteriormente referidos, a procura de significados contidos nas entrevistas deve revestir-se de diversas formas. Esta deve ser orientada para o contexto histórico, sociológico e cultural e não só centrar-se na personalidade do narrador permitindo uma leitura plural da realidade. É assim fulcral situar o indivíduo no seu contexto pessoal, mas também social, temporal e histórico de forma a perceber o todo da realidade e os fenómenos sociais que se querem estudar.

Foram assim pré-estabelecidos os seguintes temas de análise:

1. Vivência no contexto familiar de origem;
2. Escola e vida profissional;
3. Namoro, casamento e sexualidade;
4. Conhecimento acerca da violência doméstica e formas de apoio às vítimas na atualidade.

Através das questões do guião, foram também identificadas as categorias e subcategorias de análise. Posteriormente foi realizada a transcrição integral das entrevistas, para tabelas em formato Excel identificando os domínios/blocos temáticos, as categorias e as subcategorias de análise (**Apêndice D**) e foi efetuada a transcrição dos discursos das entrevistadas (**Apêndice E**). Esta codificação permitiu a transformação dos dados, que sofreu consequentemente vários reajustes e aperfeiçoamentos, na tentativa de encontrar um melhor rumo para o conhecimento sobre a temática em estudo.

3. Apresentação e análise dos dados

Este ponto tem como objetivo fundamental apresentar os dados recolhidos, para posterior análise e comparação com a revisão bibliográfica e tendo em conta os objetivos traçados para este estudo.

Assim e relativamente às características da amostra, e como se pode observar no **(Apêndice C)** as faixas etárias das entrevistadas encontram-se situadas entre os 73 e os 81 anos de idade e as mesmas pertencem sobretudo à freguesia de Sarzedas, que possui o maior número de aldeias no concelho de Castelo Branco.

Relativamente à escolaridade destaca-se a prevalência do 4º ano de Escolaridade, seguido da frequência do Antigo Magistério Primário, (salienta-se que nos anos 80 do Séc. XX, as escolas do Magistério Primário foram substituídas por Escolas Superiores de Educação e foram enquadradas no Ensino Superior Politécnico, permitindo aos Professores do Ensino Primário uma formação superior, primeiro ao nível do Bacharelato, mais tarde, ao nível da Licenciatura) e uma entrevistada que possui o antigo Curso Complementar dos Liceus, antigo 7.º Ano Liceal e que corresponde ao 11.º Ano de Escolaridade.

No que diz respeito ao Estado Civil prevalecem as entrevistadas casadas (no total de 6), seguidas de 4 entrevistadas viúvas. Relativamente ao n.º de filhos/as, de referir que todas tiveram pelo menos 1 filho ou filha, sendo os rapazes 14 e as raparigas 8.

No que se refere à profissão e/ ou ocupação ao longo da vida, antes da reforma, destaca-se a prevalência das trabalhadoras rurais/domésticas, seguida de 2 professoras do Ensino primário e uma Secretária/Administrativa. No entanto, de salientar que todas as entrevistadas conjugaram ao longo da vida as suas profissões com a ocupação da vida doméstica.

Seguidamente faremos a apresentação dos discursos recolhidos junto das entrevistadas.

3.1. Tema 1 - Vivência no contexto familiar de origem: Dinâmica e estrutura familiar

3.1.1. Subcategoria - Condições de vida na infância e juventude

No que diz respeito às condições de vida na infância e juventude, apenas uma das entrevistadas considera ter tido uma infância e juventude feliz e da qual ainda possui boas memórias. As restantes entrevistadas, referiram que, tiveram uma infância e juventude muito difíceis, em resultado da época em que viveram, nomeadamente pelo facto de terem vivido na fase da Segunda Guerra Mundial, com todas as carências e consequências que esta implicou. Outra dimensão a que fazem menção, é o facto da maioria das famílias serem numerosas e viverem numa situação de pobreza generalizada. Algumas das mulheres entrevistadas referem, no entanto que, apesar de terem passado por inúmeras restrições e carências, geralmente as famílias produziam

os bens alimentares para sua autossuficiência como os produtos agrícolas (batatas, feijão, milho, trigo, ...), criavam animais de (cabras, galinhas, patos e coelhos) e produziam azeite e vinho, entre outros.

Quase todas as participantes salientam que, começaram a trabalhar muito jovens, contribuindo todos os filhos/as como força de trabalho para o sustento da família. Eram-lhes atribuídas tarefas no campo, guardando os rebanhos da família antes de ir para a escola ou após a saída da mesma, tendo que, ajudavam igualmente as mães nas tarefas domésticas. Algumas entrevistadas relataram ainda que tiveram que deixar a aldeia e a família ainda muito jovens, para poderem ajudar no sustento da família trabalhando para outrem.

De acordo com quase todas as entrevistadas, as famílias eram muito numerosas na altura sobretudo nas zonas rurais, sendo muito comum as mesmas terem quatro, cinco e seis filhos, havendo casos em que este número chegava aos oito filhos por casal, aumentando assim também as dificuldades no sustento das famílias.

Estas vivências da infância e juventude encontram-se patentes nos seguintes discursos:

- *"Eu não posso dizer que era uma vida muito má porque o meu pai era da agricultura...muita gente queixa-se que passava mal que era um tempo difícil, porque eu nasci andava a 2ª Guerra Mundial...e então passaram mal...mas como o meu pai era agricultor, nessa altura não se chamavam agricultores, eram «Ganhões»...na nossa casa felizmente não faltava pão, vinho azeite, batatas feijão, tudo o que era de comer ao fim de um ano, um porquinho ou dois, galinhas, coelhos, não faltava lá nada (...) Mas ouvia dizer a munta munta gente, ouvia...que passaram fome".*
- *"Um bocado difícil...de pequenas tinha que se trabalhar...Eu já peneirava a farinha que moíam os moinhos da ribeira pra fazer o pão, depois amassar a farinha de milho pra broa e isso tudo (...) Antes de ir pra escola ... já ia acartar água pra dar comer aos porcos que os meus pais criavam pra vender pelo menos um e o outro criava-se pra comer em casa".*
- *"A vida antigamente era bastante difícil...os meus pais tinham 8 filhos e foi assim um bocado difícil tinham de trabalhar muito para conseguirmos viver..."*
- *"Tínhamos algumas dificuldades pra comprar roupa, calçado e até a comida, era difícil e em casa não havia assim grandes coisas pra alimentação era o que se tinha e o que se criava, o porquito, as galinhas, tínhamos a horta, umas ovelhinhas e umas cabrinhas e fazíamos os queijinhos também".*

3.1.2. Subcategoria - Responsabilidades na gestão da casa e na educação dos filhos

Relativamente a esta dimensão a resposta foi unânime, referindo quase todas as entrevistadas, que o principal provedor de recursos na família era o pai. Todas

mencionam que o pai trabalhava fora de casa, sobretudo na agricultura, trabalhando também noutras profissões assalariadas como, o transporte de mercearias, polícias e um operário fabril.

As entrevistadas no geral, referem que, as mães eram domésticas, dedicando-se às tarefas da casa, ao cuidado dos filhos, a trabalhar nas hortas, sendo consideradas, pelas mesmas, tarefas de apoio ao sustento da casa. Quando os homens não conseguiam prover o sustento da casa por doença ou morte, por exemplo, então esse papel era assumido pela mulher, destacando-se o caso de uma entrevistada que refere que a mãe era vendedora de peixe.

Outra situação a referir é que os filhos, sobretudo os rapazes mais velhos, assumiam até ao casamento também um papel fulcral na provisão de recursos financeiros e de sustento à família. Às raparigas mais velhas, cabia o papel de cuidadoras, apoiando as mães nas tarefas da casa, ajudando a cuidar dos irmãos mais novos, e também no trabalho agrícola, tratando das hortas da família, ou ainda, trabalhando na apanha da azeitona. Destaca-se ainda, as situações em que vão “servir” para casa de pessoas mais abastadas, saindo das aldeias. Outra situação já referida, é o facto dos mais novos desde muito cedo terem como principal tarefa, guardar os rebanhos de cabras.

Como exemplos de Unidades de Conteúdo que comprovam estes discursos podemos destacar os seguintes:

- *"As raparigas foram a servir também...normalmente em Castelo Branco (...)"*
- *"Os meus irmãos começaram também cedo a trabalhar (...)."*
- *"A minha mãe é que se ocupava e fazia as tarefas da casa, fazia a comida, tratava da roupa dos filhos e também ia pra fora pro campo a ajudar o marido a trabalhar".*
- *"A gente em casa tratava da vida de casa, mas aprendia a fazer de tudo, aprendia a bordar, a fazer renda ...a fazer roupas, tudo...aprendíamos a fazer tudo, era uma mulher perfeita."*
- *"Primêro era só o mê pai mas depois c'ando os mês irmãos saíram da escola foram pra uma fábrica e antigamente...já c'ando o meu filho começou a trabalhar o dinheiro era pra ele...mas naquela altura não. dava-se aos pais".*
- *"Eu era ainda munto novinha, eu tinha 7 anos quando comecei a trabalhar pra ajudar em casa e também ia guardar as cabrinhas quando saía da escola".*
- *" Tudo trabalhava pro monte (...) Era todos a trabalhar no campo, lavravam-se as terras...semeava-se milho...semeava-se pão...Tínhamos uns bois...um rabanho de cabras (...) uns guardavam as cabras...outros andavam a lavrar com os bois (...) e a gente assim arranjava a vida".*
- *"Era os mais velhos que tomavam conta dos irmãos mais novos (...) A minha mãe ia descansada para a horta e dizia-lhe dás-lhe o biberão às tantas horas e ele era muito cumpridor...ele não sabia ver bem as horas e ia perguntar à*

vizinha (...) a minha mãe deixava sempre o recado lá à vizinha do lado (...) Olha vai sempre reparando, se ele toma bem conta da menina e assim (...)"

3.1.3. Subcategoria - Relação hierárquica entre os progenitores

Nesta Subcategoria pretendeu-se aferir como eram definidos os papéis entre o casal e as relações de poder entre os dois.

As respostas dadas revelam que, quase todas as entrevistadas consideram que os progenitores tinham uma boa relação. No entanto, algumas referenciam que, se recordam de algumas situações de conflito e zangas entre ambos os pais, em que vincadamente existiam assimetrias de poder e controlo eram aceites pelas mães, face à dominância masculina e que geravam desigualdades de género na relação. Uma das entrevistadas destaca que, como era o homem que ganhava para a família, havia maior poder na relação por parte do mesmo. Consideram ainda que, eram habituais as discussões entre o casal desvalorizando as situações de conflito e considerando que era perfeitamente normal haver a submissão da mulher perante o marido. Os discursos das entrevistadas revelam ainda que, muitas das discussões tinham lugar em resultado do consumo excessivo de álcool.

Relativamente à educação dos filhos, as participantes referem que, esta era assumida sobretudo pelas mães, sendo estas percecionadas como as principais cuidadoras da família, dado que geralmente passavam mais tempo com os filhos. No entanto, as decisões principais relativas à educação dos filhos eram tomadas pela figura paterna, revelando-se neste contexto os padrões históricos associados às diferenças a nível dos papéis de género.

No geral, as entrevistadas referem que os pais faziam uso de uma disciplina rígida, e que quase sempre as regras e limites eram impostos através de castigos físicos, sendo que, contudo, alguns destes castigos eram considerados muito severos. De acordo com as representações sociais sobre a educação dos filhos, a maioria das entrevistadas considerou que, os castigos eram merecidos e aceitáveis, pois faziam parte da educação da época. No entanto, algumas mencionam que, os pais se excediam nos castigos físicos, considerando-os cruéis por fazerem uso de práticas disciplinares desajustadas às situações/comportamentos que lhes davam origem.

Como exemplos de Unidades de Conteúdo que comprovam estes discursos podemos destacar os seguintes:

- *"Bem...isso o meu pai quando estava sério, vá, quando não bebia e a minha mãe também, mas principalmente ele, que ele é que era como é digo «o posso, quero e mando» O meu pai era um homem sério, muito sério, quando bebia é que era mau, era mesmo mau, mas era um homem sério e muito honesto..."*
- *"Ah sim...sim o meu pai era assim um bocado quando estava c'os copos...era assim...mas bater e assim não (...) Mas ralhar e chamar nomes feios e assim sim...mas era só quando tava c'os copos."*

- *"Lembro-me de muita exaltação entre os meus pais e também do medo por parte da minha mãe em relação ao meu pai...ela tinha muito, muito medo dele"*
- *"Davam, os meus pais davam-se bem (...) Lá discutiam como todos os casais claro...«vida que não é ralhada não é governada» (...) "A última palavra era dele."*
- *"Olhe deixe-me lá ver bem...acho que aquilo não havia assim uma posição, mas geralmente era o homem que impunha (...) era porque era ele que ganhava, ele é que tinha o direito de tudo (...) era isso (...) embora na minha casa não fosse muito visível assim, mas era geralmente o homem que fazia isso."*

Como unidades de conteúdo relativamente ao estabelecimento de regras e limites na educação dos filhos, podemos salientar as seguintes frases:

- *"O meu pai era mais duro (...) eu era a mais castigada porque eu era muito reguila."*
- *"O mê pai era um bocadinho severo...eu fui a pior...por ser a mais velha ou por ser uma rapariga"*
- *"O mê pai queria tudo na linha reta...sempre!"*
- *"Eram os dois que impunham as regras."*
- *"Eles não castigavam, davam-nos uma chapada na cara ou um pontapé ou assim."*
- *"Era mais o mê pai, o mê pai também era austero e às vezes até bebia uns copitos... e a'cando bebia uns copitos era munto mau."*
- *"Os nossos castigos eram mais assim de boca. Em pequenos era capaz de levarmos umas palmadas...eu acho que a minha mãe nunca me bateu...mas ralhava bastante quando fazia asneiras."*
- *"Ele não nos castigava, batia-nos...só que a gente tinha sempre medo e portava-se sempre bem...tínhamos medo...muito medo."*
- *"O meu pai é que era assim mais sério, mas a gente só de olhar pra ele tínhamos muito respeito."*
- *"Mas era assim...ele exaltava-se se a gente se calava...eu fugia quando o via exaltado, eu fugia-lhe, quando voltava já não era nada com ele (...) Se a gente se deixasse apanhar ... Ora batia-nos com a correia (...) Tirava o cinto e zás!"*
- *"Eu não tive castigos...eles metiam-me susto...se não fazes isto levas uma tarefa...uma sova...e então as vezes davam assim umas nalgadas, puxavam as orelhas."*
- *"Dizia a gente assim: doi mai o ralhar do pai do que o bater da mãe."*

3.1.4. Subcategoria - Percepção sobre as diferenças de género na educação dos filhos

Relativamente a esta subcategoria, as entrevistadas foram indagadas sobre se consideravam que havia diferenciação na educação entre rapazes e raparigas há época. Todas as entrevistadas referiram que sim, e que essas eram muito visíveis no quotidiano. As mesmas falam sobretudo na maior liberdade que existia em relação aos rapazes. Uma das participantes revela inclusivamente que o pai tinha preferências pelo filho homem, pois havia a ideia que eram mais úteis como força de trabalho na família. De acordo com as percepções das entrevistadas, a educação era diferenciada desde muito jovens, sendo as meninas preparadas pela família para aquela que seria a sua função de acordo com as representações sociais do papel da mulher na sociedade. Eram-lhes transmitidas as habilidades e competências necessárias, para assumir os futuros papéis de género de acordo o que era expectável à sua condição. As brincadeiras das meninas espelhavam essas diferenças de educação e estas assumiam desde muito novas as tarefas da casa, contribuindo para um ideal de rapariga casadoira e “dona de casa perfeita”. Aos rapazes essas questões nem se colocavam, sendo que, não eram acostumados a participar nas tarefas da casa.

Uma das entrevistadas menciona mais especificamente, que a educação e brincadeiras das meninas eram mais vocacionadas para a assunção do papel de futuras mães e cuidadoras da família.

Contudo, todas as participantes fazem referência a uma educação igualitária a nível dos valores transmitidos, sendo estes iguais para ambos os géneros, sobretudo no que diz respeito aos papéis sociais.

As unidades de conteúdo seguintes são exemplificativas dos discursos das entrevistadas:

- *" As nossas brincadeiras eram com bonecas ...eu lembro-me de brincar com as amigas com as bonecas e às casinhas ...éramos preparadas para esse fim."*
- *"Da realidade que eu conhecia, os rapazes não eram preparados para a vida de casa como as raparigas (...) eu aos 14 anos já fazia tudo em casa (...) hoje é diferente...muito diferente."*
- *"Tiveram, como rapazes sim, o meu pai até incentivava, pra...que eles tinham que se divertir, tinham que aproveitar porque depois de casados a vida era diferente e eles tinham que ter mais juízo e portanto incentivava ...comigo não, tinha que ter cuidado comigo, tinha que ter cuidado com os namorados, não podia dar liberdades, nisso sim."*
- *" Olhe as tarefas das raparigas não era como agora, as mães metiam-nas logo na linha a ajudar em casa, a ajudar a mãe a lavar, passar e a fazer de comer e essas coisas todas, que não estudavam, porque as que estudavam iam toda a semana pra fora e não estavam cá...as a gente aprendia a fazer tudo, aprendia-se a bordar , aprendia-se a fazer renda, aprendia-se...porque a gente não saia de casa, não ia pra um café, por aí..."*

- *"Os rapazes, olhe esses tinham mais boa vida porque iam pros cafés e tinham liberdade pra essas coisas todas, por exemplo havia uma festa no Retaxo ou nos Cebolais de Baixo e eles iam e a gente não."*
- *"Acho que era diferente, o rapaz era mais livre e a rapariga era mais resguardada."*
- *"O meu irmão tinha mais liberdade do que nós, a nossa mãe resguardava-nos muito, acho que tinha medo que nos acontecesse alguma coisa de mal."*

3.1.5. Subcategoria - Diferenciação de papéis em função do género em relação aos filhos

No que concerne a esta subcategoria, pretendeu-se entender se havia diferenciação nos comportamentos esperados a nível de género. Denotou-se nos discursos de quase todas as entrevistadas que, havia diferenciação de papéis a nível das raparigas e dos rapazes, encontrando-se estes bem demarcados. Também nos comportamentos esperados pela sociedade em relação ao género, de salientar que, estes se encontravam bem definidos para ambos os géneros. As entrevistadas mencionam que, as jovens deviam sempre ter uma conduta adequada às normas existentes na época, esperando-se destas os comportamentos adequados à sua condição, de filhas, mulheres, esposas ou mães.

Algumas referem que, tinham igual liberdade que os rapazes, mas depois acabam por se contradizer dizendo que, eram mais condicionadas em determinados aspetos como é o caso da liberdade para frequentar espaços públicos ou festas. Nestes casos deviam fazer-se sempre acompanhar pelas mães ou outros membros mais velhos da família.

Outro dos aspetos a realçar, é o caso das diferenças existentes entre os meios rurais e urbanos, ou do litoral e o interior do país. Uma das entrevistadas que viveu em Lisboa, alude a essas mesmas diferenças. Esta narra que, existiam grandes diferenças de mentalidade considerando que nos contextos sociais mais fechados (aldeias) ao exterior havia mais controlo social e as regras e normas de conduta que as raparigas deviam seguir, eram muito mais rígidas e restritivas. No entanto, denotou-se em quase todas as entrevistadas que o controlo social sobre o género feminino era uma realidade presente no quotidiano e considerada essencial como valor na preservação da honra das jovens.

Como unidades de conteúdo que exemplificam estes discursos seleccionámos as seguintes:

- *"Sim, sim, sim nessa altura davam, os rapazes tinham liberdade pra ir pra onde eles queriam e a gente não, nem ao café a gente podia ir"*
- *"Sim...tinham mais liberdade, porque nós tínhamos que andar sempre ali com uma conduta sempre muito certinha (...)"*

- *"O que havia de diferença era que, os rapazes iam-se embora sozinhos e as raparigas tinham que levar a mãe ou uma irmã pra ir a um baile ou pra um lado ou pra outro, pronto... iam sempre acompanhadas e em grupo"*
- *"Muito diferente... eu achava as meninas daqui muito mais contidas, usavam os vestidos mais compridos, usavam menos decotes, achava simplesmente isto um horror, atão quando chegava à aldeia ainda era pior... Era as mulheres todas de mangas compridas, todos com lenços ou chapéus na cabeça ...era um ambiente completamente diferente e as pessoas... as moças da minha idade todas queriam saber coisas, «Ahh, como é que é a tua vida na cidade... como é que é?...»"*
- *"E eu vinha mesmo a Castelo Branco, portanto à cidade, enquanto que eu em Lisboa eu ia sozinha ao café, ia sozinha à mercearia... e mesmo em Castelo Branco quando ia á Pastelaria buscar um bolo, as pessoas ficavam a olhar pra mim, literalmente parvinhas porque é que uma menina toda moderna ia sozinha comprar o bolo á Pastelaria. Pra mim era normal ir sozinha á pastelaria, eu andava a estudar, tinha as minhas colegas de curso e achava aquilo tudo muito atrasado"*
- *"As mulheres hoje têm mais liberdade e não é como era antigamente, antes eram mais submissas"*
- *"Sim as raparigas eram mais controladas pelos pais"*

3.1.6. Subcategoria - Comunicação entre pais e filhos

Nesta vertente pretendeu-se entender como funcionava a comunicação na família, se havia a possibilidade de discussão e partilha de opiniões entre pais e filhos, mas também, aferir que valores eram transmitidos e que comportamentos eram esperados por parte das gerações mais novas em relação às gerações mais velhas.

Quase todas as entrevistadas realçam que os filhos não tinham liberdade de expressão na família. Os assuntos mais importantes tais como, assuntos financeiros, sexualidade, educação e vida dos filhos, problemas familiares e do foro privado do casal, não eram falados à frente dos filhos ficando no âmbito da relação conjugal. Apenas os assuntos relacionados com a divisão de tarefas na família e os aspetos da vida quotidiana a nível de trabalho eram falados à frente dos mesmos. As decisões eram tomadas pelas figuras de autoridade, geralmente o pai e caso este não estivesse presente, pela mãe.

Em relação aos valores que imperavam e eram transmitidos às gerações mais novas, todas as mulheres entrevistadas, referem o valor do respeito pelos mais velhos de toda a comunidade. Algumas mulheres salientam ainda outros valores como, a honestidade, a solidariedade e espírito de união nas famílias e comunidade. Quase todas afirmaram que, estes valores não são valorizados e promovidos na educação das gerações atuais.

Sabemos que à família compete socializar as gerações mais novas e interiorizar os valores e as normas sociais para a formação e desenvolvimento dos seus elementos.

As regras e normas de conduta social que vigoravam durante o período do Estado Novo, ditavam o que era expectável a nível dos comportamentos adequados dos mais jovens, como é o caso da submissão e do respeito sobretudo para com as figuras de autoridade. As famílias tradicionais eram o espelho da sociedade e da ideologia censora que vigorava, refletindo-se também no tipo de comunicação familiar, muitas vezes pouco frequente, clara e aberta, não favorecendo a livre expressão de todos os seus elementos.

Assim na análise das narrativas verifica-se que a generalidade das entrevistadas realçam a falta ou inexistência da liberdade de expressão na família. As decisões eram tomadas pelas figuras de autoridade, geralmente o pai e caso este não estivesse presente, a mãe, não sendo contestadas pelos restantes membros da família.

As unidades de conteúdo seguintes mostram-nos as narrativas acerca destas perceções:

- *" As vezes os filhos cando tinham qualquer coisa a dizer, primeiro diziam á mãe, que não a receavam tanto...primeiro iam contar á mãe e depois diziam á mãe pra dizer ao pai, quando tinham assim qualquer problema (...) e os filhos tinham mais receio de estar a contar as coisas ao pai. Ó depois as mães é transmitiam as informações que eles diziam (...) e ó depois elas é que contavam"*
- *"Antigamente não...antigamente nem falavam determinadas coisas entre eles, nem à frente dos filhos"*
- *" Se acaso a minha mãe tivesse outra ideia, o meu pai dissesse qualquer coisa e a minha mãe dissesse assim ou não ...o meu pai dizia assim «Tu és uma cegueta. ou dizia assim uma coisa qualquer», a ideia dele é que prevalecia"*
- *"Nós não abríamos a boca. Os pais é que sabiam e nós ouvíamos e calávamos"*
- *"Honestidade, o respeito (...). Tínhamos muito respeito por todos, a seriedade, o sermos sérios em tudo, a nossa palavra, não havia, não era preciso assinarmos nada ... até numa venda, numa compra de qualquer coisa, qualquer coisa que fizéssemos, um empréstimo, a palavra era muito importante na nossa altura...era como e fosse um selo branco, não é como agora"*
- *"O poupar...o sabermos poupar, porque antigamente não se podia estragar, que os ordenados eram pequenos...tínhamos que saber poupar, tínhamos que saber aproveitar as coisas que tínhamos e ajudar-nos... a ajuda entra as pessoas era muito importante e na minha família foi sempre muito importante. Nós éramos uma família grande, no entanto, ajudávamo-nos (...) antigamente não se ia ao banco e graças a deus eles organizavam a vidinha deles toda com a ajuda de todos, embora uns mais do que outros"*
- *"(...) em casa dos meus avós com os meus tios, tias, e até com os meus primos mais velhos nós tratávamos todos com a mesma delicadeza, com muito respeito. Éramos incapazes de levantar a voz, essas coisas que se usam agora, antigamente nós não faríamos de maneira nenhuma"*

- *"Olhe a gente agora diz assim: já não se sabe quem é que é o pai e quem é que é a mãe, é tudo tu cá tu lá...antigamente os filhos não chamavam os pais por tu..."*
- *"O mê pai só dizia pra nós «Isto não é nosso, não se leva...não tendes nada que mexer naquilo que não vos pertence, que não é nosso".*

3.2. Tema 2 - Escola e vida profissional: Vivências do percurso escolar e profissional

No que diz respeito ao Tema n.º 2 - "Escola e vida profissional" procurou-se aferir as vivências e perceções que cada uma das entrevistadas tem acerca do percurso escolar e percurso de vida profissional.

Foram colocadas questões relativas aos anos de frequência da escolaridade, razões que levaram ao abandono escolar, separação de géneros na escola e percurso profissional.

3.2.1. Subcategoria - Perceção sobre o percurso escolar

Verificou-se que a maioria das entrevistadas apenas frequentou a escolaridade obrigatória à época (4.ª Classe), sendo que, apenas três destas, conseguiram prosseguir os estudos e ter acesso a uma profissão mais qualificada, dado que pertenciam a famílias com mais meios económicos. Algumas das mulheres que prosseguiram os seus estudos, puderam fazê-lo porque os padrinhos (geralmente pessoas com elevados recursos) assumiram a responsabilidade de custear os mesmos.

Outra das situações verificadas, tem a ver com o fato de algumas entrevistadas terem tido a possibilidade de saírem da aldeia por motivos profissionais dos pais, o que lhes permitiu também aceder a outro tipo de contextos sociais em que a mentalidade era mais aberta e permissiva em relação às raparigas. Esta abertura fez com que tivessem acesso aos estudos, permitindo-lhes ter um percurso profissional diferente, com maior autonomia e independência económica, podendo mais livremente fazer escolhas pessoais e profissionais relevantes para o seu percurso de vida.

De salientar ainda que, na frequência da escola se dava preferência aos rapazes em relação às raparigas pois considerava-se ser mais importante para estes, de forma a poderem ter uma profissão. Por outro lado, os pais não valorizavam muito que as raparigas estudassem, pois predominava a ideia de que estas deveriam ser educadas para casar e constituírem família.

Algumas das entrevistadas mencionam ainda que, as suas irmãs mais velhas não puderam estudar, porque tiveram que assumir funções de cuidadoras da família e contribuir para o sustento da mesma junto com os pais. Quando questionadas se achavam que, teriam tido mais possibilidades de ter uma profissão ou um futuro melhor caso tivessem estudado, quase todas mencionam resignadas que, talvez sim.

Referem por exemplo que, poderiam ter tido percurso de vida diferente, sem tantos sacrifícios, realçando, no entanto, que, na altura o acesso à educação formal por parte das raparigas não era valorizado, dando-se a prevalência a uma educação vocacionada para o casamento e maternidade.

Verificou-se também que as entrevistadas que não tiveram possibilidade de prosseguir os estudos, revelaram alguma tristeza por não terem tido oportunidade de ter construído um percurso profissional tal como as mulheres de hoje, tal como as suas filhas e netas. Salientaram que, este aspeto teria sido fulcral para que conseguirem ser mais autónomas e independentes em relação aos pais, irmãos e maridos já que tiveram que depender dos mesmos. Algumas das entrevistadas narraram ainda com alguma resignação, que naquele tempo tudo funcionava assim, sendo fruto da situação de ditadura que vigorava na altura, e que a mulher tinha que ser submissa e acatar as normas sociais existentes. Consideram que hoje, as suas descendentes têm muita sorte em poder fazer as suas escolhas livremente, coisa impensável no seu tempo de juventude.

Por fim, de realçar que as entrevistadas narram que nem todas as aldeias tinham uma escola o que implicava que as crianças tivessem que se deslocar, percorrendo grandes distâncias por caminhos sem as mínimas condições, muitas vezes agravadas pelas condições climáticas adversas do inverno. As condições dos edifícios também deixavam muito a desejar, funcionando na maior parte das vezes as aulas em casas adaptadas e sem aquecimento. Para além disso numa mesma sala coexistiam vários anos letivos, alunos de várias faixas etárias sob a orientação de um único professor. Estas situações faziam com que a motivação para frequentar a escola diminuísse, culminando na maior parte das vezes no absentismo escolar.

Como exemplos dos discursos das entrevistadas neste âmbito apresentam-se os seguintes:

- *"Nós íamos à Grade...era tudo na mesma sala. Nós íamos daqui pra lá íamos a pé, com frio, não havia carros e o caminho era só lama, não era alcatroado como agora"*
- *" Se houvesse possibilidade talvez não lhe sei dizer, mas talvez fosse o meu irmão se houvesse possibilidade de estudar mais. Sim porque como nós eramos mais novas...eramos mais novas...nós tínhamos tempo de esperar e ele era mais velho e então ele ia na nossa frente"*
- *"Eu tive oportunidade de estudar mais, mas não quis...na altura não quis não. E sabe porquê? Também olhei muito à situação dos meus pais...o meu pai não sabia escrever, não sabia ler...a minha mãe não sabia ler...o meu irmão depois foi-se embora pra Africa do Sul e eu é que era a pessoa que estava mais dentro do assunto. (...) Eu na altura pensava assim...ai coitados...porque eu podia ter sido enfermeira...sempre quis ser enfermeira...era essa a profissão que eu queria..."*

- *"No meu caso tive oportunidade de estudar e formar-me, mas ou ia-se para professora ou nada porque os pais não deixavam ir para outras profissões"*
- *" Antigamente eram mais os rapazes que estudavam, por exemplo a família do meu marido e ele era o mais velho ele começou a estudar aos dez anos...e ele tinha mais três irmãs que já começaram a estudar mais tarde...porquê? Porque os pais também viviam numa aldeia e não tinham meios económicos para por todos numa escola na cidade a pagar pensão...pronto que isso é tudo muito caro...ele como era rapaz veio. As raparigas eram educadas mais para casa"*
- *" Antigamente assim da minha infância faziam o exame da 4ª e saíam...não achavam importante (as raparigas estudarem) a gente era obrigada só até á 4ª classe...e prontos ficávamos fora já"*
- *"A minha irmã mais velha pediu ao meu pai para queria ser enfermeira, mas o meu pai disse-lhe que não (...) porque diz que as mulheres que era pra estarem em casa, a cuidar da casa e dos filhos. Eu pedi a um padrinho meu...a minha professora primária até me queria ela dar os estudos e o meu pai não deixou...pela mesma razão, que as mulheres eram pra estar em casa a tratar do marido e dos filhos"*
- *"(...) Não havia possibilidades (...). Quem podia no fim da 4ª classe...havia quem tinha os filhos a estudar em Castelo Branco, nem havia autocarros como agora há (...). Ai isso tinha de certeza...Eu se tivesse estudado queria ser enfermeira"*
- *"Começava-se a trabalhar cedo e aprendia-se a fazer de tudo porque as meninas eram ensinadas logo de pequeninas a saber fazer tudo em casa... E os rapazes ou trabalhavam no campo ou aprendiam um ofício. Só quem estudava eram os filhos dos ricos."*

No que concerne à separação de géneros na escola, foi referido pelas entrevistadas que existiam escolas mistas (em menor número e geralmente em meios mais pequenos), mas também escolas separadas por género.

A separação de brincadeiras entre meninos e meninas no recreio era um dado patente, identificando-se os jogos e brincadeiras também com essas diferenças. Os discursos apresentados dão-nos uma ideia de como se processava essa separação:

- *"Havia separação nos recreios e nas brincadeiras. (...) Eu andei sempre em escolas femininas, brincava com as meninas. (...) Havia lá também uma escola masculina. No pátio não nos misturávamos muito, era só com as meninas. (...) por exemplo eu estava no recreio de uma escola que ficava no cimo de uma rua do lado direito, a feminina já era do lado esquerdo, por isso eles nem sequer se misturavam, os recreios eram separados" "*
- *"(...) Era separada, só feminina e masculina...era um edifício no meio tinha...era dividido. (...) Os rapazes brincavam na parte de trás e eles entravam na parte de trás...e nós entrávamos pela parte da frente"*

- *"No meu tempo ainda havia separação nas escolas ...não eram unissexo...mas depois acabou por se juntarem todos. No meu tempo havia a escola de rapazes e de raparigas. (...) Sim, quando eu era miúda, quando eu andei na escola era assim no recreio era separado"*
- *"No recreio os meninos brincavam com os meninos e as meninas com as meninas. Eles jogavam á bola, ao pião e as meninas fazíamos rodas e jogávamos ao lenço e assim, a dançar e a cantar. "A escola era todos juntos, só no recreio é que brincávamos separados"*

3.2.2. Subcategoria - Perceção sobre os castigos aplicados na escola

Nesta subcategoria as entrevistadas relataram que tipo de castigos eram aplicados na época. Quase todas mencionam que tiveram uma ou outra situação, em que sofreram castigos físicos ou psicológicos. Estas fazem ainda referencia à austeridade das professoras, e ainda ao fato de alguns castigos aplicados serem bastante traumatizantes. Algumas salientam a necessidade de manter a disciplina na sala de aula, que geralmente tinha turmas mistas e com muitos alunos, tendo os professores que manter a ordem e preservar a sua figura de autoridade, fruto das ideias veiculadas pela ideologia existente.

Salientam ainda a presença dos símbolos nacionais na sala de aula, que refletiam a ideologia "Deus, Pátria e Família".

Como exemplos destas perceções menos positivas relativamente às questões da disciplina na escola destacam-se os seguintes discursos:

- *"Tinham que haver regras estabelecidas, tinha que haver uma certa disciplina o que antigamente não era difícil porque as pessoas convivíamos numa ditadura, as pessoas estavam habituadas a não falar, a não se manifestarem muito e claro... antigamente um padre e os professores eram pessoas muito respeitadas nas aldeias e nos meios mais pequenos ou até nas cidades"*
- *"Ohhh levei muntas reguadas e verdascadas nas nalgas (...) C'uma vara (...) quando a gente não sabia (...) quando a gente ia ao quadro e não sabia (...) chegavam-nos (...) agora já não batem (...) antigamente batiam, batiam aos alunos, batiam bastante ainda"*
- *"Tinha de ser severa porque havia meninos que não, não faziam o que ela mandava, não queriam saber dos estudos, não queriam saber de aprender pronto! E não tinham regras nenhuma em casa porque na escola tudo se portava bem. Eram pra respeitar a professora (...) davam mais respeito...medo não porque ninguém lá faltava na escola, portanto não tinham medo de ser castigados"*
- *"Havia um puxão de orelhas de vez em quando, quando estavam a falar ou a fazer disparates (...) pequenos castigos. Punha-os por exemplo, se levavam erros e não nos emendavam (...) «agora não emendaste em casa vais fazê-los*

10 vezes». A outros dizia assim «agora viras-te pra parede», «Agora estás aí um bocadinho de joelhos», e às vezes era uma reguada. Mas não tinha a menina dos 5 olhos como era hábito na altura"

- *"Tive duas professoras...eram assim assim...c'ando a gente dava muntos erros, cada erro era uma reguada e havia a menina dos 5 olhos e eu era boa pra dar erros...eu não prestava pra nada pros ditados"*
- *"As professoras davam-nos estaladas ou reguadas... era assim (...) A professora punha-nos á beira da mesa e perguntava a tabuada...aqueles que sabiam responder passavam à frente, os que não sabiam ...levavam reguadas"*
- *"Na parede da escola tínhamos um crucifixo ao meio, ao lado estava o Américo Tomás e do outro lado o Salazar. A primeira coisa que começávamos era por agradecer a Deus, rezar e depois começávamos a nossa aula ...era o lema Deus, Pátria e Família"*

3.2.3. Subcategoria - Vivências do Percurso Profissional

Neste campo procurou-se aferir as perceções acerca do percurso profissional das entrevistadas, do trabalho feminino fora do contexto familiar e que implicações tinha esta visão tinha a nível das mentalidades da época. Os discursos destacam que o trabalho fora do lar era uma realidade, sobretudo nos contextos rurais, em que as mulheres trabalhavam no campo para poderem ajudar as famílias.

No geral todas as entrevistadas ajudavam as famílias nos trabalhos agrícolas embora esse trabalho não fosse valorizado tendo mesmo contornos de invisibilidade, dado que, prevalecia a ideia de que a mulher era talhada para cuidar da casa e da família. Contudo as jovens de famílias com mais posses conseguiam prosseguir os estudos e aceder a algumas profissões toleradas pelo regime, nomeadamente as relacionadas com o ensino e o cuidado, por se identificarem mais com as competências no feminino.

Quando se questiona se havia reticências ao facto de as jovens trabalharem fora de casa, sobretudo quando iam para fora do Concelho, as entrevistadas revelam discursos contraditórios, destacando alguns estereótipos associados a este facto. Referem por exemplo, que se considerava que a rapariga se encontrava mais exposta fora do contexto familiar o que se repercutia na integridade e honra da mesma. As narrativas referem igualmente a questão do êxodo rural das aldeias, resultante da falta de trabalho e que segundo estas entrevistadas acabaria por lhes proporcionar melhores condições de vida, para além de uma abertura de horizontes, mentalidades e oportunidades, mantendo estas mulheres, contudo, ainda hoje a ligação à aldeia.

Os seguintes discursos dão-nos uma melhor compreensão das realidades apontadas:

- *"Nos meios mais pequenos não era bem visto as jovens saírem de casa para irem trabalhar fora, deviam ficar com a família, tratar da casa e ter*

filhos...essa era a mentalidade mais fechada da época. Nos meios mais abertos em famílias que tivessem posses e com pessoas mais velhas que tivessem feito os percursos de estudar e trabalhar era mais fácil"

- *"Não se pensava mal pois as raparigas trabalhavam quase todas no campo, na azeitona, na ceifa, iam a apanhar resina, trabalhavam em tudo o que aparecia..."*
- *"Antigamente ou eram professoras porque os pais não as deixavam ir para outras coisas, era isso porque estávamos aqui dentro de casa a estudar...eu por exemplo tive essa possibilidade porque já tinha pessoas em Coimbra, já estavam lá a estudar e a trabalhar e por haver possibilidade de ir para casa de família, não se ia assim pra casa de qualquer pessoa"*
- *"Na minha terra era normal as mulheres trabalharem fora de casa, até porque todas trabalhavam no campo e muitas foram pra fora, pra Lisboa trabalhar ou emigraram"*
- *"No tempo das minhas filhas havia muitas raparigas...olhe, muitas iam pra fora, umas foram pra Suíça outras iam por lá. (...) Arranjavam por lá trabalho e saíram de cá e nunca mais pra cá voltaram. Por lá ficaram vêm por cá agora de férias e vem cá apanhar a azeitona (...) Por cá já não havia trabalho"*
- *"Era perfeitamente normal as meninas trabalharem fora de casa. Na aldeia iam pro campo e em Lisboa onde eu estive muitas trabalhavam em diversas profissões...na minha geração era assim...portanto, acho que era normal"*
- *"Não se pensava bem...eu era garota mas lembro-me de ouvir as pessoas de idade de 'antigamente ...as pessoas de mais idade, as pessoas que não trabalhavam sentava-se por'li a...umas a remendar a roupa...e então juntavam-se e a gente era criticada e a gente andava ali em volta delas e ouvia"*
- *"Não tinham uma boa...não eram bem vistas «Atão anda por lá a servir? Se calha serve de toda a maneira» e essas cousas assim ouviam-se muitas vezes"*
- *"Normalmente não se pensava mal...eu quando fui, fui pra casa de pessoas conhecidas os meus pais estavam descansados eles sabiam que eu estava bem entregue (...) mas era aquela coisa da sopeira e assim"*

3.3. Tema 3 - Namoro, casamento e sexualidade: Perceções sobre o namoro e casamento

O seguinte tema abordado nas entrevistas, teve a ver com as perceções sobre o namoro e o casamento, a sexualidade e as situações de gravidez indesejada ou inesperada nas jovens casadoiras. Dado a sensibilidade de algumas destas questões, algumas das entrevistadas foram mais contidas nas suas respostas, no entanto, na sua maioria, sentiram grande abertura e descontração para falar sobre estes temas mais íntimos.

3.3.1. Subcategoria - Namoro

Relativamente ao namoro, as narrativas das entrevistadas revelam algumas questões relevantes nomeadamente o grande controlo social por parte da família e comunidade em relação aos comportamentos no namoro, que se regia por regras próprias, verificando-se estas sobretudo nos bailes que eram organizados na comunidade. As jovens não tinham muita liberdade para namorar, assim como, frequentar sozinhas espaços públicos e o namoro era controlado pela família de forma muito próxima. Os bailes eram por excelência o local ideal para iniciar o namoro e onde se desenvolviam as relações entre os jovens sobretudo nas aldeias. Era ainda frequente o namoro por correspondência dadas as circunstâncias existentes na época condicionadas pela frequência do serviço militar obrigatório por parte dos rapazes casadoiros e a sua ida para a guerra colonial.

Neste sentido as narrativas apresentadas de seguida refletem estas perceções:

- *" Sozinhas, sozinhas não saíamos, mas com a família, com irmãos, primos, com tios ou amigas ...amigas muito próximas conhecidas de casa "" O pedido olhe...a gente ia pr'os bailes e ó depois dançava munto e por ali se começou. Por ali é que se começava, é que era o princípio"*
- *"Namorávamos à porta e na rua, mas sempre com alguém a guardar"*
- *"A gente ia pros bailaricos da aldeia e ia-se à missa e namorava-se por aqueles bocadinhos por aí abaixo que ainda demorávamos uma hora de caminho"*
- *"Eram eles que pediam...para casar, pediam aos pais ...pra namorar eles também começavam a ver c'a gente andava munto juntos e nos bailaricos sempre a dançar c'a gente e assim e já começavam a ver por ali que andavam juntos"*
- *" Casei com 21 mas andei três anos (a namorar) mas ele estava lá fora tava no ultramar quando comecei a namorar com ele. A gente conhecia-se...ai ora a escrever aerogramas. Cartas haviam poucas...as cartas tinham um selo e o selo era caro e o aerograma custava dois tostões"*
- *"Sempre com a mãe por perto...quantas vezes a mãe estava sentada no meio e um de um lado e o outro do outro...o meu pai esse ia pra cama"*
- *" Não namorava assim...só pedia autorização aos pais...Sabiam porque nos viam andar. E só quando queriam casar iam a pedir a rapariga ao pai se ele a quisesse dar"*
- *"Por lá nas festas...nos bailaricos à noite e às vezes vinha um bocadito lá pra porta...estávamos à porta e à janela"*
- *"O nosso namoro foi muito discreto porque tocar...só depois do casamento...eu quis sempre ir virgem pro casamento. Sempre fui na educação que eu tive...naquilo que eu fui habituada...beijinhos só na cara, de mãozinha dada e acabou"*

- *"Conheci o meu marido na azeitona, eu fui c'o meu cunhado pra aquela azeitona em Abrantes e o meu cunhado era o meu guarda-costas e lá conheci-o...mas nunca, nada de falar. Ele era mais velho 7 anos do que eu e nada disso. Depois ele foi pra ceifa e eu fui também, e ó depois ele escreveu-me e depois quando veio da ceifa é que começámos então a namorar"*

No que diz respeito à sexualidade e preparação para o casamento, foi possível aferir pelas narrativas das entrevistadas que a sexualidade na altura considerada um assunto tabu e que a preparação para o casamento era inexistente.

Relativamente às percepções sobre a sexualidade e preparação para o casamento salienta-se que, foi referido por algumas das entrevistadas que a liberdade para falar destas questões é hoje muito maior e que nunca tinham tido oportunidade de falar tão abertamente sobre o tema. As entrevistadas mencionam que a sexualidade era muito reprimida junto das raparigas, sendo um assunto tabu. A preparação para o casamento e a informação acerca da sexualidade e planeamento familiar era inexistente. Contudo pelos discursos percebe-se que os maridos iam mais bem preparados a este nível para o casamento. Todas mencionam ainda que, mesmo com as mães, tinham vergonha e em falar abertamente acerca do tema ou que estas não as abordavam por respeito. Como razões para a falta de informação e impreparação para o casamento, apontam, a educação muito reprimida a nível da sexualidade por parte das mães e o total desconhecimento do funcionamento do seu próprio corpo.

Foi ainda possível constatar que algumas das entrevistadas se sentiram pressionadas a casar porque era expectável que as raparigas assumissem esse papel na sociedade. Uma das entrevistadas revelou ainda que, foi obrigada a casar porque o marido era a pessoa que a família tinha escolhido como uma boa referência e como sendo um "bom rapaz" para o futuro.

As narrativas seguintes espelham estas visões negativas acerca da sexualidade e preparação para o casamento:

- *"Não, não, não ...era uma coisa que era diferente, não sei porquê, ou eram as mães que tinham receio de estar a explicar as coisas às filhas ou ou...não sei...havia ali qualquer coisa...a educação que elas também receberam dos pais delas"*
- *"A gente parece que ia ouvindo assim qualquer coisa...sem saber...chegava o dia do casamento e a gente quase sem saber nada"*
- *"Preparada...no meu ver...trabalhar e isso assim conviver, mas não tinha assim grandes expectativas...nada...os filhos que tiveram que vir vieram...íamos às cegas mesmo"*
- *"No mê tempo nã se podia dar um beijo a um rapaz...nenhum rapaz podia dar um beijo...ou dava às escondidas...senão era logo «olha aquela...»"*
- *"Eramos umas coitadinhas (...) pelo menos no mê tempo, eu nunca falei c'a minha mãe com respeito a isso, nada...era segredo"*

- *"Agente távamos lá preparadas pra casar?...era ir à igreja e depois era ir pra cama ...e não sabia o que nos esperava"*
- *"Veio-me o período com cerca de 11 anos, eu passei a noite a chorar, de manhã a minha mãe dizia» Mas então ó filha o que é que se passa? Tás a chorar...», pois e eu disse «Eu quero ir pro hospital, tou quase a morrer porque estou a deitar sangue do pipi e passei a noite a chorar e a caminho da casa-de-banho a lavar (...) Portanto havia coisas que eram praticamente tabus"*
- *"Noutras coisas falávamos...agora nesse aspeto de sexo era só pra ter cuidado, que os homens abusavam das meninas...pronto, a nível dos cuidados"*
- *"No dia do casamento nunca mais ia pra cama porque tava muito nervosa , quando pensei que o meu marido tava a dormir lá fui pra cama...e a primeira vez que fiz sexo com o meu marido eu tive um choque...porque eu nunca tinha tido sexo na vida apesar de ter os meus irmãos , via a minha mãe dar-lhe banho aquando eles eram pequeninos e via depois de crescidos nunca mais vi...porque ver um sexo com pelo (...) ora isto foi quando eu tinha 24 anos...naquele tempo era assim (...) Há coisas ridículas, mas hoje fazem-me sorrir porque realmente naquele tempo era assim"*
- *"Sim, munto mais munto mais envergonhadas com o corpo. Eu acho que era da educação c'a gente tinha e era dos tempos"*
- *"Tinha medo e vergonha ...isso tudo naquela altura ainda, mas pronto a gente lá se casou e lá passou e já estamos casados há 44 anos"*
- *"A gente antes tinha muita vergonha, não sabíamos nada da vida e eu era uma menina (...) se eu disser que ele foi pai e foi marido acredita?"*
- *"Não se falavam certas coisas e só sabíamos depois de passar por elas...nem com as outras cachopas nós falávamos, parecia tudo um segredo. E as mais velhas não falavam certas coisas á nossa frente"*

Relativamente à gravidez inesperada no namoro e abandono por parte dos namorados, as entrevistadas revelam perceções muito negativas, sendo que, segundo estas, havia normas de conduta social que deviam ser seguidas pelas jovens por forma a preservar a sua virgindade até ao casamento. Quando estas engravidavam e caso não casassem, eram na maior parte das vezes, discriminadas e marginalizadas pela comunidade derivado a ser uma situação censurável de acordo com os padrões morais vigentes. Os discursos revelam esta discriminação por parte da comunidade em relação a estas situações:

- *"Nos meios grandes talvez isso não fosse tanto, mas era uma coisa que não era muito bem vista, então nos meios pequeninos isso era muito complicado."*
- *"Quer se dizer, nessas alturas eu acho que sim porque então coitadinhas elas estavam desprezadas (...) duas delas pelo menos que eu conheço foram mães solteiras e nunca mais casaram"*
- *"Obrigavam-nos a casar"*

- *"Aiii toda a gente fazia chacota e eram enxovalhadas"*
- *"Alguns rapazes casavam com elas e outros não"*
- *"Algumas famílias apoiavam-nas outras não, mas depois chegavam à conclusão que tinham de as apoiar porque elas não tinham mais ninguém, era complicado"*
- *"Uiiii..isto dizia-se assim «Ai já nunca mais se casa, já fica toda a vida assim solteira com uma criança»"*
- *"Mas algumas ainda casaram e tiveram sorte, outras ...mas outras não"*
- *"Eu conheço pelo menos duas cá que os pais puseram-nas fora de casa e ó depois quem nas acolheu foi os sogros...Vá que não eram os sogros...mas compreenderam mais bem a situação delas do que os próprios pais"*
- *"Coitadinhas eram umas escravas...nã havia quem olhasse pra elas naquele tempo, nã olhavam pra elas"*
- *"Agora há algumas na terra que engravidaram e eles casaram c'o elas...tiveram sorte"*
- *"Eu às vezes ouvia histórias que as famílias que as mandavam embora e que as punham fora de casa, mas que eu tenha conhecimento de algum caso em especial isso não"*
- *"Uii eram apontadas e já ninguém as queria se não casassem com os namorados, às vezes lá corria tudo bem e casavam-se. Mas isto é um meio muito pequeno e falava-se logo"*

3.3.2. Subcategoria - Casamento

Este ponto visou dar-nos a conhecer as perceções sobre a realidade vivenciada pelas entrevistadas já na sua própria relação matrimonial, no que diz respeito ao papel do homem, hierarquias e relações de poder dentro do casal. Neste sentido focaram-se aspetos como: as perceções acerca da separação e divórcio, dos papéis que cada um assumia na relação a nível da partilha de tarefas e responsabilidades na gestão da casa e no que diz respeito à educação dos filhos.

Permite-nos ainda, ter uma visão acerca da questão da separação e divórcio na época.

Assim, foi possível apurar junto da maioria das participantes que, como os maridos se encontravam ausentes, quer devido à profissão exercida, quer por haver situações de emigração na maior parte das vezes, eram estas, que tomavam as decisões da casa e tinham autonomia para tal. No entanto, o relato de uma das senhoras evidencia que era o marido que tomava as decisões e que este detinha o poder na relação.

Uma das entrevistadas menciona que, o facto ser economicamente independente lhe permitiu manter uma relação de igualdade no casal, tendo também ganho igual poder de decisão na relação. Esta afirma que, à época, a dimensão económica, era fulcral pois permitia que a mulher fosse mais autónoma e independente. A

independência económica, permitia às mulheres romper com a situação de subordinação em relação à dominação masculina, cujas raízes se encontram na tradição histórico-cultural do casamento, da família, da mulher e do homem e não apenas no tipo de interações desenvolvidas entre os membros da família. No entanto, a mesma entrevistada também identifica algumas dificuldades e conflitos na relação com o marido pelo facto de ter um salário e uma profissão, uma vez que o marido não aceitou muito bem numa fase inicial esta circunstância. Este aspeto prende-se com o facto das crenças, valores e estereótipos fruto da educação à época, darem maior preponderância ao trabalho masculino fora do lar em detrimento do feminino, acabando por gerar desigualdades de género na relação. As crenças e estereótipos ditavam que o homem deveria prover o sustento da casa e a mulher ser a cuidadora da casa e da família, sendo-lhe na maior parte das vezes negado o acesso ao trabalho no exterior do contexto do lar. No entanto, a mesma entrevistada salienta que estes conflitos foram sendo ultrapassados ao longo dos anos de casamento.

Outro dos aspetos focados é que o ajustamento de papeis e posições no casal foi sendo feito com o tempo, através do diálogo e negociação, embora muitas vezes isto não fosse de todo possível. No entanto, quase todas as entrevistadas referenciam que o diálogo foi fundamental para a construção das relações, nomeadamente relações mais equilibradas.

Relativamente à relação de confiança estabelecida entre os membros do casal, quase todas mencionam que os maridos não eram ciumentos e elas também não. Estas dizem ainda que, tinham liberdade para sair de casa e frequentar espaços públicos sozinhas, pois alguns dos companheiros passavam grande parte do tempo longe da família, existindo uma boa relação de confiança entre os membros do casal.

De realçar ainda o discurso de duas das senhoras que manifestaram a existência de ciúmes nas suas relações levando a que os companheiros exercessem mais controlo e poder sobre as mesmas. Uma das entrevistadas revela ainda que, não tinha liberdade para sair sozinha e que tinha inclusivamente receio do marido, pois este era muito controlador.

Quando foi abordada a questão sobre se havia separações ou divórcio entre casais, todas referiram que não se falava nestes temas, pois, eram situações que não eram aceites ou bem vistas pela sociedade da altura.

Quando questionadas sobre as razões porque não se separavam ou divorciavam, estas responderam que, o casamento era um acontecimento para a vida e que as mulheres se calavam, aguentavam e se acomodavam a todo o tipo de situações para não serem apontadas pela sociedade, que as culpava quase sempre pelas situações de divórcio, mesmo que a culpa não fosse delas. Esta situação pode ser associada à subordinação por parte da mulher, que devia cumprir os papeis sociais expectáveis à sua condição feminina, ser submissa, aceitar a dominação masculina, papeis esses associados às representações sociais associados à mulher.

Quando se fala em partilha de responsabilidades na gestão da casa e na educação dos filhos verificamos pelas entrevistas que as mulheres continuam a assumir um papel fulcral na gestão das tarefas domésticas assim como na educação dos filhos. Quase todas mencionam que conjugavam as tarefas domésticas com o trabalho assalariado e que os homens não eram educados para assumir tarefas ligadas ao contexto doméstico, reproduzindo os papéis tradicionais de género. Este aspeto reflete-se também na educação que estas mulheres deram às suas filhas e filhos. As decisões do casal são geralmente tomadas por ambos os elementos, no entanto verifica-se que nalguns casos continua a ser o homem a ter maior poder de decisão. De realçar que algumas das entrevistadas conseguiram alterar estes comportamentos e atualmente as tarefas são repartidas por ambos os elementos do casal, tendo educado os filhos também neste sentido.

Relativamente às perceções sobre a partilha de decisões e opiniões na tomada de decisão no casal referimos os seguintes discursos:

- *"No princípio do casamento é um pouco complicado...no princípio o homem vem habituado a ver o pai a decidir, a ver o pai a comandar o barco...mas depois há uma coisa...encontra uma pessoa que está ao mesmo nível dele...tanto em parte económica como na parte cultural em todos os sentidos e de responsabilidade e aí a coisa começa... a ter que ter mais igualdade...tem que haver um ajustamento de coisas."*
- *" (...) se o homem não for educado com papéis sociais bem definidos especialmente no que diz respeito ao papel do homem é um pouco complicado. (...) Tivemos que ajustar as coisas...a mulher era sustentada pelo marido...era submissa...a parte económica era muito importante. (...) Há sempre cedências no casamento e ajustamento de posições entre o casal"*

No que se refere à relação de confiança entre os membros do casal salientamos as seguintes narrativas:

- *"Eu ia com as vizinhas e tudo...tive sempre liberdade...o meu marido nesse aspeto...nunca foi assim...se eu quisesse ir assim a algum lado...a excursões que eu cheguei a ir várias vezes que ele não gostava de ir...ele nunca se opôs a isso"*
- *"Os bailes não podia ir...Passei uma vida... porque ele era uma pessoa muito reservada e não podia andar por lá, ir pra'qui ou ir pra'li"*
- *"Passei a vida sempre muito angustiada, pois ia pra'li ou pra'qui, chegava a casa e já ia com medo pois agora chego lá e ele manda-me que eu me demorei"*
- *"Eu acho que ele era ciumento, acho que sim, ele não dizia, mas gostava que eu andasse sempre à beira dele"*

No que concerne à separação e divórcio, exemplificamos com os discursos relativos às representações sociais das entrevistadas sobre a questão:

- *"Não se falava em divórcio nessa altura...as pessoas ficavam juntas para a vida."*
- *" Nunca me lembro de lá haver um casal que dissesse assim: vou-me separar por isto ou por aquilo ou...não me lembra de separações de casais"*
- *"Sim era mau...era mau. Conheci um caso...o marido abandonou-a...era considerada esta...era aquela...mesmo se a culpa não fosse dela, era sempre dela"*
- *"Normalmente não havia divórcios nem nada disso...as pessoas acomodavam-se e que remédio tinham"*
- *"Não se falava dessas coisas naquele tempo, as mulheres aguentavam e calavam-se"*

Acerca da partilha de tarefas e responsabilidades na gestão da casa e educação dos filhos destacamos as seguintes narrativas:

- *" Não eram repartidas...eu trabalhava fora de casa e ainda fazia as tarefas domésticas"*
- *"Antigamente não...nós éramos exatamente como os meus pais. O meu pai nunca me lembra de fazer nada lá em casa...nada...a minha mãe é que era a vítima"*
- *"Quando chegava a casa, jantava, vinha pra televisão sentava-se, via a televisão e eu é que chegava "vá vamos jantar" e ele lá ia jantar, levantava-se, sentava-se outra vez e a Maria é que tinha que fazer tudo"*
- *"A mulher antigamente era assim o homem agora já põe a roupa a secar, o homem agora já vai às compras, o homem se for preciso ajuda a fazer o jantar ...agora é tudo mais moderno"*
- *"Mas antigamente os homens não eram munto de ajudar, não eram educados pra isso. Até cando algum começou a ajudar mais as mulheres «Aii olha o maricas e faz isto e faz aquilo»"*

Relativamente à educação dos filhos destacamos como exemplos de discursos mais significativos:

- *" Éramos os dois que educávamos e as regras eram estabelecidas pelos dois"*
- *" Quem é que havia de ser... dar educação era eu...o pai também andava por fora...também pouco estava...eu era mais presente. (...) Sim a todos dei uma educação mais ou menos assim igual como a minha"*
- *"Eu criei os meus filhos sozinha. (...) Eles foram educados por mim...se eles fazem malandrice não foi o que a mãe lhes ensinou"*
- *"Já o meu filho andava no Ciclo...esse meu filho já sabia fazer...não havia micro-ondas, se eu deixasse um arrozinho feito...eu deixava lá a água no caso de ser o meu filho mais velho ... aquele que chegasse primeiro começava a fritar se era de fritar"*
- *" Só as raparigas ajudavam em casa. Como eles trabalhavam eu poupava-os e eu estava pra dizer que avisei as minhas noras que eles estavam mal-*

habituaados. Até que fosse o fim de semana eles iam trabalhar e depois eles vinham cansados e eu não guardava trabalho pra eles"

3.3.3. Subcategoria - Percepções acerca do papel do homem, hierarquias e relações de poder

Neste âmbito procurou-se aferir as percepções acerca do papel do homem e as relações de poder subjacentes e em que medida estas influenciavam ou potenciavam os comportamentos violentos. Tentou-se ainda, perceber se consideravam que os comportamentos agressivos eram ou não potenciados pelo consumo de álcool, e em que medida, as mulheres e a comunidade aceitavam e normalizava estes comportamentos.

Quase todas as entrevistadas relataram que o consumo de álcool era muito comum na altura, sobretudo nos meios rurais. Todas mencionam ter conhecido situações de agressão verbal ou física nas famílias, sobretudo em relação às mulheres e na maior parte das vezes potenciadas pelos consumos, ou por considerarem simplesmente que os maridos eram ciumentos. A maior parte das entrevistadas refere ter assistido no seu contexto de origem a comportamentos violentos por parte dos pais em relação às mães, e nalguns casos em relação aos filhos.

As entrevistadas, desculpabilizam e normalizam no geral estes comportamentos, culpando o excessivo consumo de álcool pelas situações menos assertivas, outras referem que já existia esse enraizamento de comportamentos fruto da transgeracionalidade da violência associada aos papéis de género. Esta teoria preconiza que os homens são socializados para a violência e ao mesmo tempo estes acreditam que as mulheres são propriedade sua devido ao facto das mulheres se encontrarem na sua dependência económica (Dias, 2017).

Uma das entrevistadas refere que, a mentalidade da época fomentava as desigualdades de género, pois as mulheres deviam respeito e obediência ao marido, que era o chefe da família e a figura de autoridade da mesma, considerando por esse motivo, as comunidades e as famílias os comportamentos abusivos como legítimos e normais. De acordo com a Convenção Istambul (2011, p. 3), considera-se “a natureza estrutural da violência contra as mulheres é baseada no género, e que a violência contra as mulheres é um dos mecanismos sociais cruciais através dos quais as mulheres são mantidas numa posição de subordinação em relação aos homens”.

Algumas das entrevistadas contam que vivenciaram ou continuam a vivenciar essas situações na família, com irmãs e cunhadas, tendo algumas das situações sido relatadas sem poderem ser gravadas, por receio de poder associar-se os relatos às vítimas.

Quando se abordam questões relativas às percepções sobre a padronização e normalização de comportamentos agressivos e desajustados, quase todas as entrevistadas referem a existência de situações de violência doméstica ou maus-tratos nas famílias ou na comunidade, não só no que diz respeito às relações de

intimidade, mas igualmente em relação aos filhos. Os relatos fazem referência sobretudo a agressões verbais sendo estas mais correntes nas famílias, mas também mencionam os abusos físicos.

Consideram ainda que, era uma situação considerada normal ou banal dado que, os seus pais tinham sido educados assim e estes acabaram por transmitir de pais para filhos essa educação. Este fenómeno tem na sua base a perspetiva sociocultural que preconiza que os mitos, crenças e estereótipos, se encontram subjacentes às perceções coletivas de violência. Por sua vez, a perspetiva da transgeracionalidade da violência justifica que, o facto dos mais jovens assistirem e conviverem com os comportamentos violentos leva a que os normalizem e reproduzam em adultos.

Segundo Gelles (1997, citado por Matos, 2006):

“(...) no processamento social de informação, a família é percebida não só como uma entidade que pode viabilizar certos comportamentos agressivos nos seus membros (e.g., tipos de estratégias interpessoais), mas que pode também levá-los a interiorizar valores ideológicos e sociais (e.g., atitudes e crenças sobre os papéis de género) promotores de condutas violentas” (p. 72).

No entanto, algumas consideram que os seus progenitores já eram violentos e agressivos por natureza, dizendo que tinham receio destes, sobretudo quando bebiam. Este tipo de argumento em relação ao agressor é sustentado pelos estudos que identificam alguns dos fatores de risco de carácter individual (e.g., álcool, características de personalidade) que ajudam a explicar as formas mais graves de violência (Matos, 2006, p. 64). Outras consideram que eram boas pessoas e o álcool os alterava, denotando-se uma desculpabilização dos pais pelas situações de agressão. Para Gelles (1997, citado por Matos, 2006, p. 85) algumas condutas da mulher tornam os maus tratos aceitáveis, sendo o abuso justificado através da ideia de que existe uma forma “correta” de ser/estar da mulher face ao parceiro, mas também é justificado, pela construção social estereotipada da mulher que fomenta os comportamentos de controlo masculino sobre a mulher e legitima o seu poder masculino para a disciplinar. Deste modo, as vítimas acabam por negar a gravidade e a dimensão dos abusos e desculpabilizam estas situações.

As participantes destacam ainda, os elevados consumos de álcool de forma generalizada, sobretudo nas aldeias e aos fins-de-semana quando não havia trabalho. Consideram ainda que, o convívio social entre os homens potenciava o consumo excessivo de álcool repercutindo-se em comportamentos abusivos na família. Os estudos evidenciam a existência de uma associação entre consumo de álcool e violência. Este aspeto é corroborado por Matos (2006, p. 66) que preconiza que, a presença de álcool nos indivíduos pode interferir na violência, promovendo a sua escalada, causando danos na vítima, e pode ser generalizada a outros alvos do contexto envolvente. Esta situação vem ainda descrita nos estudos de prevalência de Brookoff, O'Brien, Cook, Thompson & Williams (1997) que referem que, que o uso de substâncias psicoativas está envolvido em cerca de 92% dos casos de violência

conjugal, funcionando o álcool, particularmente, como desinibidor e facilitador deste comportamento (Almeida, 2009, p. 49).

Outra das questões que se colocaram às entrevistadas foi que referissem por que razões, na sua perspetiva, consideravam que as mulheres aceitavam os comportamentos agressivos por parte dos seus companheiros. As entrevistadas mencionam que, estes comportamentos eram tolerados porque a mulher era educada, para ser submissa ao homem. A educação levava assim à reprodução dos comportamentos abusivos e de submissão nas relações. Esta situação vai ao encontro do que preconiza Matos (2006) que refere que, a aceitação dos comportamentos abusivos tem na sua génese as representações sociais de género estereotipadas, que remetem a mulher a uma condição de subjugação e inferioridade em relação à do homem, contribuindo para a aceitação dos maus-tratos. Matos (2006) refere neste sentido o seguinte:

“A adesão a estas ideias pode levar, por um lado, a mulher a manter a família e, em última análise, a ocultar e a suportar os maus tratos. Por outro lado, a adesão a essas crenças conduziria os outros a considerar, porventura, os maus tratos como “justos” nalgumas circunstâncias” (p. 91).

As respostas dadas salientam ainda como razões para a aceitação dos abusos, o facto das famílias serem numerosas e de estas mulheres serem completamente dependentes economicamente dos companheiros, não conseguindo prover o seu sustento e dos seus filhos, sendo estes aspetos igualmente determinantes para o fomento de uma relação de poder e controlo assimétrica na família, legitimando a supremacia e dominação por parte do homem.

Os discursos seguintes são reveladores das situações atrás descritas:

- *"Havia esses comportamentos, mas eram fruto da educação da altura"*
- *"Bebia-se mais nos fins-de-semana, só os que não tinham trabalho...porque havia pessoas que não tinham trabalho todo o ano...e as mulheres ficavam em casa"*
- *"O que é bebia...e o vinho...mexia ali com ele e tratava as pessoas de fora e tudo mal, não era só a nós era tudo que se cruzava com ele"*
- *"É capaz sei lá não sei...como é que seria a educação, como é que seria a educação dos pais delas"*
- *"Aceitavam sim porque é assim...a maior parte não trabalhavam, eram os maridos é que trabalhavam ...e depois pra onde é que elas iam? E normalmente tinham muitos filhos...aqui na aldeia quase toda a gente tinha muitos filhos...havia aí pessoas com 10 filhos e com 8 e com 9..."*
- *"As mulheres não tinham meios para sair da situação, não tinham apoios como hoje..."*
- *"Isso era porque elas tinham medo deles"*

- *" Os valores do regime e a cultura veiculada levava à aceitação destes padrões de comportamento por parte dos homens...as mulheres eram muito submissas"*
- *"Eu antigamente acho que as pessoas achavam normal...não penso que fosse por vergonha, penso que seria mais por acharem normal porque já os pais viam os pais a embebedarem-se, inclusivamente darem às crianças as sopas de cavalo cansado, começavam a beber muito novos e ... acho que aquilo que era normal pra eles"*

Relativamente às representações sobre comportamentos e atitudes pela família e comunidade face às situações conhecidas e vivenciadas, algumas entrevistadas consideram que, os comportamentos violentos eram fruto sobretudo da mentalidade da época, da ideologia veiculada pela ditadura que preconizava a autoridade do marido como chefe de família a quem se devia respeito e obediência, legitimando deste modo os comportamentos abusivos nas famílias e nas comunidades.

No geral, as entrevistadas, desculpabilizam e normalizam os comportamentos abusivos, justificando-os com o excessivo consumo de álcool, mas também referem a existência enraizada de comportamentos agressivos aprendidos e reproduzidos através da socialização. Quase todas referem ter vivido ou conhecido situações de violência doméstica, sobretudo nos contextos familiares de origem, estas consideram que, era uma situação normal ou banal a existência dos casos, dado que os seus pais tinham sido educados assim e estes acabaram por transmitir de pais para filhos essa educação. Este fenómeno tem a sua explicação na perspectiva da transgeracionalidade da violência, que postula que, os mais jovens ao assistir e conviver com esses comportamentos, leva a que sejam normalizados e posteriormente reproduzidos em adultos. Também O'Neil e Nadeau (1999, citados por Matos, 2006, p. 92) explicam que, a forma como o indivíduo é socializado para o desempenho dos papéis de género pode predispor-lo para o uso da violência e que as percepções negativas coletivas associadas ao género, postuladas pelo patriarcalismo, os estereótipos e os esquemas distorcidos sobre o papel de género, podem igualmente contribuir para tal comportamento.

Outra das questões que se colocaram às entrevistadas foi que referissem por que razões, na sua perspectiva, consideravam que as mulheres aceitavam os comportamentos agressivos por parte dos seus companheiros. As participantes referiram que, as mulheres se resignavam e se mantinham nas relações abusivas, pelo facto de não terem independência económica e autonomia, mas também porque na maior parte das vezes, não eram apoiadas pela família ou pela comunidade, que banalizava esses mesmos comportamentos.

Para Matos (2006, p. 92-93) o processo de socialização dos rapazes no seio das famílias reforça características mais agressivas (Bandura, 1977, cit. Foreman & Dallos, 1993), sendo que, as representações tradicionais de género geram um sistema de condutas estereotipadas do homem em relação à mulher, desencadeando

expectativas mais ou menos rígidas sobre os desempenhos de género. É expectável que as mulheres tenham um comportamento de resignação face à autoridade exercida por parte do homem.

Por sua vez de acordo com o preconizado por Machado, Matos & Moreira (2003, citados por Matos, 2006, p. 60), as vítimas permanecem na relação, interpretando as ocorrências abusivas como episódios sem significado e não as denunciam. Os agressores, por sua vez, desvalorizam a necessidade de modificar a sua conduta abusiva.

De salientar ainda que, apesar de todos saberem das situações de violência doméstica, a comunidade não intervinha nestas situações salvo raras exceções, em que as mulheres tinham que ser retiradas de suas casas por vizinhas ou familiares para impedir consequências mais gravosas, mas voltando logo que a situação acalmasse. Havia, no entanto, alguma solidariedade sobretudo entre as mulheres que até falavam entre si acerca do que acontecia, mas no geral apenas aconselhavam as vítimas a não ripostar e a silenciarem-se quando ocorriam as situações. As famílias e a comunidade raramente intervinham tolerando este tipo de comportamentos e até davam conselhos às vítimas sobre como deveriam atuar. Apenas em casos mais violentos, e em algumas vezes, as vítimas eram protegidas até se acalmarem os ânimos e sendo depois devolvidas ao lar.

Outra situação apontada por uma das entrevistadas em relação à intervenção por parte da comunidade, mas sendo este um caso único, tem a ver com o facto de ser normal na mesma haver pessoas respeitadas que falavam com os casais desavindos, aconselhando-os a entenderem-se e relevar as situações abusivas, resultando na desculpabilização por parte das mulheres dos comportamentos violentos.

Os excertos que se seguem, evocam estas perceções:

- *"É capaz sei lá não sei...como é que seria a educação, como é que seria a educação dos pais delas"*
- *"(...) Vós desenrascai-vos diziam os pais, como dizia o outro...desenrascai-vos...connosco era assim "*
- *"Mesmo que a gente se queixasse às mães elas diziam que tínhamos que nos entender com eles, porque elas também faziam assim"*
- *"Diziam-nos pra ter paciência e aguentar, que no outro dia já não era nada"*
- *"As mulheres não tinham apoio da família. Havia o ditado que era «Entre marido e mulher não meta a colher» e portanto ninguém se metia...se às vezes não fosse um filho que tivesse mais consciência, ajudar, ninguém se metia nisso"*
- *"As pessoas viviam a sua vida e não se metiam na vida dos outros (...) quando havia zangas no casal ninguém se metia. Cada um resolvia os problemas na sua casa e prontos"*

- *"Diziam-nos assim: «Acando ele está assim c'os copos vale mai deixá-los...não dizer nada...no outro dia que ele já está sério já lhe dizes o que queres...deixa-o falar»"*
- *"Ás vezes a'cando havia assim um desentendimento de um casal e havia assim uns homens cá na aldeia a que as pessoas da aldeia guardavam assim mais respeito...e aquelas pessoas juntavam-se um ou dois e iam lá a casa, se eles andessem zangados faziam com que eles se contentassem ...dizima assim: agora tendes de dar aqui a mão um ao outro e a vida não se arranja assim. Faziam ali um acordo...respeitavam aquelas pessoas mais velhas e pessoas que ajudavam ..pessoas mais ricas e pessoas que sabiam assim dizer as coisas...homens que havia por cá que as pessoas lhe guardavam respeito. E diziam: «E agora isso que já passou, agora botai tudo pra trás das costas e atão tendes de ficar como estavam até agora...ficarendes bem...isso não é a ralhar que se arranja a vida»"*

3.4. Tema 4 - Conhecimento acerca da violência doméstica e formas de apoio às vítimas na atualidade: Representações pessoais acerca da Violência Doméstica

O último tema abordado teve a ver com o "Conhecimento acerca da Violência Doméstica e formas de apoio às vítimas na atualidade". Esta temática visou saber quais as perceções que as mulheres idosas possuem sobre a violência doméstica na atualidade, e se conhecem algumas formas de apoio que são prestadas às vítimas. Teve ainda o intuito de conhecer as atitudes ou comportamentos que teriam ou tem atualmente face a situações vivenciadas ou conhecidas e qual a sua opinião sobre os apoios que existem ou o que pode ser alterado para fazer face à problemática.

3.4.1. Subcategoria- Conhecimento e Perceções sobre situações de violência doméstica conhecidas e/ou vivenciadas

Relativamente às perceções sobre os tipos de apoios que são prestados, pelo menos duas entrevistadas consideram que, os apoios não são suficientes, exemplificando com as situações em que se decreta o afastamento da vítima por parte do agressor, que consideram ser uma medida insuficiente. Também referenciam que existe apesar de tudo, ainda muita vergonha em denunciar as situações em especial nos meios pequenos, por receio de serem faladas.

De salientar que, uma participante refere que apesar das alterações que foram acontecendo ao longo dos tempos e de existir mais apoio para as vítimas, ainda há muito a fazer para combater este flagelo, pois algumas pessoas continuam a viver muito para si próprias.

Relativamente às perceções pessoais sobre a violência doméstica as entrevistadas referem que hoje já não é um assunto tabu e é amplamente falado. Estas consideram que no geral as pessoas estão atualmente muito mais atentas a essas situações e conscientes da necessidade de ajudar as vítimas. No entanto, segundo as mesmas,

muitas vítimas ainda se calam e não denunciam as situações abusivas, contribuindo para que não consigam quebrar o ciclo da violência. As entrevistadas afirmam também que algumas mulheres não querem ser ajudadas.

Os discursos seguintes são exemplificativos destas perceções:

- *"Antigamente aguentava-se assim mais tempo e não se deixavam e agora deixam-se às vezes por uma coisa de nada...antigamente não iam-se aguentando coitadas"*
- *"Hoje ainda acontece e existem casos levados ao limite (...) mas antes os casos eram mais abafados...hoje sabe-se...antes não"*
- *"Hoje as pessoas estão mais atentas a estas situações e fala-se mais destes assuntos, já não se consideram normais estas situações"*
- *"Felizmente na minha família nunca aconteceu, mas hoje fala-se muito da violência doméstica e já não é um assunto que se esconde"*
- *"Fala-se mais do assunto e as pessoas sabem onde podem recorrer"*

As entrevistadas consideram ainda que, hoje há mais apoio para as vítimas e que o fato das mulheres serem mais autónomas e independentes economicamente, de terem uma carreira profissional e acesso à informação e ao conhecimento, lhes dá maior empoderamento para denunciar as situações. Apresentamos os discursos representativos destas perceções:

- *"Sim...hoje em dia sim que a gente tem o dever de ajudar e de denunciar e assim, sim"*
- *"Acho que sim devem ser denunciadas as situações, coitadinhas a levarem porrada a serem maltratadas, com crianças pequenas ...havam de olhar por elas"*
- *"Hoje as mulheres têm emprego e conhecem melhor quem as pode apoiar. Também têm mais apoios para poderem criar os filhos sozinhas...antes não acontecia e por isso se calhar calavam-se e aguentavam"*
- *" (...) as mulheres hoje não são tão submissas aos maridos"*
- *"A mulher de hoje subiu munto de posto porque trabalha, porque ganha, ganha o seu dinheiro e no tempo da minha mãe ou da minha avó elas não podiam...tinham que andar ali baixinhas porque elas não tinham dinheiro..."*

Quando questionadas acerca do conhecimento dos apoios existentes, todas admitem conhecer que existem mais apoios para as vítimas e referem conhecer alguns destes, salientando, no entanto que, recorreriam sobretudo à GNR e à Junta de Freguesia (serviços de proximidade nas aldeias). As narrativas seguintes são representativas destas perspetivas:

- *"Ouço falar na televisão, mas sei pouco sobre isso porque não ligo muito"*
- *"Ouço dizer que a mulher hoje, tem mais apoios pra elas e pros filhos, mas sinceramente não sei bem..."*
- *"Conheço sim os vários apoios que existem"*

- *"Sei, claro que sim.....sei que existem organismos na violência doméstica, as casas de...onde podem acolher as pessoas...também telefonando pra GNR, eles também ajudam e vêm com apoios, com as pessoas da Segurança Social, há vários apoios"*
- *"Conheço algumas ajudas, pelo menos aquelas casas que aceitam essas mulheres que são maltratadas era preferível aceitarem-nas do que elas estarem a levar porrada em casa"*
- *"Sei que há em Castelo Branco, mas eu não conheço nada...ouço falar na televisão, mas eu quase que nem ligo..."*
- *"Isso era antigamente é que as mulheres eram umas escravas no tempo da minha bisavó ora hoje já não...hoje já não. Hoje têm mais apoios"*
- *"Se eu visse que ele, um vizinho era violento pra ela ou qualquer coisa eu era capaz de lá ir ou telefonar pra Guarda"*
- *"Claro que sim...ligar pras autoridades...em último caso era a Presidente da Junta e ela depois tratava do assunto"*

Quando confrontadas sobre se denunciariam situações de violência doméstica as respostas dadas são variadas. As entrevistadas referem que as pessoas estão mais informadas e mais atentas. Algumas salientam que denunciariam, no caso de serem elas próprias vítimas de violência, no entanto, em caso de serem outras pessoas, tentariam ajudar, mas a maioria menciona que, não o fariam diretamente. Duas entrevistadas salientam que não infeririam e que são assuntos do foro privado, não lhes dizendo respeito. Apresentamos em seguida os discursos das entrevistadas sobre esta questão:

- *"Felizmente na minha família nunca aconteceu, mas hoje fala-se muito da violência doméstica e já não é um assunto que se esconde"*
- *"Não sei...talvez se fosse hoje não tinha aguentado tanta coisa como aguentei e não me calava tanto..."*
- *"Fala-se mais do assunto e as pessoas sabem onde podem recorrer"*
- *"Caso passasse por essa situação teria reagido...eu era independente economicamente, portanto..."*
- *"Tenho uma cunhada que sofre muito...que é um irmão meu, que tenho vergonha de dizer, mas é verdade...esse mê irmão é raro o dia q'ele nã trate a minha cunhada mal. (...) É quando bebe, tem bom coração, mas quando bebe trata a mulher mal. Ela não faz nada, responde-lhe e eu já fui chamada mais que uma vez por ela lá a casa. Mas trata-a mal chama-lhe nomes tudo, tudo..."*
- *"Eu sei lá...tentava ajudar, mas, aquilo que eu via era segredo...se algo houvesse...até podia haver...tentava ajudar"*
- *"Eu não intervinha diretamente na vida das pessoas...dava conselhos...apoiava e encaminhava a pessoa"*
- *"Se o meu marido hoje viesse ter a mim pra me dar um estalo atão eu ficava quieta? Era o que eu tivesse na mão"*

Relativamente às perceções sobre a qualidade dos apoios que são prestados, duas das mulheres entrevistadas consideram que devem ser promovidas outras formas de intervenção. São de opinião que as medidas decretadas pelos tribunais não são ainda suficientes e eficazes e que a legislação em vigor não é eficiente na punição aos agressores.

Estas perceções encontram-se presentes nas narrativas seguintes:

- *" Quer dizer eu já vejo coisas muito bem feitas (...) vejo muitas coisas que estão a ajudar essas mulheres ...mas também há tantos homens que matam as mulheres ...se sabem que eles as tratam mal porque é que não há logo leis que deitassem as mãos a eles"*
- *"Acho que as estruturas de apoio não apoiam como devem, senão não se chegava às situações que vemos na comunicação social, deviam promover formas de sair do ciclo da violência"*
- *" As mulheres devem dirigir-se a sítios onde são compreendidas...e não existe igualdade no tratamento apesar da emancipação das mulheres"*
- *" Não se aproxime da vítima...isso não é o suficiente, é isso é que eu condeno. Veja, porque a mulher está no perigo na mesma...porque eles aproximam-se na mesma...é isso que eu vejo que não está bem"*

Por fim, as mulheres que constituem a amostra deste estudo são de opinião que as transformações ocorridas ao longo do tempo, no que diz respeito ao modo como a sociedade encara a violência doméstica, têm sido positivas. Para estas mulheres, a violência é condenada, já não é tão tolerada e silenciada como o foi no passado, beneficiando as gerações mais novas. A perceção destas mulheres é indicadora que há uma maior consciencialização pública do fenómeno e para o dever de denunciar essas práticas assim como proteger e promover os direitos das vítimas/mulheres.

Os discursos seguintes são exemplificativos destas narrativas:

- *"Hoje as pessoas já não acham normal que haja estas situações...as famílias também já não aceitam muito bem que uma filha ou irmã leve porrada e pronto...a família já apoia mais. Antigamente não se metiam e era como se nada fosse, era uma zanga de casal e depois tudo passava"*
- *"Hoje as pessoas estão mais atentas a estas situações e fala-se mais destes assuntos, já não se consideram normais estas situações"*
- *"Hoje a vida é diferente e as pessoas hoje que não tenham medo de denunciar seja o que for porque hoje há leis que naquele tempo não havia , as pessoas estão mais esclarecidas , que naquele tempo não estavam e alguma coisa que se dizia tinha que ser em segredo porque tinham medo que a mãe ou o pai ouvisse ou os irmãos...e era tudo muito em segredo e às vezes aconteciam coisas em segredo que não deviam de acontecer (...)"*
- *" Os tempos mudaram pra bem eu acho que sim e acho muito bem (...) era diferente, os nossos pais não tinham...era a educação que eles tiveram ... e*

depois a cabecinha deles também sem estudos (...) mas é engraçado que os filhos mesmo assim souberam dar educação aos filhos também"

4. Síntese dos principais resultados

Procedemos neste ponto à reflexão sobre os resultados obtidos, cruzando-os com os estudos referidos durante a revisão da literatura.

Assim e neste sentido, verifica-se que, as vidas das mulheres entrevistadas, foram determinadas por trajetórias de vida muito marcadas pelas representações estereotipadas de género pois, viveram em contextos socio-históricos e ideológicos que favoreceram e fomentaram essas representações (Perista, Silva & Neves, 2010). Assim, verifica-se que todas as representações do estudo se encontram sobretudo associadas a esta situação.

O estudo demonstrou também que, segundo as entrevistadas, a educação diferenciada para os papéis tradicionais de género na família, principal instrumento de socialização e de veiculação das normas e condutas sociais de acordo com a ideologia vigente, veio acentuar e fomentar as perceções das assimetrias de género junto das mesmas. Este facto é corroborado por Perista, Silva & Neves (2010), que referem que, na família patriarcal tradicional, os papéis sociais do homem e da mulher se encontravam bem definidos. À mulher cabia a esfera privada da família (procriação e cuidado) e ao homem, o domínio do espaço público e a função instrumental de provisão do sustento da família. Estes papéis eram aprendidos e interiorizados, sendo depois reproduzidos noutros contextos.

Também é importante destacar que, relativamente às representações sociais de género que se encontram subjacentes aos processos de tomada de decisão entre o casal, no que diz respeito à liberdade de expressão e comunicação familiar, observamos que o homem tem sempre a última palavra, dado ter maior poder dentro da relação e na estrutura familiar. As entrevistadas evidenciam que as mulheres eram treinadas desde muito novas, para serem submissas, primeiro ao poder do pai, do irmão e mais tarde ao marido. A dependência feminina face às figuras masculinas, era promovida nas famílias, retirando-lhe a capacidade de decisão e autonomia às mulheres. Estas situações fomentam a crença de que as mulheres se tornam mais dependentes, menos autónomas e que com menor capacidade de decisão (Perista, Silva & Freire, 2010)

Esta distribuição desigual de poderes no casal é ainda explicada por Machado, Matos & Gonçalves (2006) e Serrão (2018), como sendo fruto hierarquização da sociedade em que o papel social da mulher foi ideologicamente enaltecido, mas teoricamente diminuído perante o do homem, promovendo assimetrias de poder no casal. Apesar da ideologia em vigor exaltar a importância do papel feminino na sociedade, esta reforça o a importância da maternidade e do papel doméstico, relegando a sua condição social para segundo plano.

Relativamente à forma como se processava a educação nas famílias, de acordo com as narrativas presentes no estudo, a educação dos filhos, passava pela interiorização desde muito jovens, de papéis diferenciados de género, sendo

transmitidas às meninas habilidades e competências necessárias à assunção do papel de esposa e mãe, e aos rapazes, as aptidões necessárias para assumirem a função de futuros pais e chefes de família, correspondendo o papel de cada um aos ideais da família salazarista (Serrão, 2018).

No que concerne ao trabalho feminino fora do contexto do lar, o mesmo é desvalorizado, apesar de nos contextos rurais a mulher trabalhar tradicionalmente no campo. Segundo Pimentel (2011), a ideologia ditava que a entrada no mercado de trabalho representava uma ameaça à condição feminina, pois tornaria os laços familiares mais enfraquecidos, com repercussões na família e na educação dos filhos, para além de reforçar a ideia do desinteresse por parte da mulher pelo casamento e maternidade. Neste, sentido, era importante que esta assumisse as funções e os papéis sociais que lhes estavam destinados, relegando-a ao contexto doméstico. A corroborar ainda esta ideia, salienta-se a perspetiva de Barnett e LaViolette (1993, citados por Matos, 2006, p. 91), que referem que, “a socialização para um desempenho tradicional do feminino promove também um sistema de crenças e valores que secundariam as necessidades da mulher em relação ao parceiro e à manutenção da família, contribuindo para a sua desvalorização pessoal”.

Verificamos segundo as narrativas que, a escola é mais uma das vertentes promotoras das desigualdades entre géneros. Nos discursos apurados, a escola, enquanto instrumento doutrinário e modelo a seguir pelos jovens promove acentua ainda mais estas assimetrias de poder a nível das figuras de referência, bem como, no tocante à diferenciação de papéis que promovem as desigualdades (Serrão, 2018). Este facto é verificado através das perceções das entrevistadas quando se referem à separação nos espaços escolares e no recreio em que a educação e as brincadeiras são diferenciadas entre meninos e meninas.

Outro facto que é referenciado no estudo e que demonstra bem estas assimetrias na instrução, tem que ver com a frequência da escolaridade obrigatória para as raparigas só até à 4.^a Classe, dando-se maior relevância à educação familiar vocacionada para a assunção de papéis sociais expectáveis (ser boa esposa, dona-de-casa e mãe) e não tanto para fora do lar. De referir ainda que os pais desmotivam as jovens raparigas para a frequência da escola junto das raparigas, o que contribuía para colocá-las em posição de desigualdade em relação aos rapazes que eram mais incentivados a estudar e a seguir uma profissão. Verifica-se que, apesar de algumas famílias mais abastadas tolerarem que as suas filhas continuem a estudar, é-lhes vedado o acesso a determinadas profissões, ficando condicionadas a carreiras assistencialistas (ensino, assistência social, enfermagem), sem prejuízo dos papéis sociais expectáveis à sua condição e sempre de acordo com o ideário feminino veiculado pelo Estado.

Confirma-se também que, existe uma associação entre escolaridade e violência e que esta contribui para quebrar a situação de subordinação e dependência económica em relação aos cônjuges. De acordo com o preconizado por Perista, Silva & Freire

(2010), o acesso à educação por parte das mulheres contribui para o seu empoderamento, independência económica e autonomia, rompendo com o modelo de submissão e dependência em relação aos pais e maridos. A nível das situações de violência, os estudos de Gil et al. (2014) referem que, os níveis de escolaridade se constituem como um fator protetor, na medida em que, os indivíduos que possuem níveis de escolaridade mais baixos, tem maior propensão para virem a ser vítimas de maus-tratos, comparativamente com indivíduos de níveis de escolaridade mais elevados.

Outro assunto que merece o destaque no estudo é o trabalho feminino fora do contexto doméstico e que também é fator promotor de desigualdades na sociedade da época. Este é uma realidade nos meios rurais presente sobretudo na agricultura familiar de subsistência, não sendo a mulher encorajada a trabalhar fora de casa. Assim, de acordo com as perceções das entrevistadas, o trabalho fora do lar é muitas vezes desvalorizado, face à maior importância dada às funções e tarefas assumidas no contexto doméstico e familiar, fomentando ainda mais as desigualdades de género. Este facto pode ser explicado pelo facto de “caber ao homem o domínio do espaço público, mas também a função instrumental da família” (Perista, Silva & Neves, 2010). Contudo, o trabalho assalariado é apesar de tudo considerado normal e tolerado, sempre que, conjugado com as tarefas domésticas. É também comum nas aldeias algumas jovens irem trabalhar para Lisboa e emigrarem para países como França, Luxemburgo e outros, em busca de novas oportunidades e condições de vida.

O estudo revela ainda que, as regras e normas de conduta social que vigoravam, ditam o que era expectável a nível de comportamentos por parte dos mais jovens, como é o caso da submissão e do respeito sobretudo para com as figuras de autoridade. O controlo social apertado, sobretudo sobre o género feminino, é essencial preservação da honra das jovens e dos bons costumes da família, devendo estas preservar-se até ao casamento que deve ser um objetivo de vida para as mesmas. Este controlo é exercido pela família através da implementação de regras mais restritivas junto das jovens raparigas, tendo os rapazes muito mais liberdade para sair e divertir-se, havendo assim também desigualdades neste sentido. O controlo social reflete-se sobretudo na liberdade para frequentar espaços públicos e a ida aos bailes, que eram por excelência o local ideal para iniciar o namoro e onde se desenvolviam as relações entre os jovens sobretudo nas aldeias, devendo as jovens raparigas fazer-se acompanhar pelas mães ou outros familiares. Estes comportamentos vão ao encontro do que refere Matos (2006) que nos diz que:

“as construções tradicionais acerca do género acabaram por gerar em muitos casos, um sistema de condutas estereotipadas para o masculino e o feminino, desencadeando expectativas mais ou menos rígidas sobre os desempenhos de género (e.g., o dever de resignação feminina, a autoridade esperada do masculino...) Quando essas expectativas são desafiadas, esses desempenhos podem ser avaliados negativamente pelos indivíduos que sustentam tais concepções” (pp. 92-93).

Os papéis sexuais também se encontram perfeitamente definidos e enraizados na sociedade de acordo com as narrativas apuradas, tal como, os comportamentos no namoro e no casamento, que se regem por regras próprias definidas pelas normas de conduta veiculadas pelo regime. A sexualidade feminina é reprimida e encontra-se circunscrita ao casamento, sendo considerado um assunto tabu, esperando-se um comportamento recatado por parte da mulher neste âmbito em todos os domínios da sociedade (Freire, 2013). As entrevistadas reforçam que a inexistência de uma educação sexual não lhes permitia ter uma preparação adequada para a vida conjugal e íntima. Uma gravidez inesperada no namoro, seguida de abandono, é motivo de discriminação e marginalização na comunidade e censurável de acordo com os padrões sociais da época associados aos estereótipos de género.

O casamento é valorizado e incentivado pelas famílias, sendo considerado um dos principais papéis que deve ser assumido pelas raparigas, sendo um imperativo social a manutenção da relação mesmo que haja graves problemas nesta. O divórcio e a separação assumem uma conotação negativa sendo que, o casamento é um contrato para a vida.

Quando abordam as representações sociais sobre a violência no contexto da família, é perceptível a existência recorrente de comportamentos violentos nas famílias tais como, violência física, verbal e psicológica, sendo estes perfeitamente tolerados quer pela comunidade, quer pelas próprias famílias. Estas perceções vão ao encontro do preconizado por Hearn (1996) que considera que, o sistema patriarcal alimenta, de forma estrutural, as diferenças de género e de poder, que discriminam e oprimem as mulheres e toleram o uso da violência para com as mesmas. Assim os aspetos referenciados acabam por fomentar a tolerância social destes comportamentos (Matos, 2006, p. 89).

Outra questão importante a ressaltar, é o facto das entrevistadas justificarem estes comportamentos abusivos pelo elevado consumo de álcool, muito comum nas zonas rurais, mas também devido ao facto de os homens trabalharem muito e necessitarem de um escape para a vida quotidiana, refugiando-se nos consumos. Este aspeto é corroborado por González-Ortega, Echeburúa e Corral, (2008, citados por Ventura, Ferreira & Magalhães, 2013) que salientam que, os comportamentos violentos são muitas vezes justificados por causas externas e fora do controlo do agressor, tais como, o consumo de álcool ou a situação de pobreza. No entanto Foreman & Dallos (1993, citados por Matos, 2006, p. 90), referem que, os fatores intra-individuais, tais como, a natureza agressiva do masculino, e os sistemas familiares, nomeadamente o determinismo intergeracional da violência, são também entendidos, como formas de manutenção do predomínio masculino e de viabilização da ideologia patriarcal.

Os discursos referem ainda que, apesar do consumo de álcool potenciar a violência, alguns homens já violentos por natureza, justificando esta situação com as suas próprias vivências familiares, onde aprenderam e interiorizaram os

comportamentos abusivos. Esta perspetiva é justificada pela intergeracionalidade da violência que tem subjacente a noção de aprendizagem social, que postula que o comportamento de cada indivíduo é determinado pelo ambiente em que este se insere, particularmente pelos membros da sua família, através de mecanismos de observação, reforço, modelagem ou coação (Gelles, 1979, citado por Matos, 2006, p. 72). Também investigadores como Machado & Gonçalves (2003) e Dias (2009) explicam estas perceções das entrevistadas, ao referir que, o comportamento do indivíduo é determinado pelo ambiente social, principalmente pelos membros da família, sendo que, uma criança exposta a um contexto familiar violento durante a infância e a experiência de vitimização e observação de comportamentos violentos pode favorecer a reprodução e perpetuação da violência na vida adulta.

Constata-se ainda que, segundo as perceções presentes no estudo, os comportamentos violentos na união conjugal, são geralmente perpetuados, desculpabilizados e escondidos pelas mulheres, não conseguindo estas romper com os ciclos da violência, derivado às normas sociais e culturais vigentes, interiorização dos e normalização dos comportamentos abusivos, à falta de apoio por parte da família e da comunidade e à falta de meios de subsistência. Este facto é corroborado por Dias (2004), que salienta que, as mulheres se mantêm nas relações violentas porque não conseguem libertar-se da pressão das normas sociais, culturais e religiosas. Por outro lado, tal como Ventura, Ferreira & Magalhães (2013) mencionam, que existe a crença de que a violência poderá ser aceitável e justificável para a preservação da privacidade familiar. Esta desculpabilização pode ainda, ter efeitos negativos, pois constitui-se como um fator de risco de perpetuação e legitimação dos abusos (González-Ortega, Echeburúa e Corral, 2008, citados por Ventura, Ferreira & Magalhães, 2013). Os estudos de prevalência, também evidenciam que, as vítimas não denunciam os comportamentos abusivos pelo receio de represálias por parte do agressor, pela necessidade da preservação da família e pelo e pelo facto de existirem fatores de risco de perpetuação das situações abusivas, como a polivitimização (sobretudo em casos de coabitação), a existência de relação conflituosa com o agressor prévia à ocorrência, e o pouco apoio por parte da rede informal (Gil et al., 2014, p. 6).

As perceções acerca do que mudou ao longo do tempo e o que deve mudar, levam-nos a discursos muito relevantes e que ajudam na compreensão do fenómeno. Foi possível apurar que, segundo as entrevistadas, a sociedade se encontra mais atenta às situações e intervém de forma mais ativa e eficaz nas mesmas. Um dos fatores apontados para esta mudança de mentalidade, é a alteração da condição da mulher e dos papéis sociais de género. As entrevistadas consideram que a mulher passou a ter um papel mais ativo no mundo do trabalho, assumindo o papel mais simétrico e de igualdade em relação ao homem, para além do trabalho assalariado lhe ter proporcionado autonomia e independência deixando de estar tão submissa. No entanto, as entrevistadas consideram que, muitas mulheres não conseguem quebrar o ciclo de violência por medo ou vergonha.

Outra questão focada e não menos importante, é o facto das entrevistadas considerarem que as mulheres têm mais acesso à informação e educação, o que as coloca num patamar de igualdade a nível de direitos e responsabilidades na família, diminuindo as assimetrias de género e a diferenciação nas relações de poder nas dinâmicas do casal.

Além do acesso à informação e à educação, as entrevistadas reforçam a importância de existirem mais recursos para apoiar as vítimas de violência, no entanto, as suas perceções, levam-nos a concluir que apesar de estes haver mais apoios, estes não são considerados eficazes, sobretudo no que diz respeito às decisões judiciais que estas consideram que deveriam ter um cariz mais punitivo.

Por fim e não menos importante, servindo este aspeto para futuras reflexões, importa salientar que, apesar de as mulheres serem conhecedoras de formas de interromper o ciclo de violência, quer através da denúncia, quer através da rede de apoio à vítima atualmente existente, estas, continuam amarradas a estereótipos enraizados ao longo da sua vivência e assumem muitas vezes um papel passivo no que diz respeito às situações conhecidas.

5. Plano de Intervenção

5.1. Justificativa do projeto de intervenção

Em Portugal, durante muitas décadas do século XX ainda pesava a ideia da privacidade familiar para justificar a invisibilidade do fenómeno da violência doméstica. A consciência social sobre o fenómeno materializou-se com a criminalização dos maus-tratos, tornando-se crime público através da Lei n.º 7/2000, de 27 de maio, estando previsto no Código Penal a penalização do crime de violência doméstica contra as pessoas idosas no seu artigo 152.º na alínea d).

Atualmente a violência contra as pessoas idosas, nomeadamente contra as mulheres, assume-se como um problema de saúde pública, tendo-se desenvolvido ao longo de décadas um percurso de conhecimento do fenómeno e do modo de intervir, numa sociedade onde o envelhecimento populacional prevalece com todas as consequências inerentes.

Segundo Manita (2005), uma das maiores e mais complexas especificidades da violência doméstica é precisamente o facto de “ser doméstica” e por esse motivo, ocorrer na maioria das vezes no âmbito de relações íntimas nas quais o agressor, para além de uma particular proximidade afetiva, dispõe de todo um leque de conhecimentos e estratégias para controlar a (s) sua/s vítima(s). A invisibilidade característica deste fenómeno não só alimenta a sua ocorrência como dificulta a sua compreensão com vista a intervenções eficazes.

A violência doméstica contra as mulheres idosas obedece a um padrão de vitimização que se prolonga no tempo, fruto de representações sociais e crenças culturais, bem como, a nível da definição de papéis de género, do receio de represálias por parte do agressor, de sentimentos de culpa e vergonha. Esta vitimização verifica-se também, pelo facto da vítima não ter consciência de que está a ser maltratada, pelo o receio que possui de não ser compreendida e ser desacreditada em caso de falar sobre o assunto, não saber o que fazer ou a quem pedir ajuda, de estar isolada socialmente, de desconhecer os recursos disponíveis para fazer face à sua situação, e ainda pelo fato de aceitar os maus-tratos como sendo normais, dado que, levou uma vida continuamente exposta aos mesmos (Bernal & Gutiérrez, 2005, pp. 90-91).

O estudo exploratório realizado permitiu efetuar um diagnóstico acerca da problemática tendo sido detetado que, as mulheres idosas vítimas de violência apresentam várias dificuldades no reconhecimento das situações a que se encontram expostas, destacando-se nomeadamente as seguintes:

- Têm dificuldade em se identificar como vítimas de violência doméstica, dado possuírem um entendimento diferente sobre a violência nas relações de intimidade e têm falta de consciência da realidade;
- Foram educadas para “servir” os companheiros e “aguentar” as relações abusivas, minimizando ou distorcendo a realidade;

- Têm medo dos maridos/companheiros e de consequentes represálias por parte destes e sofrem o controlo coercivo por parte dos mesmos;
- Têm receio de ficarem sozinhas e desamparadas;
- São economicamente dependentes dos seus agressores;
- Na maior parte das vezes não possuem recursos financeiros para sobreviver sozinhas;
- Sentem culpa ou vergonha;
- Encontram-se isoladas a nível social e territorial;
- Consideram as situações de conflito como matéria do foro privado e que *“Entre marido e mulher ninguém mete a colher”*;
- Desconhecem os seus direitos e as respostas/apoios que existem na comunidade para a sua situação;
- Foram ou continuam presas a longos ciclos de violência, tendo-se acomodado às situações por não conseguirem sair das mesmas.

Neste sentido, sugerimos um plano de intervenção adequado ao estudo exploratório realizado, sendo este, uma proposta de ação objetiva e concreta que foi definida através da identificação de problemas, necessidades e fatores determinantes da violência contra as mulheres idosas.

O projeto *“Vozes Silenciadas”* surge com a finalidade cada vez maior de envolver toda a comunidade, em que a rede de parceiros terá um papel fundamental, com o intuito de gerar novas respostas para fazer face ao combate às desigualdades de género que se encontram muitas vezes na origem da violência contra as mulheres.

Este projeto terá como entidades promotoras as Juntas de Freguesia do Concelho, dado a proximidade existente com as populações mais isoladas, mas também porque os/as Presidentes de Junta conhecem a realidade concreta das aldeias. No entanto, poderá ser atribuída a gestão do Programa de Voluntariado a outra entidade desde que cumpra os requisitos da legislação em vigor no enquadramento jurídico do voluntariado.

A pertinência deste projeto de intervenção reside na possibilidade de haver maior contacto direto com as mulheres idosas podendo ter um papel mais ativo e preventivo direcionado para a prevenção primordial e primária.

De acordo com a OMS (2011), a prevenção primordial permite evitar o aparecimento de fatores de risco que contribuam para a violência. Esta engloba intervenções de educação para a cidadania, direitos das pessoas idosas, igualdade de género, bem como, ações que visem desmistificar estereótipos relacionados com o envelhecimento e o género, para além de outras que contribuam para um envelhecimento ativo e saudável e a promoção da autonomia e capacidades das pessoas idosas junto das comunidades onde se inserem.

Bernal & Gutierrez (2005, p.37), referem que a Prevenção Primordial, tem por objetivo evitar o aparecimento e a consolidação de padrões da vida social, económica

e cultural que contribuam para o aparecimento de fatores de risco. Enquadram-se neste âmbito, medidas ou ações indiretas que visam incidir sobre atitudes e padrões morais da sociedade a nível coletivo. Esta intervenção desencadeia-se em três frentes: a informação, a formação e intervenção a nível das políticas institucionais.

Por sua vez, e ainda de acordo com os referidos autores (Bernal & Gutiérrez, 2005, p. 45), a Prevenção Primária consiste, na promoção de ações que evitem casos de violência, atuando antes destas surgirem, prevenindo os fatores de risco e intervindo em consequência nas situações de violência na vertente comunitária, familiar ou individual. Consideram ainda fulcral que se conheça a pessoa e a sua envolvência, nomeadamente o contexto sociofamiliar e a rede de suporte por forma a poder atuar-se preventivamente a nível dos fatores de risco que se encontram na base das situações de violência.

5.2. Definição de objetivos e Atividades/ Ações

A elaboração deste projeto tem como objetivo primordial desenvolver uma rede integrada de prevenção e atuação a nível dos casos de violência doméstica contra mulheres idosas.

Os objetivos específicos são, criar um grupo de voluntariado organizado que atuará diretamente no terreno, apoiar uma ou várias idosas e suprir necessidades identificadas através da mobilização de recursos da comunidade.

O projeto piloto terá a duração de um ano e contará ainda com uma rede de parceiros tais como autarquias, serviços de segurança e saúde, que atuarão de forma integrada na prevenção primária, secundária e terciária nas possíveis situações que surjam.

Assim este plano terá o seu enfoque em duas vertentes de atuação:

- a) Na vertente primária, com intervenção a nível da prevenção integrada, através da criação de uma rede de suporte informal de voluntários sensibilizados e com formação específica, para detetar e sinalizar possíveis situações de violência, através de, contactos regulares com mulheres idosas em situação de vulnerabilidade e isolamento social. Pretende-se sobretudo romper as barreiras de comunicação através do estabelecimento de uma relação empática e de confiança com as idosas, gerar um ambiente de segurança que permita às mesmas exprimirem o que estão sentindo ou vivenciando.
- b) Visa ainda, dar respostas concretas e adequadas às situações detetadas contribuindo para a redução da vitimização das mulheres idosas, permitindo-lhes usufruir de uma rede de suporte que suprima ou minimize as suas necessidades, contribuindo igualmente para a saída de longos ciclos de violência.

Pretende-se, criar um grupo de voluntários jovens e adultos treinados, que atuem diretamente na prevenção da violência contra as mulheres idosas, preparados para

facilitar o acesso a informação sobre as formas de apoio/ajuda existentes na comunidade para as situações específicas das idosas vítimas de violência doméstica, mas também fornecerão estratégias de empoderamento e autonomia junto destas, trabalhando a sua autoestima e o seu autoconceito. Assim, os voluntários visitarão as idosas regularmente, com a periodicidade semanal, manifestando a sua disponibilidade para a realização de contatos telefónicos caso as mulheres idosas considerem necessário.

Se existirem suspeitas ou se se detetarem situações de violência, sinalizam os casos para uma equipa multidisciplinar, constituída por elementos nas áreas da Gerontologia, Serviço Social, Psicologia e Saúde, ligada a organismos parceiros como a Autarquia local, a Segurança Social, as Forças de Segurança, APAV e outras, que farão uma avaliação pormenorizada da situação da possível vítima, nas vertentes da saúde, psicologia, e âmbito social, etc, com o intuito de traçar formas de atuação de acordo com as situações. Esta equipa terá também um papel fulcral na deteção de possíveis situações de emergência (o fato de poder estar em perigo), avaliará o padrão dos maus-tratos (frequência e intensidade), focando-se sobretudo na dinâmica interpessoal (nomeadamente a dependência económica, fatores stressantes externos – ex.^o os consumos de álcool), em aspetos da dinâmica familiar da vítima e tendo em conta os recursos existentes na comunidade.

Propõe-se como ações, a realização de sessões de Sensibilização e Informação, junto das mulheres idosas, por diferentes entidades, com temáticas distintas conforme se indica no ponto 5.4. Estas serão realizadas quinzenalmente por profissionais da área e decorrerão em instalações cedidas para o efeito na comunidade.

Em suma, pretende-se com este projeto:

- Facilitar o acesso a informação sobre as formas de apoio/ajuda existentes na comunidade para as situações específicas, através da dinamização de workshops quinzenais com profissionais das áreas da segurança, saúde, psicologia, ou outros considerados importantes na implementação do projeto;
- Triar/ sinalizar situações de violência;
- Promover o acesso a cuidados de saúde caso se justifique;
- Facilitar o encaminhamento caso-a-caso, mediante protocolo de atuação criado para o projeto e tendo em conta as diretivas e normativos existentes na área de intervenção, para o respetivo núcleo de profissionais envolvidos no projeto;
- Promover o bem-estar e saúde em geral junto das idosas sinalizadas, em caso da quebra do ciclo de violência, proporcionando-lhes projetos alternativos de vida.

5.3. Atividades do Projeto a desenvolver - Fases do Projeto

1.ª Fase - Criação da Equipa de trabalho multidisciplinar e um Programa de Voluntariado (Lei n.º 71/98, de 03 de novembro) constituído por grupo de voluntários que irão prestar apoio junto de mulheres idosas nas 19 freguesias do Concelho.

Nesta fase procurar-se-á também definir a equipa de suporte por forma a dar resposta às necessidades identificadas no terreno. A equipa técnica multidisciplinar será constituída por 1 Gerontólogo/a, 2 Técnicos/as de Serviço Social e 1 Psicólogo/a.

Destaca-se ainda, o papel fulcral dos/as Presidentes das Juntas de Freguesia do Concelho, que serão servirão de mediadores entre a equipa técnica, os voluntários que atuarão no terreno e a população-alvo. As Juntas de Freguesia serão ainda consideradas, as entidades promotoras ou estas, poderão ser substituídas por entidades que se enquadrem no artigo 4.º da Lei n.º 71/98 de 03 de novembro, desde que reúnam as condições estabelecidas para integrar voluntários ou coordenar ações de voluntariado.

A criação de uma rede de voluntários tem por base a legislação anteriormente referida (Lei n.º 71/98 de 03 de novembro – Lei de Base do enquadramento jurídico do voluntariado) e engloba jovens estudantes e adultos profissionais das Licenciaturas em Serviço Social, Psicologia e Enfermagem e formação superior em Gerontologia Social. A escolha destas áreas de formação prende-se com a complexidade da problemática em questão. O seu papel é acompanhar as idosas, identificar e sinalizar situações de violência doméstica junto desta população, assim como, ajudá-las a desenvolver competências e estratégias de prevenção de comportamentos violentos, através da provisão de informação relevante nestas situações.

2.ª Fase - Envolvimento da rede de parcerias no projeto

Será envolvida uma rede de parceiros formais no projeto como é o caso dos serviços que prestam cuidados de saúde na região, nomeadamente a Unidade Local de Saúde de Castelo Branco (ULSCB), mas também a Guarda Nacional Republicana (GNR), o Centro Regional de Segurança Social e ainda outras instituições ou entidades consideradas relevantes para o projeto.

3.ª Fase - Criação de um Plano de Formação para o Programa de Voluntariado.

Com conteúdos teórico-práticos tendo por base uma formação sobre Voluntariado e formação específica sobre diversas temáticas que complementam a preparação dos voluntários para atuar no terreno e que se encontram na (**Apêndice F**).

4.ª Fase - Implementação supervisionada do Projeto pela Equipa Técnica do Projeto.

Nesta fase serão realizadas as visitas às idosas, assim como, serão dinamizadas as ações de sensibilização/ informação e ateliers diversos junto da população-alvo em local a definir.

5.ª Fase - Avaliação do projeto.

Propõe-se que a avaliação do projeto seja efetuada trimestralmente, culminando na avaliação global, de modo a verificar a satisfação das idosas, do grupo de voluntários e parceiros, em relação às medidas propostas. O Projeto prevê ainda reuniões quinzenais com a equipa técnica e representantes das entidades envolvidas para o acompanhamento das ações a implementar.

5.4. Propostas de sessões de sensibilização/Informação e ateliers a dinamizar com as mulheres idosas

O plano de intervenção contempla ainda a realização de Ações de Sensibilização para a Igualdade de Género e Prevenção da Violência Doméstica, bem como, Ateliers de Promoção de Estratégias de Empoderamento focadas nas características do grupo-alvo. Estes ateliers serão dinamizados pela equipa do projeto e pelas equipas dos organismos parceiros. Como tal, indicamos os seguintes objetivos para a concretização dos ateliers:

- **Objetivo geral:** Potenciar o empoderamento das mulheres idosas através da aquisição de competências, ferramentas e estratégias para lidar e prevenir situações de Violência Doméstica.
- **Objetivos específicos:** Fomentar o empoderamento das mulheres idosas através da promoção da Igualdade de Género; promover o desenvolvimento da autoestima e autoconceito; informar as idosas sobre os seus direitos enquanto possível vítima e acerca serviços de apoio disponíveis para as vítimas de Violência Doméstica na comunidade.

Sugerimos assim alguns temas a abordar nestes ateliers:

- Abordagem na perspetiva de género - O que é ser mulher?
- Identidade de género masculina e feminina nos processos de construção social;
- Papéis sociais tradicionais e atuais da mulher;
- Envelhecimento e estereótipos relacionados com a velhice e de género;
- Aquisição e desenvolvimento de competências que valorizem a autoestima e autoconceito das mulheres idosas;
- Saúde e bem-estar;
- Valorização pessoal e empoderamento;
- Cuidados de beleza e com a imagem;
- Direitos das vítimas;
- Violência Doméstica e Serviços de apoio na comunidade para as mulheres vítimas de VD;

- Outros considerados pertinentes ou sugeridos pelas beneficiárias do projeto.

Na concretização dos ateliers poderão ser realizadas para além das sessões informativas, oficinas de artes, oficinas de poesia, ateliers de Photovoice, mesas redondas, sessões de expressão dramática e role-play, e ainda outras técnicas que se ajustem às características da população-alvo.

Considerações Finais

Este trabalho de projeto assumiu como objetivos: Conhecer as representações sociais que mulheres idosas, que vivem em contexto rural, têm acerca dos comportamentos abusivos em contexto familiar e nas relações de intimidade; Conhecer os estereótipos ligados aos papéis de género de mulheres idosas de contextos rurais e perceber a sua relação com a violência doméstica; Identificar se no contexto pessoal/familiar já foram vítimas de maus-tratos ou presenciaram situações de violência e avaliar a existência de apoio/pedidos de ajuda das redes informais e ou formais.

Para tal, esta análise apoiou-se num estudo exploratório e interpretativo realizado junto de 10 mulheres idosas, com 70 anos ou mais, residentes em zonas rurais do Concelho de Castelo Branco. As questões lançadas no estudo visaram sobretudo apelar às perceções pessoais sobre as suas vivências em matéria de comportamentos abusivos e papeis de género nestes contextos.

Primeiramente realizou-se de uma revisão bibliográfica por forma a criar um referencial teórico de suporte ao estudo a realizar. Posteriormente, o trabalho empírico envolveu a realização de entrevistas semiestruturadas, no sentido de responder aos objetivos propostos.

O tratamento da informação recolhida nas entrevistas foi efetuado através da análise de conteúdo, permitindo a categorização e a organização da informação relevante para a investigação.

Deste estudo empírico retiraram-se alguns resultados. Em primeiro lugar verificou-se que em geral todas as mulheres participantes na investigação revelam que todas interiorizaram representações estereotipadas de género muito vincadas, justificadas pelas suas vivências em contextos socio-históricos e ideológicos que marcaram o percurso pessoal, familiar e profissional. Além disso, concordam em que, representações são fruto de normas e processos culturais que se vão difundindo ao longo de gerações nas sociedades tradicionais.

Outro aspeto a ressaltar é o facto de se considerar que a diferenciação de papeis na educação de rapazes e raparigas, e as assimetrias de poder nas relações conjugais, serem consideradas um contributo para incrementar as desigualdades de género, pois o papel da mulher na sociedade é desvalorizado, ficando mais vulnerável e dependente das figuras de autoridade.

Salienta-se ainda que, a perceção sobre a influência das visões estereotipadas de género e as assimetrias de poder nas relações serem consideradas fatores determinantes para a o incremento dos abusos nas relações. Estas mulheres concordam que, que o consumo de álcool é um fator potenciador da violência, apontando ainda outros fatores como, as características pessoais, fatores contextuais e culturais como determinantes para os abusos.

É importante ressaltar ainda que a maior parte das entrevistadas vivenciou e/ou vivencia ou conhece alguém do seu entorno que passa por este flagelo.

Por fim este estudo permitiu aferir que na generalidade existe um conhecimento acerca dos apoios na comunidade para combate à violência, no entanto, fruto das representações sociais perpetuadas, as mulheres idosas continuam a não interiorizar a violência como sendo um crime, e a ter muito presentes as representações negativas associadas ao género, não recorrem a ajuda, nem mostram vontade de apoiar diretamente as possíveis vítimas, contribuindo para que estas situações continuem a ser perpetuadas e desvalorizadas.

Estes aspetos, tem implicações na alteração de mentalidades pois continua-se a acreditar que as situações de violência são questões do foro privado e que devem ser mantidos invisíveis.

No entanto, todos nós temos a responsabilidade como cidadãos de denunciar estas situações sempre que considerarmos que estas existem, devendo deste modo exercer os nossos deveres de cidadania e o respeito para com os direitos humanos.

Em suma, considera-se que os resultados do estudo corresponderam aos objetivos iniciais da investigação. Como limitações à investigação, de referir que, por ser um estudo exploratório e interpretativo, ressalta-se a importância de realizar outras investigações na área abrangendo outras regiões demográficas, por forma a perceber se existem diferenças e pontos em comum com estas mulheres.

Propõe-se ainda, que sejam implementados ao nível da Gerontologia Social, planos de intervenção específicos para esta população-alvo, visando o empoderamento das mulheres idosas vítimas de violência.

Bibliografia

Acierno, R., Hernandez, M., Amstadter, A., Resnick, H., Steve, K., Muzzy, W., & Kilpatrick, D. (2010). Prevalence and correlates of emotional, physical, sexual and financial abuse and potencial neglect in the United States: The National Elder Mistreatment Study. *American Journal of Health*, 100(2), pp. 292-297. Obtido em 5 de março de 2020, de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2804623/>

Acúrcio, N. (2015). Autoperceção do envelhecimento e bem-estar psicológico em pessoas idosas institucionalizadas e não institucionalizadas. (Tese de Mestrado: Universidade de Lisboa). Obtido em 29 de junho de 2020, de <http://hdl.handle.net/10451/23090>

Albano, M., Silva, M., Massena, A., Fernandes, C., Ravara, D., Ribeiro, F., . . . Pena, S. (2016). Violência Doméstica: implicações sociológicas, psicológicas e jurídicas do fenómeno. Manual Pluridisciplinar. Centro de Estudos Judiciários. Obtido de http://www.cej.mj.pt/cej/recursos/ebooks/outros/Violencia-Domestica-CEJ_p02_rev2c-EBOOK_ver_final.pdf

Almeida, C. (2000). Violência doméstica – que políticas? :o impacto das políticas sociais no combate à violência doméstica no Concelho de Montemor-o-Velho. (Dissertação de Mestrado: Universidade de Coimbra). Obtido em 29 de junho de 2020, de <http://hdl.handle.net/10316/8970>

Almeida, M. (2009). Violência conjugal e álcool: (in)existência de uma relação causal? (Dissertação de Mestrado: Universidade de Coimbra). Obtido em 29 de junho de 2020, de <http://hdl.handle.net/10316/14286>

Alves, J. (2004). Factores de risco e indicadores de abuso e negligência de idosos. pp. 133-151. Obtido em 26 de junho de 2020, de <http://hdl.handle.net/1822/4423>

Amâncio, L. (1992). As Assimetrias nas Representações do Género. *Revista Crítica de Ciências Sociais*(34), pp. 9-22. Obtido em 28 de janeiro de 2020, de <https://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/34/Ligia%20Amancio%20-%20As%20Assimetrias%20nas%20Representacoes%20do%20Genero.pdf>

Ander-Egg, E., & Idáñez, M. (2005). Cómo elaborar un proyecto. Guia para disenar proyectos sociales y culturales (18ª ed.). Lumen Humanitas: Barcelona. Obtido de <http://abacoenred.com/wp-content/uploads/2017/05/Como-elaborar-un-proyecto-2005-Ed.18-Ander-Egg-Ezequiel-y-Aguilar-Id%C3%A1%C3%B1ez-MJ.pdf>

António, M. J. (2004). O que ficou na memória : os castigos corporais na escola primária : 1900-1960. (Tese de Mestrado: Universidade de Lisboa). Obtido em 29 de junho de 2020, de <http://hdl.handle.net/10451/27465>

APAV. (2010). Manual TÍTONO – Para o Atendimento de Pessoas Idosas Vítimas de Crime e de Violência. Lisboa: APAV. Obtido em 3 de dezembro de 2019, de <https://apav.pt/idosos/index.php/manual-titono>

APAV. (2019). Crimes de Violência Doméstica Violência Filioparental. Obtido em 29 de junho de 2020, de https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_VD_Violencia_Filioparental_2013_2017.PDF

APAV. (2019a). Pessoas Idosas Vítimas de Crime e de Violência 2013-2018. Obtido em 29 de junho de 2020, de https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_Pessoas_Idosas_2013_2018.pdf

Bandeira, M., Azevedo, A., Gomes, M., Mendes, M., Baptista, M., & Moreira, M. (2012). Dinâmicas Demográficas e envelhecimento da população portuguesa: evolução e perspectivas. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. Obtido de <https://www.ffms.pt/publicacoes/detalhe/1542/dinamicas-demograficas-e-envelhecimento>

- Baptista, A. (2012). Estudo de caso de uma mulher sujeita a violência conjugal psicológica, com crenças de amor romântico e uma história de violência interparental. Lisboa: (Dissertação de Mestrado: Instituto Universitário das Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, ISPA). Obtido em 21 de abril de 2020, de <http://hdl.handle.net/10400.12/2258>
- Barbosa, A. (2015). Prevalência dos maus-tratos sobre idosos no concelho de Barcelos. Porto: (Dissertação de Mestrado: Instituto Superior de Serviço Social). Obtido em 29 de junho de 2020, de <http://hdl.handle.net/10400.26/9938>
- Barbosa, M., Silva, J., Canço, D., da Silva, R., Romão, I., Pinto, T., Alvarez, T., São Pedro, H., Lopes, C., de Souza, M. & Castro, I. (2013). Estratégias Internacionais para a Igualdade de Género: A Plataforma de Ação de Pequim (1995-2005) (2ª ed.). CIG. Obtido de <http://plataformamulheres.org.pt/site/wp-content/ficheiros/2016/01/Plataforma-Accao-Pequim-PT.pdf>
- Bardin, L. (2009). Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70.
- Basto, J. (2015). A representação de género em manuais escolares do Ensino Primário do Estado Novo. (Dissertação de mestrado: Escola Superior de Artes e Design de Matosinhos). Obtido em 23 de abril de 2020, de <http://hdl.handle.net/10400.26/9352>
- Bauzá, J. (1999). Vejez, representación social y roles de género. *Educació i cultura: Revista mallorquina de pedagogia*(12), pp. 47-56. Obtido em 6 de março de 2019, de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=91245>
- Beck, H. (1994). El sentido de las etapas de la vida: niñez-juventud-edad adulta-ancianidad. Una reflexión onto-antropológica y filosófico educativa. *Educadores*, 36(172), pp. 473-499.
- Berger, L., & Mailloux-Poirier, D. (1995). Pessoas Idosas - uma abordagem global. Lisboa: Lusodidacta.
- Bolze, S., Schmidt, B., Böing, E., & Crepaldi, M. (2017). Marital and Parental Conflicts in Families with Children: Characteristics and Resolution Strategies. *Paidéia*, 27, supl. 1, pp. 457-465. Obtido em 22 de maio de 2020, de https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2017000400457&lng=pt&tlng=pt
- Briere, J., Hodges, M., & Godbout, N. (2010). Traumatic Stress, Affect Dysregulation, and Dysfunctional Avoidance: A Structural Equation Model. *Journal of Traumatic Stress*, 23(6), pp. 767-774. Obtido em 22 de maio de 2020, de <https://delphicentre.com.au/uploads/Briere-J-et-al-2010-Traumatic-Stress-Affect-Dysregulation-and-Dysfunctional-Avoidance.pdf>
- Burnight, K., & Mosqueda, L. (2011). Theoretical Model Development in Elder. California: U.S. Department of Justice. Obtido em 20 de maio de 2020, de <https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/grants/234488.pdf>
- Carmo, H., & Ferreira, M. (2008). Metodologia de Investigação: Guia para Auto-Aprendizagem (2ª ed.). Lisboa: Universidade Aberta.
- Carronda, H. (2014). Violência Conjugal. (Dissertação de Mestrado: Universidade Autónoma de Lisboa). Obtido em 23 de junho de 2020, de <http://hdl.handle.net/11144/394>
- Casimiro, C. (2002). Representações sociais de violência conjugal. *Análise Social*, XXXVII(163), pp. 603-630. Obtido em 29 de junho de 2020, de <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218733193N7ILR3rn1Yd68RN0.pdf>
- Casimiro, C. (2008). Violências na conjugalidade: a questão da simetria do género. *Análise Social*, XLIII(3º), pp. 579-601. Obtido em 20 de novembro de 2019, de <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1222271301F5hRJ2yz1Oz55WJ0.pdf>

Cerejo, S. (2014). Viver sobrevivendo: emoções e dinâmicas socioculturais nos processos de manutenção das relações conjugais violentas. Lisboa: (Tese de Doutoramento: Universidade Nova). Obtido em 30 de junho de 2020, de <http://hdl.handle.net/10362/14101>

Costa, D. (2011). A intervenção em parceria na violência conjugal contra as mulheres: um modelo inovador? Lisboa: (Tese de Doutoramento: Universidade Aberta). Obtido em 29 de junho de 2020, de <http://hdl.handle.net/10400.2/1813>

Coucello, A., Lopes, C., Gonçalves, I., Barbosa, M., & Pimentel, I. (2003). Mulheres e História. Em CITE, Manual de Formação de Formadores em Igualdade de Oportunidades entre Mulheres e Homens (pp. 61-150). Lisboa: GICEA. Obtido em 14 de março de 2020, de http://cite.gov.pt/imgs/download/Manual_CITE.pdf

Cui, M., Durtschi, J., Donnellan, M., Lorenz, F., & Conger, R. (2010). Intergenerational Transmission of Relationship Aggression: A Prospective Longitudinal Study. *Journal of Family Psychology*, 24(6), pp. 688-697. Obtido em 10 de maio de 2020, de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3296128/>

Daniel, F. (2006). O Conceito de Velhice em Transformação. *Revista Interacções*(10), pp. 113-122. Obtido em 27 de janeiro de 2020, de <http://repositorio.ismpt.pt/jspui/handle/123456789/88>

Daniel, F., Antunes, A., & Amaral, I. (2015). Representações sociais da velhice. *Análise Psicológica*, 33(3), pp. 291-301. Obtido em 14 de fevereiro de 2020, de <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/972>

Daniel, F., Simões, T., & Monteiro, R. (2012). Representações sociais do «Envelhecer no masculino» e do «Envelhecer no feminino». *Ex aequo*(26), pp. 13-26. Obtido em 27 de janeiro de 2020, de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602012000200003

Dias, I. (2000). A violência doméstica em Portugal: Contributos para a sua visibilidade. IV Congresso Português de Sociologia. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia Publicações. Obtido em 14 de fevereiro de 2020, de <http://hdl.handle.net/10216/19973>

Dias, I. (2004). Violência na família: uma abordagem sociológica. *Afrontamento*.

Dias, I. (2005). Envelhecimento e violência contra os idosos. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, XXV, pp. 249-273. Obtido em 14 de fevereiro de 2020, de <http://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2391>

Dias, I. (2009). Os maus-tratos aos idosos: abordagem conceptual e intervenção social. *Sumário Pormenorizado da Lição*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Obtido em 14 de junho de 2020, de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/17982/2/sumariodalicao000078852.pdf>

Dias, I. (2010). Violência doméstica e justiça: respostas e desafios. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, XX, pp. 245-262. Obtido em 31 de janeiro de 2020, de <https://ojs.letras.up.pt/ojs/index.php/Sociologia/article/view/2287/2094>

Dias, I. (2014). Envelhecimento e violência contra idosos. *Revista da Faculdade de Letras : Sociologia*, I série, 15, pp. 249-274. Obtido em 29 de março de 2020, de <https://hdl.handle.net/10216/8789>

Dias, I., Lopes, A., & Lemos, R. (2019). O abuso de pessoas idosas: Definições e Controvérsias. Em M. Paulino, & M. Costa, *Maus-Tratos a pessoas idosas* (pp. 3-17). Lisboa: Pactor.

Dias, M. (2019). Violência contra pessoas idosas: um olhar sobre o fenómeno em Portugal. *Tendencias Sociales. Revista de Sociología*, 4, pp. 42-56. Obtido em 14 de fevereiro de 2020, de https://www.researchgate.net/publication/334522660_Violencia_contra_pessoas_idosas_um_olhar_sobre_o_fenomeno_em_Portugal

Direção-Geral da Saúde. (2015). Estratégia Nacional para o Envelhecimento Ativo e Saudável (2017-2025). Obtido em 13 de dezembro de 2019, de <https://www.sns.gov.pt/wp-content/uploads/2017/07/ENEAS.pdf>

Espíndola, C., & Blay, S. (2007). Prevalência de maus-tratos na terceira idade: revisão sistemática. *Revista de Saúde Pública*, 41(2), pp. 301-306. Obtido em 12 de abril de 2020, de https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102007000200020&lng=pt&tlng=pt

Esquivel, L. R., Calleja, A. M., Hernández, I. M., Medellín, M. P., & Paz, M. T. (2009). Aportes para una conceptualización de la vejez. *Revista de Educación y Desarrollo*, 6(11), pp. 47-56. Obtido em 14 de fevereiro de 2020, de http://www.imbiomed.com/1/1/articulos.php?method=showDetail&id_articulo=97102&id_seccion=4504&id_ejemplar=9484&id_revista=291

Fernandes, A. (1997). *Velhice e Sociedade: demografia, família e políticas sociais em Portugal* (1ª ed.). Oeiras: Celto Editora.

Fernandes, A. (2001). Velhice, solidariedades familiares e política social: Itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança de vida. *Sociologia, Problemas e Práticas*(36), pp. 39-52. Obtido em 27 de janeiro de 2020, de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292001000200003

Fernandes, A., Perelman, J., & Mateus, C. (2009). *Health and health care in Portugal : does gender matter?* Lisboa: Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge. Obtido de https://www.researchgate.net/publication/255580590_HEALTH_AND_HEALTH_CARE_IN_PORTUGAL_DOES_GENDER_MATTER

Ferreira, I. (2018). *Exposição à violência conjugal, crenças legitimadoras e perpetração (reclusos vs. não reclusos)*. Lisboa: (Dissertação de Mestrado: Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida). Obtido em 29 de junho de 2020, de <http://hdl.handle.net/10400.12/6844>

Filipe, S. (2013). *Modelos percebidos de causalidade da Violência entre parceiros íntimos*. (Tese de Mestrado: Universidade de Lisboa). Obtido em 29 de janeiro de 2020, de <http://hdl.handle.net/10451/10440>

Fonseca, A., Paúl, C., Martin, I., & Amado, J. (2005). Condição psicossocial de idosos rurais numa aldeia do interior de Portugal. Em C. Paúl, & A. Fonseca, *Envelhecer em Portugal* (pp. 99-108). Lisboa: Climepsi Editores.

Fonseca, J., Maia, C., Melo, S., Rodrigues, L., & Cordeiro, M. (2017). Exposição a violência em relações de intimidade – a propósito de um. *Nascer e Crescer*, 26(3), pp. 182-184. Obtido em 20 de junho de 2020, de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0872-07542017000300005

Fonseca, R., Gomes, I., Faria, P., & Gil, A. P. (2012). Perspetivas atuais sobre a proteção jurídica da pessoa idosa vítima de violência familiar: contributo para uma investigação em saúde pública. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 30(2), pp. 149-162. Obtido em 18 de maio de 2020, de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-90252012000200006

Fortin, M. (1999). *O Processo de Investigação*. Loures: Lusociência.

Freire, I. (2013). Intimidade Afetiva e Sexual no Estado Novo. *Saúde reprodutiva, Sexualidade e Sociedade*(3), pp. 56-61. Obtido em 29 de junho de 2020, de https://www.academia.edu/36487732/INTIMIDADE_AFETIVA_E_SEXUAL_NO_ESTADO_NOVO

Garcia-Marques, L. (2006). O inferno são os outros: o estudo da influência social. Em J. Vala, & M. B. Monteiro, *Psicologia Social* (7ª ed., pp. 227-292). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gauthier, B. (2003). *Investigação Social: da Problemática à Colheita de Dados*. Loures: Lusociência.

Ghiglione, R., & Matalon, B. (1992). O inquérito, teoria e prática. Oeiras: Celta Editora.

Gil, A. P., Santos, A. J., & Kislaya, I. (2014). Envelhecimento e Violência - Relatório científico: Projeto Envelhecimento e Violência. Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge, IP. Obtido em 27 de janeiro de 2020, de <http://hdl.handle.net/10400.18/2584>

Gil, A. P., Santos, A., Nicolau, R., & Santos, C. (2015). Fatores de Risco de violência contra as pessoas idosas: consensos e controvérsias em estudos de prevalência. *Revista de Sociologia Configurações*, 16, pp. 75-95. Obtido em 3 de março de 2020, de <http://journals.openedition.org/configuracoes/2852>

Gil, A., Santos, A., Kislaya, I., & Nicolau, R. (2014). Projeto envelhecimento e violência. Lisboa: Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge, IP. Obtido de <http://repositorio.insa.pt/bitstream/10400.18/1955/3/Envelhecimento%20e%20Viol%C3%Aancia%202011-2014%20.pdf>

Giró, J. (2014). La violencia hacia las personas mayores. *Trabajo Social Hoy*, 72, pp. 23-38. Obtido em 14 de fevereiro de 2020, de <http://dx.doi.org/10.12960/TSH.2014.0008>

Godbout, N., Runtz, M., MacIntosh, H., & Briere, J. (2013). Childhood trauma and couple relationships. *Integrating Science and Practice*, 3(2), pp. 14-17. Obtido em 29 de junho de 2020, de [https://natachagodbout.com/sites/default/files/publications/13-Godbout,%20Runtz,%20MacIntosh,%20%20Briere%20\(2013\).pdf](https://natachagodbout.com/sites/default/files/publications/13-Godbout,%20Runtz,%20MacIntosh,%20%20Briere%20(2013).pdf)

González-Ortega, I., Echeburúa, E., & Corral, P. (2008). Variables significativas en las relaciones violentas en parejas jóvenes: una revisión. *Behavioral Psychology / Psicología Conductual*, 16(2), pp. 207-225. Obtido em 29 de junho de 2020, de <https://www.uv.mx/cendhiu/files/2012/09/Variablespsic.manoella.pdf>

Guerreiro, M. D., Patrício, J., Coelho, A. R., & Saleiro, S. (2015). Processos de Inclusão de Mulheres Vítimas de Violência Doméstica. Lisboa: CIES-IUL, Instituto Universitário de Lisboa. Obtido de <http://acegis.com/wp-content/uploads/2015/05/Estudo-sobre-%C2%ABProcessos-de-Inclus%C3%A3o-de-Mulheres-V%C3%ADtimas-de-Dom%C3%A9stica%C2%BB.pdf>

Gutiérrez, J., Cantalejo, I., González, B., Trocóniz, M., Maroto, A., Bernal, A., . . . Marco, A. (2005). *Malos tratos a persona mayores: Guía de actuación*. (1ª ed.). Madrid: IMSERSO. Obtido de <http://www.copib.es/pdf/imsero-malostratos-01.pdf>

Haj-Yahia, M., & Clark, C. (2013). Intimate Partner Violence in the Occupied Palestinian Territory: Prevalence and Risk Factors. *Journal Family Violence*, 28, pp. 797-809. Obtido em 26 de junho de 2020, de https://www.researchgate.net/publication/276375683_The_Influence_of_Palestinian_Physicians'_Patriarchal_Ideology_and_Exposure_to_Family_Violence_on_Their_Beliefs_about_Wife_Beating

Hameister, B., Barbosa, P., & Wagner, A. (2015). Conjugalidade e parentalidade: uma revisão sistemática do efeito spillover. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 67(2), pp. 140-155. Obtido em 26 de junho de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672015000200011

Hildreth, C., Burke, A., & Golub, R. (2011). Elder abuse. *JAMA - Journal of the American Medical Association*, 306(5). Obtido em 23 de junho de 2020, de <https://jamanetwork.com/journals/jama/fullarticle/1104180>

Idáñez, M., & Ander-Egg, E. (2007). *Diagnóstico Social: conceitos e metodologias*.

INE. (2017). *Projeções de População Residente 2015-2080*. Obtido em 9 de abril de 2018, de https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=277695619&DESTAQUESmodo=2&xleng=pt

INE. (2018). Estatísticas demográficas: 2017. Obtido de https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=348174760&PUBLICACOESmodo=2

Jardim, V., Medeiros, B., & Brito, A. (2006). Um olhar sobre o processo de envelhecimento: a perceção de idosos sobre a velhice. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 9(2), pp. 25-34. Obtido em 15 de fevereiro de 2020, de www.redalyc.org/pdf/4038/403838770003.pdf.

Jesuíno, J. (2006). Estruturas e processos de grupo. Em J. Vala, & M. B. Monteiro, *Psicologia Social* (7ª ed., pp. 293-330). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Krug, E., Dahlberg, L., Mercy, J., Zwi, A., & Lozano, R. (2002). Relatório Mundial sobre violência e saúde. Genebra: OMS. Obtido em 29 de novembro de 2019, de <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude/>

Leal, A., Gracias, L., Figueiredo, P., Mendes, M., Carreiro, A. M., Perquilhas, M., & Lima, J. (2019). Violência familiar e filiofamiliar. Centro de Estudos Judiciários. Obtido em 2 de março de 2020, de http://www.cej.mj.pt/cej/recursos/ebooks/familia/eb_ViolenciaFF.pdf

Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2008). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas* (3ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.

Lima, L. (2006). Atitudes: estrutura e mudança. Em J. Valas, & M. B. Monteiro, *Psicologia Social* (7ª ed., pp. 187-225). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Limón, M. R., & Crespo, J. A. (2002). Grupos de debate para mayores. Guia práctico para animadores. Madrid: NARCEA, S.A. Ediciones. Obtido de <https://books.google.pt/books?id=Tm6KaZeIVYYC&pg=PA14&lpg=PA14&dq=el+sentido+de+las+etapas+de+la+vida:+ni%C3%B1ez-juventud-edad+adulto-ancianidad+-+beck&source=bl&ots=LaPae5At2i&sig=ACfU3U0YBtScsLtCa94w1DWWfLxb352Udg&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwiC3rbQ3qbgAhV>

Lisboa, M., Barroso, Z., Patrício, J., & Leandro, A. (2009). Violência e Género – Inquérito Nacional sobre a Violência exercida contra Mulheres e Homens. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. Obtido em 15 de maio de 2020, de https://run.unl.pt/bitstream/10362/56714/1/Violencia_e_Genero.pdf

Luoma, M., Koivusilta, M., Lang, G., Enzenhofer, E., Donder, L., Verté, D., Reingarde, J., Tamutiene, I., Ferreira-Alves, J., Santos, A. J. & Penhale, B. (2011). Prevalence Study of Abuse and Violence against Older Women. Results of a Multi-cultural Survey in Austria, Belgium, Finland, Lithuania, and Portugal (European Report of the AVOW Project). Finland: National Institute for Health and Welfare (THL). Obtido em 15 de fevereiro de 2020, de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/16541/1/avow%20study%20-%20final%20report.pdf>

Manita, C., Ribeiro, C., & Peixoto, C. (2009). Violência Doméstica Compreender para Intervir. Guia de Boas Práticas para Profissionais de Instituições de Apoio a Vitimas. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. Obtido em 16 de abril de 2020, de https://www.researchgate.net/publication/279920584_Violencia_Domestica_Compreender_para_Intervir_-_guia_de_boas_praticas_para_profissionais_de_instituicoes_de_apoio_a_vitimas

Marques, A., Ramos, M., & Gomes, M. (2011). Guia Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres (CEDAW) e o Protocolo Opcional. CIG. Obtido de https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2018/01/Guia-CEDAW_-_Protocolo-Opcional_Cig.pdf

Marques, J., & Paéz, D. (2006). Processos cognitivos e estereótipos sociais. Em J. Vala, & M. B. Monteiro, *Psicologia Social* (7ª ed., pp. 333-384). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Marques, S. (2011). Discriminação da Terceira idade. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Martín, I., & Brandão, D. (2012). Políticas para a terceira idade. Em C. Paúl, & O. Ribeiro, Manual de Gerontologia (pp. 273-287). Lidel- Edições Técnicas.

Martínez-Moreno, E., & Bermúdez-Pérez, M. (2016). Maltrato psicológico hacia los mayores: variables a tratar. *Revista Española de Comunicación en Salud – RECS*, 7(1), pp. 143-153. Obtido em 4 de abril de 2019, de <https://e-revistas.uc3m.es/index.php/RECS/article/view/3161>

Martins, E. (2013). Gerontologia/Gerontagogia: Animação Sociocultural em Idosos. Editorial Cáritas.

Matos, M. (2006). Violência nas relações de intimidade: estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher. (Tese de doutoramento: Universidade do Minho). Obtido em 29 de junho de 2020, de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/5735>

Matos, M., Machado, A., Santos, A., & Machado, C. (2012). 2012. *Análise Psicológica*, 30(1-2), pp. 79-91. Obtido em 17 de agosto de 2019, de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v30n1-2/v30n1-2a08.pdf>

Monteiro, R. (2012). A descriminalização do aborto em Portugal: Estado, movimentos de mulheres e partidos políticos. *Análise Social*, 204, XLVII (3º), pp. 586-605. Obtido em 8 de junho de 2020, de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aso/n204/n204a04.pdf>

Montolío, C. (2010). La violencia filio-parental: una aproximación a sus claves. (Tese de doutoramento: Universidade de Valência). Obtido em 26 de maio de 2020, de <https://core.ac.uk/download/pdf/71030685.pdf>

Moreira, C. (2007). Teorias e Práticas de investigação. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Múrias, C., & Ribeiro, R. (2012). Ideias a desconstruir ou a reinventar: Questionando percursos tradicionais de liderança de mulheres e de homens. Em C. Múrias, & M. Koning, *Lideranças partilhadas: Percursos de literacia para a igualdade de género e qualidade de vida* (pp. 201-222). Porto: Fundação Cuidar o Futuro & Livpsic. Obtido de https://www.researchgate.net/publication/308395057_IDEIAS_A_DESCONSTRUIR_OU_A_REINVENTA_R_QUESTIONANDO_PERCURSOS_TRADICIONAIS_DE_LIDERANCA_DE_MULHERES_E_DE_HOMENS

Novo, R., Prada, A. R., Fernandes, T., & Cerqueira, V. (2016). Violência contra a pessoa idosa no contexto familiar guia de apoio aos profissionais na identificação e sinalização. Bragança: Instituto Politécnico, Associação de Socorros Mútuos dos Artistas de Bragança. Obtido em 28 de janeiro de 2020, de <http://hdl.handle.net/10198/14270>

Oliveira, M. (2014). Transmissão intergeracional da violência: o contexto familiar, as relações de intimidade e as crenças dos jovens. Porto: (Tese de Doutoramento: Universidade Fernando Pessoa). Obtido em 29 de junho de 2020, de <http://hdl.handle.net/10284/4295>

Perdigão, A., Menezes, B., Almeida, C., Machado, D., da Silva, M., & Prazeres, V. (2014). Violência Interpessoal - Abordagem, Diagnóstico e Intervenção nos Serviços de Saúde. Lisboa: Direção Geral de Saúde. Obtido em 29 de junho de 2020, de <https://www.dgs.pt/documentos-e-publicacoes/violencia-interpessoal-abordagem-diagnostico-e-intervencao-nos-servicos-de-saude.aspx>

Perista, H., & Perista, P. (2012). Género e envelhecimento: Planear o futuro começa agora. Estudo de diagnóstico. Lisboa: Comissão para a Igualdade de Género. Obtido em 15 de abril de 2020, de <https://www.cig.gov.pt/siic/2015/01/projeto-genero-e-envelhecimento-planear-o-futuro-comeca-agora/>

Perista, H., & Silva, A. (2013). Mind the Gap! Melhorar a intervenção no domínio da violência contra mulheres idosas em relações de intimidade. Lisboa: CESIS-Centro de Estudos para a intervenção social. Obtido de <https://www.cig.gov.pt/siic/wp-content/uploads/2015/02/MindGap.pdf>

Perista, H., Silva, A., & Neves, V. (2010). IPVoW – Violência contra mulheres idosas em Relações de Intimidade. Lisboa: CESIS – Centro de Estudos para a Intervenção Social. Obtido em 26 de junho de

2020, de <https://www.cig.gov.pt/siic/2015/02/ipvow-violencia-contra-mulheres-idosas-em-relacoes-de-intimidade/>

Pillemer, K., Burnes, D., Riffin, C., & Lachs, M. (2016). Elder Abuse: Global Situation, Risk Factors, and Prevention Strategies. *The Gerontologist*, 56(2), pp. 194-205. Obtido em 12 de novembro de 2019, de https://academic.oup.com/gerontologist/article/56/Suppl_2/S194/2605277

Pimentel, I. (2011). A cada um o seu lugar: a política feminina do Estado Novo (1ª ed.). Círculo de Leitores Temas e Debates.

Poirier, J., Clapier-Valladon, S., & Raybant, P. (1995). Histórias de vida: teoria e prática. Oeiras: Celta.

PORDATA. (2019). Obtido em 15 de fevereiro de 2019, de Índice de envelhecimento- 2001 e 2018: <https://www.pordata.pt/Municipios/%C3%8Dndice+de+envelhecimento-458>

Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2005). Manual de Investigação em Ciências Sociais (3ª ed.). Lisboa: Gradiva.

Ramos, F. (2012). Os agressores de pessoas idosas. (Dissertação de Mestrado: Universidade do Porto). Obtido em 28 de janeiro de 2020, de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/62267/2/Os%20agressores%20de%20pessoas%20idosas.pdf>

Redondo, J., Pimentel, I., & Correia, A. (2012). Manual SARAR- Sinalizar, Apoiar, Registrar, Avaliar, Referenciar: Uma proposta de Manual para profissionais de saúde na área da violência familiar/ entre parceiros íntimos. Coimbra: Serviço de Violência Familiar- Hospital Sobral Cid, Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra. Obtido em 16 de maio de 2020, de <https://www.cig.gov.pt/siic/wp-content/uploads/2015/01/Manual-SARAR-site.pdf>

Rêgo, M. C. (2010). Nos 15 anos da Plataforma de Pequim. *Revista de Estudos Demográficos*, INE(47), pp. 21-45. Obtido em 9 de março de 2019, de https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_estudos&ESTUDOSest_boui=90346877&ESTUDOSmodo=2&xlang=pt

Relvas, A. (1996). O ciclo vital da família: perspetiva sistémica (3ª ed.). Porto: Afrontamento.

Rodrigues, T., & Moreira, M. (2019). Ser Velho em Portugal Hoje: Conceitos e Representações. Em M. Paulino, & M. Costa, *Maus-Tratos a Pessoas Idosas* (pp. 3-17). Lisboa: Pactor.

Rosas, I. (2015). Idoso, vulnerabilidade, risco e violência: que medidas de proteção? Porto: (Dissertação de Mestrado: Instituto Superior de Serviço Social). Obtido em 12 de abril de 2020, de <http://hdl.handle.net/10400.26/10553>

Santos, A., Niolau, R., Fernandes, A., & Gil, A. P. (2013). Prevalência da violência contra as pessoas idosas: uma revisão crítica da literatura. *Sociologia, Problemas e Práticas* (72), pp. 53-77. Obtido em 12 de abril de 2020, de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0873-65292013000200003&lng=pt&nrm=i

Santos, A. & Ribeiro, O. (2014). Maus tratos e negligência da pessoa idosa: Modelos teóricos e intervenção. In M. Matos (coord.), *Vítimas de Crime e Violência. Práticas de Intervenção* (pp.131-145). Braga: Psiquilíbrios.

Saraiva, E., & Coutinho, M. (2012). A difusão da Violência contra idosos: Um olhar psicossocial. *Psicologia & Sociedade*, 24(1), pp. 112-121. Obtido em 10 de abril de 2020, de <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822012000100013>

Schneider, R., & Irigaray, T. (2008). O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25(4), pp. 585-593. Obtido em 6 de fevereiro de 2020, de <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-504224>

Scolich, N. (2005). Pensar la Vejez. *Revista Virtual de la Facultad de Derecho*(9), pp. 1-55. Obtido em 10 de novembro de 2019, de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5028477>

Serapioni, M., Ferreira, S., & Lima, T. (2013). *Voluntariado em Portugal: contextos, atores e práticas*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida. Obtido de <http://hdl.handle.net/10316/44013>

Serrão, C., Paulo, A. L., & Lopes, B. (2014). A Rede Social como Instrumento de Mudança. (pp. 29-33). Porto: Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto. Obtido em 30 de junho de 2020, de <http://hdl.handle.net/10400.22/10167>

Serrão, V. (2018). *O ensino durante o Estado Novo em Portugal: o papel do professor*. (Relatório de Prática Supervisionada de Mestrado: Universidade de Lisboa).

Sethi, D., Wood, S., Mitis, F., Bellis, M., Penhale, B., Marmolejo, I., Lowenstein, A., Manthorpe, G. & Kärki, F. (2011). *European report on preventing elder maltreatment*. Copenhagen: WHO. Obtido em 29 de janeiro de 2020, de <https://apps.who.int/iris/handle/10665/107293>

Silva, M. (2006). *Se fosse tudo bem, a velhice era boa de enfrentar! : racionalidades leigas sobre envelhecimento e velhice : um estudo no norte de Portugal*. Lisboa: (Tese de doutoramento: Universidade Aberta). Obtido em 6 de fevereiro de 2020, de <http://hdl.handle.net/10400.2/788>

Soares, J., Barros, H., Torres- Gonzales, F., Ioannidi-Kapolou, E., Lamura, G., Lindert, J., Luna, J., Macassa, G., Melchiorre, M., & Stankunas, M. (2010). *Abuse and Health among Elderly in Europe*. Kaunas: Lithuanian University of Health Sciences Press. Obtido em 15 de fevereiro de 2020, de <https://www.hig.se/download/18.3984f2ed12e6a7b4c3580003555/ABUEL.pdf>

Sousa, T. (2013). *Os filhos do silêncio: crianças e jovens expostos à violência conjugal: um estudo de casos*. (Dissertação de mestrado: Universidade Lusófona de Lisboa). Obtido em 26 de junho de 2019, de <http://hdl.handle.net/10437/5018>

Tavares, M. (2008). *Feminismos em Portugal (1927-2007)*. Lisboa: (Tese Doutoramento: Universidade Aberta). Obtido em 22 de junho de 2020, de <http://hdl.handle.net/10400.2/1346>

Ventura, M., Ferreira, M., & Magalhães, M. (2013). Violência nas relações de intimidade: crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista de Enfermagem Referência*, III(11), pp. 95-103. Obtido em 17 de maio de 2020, de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0874-02832013000300011&lng=pt&nrm=iso

WHO. (2002). *Missing voices: views of older persons on elder abuse*. Obtido em 29 de janeiro de 2020, de https://www.who.int/ageing/publications/missing_voices/en/

WHO. (2002a). *The Toronto declaration on the global prevention of elder abuse*. Obtido em 20 de agosto de 2019, de http://www.who.int/ageing/publications/toronto_declaration/en/

WHO. (2008). *A global response to elder abuse and neglect: Building primary health care capacity to deal with the problem worldwide: main report*. Geneva: WHO. Obtido em 24 de março de 2019, de www.who.int/ageing/publications/ELDER_DocAugust08.pdf

APÊNDICES

APÊNDICE A- Declaração de Consentimento



Declaração de Consentimento

Eu, abaixo assinado, compreendi a explicação que me foi dada, escrita e verbalmente acerca da investigação que está a ser realizada, e em que irei participar de livre vontade. Foi-me dada a oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias e para todas obtive um esclarecimento claro e objetivo.

Tomei conhecimento que tenho o direito de recusar responder a questões que considere desconfortáveis e que violem a minha privacidade, assim como o direito a recusar a minha participação em qualquer momento da entrevista, caso considere necessário.

Fui informada que a entrevista será gravada em áudio e que será salvaguardada a confidencialidade dos dados e o anonimato.

Foi-me dado o tempo necessário para reflectir sobre esta proposta de participação e nestas circunstâncias, decido livremente participar neste projeto de investigação, tal como me foi apresentado pela investigadora Maria João Carvalho.

Data: ____/____/____

Assinatura da participante: _____

A Investigadora responsável: _____

APÊNDICE B- Guião de Entrevista



GUIÃO DE ENTREVISTA

Representações sociais acerca dos maus-tratos em contexto rural no Concelho de Castelo Branco - uma perspetiva feminina

Instruções:

O presente instrumento de recolha de dados enquadra-se numa investigação no âmbito do Trabalho de Projeto do Mestrado em Gerontologia Social, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco. Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins académicos.

Este estudo, de âmbito qualitativo, tem como objetivo conhecer quais as representações sociais de género sobre os maus-tratos em idosas com mais de 70 anos de idade das freguesias do concelho de Castelo Branco.

A entrevista é anónima e confidencial, salvaguardando-se o respeito pela proteção dos dados e pela privacidade da pessoa inquirida.

Período de aplicação: agosto/setembro

Data de aplicação: ____ / ____ / ____

1. Características Sociodemográficas

Idade (anos) _____

Naturalidade _____

Qual a última profissão que exerceu _____

Habilitações literárias?

☐ Não sabe ler nem escrever ☐ Ensino primário ☐ Ensino secundário

☐ outros

Estado civil

☐ Solteiro ☐ Casado ☐ Divorciado/Separado ☐ Viúvo ☐ União de Facto

N.º de Filhos **Sexo Masculino** _____ **Sexo Feminino** _____

Com quem reside: ☐ Sozinho ☐ Cônjuge ☐ Filhos ☐ Outros familiares – Quais? _____

Grau de Autonomia: ☐ autónomo ☐ dependente leve ☐ dependente moderado

Questões guia

1. Onde nasceu?
2. Lembra-se da sua infância? Do que se lembra mais?
3. Como era a vida na sua infância?
4. Teve irmãos/ãs? Quantos/as?
5. Se andou na Escola, frequentou-a até que idade?
6. Gostava de andar na Escola? Porquê?
7. Achava que era importante ir à escola? Porquê?
8. Havia separação de rapazes e raparigas na sala de aula e no pátio?
9. Na sua opinião, havia necessidade de haver essa separação? Porquê?
10. Acha que se tivesse tido oportunidade, teria estudado mais?
11. Como era dividido o trabalho e as tarefas em casa? Havia tarefas diferentes para os homens e as mulheres? E quando se casou era assim também?
12. Os seus pais davam-se bem? Como define a relação entre eles? Apoiavam-se um ao outro ou havia discussões e conflitos?
13. Quando havia discussões e/ou conflitos como eram resolvidos?
14. Quem mandava em casa. O seu pai, a sua mãe ou ambos?
15. Na sua casa também era assim ou havia diferenças?
16. A sua mãe podia dar a sua opinião abertamente sobre os assuntos que diziam respeito ao quotidiano familiar? E os filhos podiam falar abertamente com os pais? Mais com o pai ou mais com a mãe? Porquê?
17. Na sua casa também era igual ou diferente?
18. Colaboravam nas tarefas domésticas?
19. Havia tempo para brincar?
20. As tarefas eram iguais tanto para raparigas como para os rapazes?
21. Havia diferenças na forma como se educavam rapazes e raparigas? Porquê? Como foi que educou os seus filhos?
22. Na sua experiência pessoal pode dizer-nos quem tinha mais liberdade? (ex.º nas relações de amizade,...)
23. Quando não faziam o que os pais achavam correto por quem eram repreendidos? Porquê? Na sua casa também se procedia dessa forma?

24. De quem (pai ou mãe) tinha mais receio e porquê?
25. Sempre que obedecia, era por medo de ser punida ou pelo respeito que tinha aos pais?
26. Até sair de casa, trabalhou? Onde?
27. Com que idade começou a namorar?
28. Teve logo a aprovação dos seus pais? Porquê?
29. Durante o namoro o (s) seu (s) namorado (s) tentava controlar o seu comportamento (com quem andava, o que devia fazer, como devia andar vestida...)? Qual era a sua resposta? Achava bem que assim fosse ou opunha-se? Porquê?
30. As raparigas tinham liberdade? O que podiam ou não podiam fazer?
31. Com que idade se casou? Na sua opinião e vivência, como eram as relações entre marido e mulher? Quem tomava as decisões (relativas à vida do casal e da família)? Quem tinha mais poder (marido/mulher)? Porquê? Quem obedecia mais (marido/mulher) Porquê?
32. Tinha mais oportunidades para sair e se divertir depois de casada? Porquê? Quem a acompanhava?
33. Foi feliz no seu casamento? Porquê?
34. Era comum o consumo de álcool por parte dos homens e mulheres na sua terra? Porquê? Quem bebia mais?
35. Na sua opinião, o consumo de álcool pode estar na base da agressividade?
36. Considerava-se (ou considera) normais, os homens serem autoritários e agressivos (tratar mal) com as esposas? Porquê?
37. Teve/tem conhecimento ou assistiu a situações deste tipo? Na sua opinião porque é que isto acontecia/acontece? Quem foi ou foram as vítimas?
38. O que fez? Pediu apoio junto da família ou vizinhos?
39. Quando havia ou há casos de violência entre o marido e a mulher a quem era/é atribuída a responsabilidade? Era ou ainda é comum dizer-se que “entre marido e mulher ninguém deve meter a colher”? Porquê?
40. Na sua opinião o que deve fazer a mulher quando é/era agredida pelo marido? Porquê?
41. Alguns destes comportamentos eram devidos ao consumo de álcool? Na sua opinião, estes casos eram muito frequentes?
42. Era habitual as situações de violência ficarem no segredo da família, ocultando-se os factos ou as situações serem denunciadas? Porque é que isso acontecia?
43. Quando se conheciam casos de agressividade e violência nos casais, como é que a família e os vizinhos lidavam com este facto? Porquê?

44. Considera que tem uma boa relação com os seus filhos/as? Porquê?
45. Se fosse vítima de violência aceitava e desculpava esse comportamento ou falava com alguém sobre o assunto?
46. Tem conhecimento que existem atualmente, vários tipos de apoio para as vítimas de violência? Pode-nos dizer exemplos?
47. No caso de ter conhecimento de alguma situação saberia o que fazer?

APÊNDICE C- Caraterização sociodemográfica das entrevistadas

Tabela 4- Caraterização sociodemográfica das entrevistadas

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10
Naturalidade	Castelo Branco	Almaceda	Malhada do Cervo (Sarzedas)	Vale Maria Dona (Sarzedas)	Lousa	Fonte Longa (Santo André das Tojeiras)	Pousafoles (Sarzedas)	Cebolais de Cima	Sarzedas	Sarzedas
Idade	73	77	74	78	81	79	75	76	78	78
Escolaridade	Antigo Magistério Primário	4º Ano	4º Ano	4º Ano	Antigo Magistério Primário	4º Ano	Curso de Secretariado	4º Ano	4º Ano	4º Ano
Estado civil	Casada	Viúva	Casada	Viúva	Casada	Casada	Casada	Casada	Viúva	Viúva
Filhos	2	2	2		2	1		1	2	2
Filhas		1	2	2		2	1			
Profissão/ ocupação antes da reforma	Professora do Ensino Primário	Comerciante/doméstica	Trabalhadora Rural/ Doméstica	Trabalhadora Rural/ Doméstica	Professora do Ensino Primário	Trabalhadora Rural/ Doméstica	Secretária/ Vendedora	Trabalhadora Fabril/ Doméstica	Trabalhadora Rural/ Doméstica	Trabalhadora Rural/ Doméstica

APÊNDICE D- Categorização das questões analisadas

Tabela 5- Categorização das questões analisadas

Temas	Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
1. Vivência no contexto familiar de origem	1.1 Dinâmica e estrutura familiar	1.1.1 Condições de vida na infância e juventude	1.1.1.1 Condições de vida
			1.1.1.2 N° de irmãos/ membros da família
		1.1.2 Responsabilidades na gestão da casa e educação dos filhos	1.1.2.1 Principal provedor/a de recursos na família
			1.1.2.2 Divisão de tarefas e responsabilidades por parte dos membros da família
		1.1.3 Relação hierárquica entre os progenitores	1.1.3.1 Definição de papéis e relações de poder no casal
			1.1.3.2 Estabelecimento de regras e limites
		1.1.4 Perceção sobre as diferenças de género na educação dos filhos	1.1.4.1 Diferenciação na educação entre rapazes e raparigas
		1.1.5 Diferenciação de papéis em função do género em relação aos filhos	1.1.5.1 Liberdade e diferenciação nos comportamentos esperados entre rapazes e raparigas
		1.1.6 Comunicação entre pais e filhos	1.1.6.1 Partilha e discussão de opiniões entre os membros da família
			1.1.6.2 Valores transmitidos e comportamentos esperados em relação aos mais velhos
2. Escola e vida profissional	2.1 Vivências do percurso escolar e profissional	2.1.1 Perceção sobre o percurso escolar	2.1.1.1 Frequência da escola
			2.1.1.2 Causas que levaram ao abandono escolar
			2.1.1.3 Separação entre géneros na escola
		2.1.2 Percepções sobre os castigos aplicados na escola	2.1.2.1 Castigos aplicados e razões para tal
		2.1.3 Vivências do percurso profissional	2.1.3.1 Profissão e percurso profissional
			2.1.3.2 Percepções acerca do trabalho feminino fora do contexto do lar

3. Namoro, casamento e sexualidade	3.1 Perceções sobre o namoro e casamento	3.1.1 Namoro	3.1.1.1 Idade com que começou a namorar
			3.1.1.2 Como e onde se namorava
			3.1.1.3 Liberdade para frequentar espaços públicos
			3.1.1.4 Sexualidade e preparação para o casamento
			3.1.1.5 Gravidez inesperada no namoro e abandono
		3.1.2 Casamento	3.1.2.1 Partilha de decisões e opiniões na tomada de decisão do casal
			3.1.2.2 Relação de confiança entre os membros do casal
			3.1.2.3 Separação e divórcio
			3.1.2.4 Partilha de tarefas e responsabilidades na gestão da casa
			3.1.2.5 Educação dos filhos
		3.1.3 Perceções acerca do papel do homem, hierarquias e relações de poder	3.1.3.1 Padronização e normalização de comportamentos agressivos e desajustados
			3.1.3.2 Representações sobre comportamentos e atitudes pela família e comunidade face às situações conhecidas e vivenciadas
4. Conhecimento acerca da violência doméstica e formas de apoio às vítimas na atualidade	4.1 Representações pessoais acerca da Violência Doméstica	4.1.1 Conhecimento e perceções sobre situações de violência doméstica conhecidas e/ou vivenciadas	4.1.1.1 Perceções e representações sobre situações conhecidas na família ou comunidade
			4.1.1.2 Representações da comunidade face às situações de violência doméstica conhecidas
			4.1.1.3 Atitudes e comportamentos face a situações conhecidas
			4.1.1.4 Conhecimento acerca dos tipos de apoios existentes

			para as vítimas de violência doméstica
			4.1.1.5 Perceções acerca do tipo de apoio que é dado às vítimas de violência doméstica

APÊNDICE E- Tabelas de Análise de Conteúdo

- **Análise de conteúdo- entrevista 1**

Tabela 6- Análise de Conteúdo Entrevista 1

0	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
1. Vivência no contexto familiar de origem	1.1 Dinâmica e estrutura Familiar	1.1.1 Condições de vida na infância e juventude	1.1.1.1 Condições de vida	"Perdi a minha mãe aos 16 anos, depois o meu pai casou a segunda vez e eu fiquei a viver com os meus padrinhos, porque estava a estudar cá em Castelo Branco e o meu pai ausentou-se de Castelo Branco, mas eu queria cá continuar e fiquei cá em casa dos meus padrinhos até acabar de tirar o curso"
			1.1.1.2 N.º de irmãos/membros da família	"Sou filha única do primeiro casamento do meu pai (...) tenho mais irmãos/ãs do segundo casamento"
		1.1.2 Responsabilidades na gestão da casa e educação dos filhos	1.1.2.1 Principal provedor/a de recursos financeiros na família	"Era o meu pai (...) e a minha mãe era doméstica" "Antigamente eram muito poucas as mulheres que trabalhavam, não é?"
			1.1.2.2 Divisão de tarefas e responsabilidades por parte dos membros da família	"(mãe) Dedicava-se às tarefas da casa, à costura (...) pronto tudo o que fosse relacionado com a casa e com a educação da filha claro" " Eu aos 14 anos tive a infelicidade da minha mãe ter que ser internada (...) estive dois anos infelizmente no IPO (...) e eu aos 14 anos fazia tudo em casa" " Estudava e muitas vezes eram 10 da noite quando eu começava a estudar para ter tempo de fazer comida, limpar a casa, passar a ferro... tudo...porque era filha única (...) o meu pai tinha que ir trabalhar e a minha mãe estava internada em Lisboa"

				<i>"Tinha muita responsabilidade (...) eu era filha única, mas da realidade que eu conhecia os rapazes não eram preparados para a lida da casa como era uma rapariga"</i>
		1.1.3 Relação Hierárquica entre os progenitores	1.1.3.1 Definição de papéis de relações de poder no casal	<i>"Olhe deixe-me lá ver bem...acho que aquilo não havia assim uma posição, mas geralmente era o homem que impunha (...) era porque era ele que ganhava, ele é que tinha o direito de tudo (...) era isso (...) embora na minha casa não fosse muito visível assim, mas era geralmente o homem que fazia isso"</i> <i>"De haver assim problemas de agressão doméstica não isso não, ou bater, não...pronto...falar certamente, na minha frente não seria muito, mas todos os casais têm coisas dessas, não é?"</i> <i>"É possível que sim, porque todos os casais têm os seus momentos em que ... a vida não é um mar de rosas"</i>
		1.1.4 Percepção sobre o estabelecimento de regras e limites por parte dos pais	1.1.4.1 Definição de papéis na educação dos filhos	<i>"Eu estava mais com a minha mãe o dia todo, o meu pai ia trabalhar, portanto (...) "</i>
			1.1.4.2 Estabelecimento de regras e limites	<i>"Não, Não posso considerar (que era severo), nunca, pelo contrário, até era meigo e afetuoso"</i> <i>"Certamente que sim, que eu seria castigada, não é? Com certeza como todas as outras crianças (...) agora assim que eu tivesse tido um castigo assim severo ou um castigo que me tivesse marcado não me lembro"</i>

				" Uma coisa que eu me lembro era da comida...se nós não gostássemos de uma coisa, não iam fazer outra para nós comermos como fazemos agora com os nossos filhos e prós netos (...) Não gostas? Não queres? Então deixa ficar, fica para a próxima vez (...) e da próxima vez que tivéssemos mais fome tínhamos que comer"
		1.1.5 Perceção sobre as diferenças de género na educação dos filhos	1.1.5.1 Diferenciação na educação entre rapazes e raparigas	"Em casa brincava sozinha porque na família havia poucas crianças...eu até era das mais novas, eram todos já crescidos/as (primos/as)" " As nossas brincadeiras eram com bonecas ...eu lembro-me de brincar com as amigas com as bonecas e às casinhas ...éramos preparadas para esse fim" "Da realidade que eu conhecia, os rapazes não eram preparados para a vida de casa como as raparigas (...) eu aos 14 anos já fazia tudo em casa (...) hoje é diferente...muito diferente"
		1.1.6 Diferenciação de papéis em função do género em relação aos filhos	1.1.6.1 Liberdade e diferenciação nos comportamentos esperados entre rapazes e raparigas	"Sim...tinham mais liberdade, porque nós tínhamos que andar sempre ali com uma conduta sempre muito certinha (...) "
			1.1.7.1 Partilha e discussão de opiniões entre os membros da família	" Geralmente isso era usual em todas as famílias, eu na minha casa não notava, já não me lembro muito bem (...), no entanto sei que na generalidade das famílias era isso" " Era o que ficava estabelecido...não opinavam"

		1.1.7 Comunicação entre pais e filhos	1.1.7.2 Valores transmitidos e comportamentos esperados em relação aos mais velhos	<i>"Honestidade, o respeito (...). Tínhamos muito respeito por todos, a seriedade, o sermos sérios em tudo, a nossa palavra, não havia, não era preciso assinarmos nada ... até numa venda, numa compra de qualquer coisa, qualquer coisa que fizéssemos, um empréstimo, a palavra era muito importante na nossa altura...era como e fosse um selo branco, não é como agora"</i> <i>"O poupar...o sabermos poupar, porque antigamente não se podia estragar, que os ordenados eram pequenos...tínhamos que saber poupar, tínhamos que saber aproveitar as coisas que tínhamos e ajudar-nos... a ajuda entra as pessoas era muito importante e na minha família foi sempre muito importante. Nós éramos uma família grande, no entanto, ajudávamo-nos(...) antigamente não se ia ao banco e graças a deus eles organizavam a vidinha deles toda com a ajuda de todos, embora uns mais do que outros"</i> <i>" Ah sim...mas de longe...em casa dos meus avós com os meus tios, tias, e até com os meus primos mais velhos nós tratávamos todos com a mesma delicadeza, com muito respeito (...) Éramos incapazes de levantar a voz, essas coisas que se usam agora, antigamente nós não faríamos de maneira nenhuma"</i>

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
2. Escola e vida profissional	2.1 Vivências do percurso escolar e profissional	2.1.1 Perceção sobre o percurso escolar	2.1.1.1 Frequência da escola	" Andei aqui no Liceu em Castelo Branco e depois tirei ...seguí para o Magistério Primário e tirei-o aqui" " Andei sempre em escolas femininas (...) e fiz do 1ª à 3ª Classe em Belmonte porque o meu pai trabalhava lá" " As raparigas já faziam até à 4ª classe. (...) Na altura da minha mãe já fez a 4ª classe porque vivia numa aldeia, mas muitas raparigas não... eu por exemplo tenho tias que chegaram apenas à 3ª classe" "Na parede da escola tínhamos um crucifixo ao meio, ao lado estava o Américo Tomás e do outro lado o Salazar. A primeira coisa que começávamos era por agradecer a Deus, rezar e depois começávamos a nossa aula ...era o lema Deus, Pátria e Família"
			2.1.1.2 Causas que levaram ao abandono escolar	"No meu caso tive oportunidade de estudar e formar-me, mas ou ia-se para professora ou nada porque os pais não deixavam ir para outras profissões" " Antigamente eram mais os rapazes que estudavam, por exemplo a família do meu marido e ele era o mais velho ele começou a estudar aos dez anos...e ele tinha mais três irmãs que já começaram a estudar mais tarde...porquê? Porque os pais também viviam numa aldeia e não tinham meios económicos para por todos numa escola na cidade a pagar pensão...pronto que isso é tudo muito caro...ele como era rapaz veio. As raparigas eram educadas mais para casa"

			2.1.1.3 Separação entre géneros na escola	" Sim, por exemplo eu estava no recreio de uma escola que ficava no cimo de uma rua do lado direito, a feminina já era do lado esquerdo, por isso eles nem sequer se misturavam, os recreios eram separados" "Havia separação nos recreios e nas brincadeiras" " Eu andei sempre em escolas femininas, brincava com as meninas" " Havia lá também uma escola masculina. No pátio não nos misturávamos muito, era só com as meninas"
		2.1.2 Perceções sobre os castigos aplicados na escola	2.1.2.1 Castigos aplicados e razões para tal	"Não se podia ser muito severo (Professores) mas não podia haver indisciplina porque repare a primeira vez que eu dei aulas foi a uma turma de quatro classes com quase 50 alunos, já viu...se houvesse indisciplina naquela aula diga-me lá o que é que eles aprendiam ou o que é que eu podia fazer." "Tinham que haver regras estabelecidas, tinha que haver uma certa disciplina o que antigamente não era difícil porque as pessoas convivíamos numa ditadura, as pessoas estavam habituadas a não falar, a não se manifestarem muito e claro... antigamente um padre e os professores eram pessoas muito respeitadas nas aldeias e nos meios mais pequenos ou até nas cidades"
			2.1.3.1 Profissão e percurso profissional	"Eu tinha duas primas formadas em Biologia em Coimbra e gostava muito de Biologia e já tinha mais ou menos o meu caminho planeado,

		2.1.3 Vivências do percurso profissional		<i>simplesmente tive o azar...o meu pai casou segunda vez e a vida modificou-se e eu depois fui pra' quilo que gostava e que fosse mais rápido pra poder não estar a depender de ninguém (...) e fui professora...mas gostei imenso da minha vida (...)"</i> <i>"A primeira escola onde dei aulas foi em Ferreira do Zêzere, era uma escola masculina (...) já lá vão 52 anos"</i> <i>" Sempre lecionei em escolas femininas ou masculinas"</i> <i>"Eu tirei primeiro professora do ensino primário como se chamava antigamente, agora é o ensino básico (...) a minha primeira formação é essa. Estudei no Antigo Liceu Nuno Álvares e depois fiz o antigo Magistério Primário tendo-me formado aos 20 anos"</i>
			2.1.3.2 Perceções acerca do trabalho feminino fora do contexto do lar	<i>"Com vinte anos eu era muito jovem e com 20 anos eu comecei a ganhar para mim e a trabalhar...claro"</i> <i>"Com vinte anos comecei a ganhar dinheiro e a trabalhar, tornando-me independente"</i> <i>" Nos meios mais pequenos era mais essa mentalidade, não se via com bons olhos as mulheres irem trabalhar para fora de casa. Nas aldeias, mais fechadas certamente haveria muito essa mentalidade"</i> <i>" Antigamente ou eram professoras porque os pais não as deixavam ir para outras coisas, era isso porque estávamos aqui dentro de casa a estudar...eu por exemplo tive essa possibilidade porque já tinha pessoas em Coimbra, já estavam</i>

				<i>lá a estudar e a trabalhar e por haver possibilidade de ir para casa de família, não se ía assim pra casa de qualquer pessoa"</i> <i>"Nos meios mais pequenos não era bem visto as jovens saírem de casa para irem trabalhar fora, deviam ficar com a família, tratar da casa e ter filhos...essa era a mentalidade mais fechada da época"</i> <i>"Nos meios mais abertos em famílias que tivessem posses e com pessoas mais velhas que tivessem feito os percursos de estudar e trabalhar era mais fácil"</i>
--	--	--	--	--

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
3. Namoro/ Casamento e sexualidade	3.1 Perceções sobre o namoro e casamento	3.1.1 Namoro	3.1.1.1 Idade com que começou a namorar	<i>"Eu comecei a namorar já era professora, já trabalhava, já era independente economicamente, mas...não namorava por aí assim. Comecei a namorar à janela e depois namorava em casa com a família ao pé"</i>
			3.1.1.2 Como e onde se namorava	<i>"Olhe eu comecei a namorar à janela"</i> <i>"Não se namorava para aí assim, era também em casa e com a família ao pé"</i>
			3.1.1.3 Liberdade para frequentar espaços públicos	<i>" Sozinhas, sozinhas não saíamos, mas com a família, com irmãos, primos, com tios ou amigas ...amigas muito próximas conhecidas de casa "</i>
			3.1.1.4 Sexualidade e preparação para casamento	<i>"Ai não, não, eram assuntos de que não se falava, nesses assuntos não se falava...era tabu...o que era mau"</i> <i>" Não sei responder (...) Talvez...nós somos habituados desde muito novos a trabalhar a ter</i>

				<i>responsabilidade está a ver? Nos dias de hoje eu não acredito que estejam. Eu comecei a trabalhar aos 14 anos e dava conta de uma casa e estudava ao mesmo tempo. Eu estava habituada a trabalhar a ter responsabilidade e isso ajuda as pessoas a crescer. Com esse crescimento e eu criei dois filhos completamente sozinha...eu e o meu marido. Eu cresci muito depressa, é possível que eu nessa altura já tivesse condições para casar"</i>
			3.1.1.5 Gravidez inesperada no namoro e abandono	<i>" Uiii... isso era muito complicado...isso na altura era um bocado complicado. Era muito mal" "Nos meios grandes talvez isso não fosse tanto mas era uma coisa que não era muito bem vista, então nos meios pequeninos isso era muito complicado." "Certamente era até posta de lado até pela (...) da realidade que eu conheço era (...)"</i>
		3.1.2 Casamento	3.1.2.1 Partilha de decisões e opiniões na tomada de decisão do casal	<i>"Casei-me com 23 anos" "No princípio do casamento é um pouco complicado...no princípio o homem vem habituado a ver o pai a decidir, a ver o pai a comandar o barco...mas depois há uma coisa...encontra uma pessoa que está ao mesmo nível dele...tanto em parte económica como na parte cultural em todos os sentidos e de responsabilidade e aí a coisa começa... a ter que ter mais igualdade...tem que haver um ajustamento de coisas."</i>

				" (...) se o homem não for educado com papeis sociais bem definidos especialmente no que diz respeito ao papel do homem é um pouco complicado" " Tivemos que ajustar as coisas...a mulher era sustentada pelo marido...era submissa...a parte económica era muito importante" "Há sempre cedências no casamento e ajustamento de posições entre o casal"
			3.1.2.2 Relação de confiança entre os membros do casal	"Como sempre fui muito autónoma e independente não se colocou nunca essa questão (...) havia total confiança entre nós e olhe que eu passava muito tempo fora de casa"
			3.1.2.3 Separação e divórcio	"Não se falava em divórcio nessa altura...as pessoas ficavam juntas para a vida."
			3.1.2.4 Partilha de tarefas e responsabilidades na gestão da casa	" Não eram repartidas...eu trabalhava fora de casa e ainda fazia as tarefas domésticas" " A mulher é mais sacrificada que o marido" " A pouco e pouco, muito lentamente vai-se introduzindo a partilha" " As coisas de importância eram decididas pelos dois" " Os assuntos de casa ele decidia porque estava mais presente na educação dos filhos do que eu"
			3.1.2.5 Educação dos filhos	" Éramos os dois que educávamos e as regras eram estabelecidas pelos dois" " A parte da instrução era mais comigo, os trabalhos de casa que trazia da escola"

		3.1.3 Perceções acerca do papel do homem, hierarquias e relações de poder	3.1.3.1 Padronização e normalização de comportamentos agressivos e desajustados	<i>" Havia esses comportamentos, mas eram fruto da educação da altura"</i> <i>" Os homens...especialmente os homens que trabalhavam no campo iam para as tabernas, chegavam a casa e tratavam mal os filhos e as mulheres"</i> <i>" Sabia-se que existiam muitas situações de maus-tratos, mas não assisti a nenhuma, apenas conhecia"</i>
			3.1.3.2 Representações sobre comportamentos/attitudes da família e comunidade face às situações conhecidas e vivenciadas	<i>" Eram comportamentos tolerados pela sociedade fruto da ditadura"</i> <i>" As mulheres não tinham meios para sair da situação, não tinham apoios como hoje..."</i> <i>" A comunidade e as famílias não intervinha perante essas situações"</i> <i>" Não eram apoiadas por ninguém...sobretudo nas aldeias se fossem vítimas de violência doméstica"</i>
			3.1.3.3 Razões apontadas para aceitação dos comportamentos agressivos/desajustados	<i>" Os valores do regime e a cultura veiculada levava à aceitação destes padrões de comportamento por parte dos homens...as mulheres eram muito submissas"</i>

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
4. Conhecimento acerca da Violência	4.1	4.1.1 Conhecimento e perceções sobre	4.1.1.1 Perceções e representações sobre	<i>"Hoje ainda acontece e existem casos levados ao limite (...) mas antes os casos eram mais abafados...hoje sabe-se...antes não"</i>

Doméstica e formas de apoio às vítimas na atualidade	Representações pessoais sobre a Violência Doméstica	situações de Violência Doméstica conhecidas e/ou vivenciadas	situações conhecidas na família ou comunidade	<i>"Caso passasse por essa situação teria reagido...eu era independente economicamente, portanto..."</i>
			4.1.1.2 Comportamento da comunidade face às situações de violência doméstica conhecidas	<i>"Hoje as pessoas estão mais atentas a estas situações e fala-se mais destes assuntos, já não se consideram normais estas situações"</i>
			4.1.1.3 Atitudes/comportamentos face a situações conhecidas	<i>"Eu não intervinha diretamente na vida das pessoas...dava conselhos...apojava e encaminhava a pessoa"</i> <i>"Parte das mulheres não dizem e aguentam até ao limite..."</i> <i>"Ainda se calam muitas situações"</i>
			4.1.1.4 Conhecimento acerca dos tipos de apoios existentes para vítimas de violência doméstica	<i>"Conheço sim os vários apoios que existem"</i>
			4.1.1.5 Perceções acerca do tipo de apoio que é dado às vítimas de violência doméstica	<i>"Acho que as estruturas de apoio não apoiam como devem, senão não se chegava às situações que vemos na comunicação social, deviam promover formas de sair do ciclo da violência"</i> <i>"As mulheres devem dirigir-se a sítios onde são compreendidas...e não existe igualdade no tratamento apesar da emancipação das mulheres"</i>

- **Análise de conteúdo entrevista 2**

Tabela 7- Análise de Conteúdo Entrevista 2

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
1. Vivência no contexto familiar de origem	1.1 Dinâmica e estrutura Familiar	1.1.1 Condições de vida na infância e juventude	1.1.1.1 Condições de vida	<i>"Foi sempre uma vida muito difícil porque a gente vivia daquilo que semeava, daquilo que se cultivava na nossa terra...os meus pais tinham uma vidinha mais ou menos estável mas não podíamos viver sem trabalhar...era o único ganho que entrava na casa era o do meu pai.</i>
			1.1.1.2 N.º de irmãos/membros da família	<i>"Éramos quatro raparigas e um rapaz, o mais velho era o rapaz...e o rapaz é que era o chefe de nós raparigas"</i>
		1.1.2 Responsabilidades na gestão da casa e educação dos filhos	1.1.2.1 Principal provedor/a de recursos financeiros na família	<i>A minha mãe não fazia nada, só cuidava dos filhos porque tinha 5 filhos (...) e o meu pai é que trabalhava porque tinha o carro...um carro de bois que transportava da Lameirinha (...) para Alameda pras mercearias ,... pras tascas...aqueles barris de resina. Ele transportava isso tudo e era o trabalho do meu pai (...) ele só vivia daquele dinheiro do transporte.</i>
			1.1.2.2 Divisão de tarefas e responsabilidades por parte dos membros da família	<i>"Tinha, tinha, tinha... (muitas tarefas em casa) ia buscar os filhos e tinha muitas coisas para fazer...pra. comer (...) não era preciso comprar nada (...) tínhamos queijo, tínhamos forno dentro do quintal, (...) a minha mãe era muito trabalhadora"</i> <i>"Quanto a nós lá em casa todos trabalhávamos, começámos logo a trabalhar muito cedinho nas nossas terras.</i>

			<i>"Era os mais velhos que tomavam conta dos mais novos (...) o meu irmão é que tomava conta da minha irmã que faleceu...infelizmente com 25 anos.. Aminha mãe ir descansada para a horta e dizia-lhe dê-lhe o biberão às tantas horas e ele era muito cumpridor...ele não sabia ver bem as horas e ia perguntar à vizinha (...) a minha mãe deixava sempre o recado lá à vizinha do lado (...) Olha vai sempre reparando, se ele toma bem conta da menina e assim (...) "</i> <i>" E então ela começou a crescer, nasci eu... ela tinha mais 4 anos do que eu e quem tomava conta de mim era a minha irmã "</i> <i>"(...) eramos três porque a mais pequenina não contava...e então nós fomos muito martirizadas a respeito do trabalho do campo...o meu pai tinha a lavoura, tinha muito gado...tinha vacas, tinha as ovelhas, tinha cabras ...tínhamos na parte da nossa casa ...a minha mãe tinha porcos, muitas hortas e então nós ainda muito pequenas ainda com 10 anos tínhamos que ir com a minha mãe e o meu irmão porque eles é que eram os nossos guias... com 10 anos já vinha da escola, chegava ali e pousava as coisinhas e ia ter até onde eles andavam "</i> <i>"A minha lá ia a ajudar naquilo que podia...e depois ainda o trabalho em casa, a plantar as couves, a plantar as alfaces, a semear o feijão, a fazer aquelas coisas todas nas hortas...a minha mãe é que fazia isso tudo (era uma mulher rija e trabalhadora e não nos faltava nada...íamos limpinhos pra escola, não éramos ricos mas também não nos faltava nada, éramos assim o</i>
--	--	--	--

				<i>médio...tínhamos de tudo... no entanto vinha tudo do nosso trabalho porque agente nunca trabalhou"</i> <i>"Quando havia a azeitona todos a íamos apanhar, quando havia a vindima todos íamos pra vindima que era pra fazer o vinho todos íamos..."</i>
		1.1.3 Relação Hierárquica entre os progenitores	1.1.3.1 Definição de papéis de relações de poder no casal	<i>" A minha mãe só tinha um bocadinho de ciúmes do meu pai ...é que o meu pai era uma pessoa...era assim bem apresentado pra altura ... e depois havia assim sempre as gracinhas de certas senhoras e assim e a minha mãe ficava cheia de ciúmes... mas era só por isso que havia às vezes ali um desentendimento mas aí tudo bem"</i> <i>" Davam, davam-se bem, felizmente"</i>
		1.1.4 Perceção sobre o estabelecimento de regras e limites por parte dos pais	1.1.4.1 Definição de papéis na educação dos filhos	<i>" A minha mãe, a minha mãe porque o meu pai saía sempre muito cedo e a minha mãe é que dizia o que a gente havia de fazer...e depois tínhamos lá o capataz que era o meu irmão...o meu irmão é que era o capataz lá das irmãs ele é que mandava nelas ... a que tinha mais força é que tinha que ira com ele a fazer certo serviço... a que era mais fraca tina que ir com ele a fazer o mais fraco e nós todas tínhamos ocupação além da escola"</i>

			1.1.4.2 Estabelecimento de regras e limites	" O pai (era mais severo) ... aminha mãe nunca batia, a minha mãe mesmo que se fosse era só uma nalgadinha assim... era só sacudir o pó" " O meu pai era mais duro (...) eu era a mais castigada porque eu era muito reguila" " Era tareia..." " Aiiii tantas que eu me lembro...o meu pai só me deu uma tareia muito grande porque eu bati-lhe o pé...foi o bater o pé que isso era uma falta de educação" "Depois o meu pai arrependeu-se...disse pra minha mãe disse assim...Eu tenho pena de lhe bater porque daí a um bocadinho estava a chamar "ô pai, pai isto, pai aquilo..." "Provocavam mais respeito (os castigos) mas também tinha medo que isso voltasse a acontecer. Porque aquela que ele me deu chegou-me, porque eles usavam assim aquelas botas grossas e lidavam assim às vezes assim uns pontapézinhas no rabinho ...aquilo doía...e então foi a única vez que o meu pai me bateu...foi porque fui teimosa"
		1.1.5 Perceção sobre as diferenças de gênero na educação dos filhos	1.1.5.1 Diferenciação na educação entre rapazes e raparigas	"Tinha, tinha (tempo para brincar com outras crianças) ...olhe as nossas brincadeiras eram muito engraçadas. A gente ia pra casa umas das outras (as meninas), a gente aos sábados ou aos domingos juntávamo-nos (...) num pátio grande que lá estava, dávamos as mãos umas às outras, fazíamos uma roda em volta e íamos jogar ao lenço"

				" Olhe isto é assim (relativamente ao irmão), como foi o único filho, o rapaz ...o meu pai adorava ter filhos, só filhos, porque ele na altura dava ideia que os rapazes que eram mais prestável pro pai, porque podiam andar no campo a tratar e a trabalhar e a rapariga já não era assim. E então veio o primeiro filho, aquilo foi uma alegria para ele porque veio um filho." " Eu não acho, quer dizer...Acho que as raparigas e os rapazes a gente juntávamos-nos todos ali em grupo a gente...porque não havia a maldade que há agora. Havia mais simplicidade, havia talvez mais respeito...porque os rapazes já tinham um respeito diferente do que hoje..." " Ai era, brincávamos ...eu tinha grandes amigos...grandes amigos mesmo"
		1.1.6 Diferenciação de papéis em função do género em relação aos filhos	1.1.6.1 Liberdade e diferenciação nos comportamentos esperados entre rapazes e raparigas	" Não havia diferenças, acho que não, era igual, pelo menos na minha casa"
			1.1.7.1 Partilha e discussão de opiniões entre os membros da família	" Se houvesse assim algum assunto que não pudéssemos saber isso sim, guardava o momento que não estivéssemos" " A gente não via televisão nem nada disso, só ouviamos o que os pais nos diziam e aquilo que a gente ouvia às outras pessoas" " Não, não, não a gente não tinha... não podia dizer nada ...".

		1.1.7 Comunicação entre pais e filhos	"O que tivemos foi uma boa educação...felizmente os meus pais transmitiram para a gente guardar respeito às pessoas que era uma das coisas principais que eles sempre nos diziam ..." "Não sermos malcriadas pras pessoas ...sermos educadas...quando passássemos perto de fosse quem fosse termos sempre um sorriso e damos a boa tarde ou bom dia" "A minha mãe já vinha de uma boa família e nós eramos muito respeitadas por isso "
--	--	--	--

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
2. Escola e vida profissional	2.1 Vivências do percurso escolar e profissional	2.1.1 Perceção sobre o percurso escolar	2.1.1.1 Frequência da escola	"Fui... até à 4ª" "Aquilo naquela altura da minha irmã mais velha) já não era obrigatório fazer a 4ª classe, faziam a terceira e saiam e pronto, na minha altura já foi obrigatório" " Já éramos assim matulonas quer se dizer tínhamos pra aí 10 anitos"
			2.1.1.2 Causas que levaram ao abandono escolar	" Se houvesse possibilidade talvez não lhe sei dizer, mas talvez fosse o meu irmão se houvesse possibilidade de estudar mais" "Sim porque como nós eramos mais novas...eramos mais novas...nós tínhamos tempo de esperar e ele era mais velho e então ele ia na nossa frente" " Pras raparigas era costureira, era cabeleireira, era...davam-nos assim outras tarefas que não davam aos rapazes...porque lá na minha terra

			até saíram vários...foram doutores, professores de liceu, um médico...um juiz (...) tudo rapazes..." "Raparigas saíram de lá muntas...uma até é médica...e doutoras...depois houve uma época que já não foi na minha altura...foi já depois é que parte dos pais emigraram e depois como tinham já mais dinheirinho os filhos ou as filhas já vinham estudar pra Castelo Branco" "Parte das raparigas da minha terra está quase tudo formado" "Eu tive (oportunidade de estudar mais) mas não quis...na altura não quis não. E sabe porquê? Também olhei muito à situação dos meus pais...o meu pai não sabia escrever, não sabia ler...a minha mãe não sabia ler...o meu irmão depois foi-se embora pra Africa do Sul e eu é que era a pessoa que estava mais dentro do assunto." " Eu na altura pensava assim...ai coitados...porque eu podia ter sido enfermeira...sempre quis ser enfermeira...era essa a profissão que eu queria..." "O meu pai dizia assim. "olhem eu hei-de arranjar negócio pra vocês nunca terem de trabalhar pra ninguém...o que não se lembrava era que se nos desse estudos eramos superiores ao estarmos a trabalhar detrás de um balcão a aturar as pessoas" " As mulheres quer se dizer...não porque na nossa terra (..) as minhas primas foram pra lá todas (Trabalhar para o Hotel Tivoli em Lisboa
--	--	--	---

				cujo dono era de Almaceda) ...eu não fui pra lá porque não quis...porque a gente abriu aqui ..." "Arrependo-me, porque hoje podia ter uma vida boa, uma reforma superior e assim tenho uma reforma de miséria. Depois também casei muito cedo (...) fui pra Joanesburgo e estive lá 8 anos, nasceram lá os meus filhos, nasceram lá e eu nunca trabalhei porque eu não sabia falar inglês...só o meu marido é que trabalhava"
			2.1.1.3 Separação entre gêneros na escola	" No recreio às vezes os rapazes juntavam-se assim à rede e nós na nossa escola juntávamo-nos à rede deles e a gente ali pronto...conversávamos e tudo" "Havia separação nos recreios e nas brincadeiras"
		2.1.2 Percepções sobre os castigos aplicados na escola	2.1.2.1 Castigos aplicados e razões para tal	" A minha professora era de Oledo...era uma velha que é o nome que se dá logo assim...ruim como as cobras..." "Batia-nos tanto, tanto...se eu desse 4 erros, era 4 reguadas que eu levava, se eu desse 5 erros eram 5 reguadas que eu levava...Ela era muito exigente" "Eu era muito boa a matemática...era das melhores alunas lá da escola e noutras disciplinas também...agora a português era um desastre...fazia muitos erros porque eu escrevia conforme falava."
		2.1.3	2.1.3.1	"Quando sai da escola, ajudei naquilo que pude .no campo, em casa...depois o meu irmão veio

		Vivências do percurso profissional	Profissão e percurso profissional	<i>pra qui pra cidade (...) abriu aí um negociozito e eu vim com ele"</i> <i>" Eu vim de lá...ia fazer os 13 anos..."</i> <i>" A minha profissão foi sempre atrás do balcão (...) até me reformar"</i>
			2.1.3.2 Perceções acerca do trabalho feminino fora do contexto do lar	<i>"Na minha terra era normal as mulheres trabalharem fora de casa, até porque todas trabalhavam no campo e muitas foram pra fora, pra Lisboa trabalhar ou emigraram"</i>

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
3. Namoro/ Casamento e sexualidade	3.1 Perceções sobre o namoro e casamento	3.1.1 Namoro	3.1.1.1 Idade com que começou a namorar	<i>"Eu comecei a namorar aos 18 anos (...) e depois apareceu-me aquele e casei aos 22 anos"</i>
			3.1.1.2 Como e onde se namorava	<i>" Aii atão namorava ao balcão...eu estava dentro do balcão já viu...nós não podíamos ir ao bailarico porque nós tínhamos que tomar conta do balcão"</i>
			3.1.1.3 Liberdade para frequentar espaços públicos	<i>" Não as mães iam sempre com elas (as raparigas aos bailaricos) as mães acompanhavam sempre as filhas"</i> <i>" Ia c'a minha mãe, às vezes com amigas...e c'as minhas irmãs"</i> <i>" As mães não as deixavam andar sozinhas...não tinham a liberdade que a gente tem agora, as nossas filhas...as nossas netas"</i> <i>"Se houvesse festas ou íamos à festa do S. João lá em baixo ao Montinho porque era só quando é</i>

				<i>que a gente fechava a casa é que a gente lá ia um bocado"</i>
			3.1.1.4 Sexualidade e preparação para casamento	<i>"Não nem a gente tinha confiança pra isso"</i> <i>"Elas (as mães) não nos davam muito apoio pra isso...nós tivemos uma educação a ver as coisas ...uma educação que a gente às vezes nem tinha conhecimento de certas coisas ...que a gente depois se passou nas nossas vidas"</i> <i>" (...) quando a gente se casou não nos indicavam (as mães) nada"</i> <i>" E nós eramos assim... a minha mãe o que é andava sempre com muito cuidado connosco, nós éramos só raparigas e pra nunca acontecer nada connosco...felizmente nunca aconteceu nada com nenhuma de nós e a minha mãe era isso que nunca gostava que acontecesse"</i> <i>"Não, não, não ...era uma coisa que era diferente, não sei porquê, ou eram as mães que tinham receio de estar a explicar as coisas às filhas ou ou...não sei...havia ali qualquer coisa...a educação que elas também receberam dos pais delas"</i>
			3.1.1.5 Gravidez inesperada no namoro e abandono	<i>"Ai ai era o fim do mundo...ainda umas duas, três raparigas ficaram solteiras para o resto da vida e criaram os filhos ...mas aquilo era um...eram apontadas..."</i> <i>"Quer se dizer nessas alturas eu acho que sim porque então coitadinhas elas estavam desprezadas (...) duas delas pelo menos que eu</i>

				<i>conheço foram mães solteiras e nunca mais casaram"</i>
		3.1.2 Casamento	3.1.2.1 Partilha de decisões e opiniões na tomada de decisão do casal	<i>" Ele já cá não estava, já estava lá fora, eu casei depois por procuração por isso eu decidia tudo"</i>
			3.1.2.2 Relação de confiança entre os membros do casal	<i>" Ai podia sim sim ele aceitava bem se eu saísse sozinha"</i> <i>" Não sou pessoa de certas coisas e o meu marido também, não eramos pessoas de sairmos à noite pra um lado ou pra outro, nem combinamos ir a jantar aqui ou ali...eramos assim munto...caseirinhos"</i> <i>" Ele podia falar com qualquer senhora mesmo aqui na rua... às vezes estavam meias horas ou até mais tempo a conversar quando ele me ia buscar qualquer coisa à praça"</i> <i>" Eu às vezes dizia: "Arre poça que a conversa hoje era grande! (..) Acho que o meu marido era muito respeitador"</i> <i>"Ele não era ciumento...nã...nã...nã...nem eu"</i>
			3.1.2.3 Separação e divórcio	<i>" Nunca me lembro de lá haver um casal que dissesse assim: vou-me separar por isto ou por aquilo ou...não me lembra de separações de casais"</i> <i>"Hoje separam-se por qualquer coisinha...quando se casa é pra vida.(...) mas é preferível que um casal que não se estejam a dar bem, pra não darem mau exemplo às crianças,</i>

				<i>prás crianças não ficarem traumatizadas...é preferível cada um seguir a sua vida (...)"</i>
			3.1.2.4 Partilha de tarefas e responsabilidades na gestão da casa	<i>"Fazia eu tudo que ele estava a trabalhar , trabalhava coitado...depois a gente veio pra cá e eu tinha que fazer as tarefas todas porque ele não me fazia nada...quer dizer nada das tarefas de casa, os meus filhos é que iam-me ajudando quando era preciso...porque já me ajudavam a aspirar e essas coisas era muito bom pra mim"</i> <i>"Quando chegava a casa, jantava, vinha pra televisão sentava-se, via a televisão e eu é que chegava "vá vamos jantar" e ele lá ia jantar, levantava-se, sentava-se outra vez e a Maria é que tinha que fazer tudo"</i> <i>"A mulher antigamente era assim o homem agora já põe a roupa a secar, o homem agora já vai às compras, o homem se for preciso ajuda a fazer o jantar ...agora é tudo mais moderno"</i> <i>"Antigamente não...nós eramos exatamente como os meus pais. O meu pai nunca me lembra de fazer nada lá em casa...nada...a minha mãe é que era a vítima"</i> <i>"O homem era fora de casa e a mulher era dentro de casa, a vida era assim..."</i>
			3.1.2.5 Educação dos filhos	<i>"Os filhos estavam mais tempo comigo porque o meu marido saía muito cedo (...) e chegava tarde, as crianças já os tinha tratado, já as vezes estavam na casa quando ele chegava e ele às vezes dizia assim " caramba já só os vou ver a dormir"</i>

3.1.3	Perceções acerca do papel do homem, hierarquias e relações de poder	3.1.3.1	Padronização e normalização de comportamentos agressivos e desajustados	"Havia lá um que morava na nossa casa perto da nossa casa, coitado que tinha 10 filhos (...) e o homemzinho ia pra cas nem tratava mal a mulher nem os filhos nem nada...mas havia alguns que tratavam mal as mulheres tratavam" "Mas eu acho que lá na aldeia era só de boca"
		3.1.3.2	Representações sobre comportamentos/attitudes da família e comunidade face às situações conhecidas e vivenciadas	"Não não não se metiam...ninguém se metia..." " Sabíamos que existiam muitas situações, mas não assisti a nenhuma, ninguém dizia nada e ninguém se metia nos assuntos dos outros"
		3.1.3.3	Razões apontadas para aceitação dos comportamentos agressivos/desajustados	" Era muito por causa do ciúme. Os homens eram ciumentos. Havia e havia lá mulheres que traíam os maridos...havia sim senhor. Mas olhe na nossa família tenho a impressão que não posso referir a nenhum deles o meu marido não era ciumento e o meu pai também não era ciumento"

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
4. Conhecimento acerca da Violência Doméstica e formas de apoio	4.1 Representações pessoais sobre a Violência Doméstica	4.1.1 Conhecimento e perceções sobre situações de Violência	4.1.1.1 Perceções e representações sobre situações conhecidas na família ou comunidade	"Felizmente na minha família nunca aconteceu, mas hoje fala-se muito da violência doméstica e já não é um assunto que se esconde"

às vítimas na atualidade		Doméstica conhecidas e/ou vivenciadas	4.1.1.2 Comportamento da comunidade face às situações de violência doméstica conhecidas	<i>"Acho que sim devem ser denunciadas as situações, coitadinhas a levarem porrada a serem maltratadas, com crianças pequenas ...haviam de olhar por elas"</i>
			4.1.1.3 Atitudes/comportamentos face a situações conhecidas	<i>"Ainda há muitas mulheres que se calam e quando se sabe às vezes já é tarde demais"</i>
			4.1.1.4 Conhecimento acerca dos tipos de apoios existentes para vítimas de violência doméstica	<i>"Conheço algumas ajudas, pelo menos aquelas casas que aceitam essas mulheres que são maltratadas era preferível aceitarem-nas do que elas estarem a levar porrada em casa"</i>
			4.1.1.5 Percepções acerca do tipo de apoio que é dado às vítimas de violência doméstica	<i>"Eu acho que sim hoje as mulheres são mais ajudadas"</i> <i>" Quer dizer eu já vejo coisas muito bem feitas (...) vejo muitas coisas que estão a ajudar essas mulheres ...mas também há tantos homens que matam as mulheres ...se sabem que eles as tratam mal porque é que não há logo leis que deitassem as mãos a eles"</i> <i>" Não se aproxime da vítima...isso não é o suficiente, é isso é que eu condeno"</i> <i>" Veja porque a mulher está no perigo na mesma...porque eles aproximam-se na mesma...é isso que eu vejo que não está bem"</i> <i>"As mulheres têm mais sorte...eu vejo pela minha neta ...tem apoio dos pais...dão-lhe liberdade porque confiam nela (...) e o meu neto também é muito educado...está a ver vai da educação dos pais"</i>



" Os tempos mudaram pra bem eu acho que sim e acho muito bem(...) era diferente, os nossos pais não tinham...era a educação que eles tiveram ... e depois a cabecinha deles também sem estudos (...) mas é engraçado que os filhos mesmo assim souberam dar educação aos filhos também"

- **Análise de conteúdo entrevista 3**

Tabela 8- Análise de Conteúdo Entrevista 3

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
1. Vivência no contexto familiar de origem	1.1 Dinâmica e estrutura Familiar	1.1.1 Condições de vida na infância e juventude	1.1.1.1 Condições de vida	<i>"Um bocado difícil...de pequenas tinha que se trabalhar...Eu já peneirava a farinha que moíam os moinhos da ribeira pra fazer o pão, depois amassar a farinha de milho pra broa e isso tudo (...)"</i> <i>"Antes disso. Antes de ir pra escola ... já ia acatar água pra dar comer aos porcos que os meus pais criavam pra vender pelo menos um e o outro criava-se pra comer em casa"</i> <i>"Aiágua era longe...canalizada isso há muito pouco tempo ...íamos buscar aiágua longe com um cântaro de lata...Quantas vezes o cântaro caía pra trás"</i> <i>" A minha mãe ficou viúva aos 48 anos...muito nova (...) e fez 99 anos"</i>
			1.1.1.2 N.º de irmãos/membros da família	<i>"Tive 3 irmãos e 1 irmão"</i>
		1.1.2 Responsabilidades na gestão da casa e educação dos filhos	1.1.2.1 Principal provedor/a de recursos financeiros na família	<i>"Todos...Todos em casa na vida do campo (...) era assim a vida (...) andava sempre tudo a trabalhar"</i> <i>" O pai era mais calado e andava sempre uma das filhas, a que tomava conta da casa...a que era mais velha andava sempre com ele com os bois, eram pequenos e não sabiam andar no rego direitos, andava á frente dos bois...porque a vida do meu pai era a lavrar no campo"</i>

				<i>" A gente tinha que andar sempre uma à frente dos bois...ou mais pequenas ou mais crescidas...andava sempre normalmente uma sempre com ele"</i>
			1.1.2.2 Divisão de tarefas e responsabilidades por parte dos membros da família	<i>"Normalmente era a minha mãe que tratava da casa e depois começava a ser a filha mais velha ...primeiro foi a minha irmã que era a filha mais velha e depois ela casou e comecei a ser eu...e depois a minha irmã já o meu pai tinha morrido...todos andamos no campo e todas faziam as tarefas"</i> <i>"Era mesmo difícil...pra lavar a roupa no meio da semana...ia-se lavar à ribeira, não havia cá máquinas. À mão e com a roupa á cabeça o cesto de roupa de 6 pessoas "</i> <i>" Lavrava ou fazia o alqueve pra depois semear a seara ou era a lavrar depois semear milho..."</i> <i>"Cavavam-se as hortas...eramos nós que as cavávamos..."</i>
		1.1.3 Relação Hierárquica entre os progenitores	1.1.3.1 Definição de papéis de relações de poder no casal	<i>" Davam-se bem sim..."</i>
		1.1.4 Perceção sobre o estabelecimento de regras e limites por parte dos pais	1.1.4.1 Definição de papéis na educação dos filhos	<i>"Não (o pai não era uma pessoa severa, mais era mais calado"</i> <i>" A minha mãe era mais rija ...mas não era dizer que ela fosse severa com a gente...mas era mais áspera na fala...Abria mais a boca"</i>

			1.1.4.2 Estabelecimento de regras e limites	" O meu pai não....nem ao meu irmão nunca foi capaz de bater" " A minha irmã a mais nova até tinha muito génio (...) e a minha mãe a essa batia-lhe muitas vezes...e em ela começando a bater tanto fazia ser plos pés como pla cabeça ela tanto chorava tanto de uma manera como doutra"
		1.1.5 Perceção sobre as diferenças de género na educação dos filhos	1.1.5.1 Diferenciação na educação entre rapazes e raparigas	" Na altura da escola o brincar era ir a acartar água pros animais ...íamos todos ao mesmo que aquilo o marco era lá longe ..a fonte...primeiro era uma fonte chafurda depois é que a canalizaram (...) mas era a brincadeira da gente, não tínhamos tempo pra mais nada" "Era só trabalhar...era trabalhar...parece que nem havia..."
		1.1.6 Diferenciação de papéis em função do género em relação aos filhos	1.1.6.1 Liberdade e diferenciação nos comportamentos esperados entre rapazes e raparigas	" O meu irmão teve mais liberdade porque era mais novo e era canhoto (...) e os meus pais não queriam que ele trabalhasse à canhota" " Ele também não se ajeitava com a direita...Por isso ele foi sempre mais menino mimado por isso...mas...por não querer fazer"
			1.1.7.1 Partilha e discussão de opiniões entre os membros da família	"Naquele tempo era um tempo muito fechado, que não se falava à frente dos filhos , não se falava nada quase" " Os filhos também não podiam dar a opinião de nada" " Ouviam e faziam... e não pestanejavam como se costuma dizer"

		1.1.7 Comunicação entre pais e filhos	1.1.7.2 Valores transmitidos e comportamentos esperados em relação aos mais velhos	<i>"Trabalhar...ser a gente honesta pronto...conforme eles eram ...e era a vida que a gente seguia"</i> <i>" Sempre...sempre a respeitar eles, respeitar as pessoas mais velhas e a gente era o que tinha era isso"</i>
--	--	--	---	---

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
2. Escola e vida profissional	2.1 Vivências do percurso escolar e profissional	2.1.1 Perceção sobre o percurso escolar	2.1.1.1 Frequência da escola	<i>" Fiz o quarto ano já depois de idade, depois de sair da escola. Foi quando começaram a obrigar as cachopas...porque dantes cá nas aldeias as moças não eram obrigadas á 4ª classe...eram só os rapazes "</i> <i>"E eu bem queria fazê-la antes mas a minha irmã mais velha nã deixou. Ela dizia assim «Ah antes que a Mari zé aprenda bem, eu também aprendi bem e nã a fiz». Depois houve uns rapazes que não a tinham feito e queriam fazê-la e falaram com a professora e foram fazê-la à noite. E então a mim já me queriam obrigar na escola porque eu tinha 10 anos quando fiz a 3ª classe e já tinha ficado um ano mal"</i> <i>" No primeiro ano a professora tinha um bebé e eu mais um moço eramos os mais novos da classe e eramos nós que guardávamos o menino. Em vez de estudarmos e ensinarem-nos ficávamos com o menino"</i> <i>" O depois já guardava as cabras (...) Como já era obrigada, dizia-me a minha mãe: Ô mari Zé queres ir fazer a 4ª classe com o X e o Y? Ah se a Palmira (irmã que também não tinha a 4ª</i>

				<i>classe) fosse...era oq eu ela queria ouvir e fomos atão"</i> <i>"Eles fizeram exame todos pela Páscoa...eram mais velhos...eu não tinha idade, eu tinha 13 anos não pude fazer exame"</i> <i>"Depois fiquei sozinha...ia da parte da manhã um bocadinho à escola e depois da parte da tarde tirava as cabras e ovelhas"</i> <i>" E estudava...era todos os dias assim...fiz o exame com os outros meninos"</i>
			2.1.1.2 Causas que levaram ao abandono escolar	<i>"Gostava sim de ter estudado mais, eu na altura gostava de ser professora, mas então...fiquei por cá"</i>
			2.1.1.3 Separação entre géneros na escola	<i>"Andava tudo junto"</i> <i>" Ia a gente pra escola numa casa de habitação até, depois lá foi arranjada (...) era na Malhada do Cervo"</i>
		2.1.2 Perceções sobre os castigos aplicados na escola	2.1.2.1 Castigos aplicados e razões para tal	<i>"Uma (Professora) era (Muito severa) ...cada ano tive sua professora, num ano até tive duas(...)"</i> <i>"Era severa...ela era rija... não quer dizer que ela...era severa...queria tudo ali ...tanto que havia um menino da mesma classe que ele até aprendia bem...mas era muito mandrião, começava as cópias a lápis, a tinta, a mercúrio e não as acabava. Ela então...era o dono da escola, da casa mas isso não tinha nada a ver...então lá punha-o de castigo de cima da cadeira , da carteira e punha-o assim de braços abertos pro castigar. Cando tocava a bater</i>

				<i>também batia...mas lá aleijar nunca aleijou ninguém</i>
		2.1.3 Vivências do percurso profissional	2.1.3.1 Profissão e percurso profissional	<i>"As minhas irmãs estão por lá (...) eu nunca saí cá da aldeia. (...) Eu ainda andei a aprender costura com a minha prima das Sarzedas..."</i>
			2.1.3.2 Perceções acerca do trabalho feminino fora do contexto do lar	<i>"Todas... não havia era nenhuma que estivesse em casa (...)" "Nenhuma ia para Lisboa sequer...só se tinha lá assim alguma coisa...raramente"</i>

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
3. Namoro/ Casamento e sexualidade	3.1 Perceções sobre o namoro e casamento	3.1.1 Namoro	3.1.1.1 Idade com que começou a namorar	<i>"Casei com 21 mas andei três anos (a namorar) mas ele estava lá fora tava no ultramar quando comecei a namorar com ele"</i>
			3.1.1.2 Como e onde se namorava	<i>"A gente conhecia-se...ai ora a escrever aerogramas" "Cartas haviam poucas...as cartas tinham um selo e o selo era caro e o aerograma custava dois tostões"</i>
			3.1.1.3 Liberdade para frequentar espaços públicos	<i>"Oh...normalmente a minha mãe ia sempre connosco ...As moças da terra íamos a todas as festas, tudo a pé" "Normalmente a minha mãe ia sempre ca gente e assim indo uma pessoa as outras já iam confiantes...em indo uma pessoa de idade as</i>

				<i>outras já iam confiantes...Porque se fosse só moças ó depois já podiam os rapazes começarem a falarem e assim... não não não irem assim sozinhas não abalavam "</i> <i>" Também podiam ir outras pessoas também...em indo uma pessoa de família, da aldeia já era bastante"</i> <i>" Se ia uma senhora... não era um homem...normalmente não era o pai que ia...o meu pai também ia às vezes, mais perto... mas iam os dois...não ficava a mãe em casa e ia o pai"</i>
			3.1.1.4 Sexualidade e preparação para casamento	<i>"Nada, nada, nada não se falava, era complicado mesmo"</i> <i>" A gente parece que ia ouvindo assim qualquer coisa...sem saber...chegava o dia do casamento e a gente quase sem saber nada"</i> <i>"Preparada...no meu ver...trabalhar e isso assim conviver, mas não tinha assim grandes expetativas...nada...os filhos que tiveram que vir vieram...íamos às cegas mesmo"</i>
			3.1.1.5 Gravidez inesperada no namoro e abandono	<i>" Nestes meios pequenos nós não temos visão disso (...) dantes havia... conheço pessoas filhas de pai incógnito (...) "</i> <i>" Obrigavam-nos a casar"</i> <i>" Aqui neste meio pequeno não havia assim essas coisas... não havia assim muito... porque todos se conheciam e eram aparentados"</i>
		3.1.2	3.1.2.1	<i>"Sim éramos iguais"</i>

		Casamento	Partilha de decisões e opiniões na tomada de decisão do casal	" Sempre dei a minha opinião sobre as coisas" "As vezes não se está bem de acordo, mas depois vai ao sítio"
			3.1.2.2 Relação de confiança entre os membros do casal	"Algun tempo sim, foi ciumento ...ele vinha deitar-se e eu não, ficava lá em baixo...antes não tinha portão, agora tem...ficava a resmungar...não sei se eram por pensar que lá vinha ter o vizinho se não"
			3.1.2.3 Separação e divórcio	"Cá não havia assim muito histórias dessas"
			3.1.2.4 Partilha de tarefas e responsabilidades na gestão da casa	"Aiii isso nada, foi sempre assim...ele andou sempre por fora a trabalhar e eu nunca...ainda fiz alguns dias c'ando ia pra resina cando os filhos não estavam cá, já estavam pra Castelo Branco a estudar e isso" " Portanto eles estavam muito mal-habitados cando casaram eles não tratavam de nada...nem da roupa ...limpar o calçado e isso assim..."
			3.1.2.5 Educação dos filhos	" Quem é que havia de ser... dar educação era eu...o pai também andava por fora...também pouco estava...eu era mais presente" "Sim a todos dei uma educação mais ou menos assim igual como a minha" " A repreende-los sempre ...respeitar as pessoas mais velhas..." " Só as raparigas ajudavam em casa" " Como eles trabalhavam eu poupava-os e eu estava pra dizer que avisei as minhas noras que eles estavam mal-habitados"

		3.1.3 Perceções acerca do papel do homem, hierarquias e relações de poder		<i>" Até que fosse o fim de semana eles iam trabalhar e depois eles vinham cansados e eu não guardava trabalho pra eles"</i>
			3.1.3.1 Padronização e normalização de comportamentos agressivos e desajustados	<i>"Aiii de tudo...havia de tudo...uns bebiam muito outros bebiam pouco...em se juntando já era de caixão á cova"</i> <i>"Isso porrada não...era mais...era a boca (...)"</i>
			3.1.3.2 Representações sobre comportamentos/attitudes da família e comunidade face ás situações conhecidas e vivenciadas	<i>" Isso não havia nada...isso era com eles...passava e não tinham nada a ver..."</i> <i>" Sabia-se, mas isso não se ligava nada isso era com eles...saber sabia-se...então isto era de casa em casa...era de adega em adega...era assim tudo e aldeia pequena"</i>
			3.1.3.3 Razões apontadas para aceitação dos comportamentos agressivos/desajustados	<i>"As mulheres não falavam nada entre elas...nada...calavam-se"</i> <i>" As situações que havia...isso era com cada um"</i> <i>"(...) Vós desenrascai-vos diziam os pais, como dizia o outro...desenrascai-vos...connosco era assim "</i>

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
4. Conhecimento acerca da	4.1	4.1.1	4.1.1.1	<i>"Eu até tinha aqui um caso à frente da porta...eles eram filhos únicos os dois...e tinham</i>

Violência Doméstica e formas de apoio às vítimas na atualidade	Representações pessoais sobre a Violência Doméstica	Conhecimento e percepções sobre situações de Violência Doméstica conhecidas e/ou vivenciadas	Percepções e representações sobre situações conhecidas na família ou comunidade	<i>grandes desavenças os dois e era muito minha amiga e era a que chegava junto a mim e me contava o que se tinha passado(...)"</i>
			4.1.1.2 Comportamento da comunidade face às situações de violência doméstica conhecidas	<i>"Hoje já se fala muito da violência doméstica e há ajudas para as mulheres"</i>
			4.1.1.3 Atitudes/comportamentos face a situações conhecidas	<i>"(...) eu as vezes até tinha ouvido ..., mas eu fazia que não ouvia nada (...) calava-me e pronto"</i> <i>"Eu sei lá...tentava ajudar, mas, aquilo que eu via era segredo...se algo houvesse...até podia haver...tentava ajudar"</i>
			4.1.1.4 Conhecimento acerca dos tipos de apoios existentes para vítimas de violência doméstica	<i>"Sei que há em Castelo Branco, mas eu não conheço nada...ouço falar na televisão mas eu quase que nem ligo..."</i>
			4.1.1.5 Percepções acerca do tipo de apoio que é dado às vítimas de violência doméstica	<i>N/R</i>

- **Análise de conteúdo entrevista 4**

Tabela 9- Análise de Conteúdo Entrevista 4

0	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
1. Vivência no contexto familiar de origem	1.1 Dinâmica e estrutura Familiar	1.1.1 Condições de vida na infância e juventude	1.1.1.1 Condições de vida	"A Vida era difícil porque a gente trabalhava munto" "Trabalhávamos no campo...na resina" "Saí da escola comecei logo a trabalhar (...) a gente fazia a 4ª classe e prontos...não fazíamos mais (...) as minhas filhas só fizeram o 2º ano" "Vivi sempre com os mês pais...casei e fiquei a viver com eles...eu nunca os deixei"
			1.1.1.2 N.º de irmãos/membros da família	"Eu tive um irmão que morreu com 3 meses...eu era gêmea era o menino e a menina e tive uma irmã que era mais nova e que morreu com 3 anos" "Fiquei só eu (...) "
		1.1.2 Responsabilidades na gestão da casa e educação dos filhos	1.1.2.1 Principal provedor/a de recursos financeiros na família	"Eram eles...trabalhavam munto e eu, ó depois as minhas filhas, tudo..." "Tudo trabalhava pro monte"
			1.1.2.2 Divisão de tarefas e responsabilidades por parte dos membros da família	"Era todos a trabalhar no campo, lavravam-se as terras...semeava-se milho...semeava-se pão...Tínhamos uns bois...um rabancho de cabras (...) uns guardavam as cabras...outros andavam a lavar com os bois (...) e a gente assim arranjava a vida" "Ai sim depois do campo ia fazer as tarefas em casa ...ela dizia assim...ela já estava doente...quando as pessoas iam lá a vê-la que ela esteve 3 anos na cama (...) Aii fazia as

			limpezas só de noite, lavava e limpava as coisas da casa só de noite" "Quando eu comecei já assim a ser maiorzita eu comecei quando saía da escola a fazer já o comer. Ela dizia (mãe quando ia pro campo): olha fica cá e faz o comer, vamos aqui, vamos além..." "Quando eles vinham tinham o comer feito, outras vezes ia ter com eles com uma cesta à cabeça a levar o comer...Era assim a vida" "Foi logo assim que saí da escola que comecei a ajudar a minha mãe" "Eu aprendi de costura...andei a aprender costura e a minha mãe ia pra horta ia trabalhar...e os dias que me podia ficar em casa eu ficava agarrada á máquina" "Do que lembro dos meus primos as responsabilidades que tinham era guardar as cabritas (...) e ajudar os avós" "Davam, davam-se muito bem " "Parece que viviam sempre bem...eram muito amigos"
		1.1.3 Relação Hierárquica entre os progenitores	1.1.3.1 Definição de papéis de relações de poder no casal
			1.1.4.2 Estabelecimento de regras e limites " Eram os dois" " Mas a gente sempre respeitava mai os pais que as mães" " Dizia a gente assim: doi mai o ralhar do pai do que o bater da mãe" "Respeitar respeitava-se, mas a gente respeitava mai o pai que a mãe...tinha a gente mai medo...assustava-se mai com o ralhar dele" "Ele levantava mais a voz"

				"Eu não tive castigos...eles metiam-me susto...se não fazes isto levas uma tarefa...uma sova...e então as vezes davam assim umas nalgadas, puxavam as orelhas " "Era assim umas nalgaditas e puxar assim uma orelhita, mas pronto não era nada assim (...)"
		1.1.5 Percepção sobre as diferenças de gênero na educação dos filhos	1.1.5.1 Diferenciação na educação entre rapazes e raparigas	"Tudo em conjunto" "Sim às escondidas (tudo junto) ...nos dias de festa fazíamos uma roda, começavam a cantar ...fazia-se uma roda e prontos" "Depende de casal pra casal"
		1.1.6 Diferenciação de papéis em função do gênero em relação aos filhos	1.1.6.1 Liberdade e diferenciação nos comportamentos esperados entre rapazes e raparigas	"Antigamente as raparigas nunca por lá iam, iam sempre os pais com elas e agora já vão assim..." "Iamos às festas, iam os pais e as mães e ia tudo pra festa" "E as minhas filhas eu também fui sempre pras festas com elas, ia sempre com elas...e agora olha já vão assim sozinhas mai os namorados"
		1.1.7 Comunicação entre pais e filhos	1.1.7.1 Partilha e discussão de opiniões entre os membros da família	"Era ouvir e calar e prontos..." "Falavam...não havia segredos lá em casa, todos sabiam das coisas" "Falavam à noite...à noite é que se destinava a vida pro outro dia" "As vezes os filhos cando tinham qualquer coisa a dizer, primeiro diziam á mãe, que não a receavam tanto...primeiro iam contar á mãe e depois diziam á mãe pra dizer ao pai, quando tinham assim qualquer problema (...) e os filhos

				<i>tinham mais receio de estar a contar as coisas ao pai"</i> <i>"Ó depois as mães é transmitiam as informações que eles diziam (...) e ó depois elas é que contavam"</i>
			1.1.7.2 Valores transmitidos e comportamentos esperados em relação aos mais velhos	<i>"Diziam: ó me pai, ó minha mãe...E agora dizem ó pai ...já nem se sabe quem é o mais novo quem é que é o mais velho...a conversa é toda uma"</i> <i>"Olhe a gente agora diz assim: já não se sabe quem é que é o pai e quem é que é a mãe, é tudo tu cá tu lá...antigamente os filhos não chamavam os pais por tu..."</i> <i>"Agora é a moda assim...é todos...eu nunca chamei o meu pai por tu...e agora não agora a conversa é outra"</i> <i>"Elas contavam assim boas comparações à gente (...) Se íamos a trabalhar pra outras pessoas, se alguém dizia alguma coisa a gente ouvia e calava-se (...) e não andar aí com coisas com contarelhos assim a arranjar contos, conflitos uns c'os outros"</i>

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
2. Escola e vida profissional	2.1 Vivências do percurso escolar e profissional	2.1.1 Perceção sobre o percurso escolar	2.1.1.1 Frequência da escola	<i>" Fiz a 4ª classe (...) fiz o exame em Castelo Branco...o exame da 3ª fui ao Salgueiro...fiz o exame da 3ª no Salgueiro do Campo e depois acando fiz o exame da 4ª fui pra lá uma semana pra Castelo Branco...estava na casa da minha</i>

				<i>madrinha, a professora estava lá e íamos lá ao pé dela...pronto...a estudar"</i> <i>"Nós íamos à Grade...era tudo na mesma sala. Nós íamos daqui pra lá íamos a pé, com frio, não havia carros e o caminho era só lama, não era alcatroado como agora"</i>
			2.1.1.2 Causas que levaram ao abandono escolar	<i>" Antigamente assim da minha infância faziam o exame da 4ª e saíam...não achavam importante (as raparigas estudarem) a gente era obrigada só até à 4ª classe...e prontos ficávamos fora já"</i> <i>"Isto depende também da ideia de cada um...alguns gostavam de ir...de se empregarem e ó depois estudavam e uns queriam ir pra guarda, outros queriam ir pra polícia, outros queriam aprender uma arte de carpinteiro ou de sapateiro (...) E escolhiam o que queriam seguir. E outros ficavam por cá a trabalhar no campo também"</i> <i>"Era também como elas queriam (...) umas eram tecedeiras, outras eram costureiras, iam por lá trabalhar...empregavam-se por lá"</i>
			2.1.1.3 Separação entre géneros na escola	<i>"Nós íamos à Grade... Era tudo na mesma sala..."</i> <i>"Eles eram umas brincadeiras á bola e assim e as meninas era mai a outros jogos"</i> <i>"Ainda me lembro punham-se assim numa roda e a gente andava assim c'um lenço na mão e ó Lourenço ó Lourenço aqui fica o lenço e depois deixavamos-o detrás deles e depois às vezes não atinavam...não sabiam c'a gente tinha largado o lenço...era assim uns jogos..."</i>

		2.1.2 Perceções sobre os castigos aplicados na escola	2.1.2.1 Castigos aplicados e razões para tal	<i>"Ohhh levei muntas reguadas e verdascadas nas nalgas (...) C'uma vara (...) quando a gente não sabia (...) quando a gente ia ao quadro e não sabia (...) chegavam-nos (...) agora já não batem (...) antigamente batiam, batiam aos alunos, batiam bastante ainda"</i>
		2.1.3 Vivências do percurso profissional	2.1.3.1 Profissão e percurso profissional	<i>"Eu gostava de estar na vida do campo...sempre gostei...por cá a gente nem sabia o qu'era bom nem o qu'era mau ... a gente era só trabalhar, trabalhar e pronto"</i>
			2.1.3.2 Perceções acerca do trabalho feminino fora do contexto do lar	<i>" No tempo das minhas filhas havia muntas raparigas...olhe, muntas iam pra fora, umas foram pra Suíça outras iam por lá (...)"</i> <i>"Arranjavam por lá trabalho e saíram de cá e nunca mai pra cá voltaram. Por lá ficaram vêm por cá agora de férias e vem cá apanhar a azeitona (...) Por cá já não havia trabalho"</i> <i>" Primeiro andava tudo por aí a colher resina e os rapazes uns eram resineiros, outros (...) andavam na madeira (...) Depois veio uma certa altura que acabou...acabou a resina (...) então andava tudo empregado a colher resina. Havia munto trabalho (...) Quando a resina deixou de existir, então elas emigraram"</i> <i>"Era bem visto porque aquele emprego do campo acabou (...) elas foram á vida delas...uma puxou a outra...outra puxou a outra...e por lá ficaram"</i>

				<i>"Isto cá nas aldeias era assim...era normal (trabalharem no campo) faziam a 4ª classe e saiam e prontos, cá a gente andava"</i>
--	--	--	--	--

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
3. Namoro/ Casamento e sexualidade	3.1 Perceções sobre o namoro e casamento	3.1.1 Namoro	3.1.1.1 Idade com que começou a namorar	<i>" Não munto novinha não, já tinha vinte e tal quando comecei a namorar"</i> <i>"Ainda foi assim um anito ou dois..."</i>
			3.1.1.2 Como e onde se namorava	<i>" Começam a vir por cá e estávamos ali todos "</i> <i>" O pedido olhe...a gente ia pr'os bailes e ó depois dançava munto e por ali se começou"</i> <i>"Por ali é que se começava, é que era o princípio"</i> <i>"Eram eles que pediam...para casar, pediam aos pais ...pra namorar eles também começavam a ver c'a gente andava munto juntos e nos bailaricos sempre a dançar c'a gente e assim e já começavam a ver por ali que andavam juntos"</i> <i>"Os rapazes podiam ir lá a casa mas os pais tavam por ali...por ali"</i>
			3.1.1.3 Liberdade para frequentar espaços públicos	<i>"Iam c'a família...tinha tios na Malhada do Cervo, tinha tios na Rapoula, tinha tios no Vale Bonito e a gente ia assim pr'as terras da família (às festas), no Casal de Águas de Verão (...) havia lá festa ...e andávamos lá na festa até às tantas e depois vínhamos pra casa"</i> <i>" Nos domingos não se trabalhava e no dia de festa não se trabalhava, portanto, era pra ir à festa"</i>
			3.1.1.4	<i>"Sim tamem, tamem...tamem já falavam"</i>

			Sexualidade e preparação para casamento	"Hum...pois...acho que sim"
			3.1.1.5 Gravidez inesperada no namoro e abandono	" Não sei, não sei... nunca aconteceu por aqui...pois não pois não"
		3.1.2 Casamento	3.1.2.1 Partilha de decisões e opiniões na tomada de decisão do casal	"Nã...era os dois a falar..." "Nã havia assim grandes diferenças entre os dois nas ideias e opiniões"
			3.1.2.2 Relação de confiança entre os membros do casal	"Nunca, nunca foi ciumento eu podia ir com quem quisesse eu podia ir pra onde quisesse que nunca tal...nunca teve ciúmes" "Havia homens ciumentos," mas o meu não"
			3.1.2.3 Separação e divórcio	"(...) sei lá...antigamente tinha que ser...tinha que ser...não se divorciavam"
			3.1.2.4 Partilha de tarefas e responsabilidades na gestão da casa	"As tarefas era assim...falava-se à noite pra onde é que se havia de ir e prontos todos trabalhavam" "Aiii os homens nã sabiam fazer nada na cozinha...era eu e a minha mãe eu tinha a minha mãe" "Os homens iam trabalhar na rua e as mulheres trabalhavam em casa...as mulheres é que faziam a vida de casa"
			3.1.2.5 Educação dos filhos	" A mãe é sempre a que mai diz. A que mai diz o que é o e o que não é"
		3.1.3 Perceções acerca do papel do	3.1.3.1 Padronização e normalização de comportamentos	"O mê marido tinha assim um feitio que acando se emborrachava um bocadito dava-lhe era pra ir pra cama, ia-se deitar. Outros são assim mai pegançosos ...pegavam por tudo e por nada "

		homem, hierarquias e relações de poder	agressivos e desajustados	"Os homens cá bebiam muito...às vezes era até emborrachar..." "Diziam-nos assim: «Acando ele está assim c'os copos vale mai deixá-los...não dizer nada...no outro dia que ele já está sério já lhe dizes o que queres...deixa-o falar»"
			3.1.3.2 Representações sobre comportamentos/attitudes da família e comunidade face às situações conhecidas e vivenciadas	"Às vezes calavam-se outras vezes diziam (...) mas ficavam por ali, aguentavam (...)" " Diziam...têm as mulheres de aprender o feito deles pros saber levar" "Atão as pessoas diziam assim...c'ando eles estão c'os copos cala-te, deixa-o, se queres dizer alguma coisa diz no outro dia...no outro dia é que lhe dizes" "Às vezes a'cando havia assim um desentendimento de um casal e havia assim uns homens cá na aldeia a que as pessoas da aldeia guardavam assim mais respeito...e aquelas pessoas juntavam-se um ou dois e iam lá a casa, se eles andassem zangados faziam com que eles se contentassem ...dizima assim: agora tendes de dar aqui a mão um ao outro e a vida não se arranja assim" "Faziam ali um acordo...respeitavam aquelas pessoas mais velhas e pessoas que ajudavam ..pessoas mais ricas e pessoas que sabiam assim dizer as coisas...homens que havia por cá que as pessoas lhe guardavam respeito" "E diziam: E agora isso que já passou, agora botai tudo pra trás das costas e atão tendes de ficar como estavam até agora...ficarendes bem...isso não é a ralar que se arranja a vida"

			3.1.3.3 Razões apontadas para a aceitação dos comportamentos agressivos/desajustados "Aguentavam, iam-se aguentando...tinham os filhos e tinham de os criar e pronto...uns dias melhor e outros dias a mal e lá se iam entendendo...entendiam-se outras vezes desentendiam-se iam andando" "Sabia que quando havia assim um desentendimento havia assim pessoas que se opunham, que se opunham mesmo que iam a casa das pessoas chamavam-lhes a atenção pra eles se concordarem um c'o outro e pra se começarem aportar bem pra frente e o que passou...daqui pra frente nova vida" "As pessoas não deixavam acontecer...ajudavam esses casais a não se darem mal"

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
4. Conhecimento acerca da Violência Doméstica e formas de apoio às vítimas na atualidade	4.1 Representações pessoais sobre a Violência Doméstica	4.1.1 Conhecimento e percepções sobre situações de Violência Doméstica conhecidas e/ou vivenciadas	4.1.1.1 Percepções e representações sobre situações conhecidas na família ou comunidade	"No meu tempo ainda houve por aí quem batesse, mas...todos lá se iam entendendo e cando eles assim estavam c'os copos deixavam-nos. Ó outro dia estava tudo bem. Hoje já não é assim"
			4.1.1.2 Representações da comunidade face às situações de violência doméstica conhecidas	N/R

			4.1.1.3 Atitudes/comportamentos face a situações conhecidas	<i>"Antigamente aguentava-se assim mais tempo e não se deixavam e agora deixam-se às vezes por uma coisa de nada...antigamente não iam-se aguentando coitadas"</i>
			4.1.1.4 Conhecimento acerca dos tipos de apoios existentes para vítimas de violência doméstica	<i>"Sim, sim...da violência doméstica conheço...pois...olhe antigamente aturavam-se e agora já não se aturam "</i>
			4.1.1.5 Perceções acerca do tipo de apoio que é dado às vítimas de violência doméstica	N/S

- **Análise de conteúdo entrevista 5**

Tabela 10- Análise de Conteúdo Entrevista 5

0	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
1. Vivência no contexto familiar de origem	1.1 Dinâmica e estrutura Familiar	1.1.1 Condições de vida na infância e juventude	1.1.1.1 Condições de vida	<i>"Eu não posso dizer que era uma vida muito má porque o meu pai era da agricultura...muita gente queixa-se que passava mal que era um tempo difícil, porque eu nasci andava a 2ª Guerra Mundial...e então passaram mal...mas como o meu pai era agricultor, nessa altura não se chamavam agricultores, eram «Ganhões»...na nossa casa felizmente não faltava pão, vinho azeite, batatas feijão, tudo o que era de comer ao fim de um ano, um porquinho ou dois, galinhas, coelhos, não faltava lá nada"</i> <i>"Mas ouvia dizer a munta munta gente, ouvia...que passaram fome"</i> <i>"A minha mãe deu pão a munta gente...quer pão que ela cozia, quer pão do racionamento que havia, porque estava tudo racionado"</i> <i>"Era 1/4 de um pão, o pão era barato...mas era só 1/4 para cada pessoa"</i> <i>"As pessoas compreendiam a necessidade e podendo ajudar, não diziam que não"</i>
			1.1.1.2 N.º de irmãos/membros da família	<i>"Somos 4...3 raparigas e 1 rapaz"</i> <i>"Ele era o 3º tem dois anos a menos que eu"</i> <i>"(...) a maioria dos casais era tudo 4, 5, 6, 7,8,9,10 e na minha família...bastantes primos que eu tinha...era 9 e 10 irmãos fora os abortos que aconteciam"</i>

		1.1.2 Responsabilidades na gestão da casa e educação dos filhos	1.1.2.1 Principal provedor/a de recursos financeiros na família	" O meu pai trabalhava fora de casa...o meu irmão andava aprender...agora é estudar...naquela altura era aprender numa arte, um ofício, o meu irmão foi pra construção civil para ...naquela altura chamavam-lhe os trolhas...logo a bem dizer que saiu da escola"
			1.1.2.2 Divisão de tarefas e responsabilidades por parte dos membros da família	"A gente em casa tratava da vida de casa, mas aprendia a fazer de tudo, aprendia a bordar, a fazer renda ...a fazer roupas, tudo...aprendíamos a fazer tudo, era uma mulher perfeita" "A minha mãe era as tarefas que tinha, era doméstica, não tinha outra vida... a não ser quando era preciso como o meu pai tinha a agricultura...O meu pai ia pro campo e dizia «Elvira vais-me a levar lá o almoço» Fazia o almoço e ia levar" "Nos dias que tinha de cozer ou lavar a roupa, ...mandava uma de nós, primeiro a minha irmã mais velha, depois passei a ir eu a levar (...) entretanto eu já tinha 12 anos, 13 anos nasce uma irmã pequenina, mais nova, essa já fio assim mais...mais uma menina" "Quando tínhamos que ir pro campo, tínhamos as hortas era preciso as ogar, portanto nós tínhamos a vida de casa e tínhamos de ajudar nas hortas, tínhamos de ir a regar e semear...então a minha irmã (mais nova) ficava com a minha tia "
		1.1.3 Relação Hierárquica entre os progenitores	1.1.3.1 Definição de papéis de relações de poder no casal	"O meu pai às vezes sim...exaltava-se" "Zangava-se muito era com as vacas...por causa do trabalho...ora até c'o meu marido ele se zangou..."

			1.1.4.2 Estabelecimento de regras e limites <i>"Mas era assim...ele exaltava-se se a gente se calava...eu fugia quando o via exaltado, eu fugia-lhe, quando voltava já não era nada com ele"</i> <i>" Se a gente se deixasse apanhar ... Ora batia-nos com a correia (...) Tirava o cinto e zás"</i> <i>"Eu só me lembro de 1 vez, talvez me tivesse batido mais, mas não me recordo ..."</i> <i>"A culpa foi minha...esse tal meu irmão quando era nos domingos, porque nos dias de semana trabalhava-se, era pra descansar à noite...nos domingos também se queria divertir um bocadinho e entrava um bocadinho mais tarde..."</i> <i>" Nesse dia já estava c'um copito e o meu pai não se deixou adormecer...o meu irmão entrou, eu abri-lhe a porta, subiu as escadas...e no fim dele se deitar, já tinha menos roupa, no fim de um bocadinho, vai a bater no meu irmão...e eu venho...e eu digo...nem sei como fui capaz de dizer aquilo, digo assim «Deixe o nosso J. , porq'ê que você está a bater no nosso J.. Só um pai selvagem é que bate assim num filho...o meu pai responde «ó russa de um diabo ainda tás a pedir por ele, eu já te digo a ti (...) Desce as escadas, mas não foi capaz de abrir a porta, arrombou-a, deu-me uma sova, mas eu enrolava-me na roupa, nos lençóis e nos cobertores. (...) A minha mãe dizia «Deixa a nossa R., deixa a nossa R.» ...tinha receio talvez que lhe batesse a ela..."</i> <i>"Lembro-me de outra (...) eramos gaiatos eu e o meu irmão...era noutra fazenda que tínhamos...todos os anos se limpava o poço ...e eu vou ver se conseguia puxar a picota pra cima e aquilo não ia, porque aquilo era preciso jeito...e</i>
--	--	--	---

				<i>parti a burra (Picota), parti a burra, levei uma carga eu e o meu irmão, mas fugimos... a minha mãe disse assim « Olhem vão pras naves pro pé da avó...eu logo vos levo a roupa, porque estávamos sujos (...)»</i> <i>"A minha mãe queria ajudar(...) mas à minha mãe não bateu"</i>
		1.1.5 Perceção sobre as diferenças de género na educação dos filhos	1.1.5.1 Diferenciação na educação entre rapazes e raparigas	<i>"(...) a gente tinha ordem pra entrar, não eramos só nós eram as raparigas e os rapazes...os rapazes antes da meia-noite e as raparigas nos dias de semana era antes das galinhas irem pra capoeira...O meu irmão toda a semana a trabalhar gostava também de falar c'os amigos e colegas e demorava-se um pouquinho mais...Quando chegava o meu pai ralhava,...«Ó D. se vieres mais tarde levas uma carga».</i> <i>"Na minha rua havia...só na minha rua...havia pelo menos uma dúzia de rapazes e raparigas ou mais (...) Tava um largo, a gente jogava às escondidas, jogava ao lenço, jogava á machadinha, brincava a esses jogos todos daquele tempo, todos juntos"</i>
		1.1.6 Diferenciação de papéis em função do género em relação aos filhos	1.1.6.1 Liberdade e diferenciação nos comportamentos esperados entre rapazes e raparigas	<i>"Não, o que se passava com o meu irmão passava-se c'os outros, pelo menos era o que eu pensava...mas depois de mais crescida, havia lá alguns que iam pra nossa casa com o meu irmão e até lá dormiam"</i> <i>"As raparigas tudo dormia em casa"</i> <i>"(As raparigas) iam c'as mães (aos bailaricos) eu por acaso ia quase sempre com umas amigas"</i>

		1.1.7 Comunicação entre pais e filhos		<i>minhas que iam lá chamar-me e depois a minha mãe ia lá ter"</i>
			1.1.7.1 Partilha e discussão de opiniões entre os membros da família	<i>"Antigamente não...antigamente nem falavam determinadas coisas entre eles, nem à frente dos filhos" "Não me lembro bem (...) mas quer dizer, a ideia do meu pai é que prevalecia" " Se acaso a minha mãe tivesse outra ideia, o meu pai dissesse qualquer coisa e a minha mãe dissesse assim ou não ...o meu pai dizia assim «Tu és uma cegueta. ou dizia assim uma coisa qualquer», a ideia dele é que prevalecia"</i>
			1.1.7.2 Valores transmitidos e comportamentos esperados em relação aos mais velhos	<i>"Muito, muito respeito p'las pessoas mais velhas" "Só que fossem 3 ou 4 ou 5 anos mais velhos os nossos pais obrigavam-nos a tratar por você...não é como hoje"</i>

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
2. Escola e vida profissional	2.1 Vivências do percurso escolar e profissional	2.1.1 Perceção sobre o percurso escolar	2.1.1.1 Frequência da escola	<i>"Fiz a 4ª classe...as minhas irmãs também, fizemos exame com 3 professores em Castelo Branco"</i>
			2.1.1.2 Causas que levaram ao abandono escolar	<i>"A minha irmã mais velha pediu ao meu pai para queria ser enfermeira, mas o meu pai disse-lhe que não (...) porque diz que as mulheres que era pra estarem em casa, a cuidar da casa e dos filhos"</i>

				<i>"Eu pedi a um padrinho meu...a minha professora primária até me queria ela dar os estudos e o meu pai não deixou...pela mesma razão, que as mulheres eram pra estar em casa a tratar do marido e dos filhos"</i>
			2.1.1.3 Separação entre géneros na escola	<i>"(...) Era separada, só feminina e masculina...era um edifício no meio tinha...era dividido"</i> <i>"(...) os rapazes brincavam na parte de trás e eles entravam na parte de trás...e nós entrávamos pela parte da frente"</i>
		2.1.2 Perceções sobre os castigos aplicados na escola	2.1.2.1 Castigos aplicados e razões para tal	<i>"Tinha de ser severa porque havia meninos que não, não faziam o que ela mandava, não queriam saber dos estudos, não queriam saber de aprender pronto! E não tinham regras nenhuma em casa porque na escola tudo se portava bem"</i> <i>"Eram pra respeitar a professora (...) davam mais respeito...medo não porque ninguém lá faltava na escola, portanto não tinham medo de ser castigados"</i> <i>"Havia um puxão de orelhas de vez em quando, quando estavam a falar ou a fazer disparates (...) pequenos castigos"</i> <i>"Punha-os por exemplo, se levavam erros e não nos emendavam (...) «agora não emendaste em casa vais fazê-los 10 vezes»"</i> <i>"A outros dizia assim «agora viras-te pra parede», «Agora estás aí um bocadinho de joelhos», e às vezes era uma reguada. Mas não tinha a menina dos 5 olhos como era hábito na altura"</i>

		2.1.3 Vivências do percurso profissional	2.1.3.1 Profissão e percurso profissional	<i>Então eu quando cheguei aos 18 anos eu pedi ao meu padrinho «Ó padrinho eu queria ir a estudar (...) e o meu padrinho perguntou «Então filha porque?» e eu respondi «Porque quero ir estudar, não quero cá estar em casa.» e ele ajudou-me e fui professora»</i>
			2.1.3.2 Perceções acerca do trabalho feminino fora do contexto do lar	<i>"Quando a necessidade dos pais...aquelas com mais necessidade...achava-se normal" "Muitas ficavam lá na terra a trabalhar pra'queelas pessoas ricas, criadas naquela altura (...)" "As que iam trabalhar para fora. Era a mesma coisa, ninguém censurava"</i>

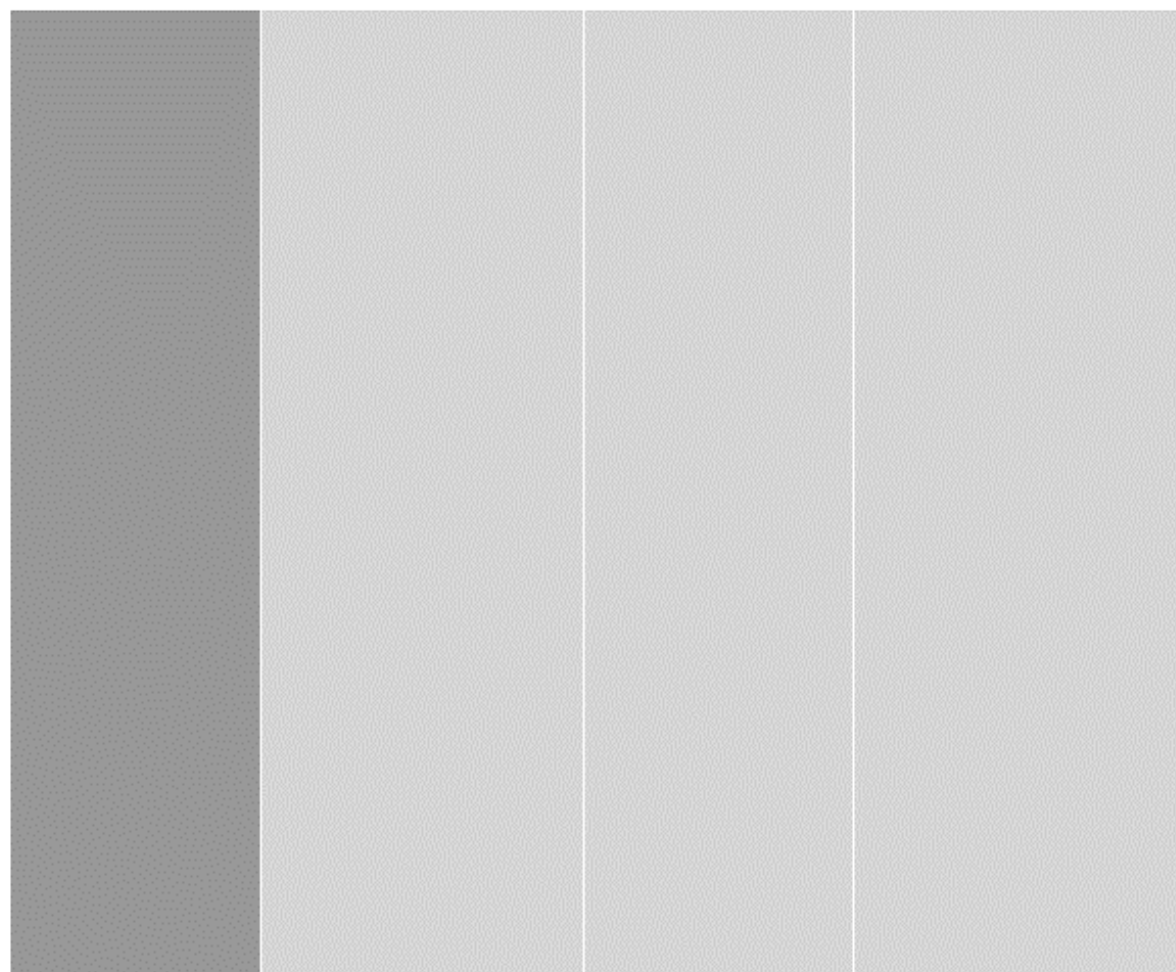
Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
3. Namoro/ Casamento e sexualidade	3.1 Perceções sobre o namoro e casamento	3.1.1 Namoro	3.1.1.1 Idade com que começou a namorar	<i>"Comecei a namorar cedo, mas era por causa dos bailaricos (...) 15 anos (...) mas era mais namoro de bailarico, pra gente ter um par certo"</i>
			3.1.1.2 Como e onde se namorava	<i>"Sempre com a mãe por perto...quantas vezes a mãe estava sentada no meio e um de um lado e o outro do outro...o meu pai esse ia pra cama" "Mas eles também lá iam á porta, eles iam ás nossas portas" "Quando ele vinha e estava lá na terra, ele tinha uma irmã e eu dizia-lhe ó L. tu, vem dormir comigo, mas não estava cá á porta, namorei um rapaz de Alcains sempre á porta, no bailarico e ali á porta e nos bailes" "O meu marido estava na tropa em Estremoz. Naquele tempo só havia tabernas e ele foi lá (...) O meu pai encontrou-o engraçado (...) ele até</i>

				<i>dormiu lá até dormiu na cama com o meu irmão e no outro dia foi embora"</i> <i>"Entretanto lá de Estremoz escreve uma carta o meu pai a pedir autorização pra namorar comigo, mas eu sempre a dizer que não, que não, que não queria namorar com ele, mas ele insistiu e o meu pai olha não desgostou do rapaz e até gostava muito do seu genro"</i>
			3.1.1.3 Liberdade para frequentar espaços públicos	<i>"Ai sempre houve liberdade para sair...mas sempre acompanhada claro"</i>
			3.1.1.4 Sexualidade e preparação para casamento	<i>"Nada, nem quando me veio o período eu sabia o que era aquilo. Aos 14 anos veio-me o período e disse a uma senhora «ai eu deitei sangue, não foi assim muito, mas deitei sangue», não dizia vagina, só dizia «em vez de fazer chichi só fiz sangue» e a senhora diz assim «Ai olha já és mulher » e eu respondi «Ó ti Maria atão eu ainda sou uma rapariga ainda sou uma cachopa, não sou mulher»"</i> <i>"E ela disse «Quando vem, quando sai sangue de dentro de nós passamos a ser mulher, tu agora se tiveres alguma coisa com um rapaz (essa coisa que eu nem sabia, nem me explicaram) tu podias ficar grávida»...e eu nem sabia como é que se fazia. Fiquei a saber a mesma coisa"</i> <i>"Já tinha 18 anos, imagine...ora já há 4 anos que era menstruada e eu perguntei assim a uma</i>

				senhora (estavam a falar em filhos e assim) e eu digo assim «Ô ti Emilia atão por onde é que os filhos saem?» e ela respondeu-me «Olha por onde entraram» e eu fiquei a saber o mesmo" " Não, eu nem me queria casar" "Não sei (...), na semana do casamento o meu marido foi tirar as medidas pra fazer uma cortina pra janela...só porque ele me disse que queria tirar as medidas da janela pra cortina e já não queria casar" "Eu só me queria casar no verão e tive que casar pl'o natal quando o irmão do meu marido vinha a Portugal pois estava na França e atão a minha sogra dizia assim «Têm que se casar quando o meu Zé vier pois ele vai-se embora em Março e eu só queria casar no verão" "Casamos em fevereiro e ele foi chamado pra Guarda Fiscal foi aí que me convenceram porque senão tinha de estar um ano sem poder casar"
			3.1.1.5 Gravidez inesperada no namoro e abandono	" Aiii toda a gente fazia chacota e eram enxovalhadas" "Alguns rapazes casavam com elas e outros não" "Algumas famílias apoiavam-nas outras não, mas depois chegavam à conclusão que tinham de as apoiar porque elas não tinham mais ninguém, era complicado"
		3.1.2 Casamento	3.1.2.1	"Sim, sim...as vezes a gente falava, as vezes concordava outras vezes não, até ainda hoje...a última palavra, cada um ficava c'a sua"

			Partilha de decisões e opiniões na tomada de decisão do casal	"Não não é ciumento, nem eu"
			3.1.2.2 Relação de confiança entre os membros do casal	
			3.1.2.3 Separação e divórcio	N/S
			3.1.2.4 Partilha de tarefas e responsabilidades na gestão da casa	"Naquela altura ele não sabia fazer nada. Quando casei ele não sabia porque tinha a mãe, a mãe estava em casa, o pai dele trabalhava ao dia, era um bocadinho diferente, não foram habituados " "O meu marido não sabia fazer comer nenhum, não sabia fazer nada" "Quando voltei do Alentejo ao fim de 11 meses com um filho já...então já me ajudava..." " Nessa altura que eu voltei pro Monte Fidalgo a dar Aulas, ele todas as horas que podia ajudava...a água que não havia agua canalizada tinha que se ir á fonte, não me faltava água, se fosse preciso ir ao pão ia ele ao pão, se eu levasse o menino pra escola ele ia lá á escola e trazia-mo, se ele estivesse em casa ele ia á escola pra ver o que ele tinha, por exemplo mudar a fralda...as fraldas é que nunca...até que começou a pouco e pouco, a pouco e pouco..." "Depois mais tarde já em Castelo Branco começou...era aquele que chegava primeiro era o que começava a descascar as batatas, a fritar as batatas...e começamos a partilhar as tarefas"

				<i>" E o meu marido habituou-se a fazer...então agora depois que se aposentou adora fazer comer"</i> <i>"Hoje as tarefas são divididas porque quando a gente casou..."</i>
			3.1.2.5 Educação dos filhos	<i>"Era dada pelos dois"</i> <i>"Já o meu filho andava no Ciclo...esse meu filho já sabia fazer...não havia micro-ondas, se eu deixasse um arrozinho feito...eu deixava lá a água no caso de ser o meu filho mais velho ...aquele que chegasse primeiro começava a fritar se era de fritar"</i>
		3.1.3 Perceções acerca do papel do homem, hierarquias e relações de poder	3.1.3.1 Padronização e normalização de comportamentos agressivos e desajustados	<i>"Ele?...o meu pai todos os dias bebia, a garrafinha andava sempre c'o ele"</i> <i>"O meu pai não, só nos domingos é que ia à taberna no fim do dia. Não era beber muito, era beber á hora do comer" "</i> <i>"Bebia-se mais nos fins-de-semana, só os que não tinham trabalho...porque havia pessoas que não tinham trabalho todo o ano...e as mulheres ficavam em casa"</i> <i>"Tive caso na minha família...a minha irmã. Contaram-me já eu estava a dar aulas em Penamacor...uma senhora que morava lá perto da minha irmã, quando ela tava grávida do filho e ele estava bêbado e bateu-lhe tanto, tanto, tanto diz que até a empurrou contra uma parede ...Era festa talvez por isso ele estivesse mais bêbado...e que á noite obrigou-a a ir pra festa...e que a obrigou a dançar. Andavam lá na festa"</i>



como a que nada fosse. As pessoas ficaram muito admirada. Essa foi uma das primeiras vezes que me disseram que ele tratava mal a mulher, a minha irmã"

"Doutra vez...o meu pai deu uma casa, deu um valor simbólico porque o meu pai não gostava do meu cunhado porque era gente má, preguiçosos...o meu pai nunca quis o casamento...Ele tanto andou, tanto andou, até que casou com ela, o meu pai não foi ao casamento da filha (...) O meu pai herdou a casa onde nasceu e deu aquela casa por um valor simbólico á minha irmã...aquela casa onde eu me criei tem lá um poço dentro da cozinha, que tem uma tampa com uma argola que levanta (...)

"Um dia bateu-lhe tanto, tanto. Tanto que a meteu dentro do poço com a água até aqui ao pescoço. O filho mais velho não sei quantos anos tinha, ele ficou traumatizado. Nessa vez já não sei por que razão ...às vezes não era preciso razão, quantas vezes...lá a tirou e disse-lhe «hoje ainda te safas mas á próxima já não te safas». O outro filho era pequeno, mas também não ficou muito bom porque ele também trata mal a mulher"

"Outra vez, bateu-lhe e tirou-lhe as mobílias (pelo pai apesar de não querer o casamento e de não ter ido ao mesmo. atirou-lhe as mobílias pro meio da rua, aí as vizinhas intervieram (...) no poço ninguém soube, ela não gritava o filho também não dizia nada com medo, tirou-a de lá porque algo lá se lembrou dela"

				" E ainda presenciei ou fui eu ou foi o meu marido...um dia veio bêbado que ele andava sempre bêbado...a minha irmã tinha o comer na mesa...e ele chegou...ela começou a ralar com ele, ela já espezitada e ele agarra no prato da sopa e truz...atirou com o prato da sopa a uma porta, escavacou tudo e não lhe bateu mais porque estava lá o meu marido" "Isto durou anos e anos...porque foi precisamente naquela altura que ela pediu o divórcio, ele não lho queria dar mas lá lho deu , foi obrigado a dar-lho ...não dividiram nada, ele ficou cá por baixo na casa por baixo ... a porta por dentro foi trancada que dava ao andar de cima... e a minha irmã vivia lá por cima" " Nunca mais a tratou mal...quando ele ralhava ela trancava a porta do lado dela ...nunca mais lhe bateu. Tenho tantas histórias destas, a vida da minha irmã foi um inferno. O meu pai bem disse pra ela não se casar com ele."
			3.1.3.2 Representações sobre comportamentos/attitudes da família e comunidade face às situações conhecidas e vivenciadas	"As pessoas falavam «ai aquele tratou mal a mulher» mas elas eram submissas porque não trabalhavam e necessitavam do dinheiro que eles ganhavam pra sustento da família" "As pessoas não se metiam...não não" "Já a minha avó me dizia isso «entre marido e mulher ninguém meta a colher»" "Elas falavam sobre isso o que é eles não sabiam...era às escondidas" "Eles iam trabalhar e as mulheres ficavam ao sol a dar uns pontinhos e falavam entre elas"

			<i>"A minha irmã, tirava-lhe dinheiro pra ele não beber tanto... fez pra arranjar emprego...pediu a um primo nosso que lhe ensinasse a profissão de calceteiro..."</i> <i>"O meu pai revoltava-se muito quando ouviu dizer que ele que a tratava mal..."</i> <i>"Exemplos destes na família...uma vez o meu pai até pegou num malho pro matar...muito complicado, muito complicado...estas coisas marcaram-me muito"</i> <i>"Mas olhe eu meti uma vez a colher numa irmã minha...o meu cunhado mais velho...era muito bêbado e a minha irmã era muito refilona, mas tanto discordava que ele a obrigava e ela tinha de fazer aquilo que ele lhe mandava"</i> <i>"Doutra vez, essas duas vezes eu não estava lá... uma vez num verão, ele andava-lhe a bater e uma vizinha disse-me «Ó R. o teu cunhado anda a bater na tua irmã». Eu saio de casa que era pertinho e fui lá e disse «Atão mas ouve lá tu penas que estás a bater a quem? E na casa de quem? a bateres á minha irmã na nossa casa?» Ele quis pôr-me de casa pra fora...eu agarro-me a ele com os nervos...ficou com o braço todo arranhado e a camisa toda rasgada. Depois a partir daí é que começou a acalmar..."</i> <i>"As pessoas diziam-lhe «Ó maria pra andares sempre fugida divorcia-te (porque ela fugia pra casa das minhas primas direitas e as minhas primas vinham-ma levar a minha casa, morava eu já aqui em Castelo Branco...)" ...e ela dizia eu pra casa da minha prima Antónia em Lisboa e lá</i>
--	--	--	--

				<i>andava, fazia uns dias aqui e além...sempre em sobressalto"</i>
			3.1.3.3 Razões apontadas para a aceitação dos comportamentos agressivos/desajustados	<i>"Elas acomodavam-se" "Talvez não quisessem apoio, porque não tinham emprego pra se governarem e necessitavam do dinheiro dos maridos "</i>

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
4. Conhecimento acerca da Violência Doméstica e formas de apoio às vítimas na atualidade	4.1 Representações pessoais sobre a Violência Doméstica	4.1.1 Conhecimento e perceções sobre situações de Violência Doméstica conhecidas e/ou vivenciadas	4.1.1.1 Perceções e representações sobre situações conhecidas na família ou comunidade	<i>" Tive dois sobrinhos...olhe um já morreu, era calado, não dizia nada, nada, nada...era só nervos dentro dele...já lhe faleceram 2, o mais novo e o mais velho...Esse (o mais velho)...muito calado, muito calado, nem dizia «ò tia isto, ó tia aquilo cumprimentava todos mas não desabafava...o mais novo esse só queria estar na minha casa mas o pai não deixava...esse nasceu já com hepatite A devido ao pai ser bêbado...até que morreu com 27 anos...Tem outro...que é o retrato do pai... foi de ficar traumatizado e faz o que viu fazer ao pai"</i>

				<i>"Não se dá com a mãe, não dá, sempre a discutir e então quando está bêbado...enxovalha a mãe, tal qual como o pai fazia..."</i> <i>"Tenho pena de não ter podido ajudar mais os meus sobrinhos porque sei que eles ficaram traumatizados para toda a vida devido ao que viram"</i>
			4.1.1.2 Representações da comunidade face às situações de violência doméstica conhecidas	<i>"Hoje as pessoas estão mais atentas e são mais apoiadas"</i> <i>"Fala-se mais do assunto e as pessoas sabem onde podem recorrer"</i>
			4.1.1.3 Atitudes/comportamentos face a situações conhecidas	<i>"Então? Quem é que não apoia uma filha? Mesmo que a filha tenha culpa..."</i> <i>"As pessoas já podem denunciar sem se saber quem foi e assim não é tão perigoso"</i>
			4.1.1.4 Conhecimento acerca dos tipos de apoios existentes para vítimas de violência doméstica	<i>"Sei, sei...Alguns"</i>
			4.1.1.5 Perceções acerca do tipo de apoio que é dado às vítimas de violência doméstica	<i>"Hoje as mulheres têm emprego e conhecem melhor quem as pode apoiar. Também têm mais apoios para poderem criar os filhos sozinhas...antes não acontecia e por isso se calhar calavam-se e aguentavam"</i> <i>" (...) as mulheres hoje não são tão submissas aos maridos"</i>

- **Análise de conteúdo entrevista 6**

Tabela 11- Análise de Conteúdo Entrevista 6

0	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
1. Vivência no contexto familiar de origem	1.1 Dinâmica e estrutura Familiar	1.1.1 Condições de vida na infância e juventude	1.1.1.1 Condições de vida	"Um pouco difícil...ora...andávamos c'as cabras, trabalhávamos munto...eu trabalhei munto...o mê pai fez-me trabalhar munto" "Havia munta necessidade...pra fazermos a vida...pra fazer a vida deles...Obrigavam-nos a trabalhar, mas eu fui uma...nós somos 4 irmãos...sou a mais velha e a mais sacrificada fui eu" " O mê pai era munto ativo, trabalhava e fazia-nos trabalhar...mas eu sair de casa pra andar pros outros não...era pra trabalhar pra nós" " A única coisa que fazia enquanto estive em casa era ira a azeitona pros outros...isso iam pra fora (...) "
			1.1.1.2 N.º de irmãos/membros da família	"Somos quatro irmãos (...) Duas e dois"
		1.1.2 Responsabilidades na gestão da casa e educação dos filhos	1.1.2.1 Principal provedor/a de recursos financeiros na família	"Toda a gente trabalhava ...Ele era o chefe e tava a minha mãe"
			1.1.2.2 Divisão de tarefas e responsabilidades por parte dos membros da família	"A minha mãe é que se ocupava e fazia as tarefas da casa, fazia a comida, tratava da roupa dos filhos e também ia pra fora pro campo a ajudar o marido a trabalhar" "(...)Trabalhava fora de casa e em casa"
		1.1.3 Relação Hierárquica entre os progenitores	1.1.3.1 Definição de papéis de relações de poder no casal	"A minha mãe se precisasse de nos comprar uma blusa pra nós, pra mim ó pra minha irmã ou outra coisa q'alquer, minha mãe podia gastar, mê pai

				<i>nã lhe preguntava satisfações nenhuma...nem a minha mãe preguntava ao mê pai...mê pai podia gastar que não reparavam em contas"</i> <i>"Davam, os meus pais davam-se bem"</i> <i>"A última palavra era dele"</i> <i>"Lá discutiam como todos os casais claro...vida que não é ralhada não é governada"</i>
			1.1.4.2 Estabelecimento de regras e limites	<i>"Sei que a minha mãe sempre foi a chefe da casa...mandar no que era preciso pró governo da casa...educação eram os dois..."</i> <i>"Eles não castigavam, davam-nos uma chapada na cara ou um pontapé ou assim"</i> <i>"Nunca me esquecerei nem me esquece...o mê pai bateu-me por eu ficar a jogar à troganita lá c'uns vizinhos nossos...mandarem-me ir ter á fazenda onde eles andavam q'era pr a me ocupar das cabras e eu nã fui...nã obedeci e levei porrada...fui castigada"</i> <i>"O mê pai era um bocadinho severo...eu fui a pior...por ser a mais velha ou por ser uma rapariga"</i> <i>"O mê pai queria tudo na linha reta...sempre!"</i>
		1.1.5 Perceção sobre as diferenças de gênero na educação dos filhos	1.1.5.1 Diferenciação na educação entre rapazes e raparigas	<i>"Hum não era munto...com os meus irmãos, c'os outros c'ando íamos pra escola e depois vínhamos da escola e entretiamos-nos uns c'os outros na brincadeira "</i> <i>"No mê tempo era a troganita...era como eles fazem como a jogar golfe...tínhamos um pau e a bola era uma pinha ...chamava-se aquilo a troganita...era o que havia no nosso tempo e jogávamos todos"</i>

		1.1.6 Diferenciação de papéis em função do género em relação aos filhos	1.1.6.1 Liberdade e diferenciação nos comportamentos esperados entre rapazes e raparigas	"As bonequinhas era mãe que fazia uma boneca de farrapos de vez em quando que pra gente brincar" "Hummm era mais ou menos a mesma coisa...era mais ou menos..." "Eu acho que sim... pra ir às festas aí eles tinham essa liberdade...eu não, o mê pai por duas vezes que me proibiu de ir lá pro bailarico da aldeia por causa de um rapaz, andava a atrás de mim e eu não queria, eu não gostava dele...e proibiu-me de eu ir(...)" "E assim pra festas o mê pai não nos deixava andar assim" "Acompanhadas c'a mãe podíamos ir ...naquele tempo as mães tinham de andar atrás da gente"
				"No tempo em qu'ê fui criada não podia falar como é hoje..." "Talvez fosse as duas coisas medo de falar ou respeito...não sei" "Bem se você quer naquele tempo as mulheres tinham que assim baixar um bocadinho a voz... o mê pai nunca estrovou ou a minha mãe de nada" "Não...por exemplo...isto é uma garrafa, se o mê pai dissesse que isto era um pau de pinho, tínhamos que dezer que era um pau e não era uma garrafa"
		1.1.7 Comunicação entre pais e filhos	1.1.7.1 Partilha e discussão de opiniões entre os membros da família	
			1.1.7.2 Valores transmitidos e comportamentos	"O mê pai só dizia pra nós «Isto não é nosso, não se leva...não tendes nada que mexer naquilo que não vos pertence, que não é nosso"

			esperados em relação aos mais velhos	<i>"Uiiia...hoje não há respeito nenhum...no mê tempo tinha que haver respeito aos pais. Os mê filhos também nunca me faltaram ao respeito"</i>
--	--	--	--------------------------------------	---

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
2. Escola e vida profissional	2.1 Vivências do percurso escolar e profissional	2.1.1 Perceção sobre o percurso escolar	2.1.1.1 Frequência da escola	<i>"Eu fui pra escola aos 7, no mê tempo era aos 7 que se ia pra escola...devo ter lá andado até aos 11, era até aos 11, 12 anos que eu fiz a 3ª classe"</i> <i>"Fiz a 3ª classe mas depois eu voltei e fiz a 4ª...fiz a 4ª de adulta, veio aquela lei que eu não tinha feito então eu fui...Isto tinha 17 anos acando fiz o exame da 4ª classe"</i>
			2.1.1.2 Causas que levaram ao abandono escolar	<i>" Porque o mê pai não nos deixou ir mais à escola...nós as irmãs fizeram só a 3ª classe"</i> <i>"Eu tive que sair da escola pra ir trabalhar e a minha irmã foi o mesmo"</i> <i>"Fui logo pra resina aos 11 anos e ainda ajudávamos em casa e íamos pra rega, andar a mais o mê pai c'os burros, ir ao mato ...eu era como eu acostumo dizer, eu era o pau mandado...eu é que andava sempre na vaia"</i> <i>"Mais (os pais faziam mais questão que fossem os rapazes á escola) ...porque os rapazes tinham mais preciso de ir pra escola do que as raparigas"</i> <i>"Eu não concordo com isso, tanto direito tem uma menina como um menino"</i> <i>"Eu tenho duas, as duas estudaram e fizeram o curso, o meu filho não quis escola...fez o 2º ano da Telescola...foi uma escolha dele, ele não quis vir pra'qui e elas vieram estudar"</i> <i>"Eu tenho duas, as duas estudaram e fizeram o curso, o meu filho não quis escola...fez o 2º ano</i>

				da Telescola...foi uma escolha dele, ele não quis vir pra'qui e elas vieram estudar" "Não...não era importante as raparigas estudarem" "Poderia ter sim ter outras oportunidades se tivesse estudado, o mê pai não deixou" "Quando fiz o exame da 4ª classe era pra ir pra Papelaria Fernandes em Lisboa...essa pessoa que me arranjava pra eu ir era a filha da minha madrinha, ora atão o mê pai nã me deixou ir, fazia falta pra andar atrás dos burros, nã me deixou ir, e eu fui sempre a trabalhar na terra...na terra"
				2.1.1.3 Separação entre géneros na escola
		2.1.2 Perceções sobre os castigos aplicados na escola	2.1.2.1 Castigos aplicados e razões para tal	"No mê tempo era tudo junto...era mesmo na minha aldeia"
				"Tive duas professoras...eram assim assim...c'ando a gente dava muntos erros, cada erro era uma reguada e havia a menina dos 5 olhos e eu era boa pra dar erros...eu nã prestava pra nada pros ditados" "Se você não teve erros e eu tive-os, você tinha de me dar ali reguadas, e era você que mas dava não era a professora...era você mesma que me batia" "Era os colegas uns aos outros «ai fizeste tantos erros, aquele nã teve nenhum, há que bater-te a tji»" "(...) Outros castigos não...eram os castigos físicos"

				<i>"A minha irmã só saiu de casa pra ir guardar lá umas ovelhas de uma vizinha nossa, de pastora"</i> <i>" Os meus irmãos nunca andaram a guardar cabras acando saíram pra trabalhar pra fora foram pra França"</i>
--	--	--	--	---

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
qu	3.1 Perceções sobre o namoro e casamento	3.1.1 Namoro	3.1.1.1 Idade com que começou a namorar	<i>"O primeiro namoro qê tive tinha 17 anos...comecei a namorar c'o mê marido tinha 20 anos, casáramos eu tinha 23 ia fazer os 24"</i>
			3.1.1.2 Como e onde se namorava	<i>"Conheci lá numa festa na aldeia"</i> <i>"A gente ia pros bailaricos da aldeia e ia-se à missa e namorava-se por aqueles bocadinhos por aí abaixo que ainda demorávamos uma hora de caminho"</i> <i>" Não namorava assim...só pedia autorização aos pais...Sabiam porque nos viam andar. É só quando queriam casar iam a pedir a rapariga ao pai se ele a quisesse dar"</i> <i>"Por lá nas festas...nos bailaricos à noite e às vezes vinha um bocadito lá pra porta...estávamos à porta e à janela"</i>
			3.1.1.3 Liberdade para frequentar espaços públicos	<i>" Não, as raparigas tinham que ir acompanhadas da mãe às festas ou aos bailaricos"</i>
			3.1.1.4	<i>" No mê tempo nã se podia dar um beijo a um rapaz...nenhum rapaz podia dar um beijo...ou</i>

			Sexualidade e preparação para casamento	dava às escondidas...senão era logo «olha aquela...» "Nada nesse tempo nã se falava nada disso" "Eramos umas coitadinhas (...) pelo menos no mê tempo, eu nunca falei c'a minha mãe com respeito a isso, nada...era segredo" "Agente tãvamos lá preparadas pra casar?...era ir à igreja e depois era ir pra cama ...e não sabia o que nos esperava"
			3.1.1.5 Gravidez inesperada no namoro e abandono	"Coitadinhas eram umas escravas...nã havia quem olhasse pra elas naquele tempo, nã olhavam pra elas" "os rapazes nã a queriam mais ...aquelas que eles as largavam" "Agora há algumas na terra que engravidaram e eles casaram c'o elas...tiveram sorte"
		3.1.2 Casamento	3.1.2.1 Partilha de decisões e opiniões na tomada de decisão do casal	"Sim em tudo..." "Ao contrário...eu é que sempre mandei na minha casa...porque nós casamos e m outubro e dia 12 de março ele foi-se embora pra França e nunca estive praticamente com ele" "Eu é que comecei a reger a minha vida...ainda hoje ele nã faz nada sem me procurar a mim...embora ele às vezes nã queira ir pro que eu digo, mas pronto vem perguntar-me sempre primeiro e mim"
			3.1.2.2	"Podia ter liberdade pra ir onde queria, mas eu nunca fui de ir ao café...ainda hoje nã sou...nã se importava de nada"

			Relação de confiança entre os membros do casal	<i>"Acho que o mê marido nã é ciumento...se ele fosse ele nã me deixava ir á esquerda ou á direita, eu é que nã sou pessoa pra isso"</i>
			3.1.2.3 Separação e divórcio	<i>"Sim era mau...era mau"</i> <i>"Conheci um caso...o marido abandonou-a...era considerada esta...era aquela...mesmo se a culpa nã fosse dela, era sempre dela"</i>
			3.1.2.4 Partilha de tarefas e responsabilidades na gestão da casa	<i>"Eu estive 16 anos sozinha...ainda fui pra França e estive lá 2 anos...estive lá dois anos e tive dois filhos... voltei...então eu fui pra França pra ter filhos estive lá dois anos e tive 2 filhos...então voltei"</i>
			3.1.2.5 Educação dos filhos	<i>"Eu criei os mê filhos sozinha"</i> <i>"Eles foram educados por mim...se eles fazem malandrice não foi o que a mãe lhes ensinou"</i> <i>"Cando eles eram garotos e andavam na escola e iam pra brincadeira só lhes dizia assim: «ó meninos daqui a 1 hora ou 2 tendes que cá estar...ai que não estejandes e olhe que eu não lhe batia"</i> <i>"Bati uma vez á F. a irmã da P. e ao mê filho por culpa dos outros...à P. acho que nunca lhe bati. Eles respeitavam-me e concordavam"</i>
		3.1.3 Perceções acerca do papel do homem, hierarquias e relações de poder	3.1.3.1 Padronização e normalização de comportamentos agressivos e desajustados	<i>"Ainda hoje se bebe muito na aldeia. Ainda hoje há quem beba munto, ainda hoje há dos que caem"</i> <i>"Eu vou dizer-lhe esta...o meu pai não era homem de andar nas tabernas bêbado...bebia o sê copinho que ele fazia bem que chegasse pros</i>

				gastos de casa ...mas cando o mê pai ia lá pra freguesia que se chama St.º André onde tá a igreja, el eia pra ai, chegava a casa um bocadinho tocado, que já nã vinha munto dirêto, nã dizia nada «Ô mulher já vou pra cama» e nem podia ver a luz e tinha que se apagar a luz nã tratava ninguém, nem a minha mãe nem a nós nada mal c'o álcool" "Uiii inda hoje há lá situações como havia, quando bebiam perdiam a cabeça (...)" "Antigamente sim batiam, mas hoje não. Antigamente sim, tratavam-nas mal (...)" "Era mais verbalmente e alguns eram até capaz de lhe dar"
			3.1.3.2 Representações sobre comportamentos/attitudes da família e comunidade face às situações conhecidas e vivenciadas	" Deitavam as culpas ao álcool e nã a quem no bebe, mas nã é o álcool que tem culpa, tem culpa quem no bebe" "As pessoas criticavam e diziam «Olha pra quele como vai, olha a bebedeira q'ele leva" "Iam-se por í a meter? Sabe que há um ditado que diz «Entre marido e mulher nã se mete a colher»"
			3.1.3.3 Razões apontadas para a aceitação dos comportamentos agressivos/desajustados	"A mulher nesse tempo...hoje nã aguenta...nesse tempo aguentava" "Nã nesse tempo calavam-se...hoje já são capaz de se abrirem mais um bocadinho" "Isso era porque elas tinham medo deles" "É capaz sei lá não sei...como é que seria a educação, como é que seria a educação dos pais delas"

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
4. Conhecimento acerca da Violência Doméstica e formas de apoio às vítimas na atualidade	4.1 Representações pessoais sobre a Violência Doméstica	4.1.1 Conhecimento e percepções sobre situações de Violência Doméstica conhecidas e/ou vivenciadas	4.1.1.1 Percepções e representações sobre situações conhecidas na família ou comunidade	<i>"Tenho uma cunhada que sofre muito...que é um irmão meu, que tenho vergonha de dizer mas é verdade...esse mê irmão é raro o dia q'ele nã trate a minha cunhada mal"</i> <i>"É quando bebe, tem bom coração, mas quando bebe trata a mulher mal"</i> <i>"Ela não faz nada, responde-lhe e eu já fui chamada mais que uma vez por ela lá a casa"</i> <i>"Mas trata-a mal chama-lhe nomes tudo, tudo..."</i>
			4.1.1.2 Representações da comunidade face às situações de violência doméstica conhecidas	<i>"Ninguém se mete na vida dos outros, cada um é que sabe da sua vida"</i> <i>"A mulher não é nenhum farrapo nem nenhuma escrava do marido"</i>
			4.1.1.3 Atitudes/comportamentos face a situações conhecidas	<i>"Não, não, me metia se tivesse conhecimento de alguma situação"</i> <i>"Se houvera alguém lá na aldeia...primêro havia muito isso mas agora isso é raro...no mê tempo e no tempo dos meus pais a ralharem, os vizinhos uns c'os outros isso era uma desgraça mas agora...se ouvir a ralar meto-me em casa, nã ouvi nada"</i> <i>"Se tivesse tido um casamento com violência, tinha de dizer que isso nã podia passar...nã aguentava"</i> <i>"Cada vez que lá fui disse assim pra ela «nã me voltes a chamar que eu nã venho aqui mais. Não tenho nada a ver com a vida deles"</i>

				<i>"Se o meu marido hoje viesse ter a mim pra me dar um estalo atão eu ficava quieta? Era o que eu tivesse na mão"</i> <i>"A mulher de hoje subiu munto de posto porque trabalha, porque ganha, ganha o seu dinheiro e no tempo da minha mãe ou da minha avó elas não podiam...tinham que andar ali baixinhas porque elas não tinham dinheiro..."</i> <i>"Também ajuda, aprendem munto"</i>
			4.1.1.4 Conhecimento acerca dos tipos de apoios existentes para vítimas de violência doméstica	<i>"Eu sei eu sei, eu vejo munta televisão está-se a dar na televisão, tanto que eu admiro-me que há tantas senhoras mortas...então mas isto admite-se ...sou muito contra"</i>
			4.1.1.5 Perceções acerca do tipo de apoio que é dado às vítimas de violência doméstica	<i>"Isso era antigamente é que as mulheres eram umas escravas no tempo da minha bisavó ora hoje já não...hoje já não. Hoje têm mais apoios"</i>

- **Análise de conteúdo entrevista 7**

Tabela 12- Análise de Conteúdo Entrevista 7

0	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
1. Vivência no contexto familiar de origem	1.1 Dinâmica e estrutura Familiar	1.1.1 Condições de vida na infância e juventude	1.1.1.1 Condições de vida	"Tive uma infância muito feliz, muito feliz quer na aldeia, quer quando saímos da aldeia era eu ainda muito novinha. Quando vínhamos cá era muito muito engraçado porque eu achava tudo muito interessante porque não estava habituada às tarefas e aos dizeres da aldeia...porque tenho uma família muito numerosa, lidava com os meus tios, os meus primos, os meus avós...e achava tudo muito interessante coisas que hoje tenho ótimas recordações e saudades até..." "O meu pai entrou pra polícia e foi transferido era eu muito pequena aqui pra Castelo Branco...Lembro-me de fazer a 1ª classe na altura era a 1ª classe...fiz no Cansado...a 2ª classe fiz por detrás do Lidl e depois o meu pai foi transferido pra Lisboa e fomos viver pra Lisboa ...depois fomos pra Benfica onde vivi até aos 24 anos até me casar, depois daí fui pra Almada"
			1.1.1.2 N.º de irmãos/membros da família	"Eu tive 2 irmãos rapazes"
		1.1.2 Responsabilidades na gestão da casa e educação dos filhos	1.1.2.1 Principal provedor/a de recursos financeiros na família	"Naquele tempo era o homem...era o meu pai"
			1.1.2.2 Divisão de tarefas e responsabilidades por parte dos membros da família	"Era a minha mãe que tratava da casa porque o meu pai trabalhava, era polícia"

		1.1.3 Relação Hierárquica entre os progenitores	1.1.3.1 Definição de papéis de relações de poder no casal	<i>"Os meus pais davam-se muito bem. Namoraram 9 anos porque os meus avós da parte materna não queriam o casamento, porque, da família do meu pai eram os ricalhaços da zona e os meus avós maternos eram agricultores mais pobres e portanto fizeram finca pé...mas uma coisa interessante é que no fim aconteceu uma coisa engraçada...Da parte do meu pai eram 9 irmãos mais um bastardo filha de uma empregada, ao fim ao cabo 10 filhos...e da parte da minha mãe eram 8 e 3 deles inclusive o meu pai casaram com irmãos...ou seja 3 filhos da parte da minha avó materna casaram com filhos da parte dos meus avós paternos"</i>
			1.1.4.2 Estabelecimento de regras e limites	<i>"Eram os dois que impunham as regras"</i> <i>"Os meus pais chegaram-me a dar chapadas no rabo, sim, mas...bastava eles dizerem não faças e não fazia...pronto não passava daí"</i> <i>"Era muito engraçado porque o meu pai dizia «a mãezinha é que sabe». Lá em casa era mãezinha e paizinho...chegava a minha mãe «Olha filha vai perguntar ao teu pai porque o paizinho é que sabe» "</i> <i>"Às vezes demorava as decisões porque empurravam do paizinho pra mãezinha, mas no fim dava tudo certo"</i> <i>"No fim era a minha mãe quem decidia"</i>

		1.1.5 Perceção sobre as diferenças de género na educação dos filhos	1.1.5.1 Diferenciação na educação entre rapazes e raparigas	"Não, não os meus pais chamavam -me a atenção os cuidados que haveria de ter entre rapazes e raparigas só que às vezes tinham era vergonha de falar certas coisas...e às vezes só depois de acontecer como a...felizmente a mim o único episódio caricato que me aconteceu foi quando me veio o período..." "Tiveram, como rapazes sim, o meu pai até incentivava, pra...que eles tinham que se divertir, tinham que aproveitar porque depois de casados a vida era diferente e eles tinham que ter mais juízo e portanto incentivava ...comigo não, tinha que ter cuidado comigo, tinha que ter cuidado com os namorados, não podia dar liberdades, nisso sim" "Todas casaram (as primas) umas foram pra Lisboa outras vieram pra'aqui pra mas a maior parte do tempo elas foram reprimidas"
		1.1.6 Diferenciação de papéis em função do género em relação aos filhos	1.1.6.1 Liberdade e diferenciação nos comportamentos esperados entre rapazes e raparigas	"Os meus irmãos, era engraçado porque era assim...nós íamos ao cinema, íamos a um baile, a uma festa, mas os meus irmãos antes de irem ...ter com as namoradas ou com os amigos deixavam-me primeiro em casa" "Tive situações caricatas, tive e aconteceram coisas muito interessantes ...eu quando vinha de férias como fui sempre menina de cidade, eu fui criada e educada de outra maneira e vestia de outra maneira e uma coisa que a mim me fazia confusão era eu...com os meus 15, 16 anos era toda pra frente e os meus pais achavam giro

porque era e menina , se usava mini-saia eu usava mini-saia, se usava pinturas eu usava as pinturas e pra mim era extremamente normal eu usar cavas, usar decotes, usar ...pronto vestir da maneira que e achava giro"

"E eu vinha mesmo a Castelo Branco mesmo portanto à cidade, enquanto que eu em Lisboa eu ia sozinha ao café, ia sozinha à mercearia...e mesmo em Castelo Branco quando ia á Pastelaria buscar um bolo as pessoas ficavam a olhar pra mim, literalmente parvinhas porque é que uma menina toda modernaça ia sozinha comprar o bolo á Pastelaria..."

"Pra mim era normal, eu andava a estudar, tinha as minhas colegas de curso e achava aquilo tudo muito atrasado"

"Muito diferente...eu achava as meninas daqui muito mais contidas, usavam os vestidos mais compridos, usavam menos decotes, achava simplesmente isto um horror, atão quando chegava à aldeia ainda era pior...Era as mulheres todas de mangas compridas , todos com lenços ou chapéus na cabeça ...era um ambiente completamente diferente e as pessoas...as moças da minha idade todas queriam saber coisas »Ahh como é que é a tua vida na cidade...como é que é?...»"

"Quando era pros bailes, os moços, os homens faziam bicha para dançar comigo...umas diferenças brutais"

		1.1.7 Comunicação entre pais e filhos	1.1.7.1 Partilha e discussão de opiniões entre os membros da família	<i>"Sim...tinham liberdade de se expressarem abertamente, o meu pai...talvez por eu ser a única rapariga...eu era muito inocente, eram outros tempos era muito inocente...e o meu pai chamava-me á atenção...mas á maneira dele pra não ferir os sentimentos das meninas daquela altura"</i>
			1.1.7.2 Valores transmitidos e comportamentos esperados em relação aos mais velhos	<i>"Havia muito respeito pelas pessoas mais velhas e eu fui educada a respeitar toda a gente"</i>

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
2. Escola e vida profissional	2.1 Vivências do percurso escolar e profissional	2.1.1 Perceção sobre o percurso escolar	2.1.1.1 Frequência da escola	<i>"Eu só estive no Pousafoles até aos 3 anos o meu pai depois foi para ...porque já estava na polícia...depois foi tratar da vida dele...nós viemos viver pra Castelo Branco"</i> <i>"A minha primeira escola primária foi no Cansado "</i> <i>"Lembro-me...da primeira recordo-me que eu gostei muito da professora, mas a senhora morreu muito jovem, muito cedo..."</i> <i>"Quando fiz a 4ª classe já na Pontinha...uma das provas foi imagine...foi ponto de cruz"</i>
			2.1.1.2 Causas que levaram ao abandono escolar	<i>"Depois de acabar a 4ª classe eu não tinha vontade de estudar...aliás eu não queria fazer nada. Sei lá...nem sabia o que queria fazer (...). Então a minha mãe pôs-me de castigo, mandou-me pra costura...andei lá 1 ano meses mais ou</i>

				menos...eram mais as vezes que eu não ia das que ia (...)" "Deixei a escola, mas a minha mãe mandou-me pra costura de castigo e depois a fazer cursos para eu poder ter uma profissão" "Ainda frequentei aulas de Francês e Inglês no Lyceé Charles Le Pierre e no Berlitz no Chiado (...) de inglês não percebia nada, mas era muito boa a Francês" "Também tirei um curso de economia doméstica que na altura era muito importante para as raparigas e um curso de Ikebana ou Arte floral Japonesa"
			2.1.1.3 Separação entre géneros na escola	"Gostei muito de estar no Cansado porque no meu tempo era...havia a das meninas e a escola dos meninos" " (...) era tudo em separado, no recreio também...sim mas eu tive sempre mais amigos rapazes do que raparigas por via dos meus irmãos e sempre nos demos bem e nunca houve faltas de respeito porque isso era uma coisa que se impunha não é?" "Eu era maria rapaz...porque eu entretia-me mais com a carica com o pião, íamos com o arco a brincar, descalçávamo-nos e tirávamos os sapatos e apanhávamos repreensões porque depois descalçávamos e íamos correr pro alcatrão pra ver quem é que chegava primeiro...portanto eu era um bocado maria rapaz"
		2.1.2	2.1.2.1	"A escola era muito austera sim"

		Perceções sobre os castigos aplicados na escola	Castigos aplicados e razões para tal	<i>"Sem ser as reguadas...outros castigos na escola onde andei nunca vi"</i> <i>"Era por os meninos quando não sabiam com umas orelhas de burro virados pra parede, inclusivamente a mim também nunca me fizeram, mas via dar reguadas com uma régua que pronto...aquilo doía muito"</i>
		2.1.3 Vivências do percurso profissional	2.1.3.1 Profissão e percurso profissional	<i>"Depois de deixar a costura... os meus pais mandaram-me para Escola Nacional do Comércio...era na Rua da Palma (foi uma escola muito conhecida e nem sei se existe ainda hoje (...))"</i> <i>"Tirei o Curso de Secretariado e trabalhei ainda cerca de 2 meses como secretária, mas não gostei (...) o curso era equivalente a um curso superior atualmente pois era um curso de 3 anos e tive muitas disciplinas como por exemplo a dactilografia (...)"</i> <i>"Depois trabalhei sempre em lojas em Lisboa (...) era o que eu gostava mais...cheguei a trabalhar nas Amoreiras onde fui encarregada de turno durante alguns anos"</i>
			2.1.3.2 Perceções acerca do trabalho feminino fora do contexto do lar	<i>"Era perfeitamente normal as meninas trabalharem fora de casa. Na aldeia iam pro campo e em Lisboa onde eu estive muitas trabalhavam em diversas profissões...na minha geração era assim...portanto, acho que era normal"</i>

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
3. Namoro/ Casamento e sexualidade	3.1 Perceções sobre o namoro e casamento	3.1.1 Namoro	3.1.1.1 Idade com que começou a namorar	"O meu marido já conheci com...casei com 24...conheci com 23...mas vários namoricos pelo meio atenção...namoricos que não tem nada a ver com hoje porque era um namorico ao lado um do outro e por aí fora" "Tive vários namoricos, nada de importância pelo menos que eu lhe desse importância, depois conheci o meu marido" " Estava interessada em três, que eu nem sabia em no qual é que havia de decidir, porque os três me interessavam." "Custou a decidir...custou" "O meu marido foi-me apresentado por um primo meu que também era da marinha ...depois não liguei porque pensava que ele era casado e porque sinceramente não me chamou a atenção"
			3.1.1.2 Como e onde se namorava	"Eu até pensava que ele era casado, mas depois descobri que não e até fiquei interessada...A partir começamos a conversar, ele ia a buscar-me ao trabalho assim de vez em quando...e depois passado aí um mês ele pediu-me namoro e eu disse «Eu vou pensar»" "Entretanto havia a guerra no ultramar e o meu marido estava pra ir pro ultramar ... entretanto foi pro curso de oficiais...ele subiu...chegou a Capitão de Mar e Guerra..." " O nosso namoro foi muito discreto porque tocar...só depois do casamento...eu quis sempre ir virgem pro casamento"

				<i>"Sempre fui na educação que eu tive...naquilo que eu fui habituada...beijinhos só na cara, de mãozinha dada e acabou"</i>
			3.1.1.3 Liberdade para frequentar espaços públicos	<i>"Tinha total liberdade, sempre tive e até trabalhava fora de casa portanto..."</i>
			3.1.1.4 Sexualidade e preparação para casamento	<i>"Veio-me o período com cerca de 11 anos, eu passei a noite a chorar, de manhã a minha mãe dizia» Mas então ó filha o que é que se passa? Tás a chorar...», pois e eu disse «Eu quero ir pro hospital, tou quase a morrer porque estou a deitar sangue do pipi e passei a noite a chorar e a caminho da casa-de-banho a lavar»...«Ai tá calada isso...já és uma senhora, passaste de ser menina a senhora, iso tens que ter cuidado e mais não sei quê»...Só nessa parte e quando aconteceu isso é que a minha mãe me contou...Portanto havia coisas que eram praticamente tabus"</i> <i>"Noutras coisas falávamos...agora nesse aspeto de sexo era só pra ter cuidado, que os homens abusavam das meninas...pronto, a nível dos cuidados"</i> <i>"No dia do casamento nunca mais ia pra cama porque tava muito nervosa , quando pensei que o meu marido tava a dormir lá fui pra cama...e a primeira vez que fiz sexo com o meu marido eu tive um choque...porque eu nunca tinha tido sexo na vida apesar de ter os meus irmãos , via a</i>

				<i>minha mãe dar-lhe banho aquando eles eram pequeninos e via depois de crescidos nunca mais vi...porque ver um sexo com pelo ...eu pensava que tinha pelo...que o sexo do homem tinha pelo...ora isto foi quando eu tinha 24 anos...naquele tempo era assim"</i> <i>"E foi interessante a resposta do meu marido que me disse «Atão pensavas que era quê? Que era um macaco?» Porque, eu realmente nunca tinha visto. Há coisas ridículas, mas hoje fazem-me sorrir porque realmente naquele tempo era assim"</i> N/S
			3.1.1.5 Gravidez inesperada no namoro e abandono	
		3.1.2 Casamento	3.1.2.1 Partilha de decisões e opiniões na tomada de decisão do casal	<i>"Pelos dois...e mais eu às vezes, isto porquê? Porque o meu marido sendo, Oficial da Marinha ausentou-se muitas vezes, tanto a fazer cursos, como a navegar..."</i>
			3.1.2.2 Relação de confiança entre os membros do casal	<i>"Eu tive que me habituar a ser independente e contar só comigo devido à profissão do marido e passar muito tempo sozinha com a filha"</i>
			3.1.2.3 Separação e divórcio	N/S
			3.1.2.4 Partilha de tarefas e responsabilidades na gestão da casa	<i>"Tirando as ausências que eu fui mãe e pai ...tanto que não me posso comparar á maioria das mulheres...porque a maioria das mulheres casam e ficam juntas com os seus maridos eu não...talvez por ter sido criada com mais homens do que com mulheres e devido à profissão do</i>

				<i>meu pai, apesar de eu ser inocente eu tinha uma visão que eu tinha que ser um bocado independente eu não me deixar dominar por A, B ou C."</i> <i>" E os meus irmãos também me faziam ver certas coisas...Os meus pais e os meus irmãos sempre me protegeram muito...mas não tinha medo de nada e fui habituada a não ter medo"</i>
			3.1.2.5 Educação dos filhos	<i>"Na maior parte das vezes o meu marido passava o tempo embarcado e era eu e a minha filha, fui eu que a eduquei praticamente sozinha"</i>
		3.1.3 Perceções acerca do papel do homem, hierarquias e relações de poder	3.1.3.1 Padronização e normalização de comportamentos agressivos e desajustados	<i>"Sim (era normal o excessivo consumo de álcool por parte dos homens) se bem que o meu marido não...nem em casa...na minha casa não...os meus irmãos não fumavam ao pé do meu pai, nem ao pé da minha mãe, fumavam só na rua e fumavam pouco...e beber álcool bebiam o normal às refeições, fora disso ninguém bebia"</i> <i>"...Naquele tempo quando eu vinha de férias, eu via que principalmente as pessoas da aldeia consumiam muito álcool...atão os homens era...bebiam imenso...atão aos fins-de-semana havia as desgarradas, havia não sei o quê ...ficavam...parece que cada um bebia ao desafio do outro era a ver quem se embebedava primeiro...era uma parte que eu não gostava muito da aldeia era isso...e ainda hoje isso acontece...muitos já não fazem isso mas os mais velhos ainda fazem"</i>

				<i>"Havia comportamentos mais agressivos nas palavras e às vezes nas atitudes também"</i> <i>"Na minha família sinceramente sem ser discussões nunca houve ...nunca vi nada desse género...naquele tempo dos meus tios e isso"</i> <i>"Mas conhecia casos sim...que batiam...que tratavam mal os filhos, mas na minha família não"</i>
			3.1.3.2 Representações sobre comportamentos/attitudes da família e comunidade face às situações conhecidas e vivenciadas	<i>"Era mais nas zonas da aldeia porque as pessoas não tinham informação ...viviam muito longe da cidade e muito longe de alguma informação que lhe pudesse chegar da positiva ...portanto aquilo era normal e viviam ...não tinham acesso a muitas coisas ...não tinham acesso a higiene, a informação, a determinadas alimentações ...as pessoas vivam muito na ignorância"</i> <i>"As mulheres não tinham apoio da família. Havia o ditado que era «Entre marido e mulher não metia a colher» e portanto ninguém se metia...se às vezes não fosse um filho que tivesse mais consciência, ajudar, ninguém se metia nisso"</i>
			3.1.3.3 Razões apontadas para a aceitação dos comportamentos agressivos/desajustados	<i>"Acho que as pessoas naquele tempo não ligavam mesmo ...as hoje não, hoje as coisas são diferentes, mas naquele tempo as pessoas não ligavam"</i> <i>"Eu antigamente acho que as pessoas achavam normal...não penso que fosse por vergonha, penso que seria mais por acharem normal porque"</i>

				<i>já os pais viam os pais a embebedarem-se, inclusivamente darem às crianças as sopas de cavalo cansado, começavam a beber muito novos e ... acho que aquilo que era normal pra eles"</i>
--	--	--	--	--

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
4. Conhecimento acerca da Violência Doméstica e formas de apoio às vítimas na atualidade	4.1 Representações pessoais sobre a Violência Doméstica	4.1.1 Conhecimento e perceções sobre situações de Violência Doméstica conhecidas e/ou vivenciadas	4.1.1.1 Perceções e representações sobre situações conhecidas na família ou comunidade	<i>"Antigamente não havia ninguém ...na minha família não existiam...mas por exemplo no meu prédio em Almada havia um casal em que ele bebia bastante e tratava mal a mulher, nós às vezes tentávamos ajudarela dizia nunca que era preciso e chegou a levar tareia e o que vale à senhora é que no mesmo prédio existia mesmo uma pessoa de família dela e ela chegou-se as vezes a refugiar na casa dessa pessoa...Às vezes eramos acordados com ...recorda-me uma vez com vidros porque ele na bebedeira partiu o vidro da porta ou da janela, era assim"</i> <i>"Sim eu conheço alguns casos, mas de facto o que é que a pessoa vai fazer se as pessoas não aceitam."</i>
			4.1.1.2 Representações da comunidade face às situações de violência doméstica conhecidas	<i>"Hoje a vida é diferente e as pessoas hoje que não tenham medo de denunciar seja o que for porque hoje há leis que naquele tempo não havia , as pessoas estão mais esclarecidas , que naquele tempo não estavam e alguma coisa que se dizia tinha que ser em segredo porque tinham medo que a mãe ou o pai ouvisse ou os</i>

				<i>irmãos...e era tudo muito em segredo e às vezes aconteciam coisas em segredo que não deviam de acontecer ...a mim Graças a Deus nunca me aconteceu ...</i>
			4.1.1.3 Atitudes/comportamentos face a situações conhecidas	<i>"Nós só podemos ajudar quem quer ser ajudado"</i> <i>"(...) hoje as pessoas que não tenham medo, nem da violência doméstica nem de denunciar quem faz mal porque a vida é diferente e há mais apoios ...a família e até alguns vizinhos e portanto as pessoas não podem ter medo porque é diferente"</i>
			4.1.1.4 Conhecimento acerca dos tipos de apoios existentes para vítimas de violência doméstica	<i>"Sei, claro que sim.....sei que existem organismos na violência doméstica, as casas de...onde podem acolher as pessoas...também telefonando pra GNR, eles também ajudam e vêm com apoios, com as pessoas da Segurança Social, há vários apoios"</i>
			4.1.1.5 Perceções acerca do tipo de apoio que é dado às vítimas de violência doméstica	<i>"Não, não, há pessoas que nós queremos ajudar e elas não aceitam a ajuda e ninguém pode ajudar quem não quer ser ajudado"</i> <i>"Tanto que as pessoas mentem...dizem que caem, que se aleijaram a fazer qualquer coisa...foi o gato ou foi o cão...uma série de situações"</i> <i>"Muitas delas será por que não têm meios de subsistência para sustentar os filhos, algumas dessas...mas muitas é por medo e por vergonha"</i>

- **Análise de conteúdo entrevista 8**

Tabela 13- Análise de Conteúdo Entrevista 8

0	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
1. Vivência no contexto familiar de origem	1.1 Dinâmica e estrutura Familiar	1.1.1 Condições de vida na infância e juventude	1.1.1.1 Condições de vida	<i>"Muito difícil...havia quem tivesse melhor vida mas eu..."</i> <i>"A vida foi difícil mas mesmo muito difícil, mas pronto...aquando saí da escola, porque eu fui à escola...fiz a 4ª classe...fomos à escola eu e os meus irmãos...inda cheguei a andar descalça...a 1ª classe ainda ia descalça...depois atão é que já se comprarem uns sapatitos e pronto pra mim e pros mês irmãos"</i> <i>"...havia muntas crianças, muntas crianças...então a minha mãe teve seis filhos, eramos 6, 4, 3 raramente havia uma família que tivesse 2 filhos"</i> <i>"A minha mãe também tinha muitos irmãos...e as minhas tias, tinha duas tias que não tinham filhos e então de vez em quando a gente ia a casa delas eram muito amigas da gente e a gente ia a casa delas e faziam um miminho à gente...e a gente ficava tida contente..."</i> <i>"Por vezes ponho-me a falar c'o mê marido e digo «Ai teve a gente uma infância tão triste...até digo assim...o nosso filho foi um rei e a neta agora é uma rainha...sempre criados com miminho, com tudo quanto eles querem e a gente não...» foi criada com dificuldade até no comer, e criada com medo do pai"</i>

			1.1.1.2 N.º de irmãos/membros da família	"Somos 6 filhos ...seis irmãos...4 rapazes e duas raparigas..."
		1.1.2 Responsabilidades na gestão da casa e educação dos filhos	1.1.2.1 Principal provedor/a de recursos financeiros na família	"Só meu pai é que trabalhava...numa fábrica de Lanifícios que aqui havia em Cebolais de Cima" "Naquela altura era o meu pai...a minha mãe tratava de nós, era doméstica ...com 6 filhos..." "Primêro era só o mê pai mas depois c'ando os mês irmãos saíram da escola foram pra uma fábrica e antigamente...já c'ando o meu filho começou a trabalhar o dinheiro era pra ele...mas naquela altura não. dava-se aos pais" "Os tostõeszinhos todos que vinham eram pra minha mãe...pra ajudar na casa"
			1.1.2.2 Divisão de tarefas e responsabilidades por parte dos membros da família	"A minha mãe infelizmente adoeceu munto nova com 50 anos com a doença de Parkinson...e atão a minha irmã como era mais nova eu é que comecei a...fiquei responsável por ela" "Olhe, fiquei com todas as responsabilidades até ajudar a minha mãe, porque ela por vezes nem se era capaz de se vestir" "Comecei a ajudar munto cedo em casa ...Naquela altura não havia máquinas de lavar a roupa, lavava a roupa à mão, fazia tudo"
		1.1.3 Relação Hierárquica entre os progenitores	1.1.3.1 Definição de papéis de relações de poder no casal	"Lembro-me de muita exaltação entre os meus pais e também do medo por parte da minha mãe em relação ao meu pai...ela tinha muito, muito medo dele"

				<i>"Bem...isso o mê pai quando estava sério, vá, quando não bebia e a minha mãe também, mas principalmente ele, que ele é que era como é digo «o posso, quero e mando» O mê pai era um homem sério, muito sério, quando bebia é que era mau, era mesmo mau, mas era um homem sério e muito honesto..."</i>
			1.1.4.2 Estabelecimento de regras e limites	<i>"Era mais o mê pai, o mê pai também era austero e às vezes até bebia uns copitos... e a'cando bebia uns copitos era munto mau"</i> <i>"Ele não nos castigava, batia-nos...só que a gente tinha sempre medo e portava-se sempre bem...tínhamos medo...muito medo"</i>
		1.1.5 Percepção sobre as diferenças de gênero na educação dos filhos	1.1.5.1 Diferenciação na educação entre rapazes e raparigas	<i>" Olhe as tarefas das raparigas não era como agora, as mães metiam-nas logo na linha a ajudar em casa, a ajudar a mãe a lavar, passar e a fazer de comer e essas coisas todas, que não estudavam, porque as que estudavam iam toda a semana pra fora e não estavam cá...as a gente aprendia a fazer tudo, aprendia-se a bordar , aprendia-se a fazer renda, aprendia-se...porque a gente não saia de casa, não ia pra um café, por aí..."</i> <i>"Os rapazes, olhe esses tinham mais boa vida porque iam pros cafés e tinham liberdade pra essas coisas todas, por exemplo havia uma festa no Retaxo ou nos Cebolais de Baixo e eles iam e a gente não"</i>
		1.1.6 Diferenciação de papéis em função do gênero	1.1.6.1 Liberdade e diferenciação nos comportamentos	<i>"Sim, sim, sim nessa altura davam, os rapazes tinham liberdade pra ir pra onde eles queriam e a gente não, nem ao café a gente podia ir"</i>

		em relação aos filhos	esperados entre rapazes e raparigas	"Quando já era assim maiorzinha com 16 ou 17 anos isso atão ia aqui ao Retaxo e aos Cebolais de Baixo. Juntávamo-nos as vizinhas todas, os rapazes e as raparigas ia tudo, com uma mãe ou duas ou três para tomar conta das raparigas"
		1.1.7 Comunicação entre pais e filhos	1.1.7.1 Partilha e discussão de opiniões entre os membros da família	"Não podíamos falar nem a minha mãe nem nós sequer...Não!" "Ele era o posso, quero e mando ali em casa, portanto..."
			1.1.7.2 Valores transmitidos e comportamentos esperados em relação aos mais velhos	"Havia...Não era medo, havia mais respeito pelas pessoas...agora não há respeito...ainda há munta malta como é digo que ainda respeita os idosos, mas antigamente toda a agente respeitava toda a gente" "E depois nas aldeias como era aqui na minha aldeia...naquela altura a gente conhecia toda a gente, era a Ti Maria, era a Ti Rosa, Ti isto, Tia aquilo...era uma família" "Havia munta partilha, era tudo amigo...antigamente não havia invejas...eram mais unidas, não havia invejas, tudo tinha pena de quem era mais pobre, tinha pena de quem levava maus-tratos e agora não é assim"

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
2. Escola e vida profissional	2.1 Vivências do percurso escolar e profissional	2.1.1 Perceção sobre o percurso escolar	2.1.1.1 Frequência da escola	"Fiz o exame da 4ª classe...em Castelo Branco"
				"(...) Não havia possibilidades..."

			2.1.1.2 Causas que levaram ao abandono escolar	<i>"Quem podia no fim da 4ª classe...havia quem tinha os filhos a estudar em Castelo Branco, nem havia autocarros como agora há"</i> <i>"Ai isso tinha de certeza...Eu se tivesse estudado queria ser enfermeira"</i>
			2.1.1.3 Separação entre géneros na escola	<i>"Havia escola mista..."</i> <i>"A primeira classe era só feminina, eramos só raparigas...ó depois a 2ª classe era como 'a gente dizia...já era escola mista"</i> <i>"E então a partir da 2ª classe já havia então escola mista, os rapazes e as raparigas ...porque a escola era dividida, tinha duas salas e ó depois na outra sala era só rapazes e na sala onde é estava era mais rapazes que raparigas e então era escola mista"</i>
		2.1.2 Perceções sobre os castigos aplicados na escola	2.1.2.1 Castigos aplicados e razões para tal	<i>"Tive várias...A primeira era a professora Benedita...era munto munto severa...ela era doente...ela era munto severa...ela não podia bater com a régua e chamava os rapazes pra nos baterem a nós... a sério...era munto severa munto severa"</i> <i>"Na 2ª classe tive 2 professoras...eram boas professoras amigas da gente não eram de bater...em vez de bater davam-nos castigos..."</i> <i>"Voltavam-nos pra parede «Vai além pra parede e agora está lá» ela lá contava o tempo e ó depois a gente não se podia voltar"</i>
		2.1.3	2.1.3.1 Profissão e percurso profissional	<i>"Depois a minha mãe meteu-me naquilo que a gente chamava as modistas...meteu-me numa modista a aprender a costura."</i>

		Vivências do percurso profissional	<i>"Fui a aprender a costura...os meus irmãos, tinham 2 irmãos mais velhos foram a logo pra uma fábrica...a gente saía da escola e ia logo trabalhar, porque havia cá munto que fazer naquela altura, só que se ganhava munto pouquinho"</i> <i>"Agora procura-se emprego mas naquela altura procuravam-se trabalhadores...e foram lá á minha procura pra saber se eu queria ir trabalhar pra fabrica e eu trabalhava na costura e tinha vergonha...e disse-me a Ti Carminda «Vais é trabalhar pra fábrica que isto nã é pra ti...vais trabalhar e cando vieres vens-me cá ajudar a plissar porque pra plissar é preciso 2 pessoas» e só eu e ela é que sabíamos"</i> <i>"E atão fui pra fábrica, ainda era nova cando fui pra lá, trabalhei lá 40 anos "</i>	
			2.1.3.2 Perceções acerca do trabalho feminino fora do contexto do lar	<i>"Não se pensava bem...eu era garota mas lembro-me de ouvir as pessoas de idade de 'antigamente ...as pessoas de mai idade, as pessoas que não trabalhavam sentava-se por'li a...umas a remendar a roupa...e então juntavam-se e a gente era criticada e a gente andava ali em volta delas e ouvia"</i> <i>" Não tinham uma boa...não eram bem vistas «Atão anda por lá a servir? Se calha serve de toda a manêra» e essas cousas assim ouviam-se muitas vezes"</i>

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
3. Namoro/ Casamento e sexualidade	3.1 Percepções sobre o namoro e casamento	3.1.1 Namoro	3.1.1.1 Idade com que começou a namorar	N/S
			3.1.1.2 Como e onde se namorava	"Conhecia da fábrica...ele não é de cá é das Benquerenças...porque antigamente havia cá fabricas aqui na aldeia e tudo vinha trabalhar pros Cebolais...dava munto emprego...até pessoas de Castelo Branco pra cá vinham trabalhar...o meu marido ainda andou 3 anos a pé das Benquerenças pra'qui pra trabalhar" "Conhecemo-nos na fábrica porque trabalhávamos os dois na mesma fábrica" "Quando fui trabalhar pra fábrica conheci lá uma rapariga das Benquerenças que éramos munto amigas e depois ela casou-se e antes de se casar disse assim «Ai cando eu me casar se eu tiver um menino hás-de ser tu a madrinha» ô depois ela casou-se ...e eu fui madrinha do menino e atão agente conheceu-se aí, foi atão aquando que eu conheci o meu marido que ele era...cunhado daquela rapariga que era minha amiga" "Depois começaram a haver autocarros que faziam a ligação e depois comprou uma bicicleta, e pronto, foi assim" "Pedi-me namoro por carta porque tava na tropa. Primeiro estive em Castelo Branco e depois foi pro Porto a tirar a especialidade e foi do Porto que ele me pediu namoro e escreve-me a carta"

				<i>"Primeiro como ele era assim mais novo do que eu ainda andei assim a pensar...mas depois olhe isso passou. Mas ele depois quando começámos a namorar, ele vinha cá a namorar...a gente dantes nem entrava pra casa...namorava-se ali à janela...as eu nunca namorei à janela porque a casa do mê pai tinha assim um alpendre assim grande e a gente sentava-se ali"</i> <i>"E aquele irmão mais novo que os meus irmãos já todos se tinham casado chegou um dia e disse assim «Ó T. D. atão é preciso namorardes assim cá fora ide já pra dentro de casa!». E pronto começámos a namorar dentro de casa"</i> <i>"Entretanto foi pro ultramar e esteve lá 25 meses...depois cando veio e ao fim de 5 meses foi cando a gente casou"</i>
			3.1.1.3 Liberdade para frequentar espaços públicos	<i>" (...) a gente até a'cando ia pro baile e tudo tinha que se pedir ao pai se ele dava autorização (...) "</i>
			3.1.1.4 Sexualidade e preparação para casamento	<i>"Ai não a gente, nessa altura tinha vergonha, falávamos nós umas c'as outras...entre nós é que falávamos ..."</i> <i>"Não se podia, sei lá, não se devia...acho que era uma falta de respeito"</i> <i>"Sim, munto mais munto mais envergonhadas com o corpo. Eu acho que era da educação c'a gente tinha e era dos tempos"</i> <i>"Tinha medo e vergonha ...isso tudo naquela altura ainda, mas pronto a gente lá se casou e lá passou e já estamos casados há 44 anos"</i>

		3.1.2 Casamento	3.1.1.5 Gravidez inesperada no namoro e abandono	<i>"Uiiii...isto dizia-se assim «Ai já nunca mais se casa, já fica toda a vida assim solteira com uma criança»"</i> <i>"Mas algumas ainda casaram e tiveram sorte, outras ...mas outras não"</i> <i>"Eu conheço pelo menos duas cá que os pais puseram-nas fora de casa e ó depois quem nas acolheu foi os sogros...Vá que não eram os sogros...mas compreenderam mais bem a situação delas do que os próprios pais"</i>
			3.1.2.1 Partilha de decisões e opiniões na tomada de decisão do casal	<i>"Sim, conversamos bem e fica tudo bem...graças a Deus tenho um marido cinco estrelas"</i>
			3.1.2.2 Relação de confiança entre os membros do casal	<i>"Munto unidos munto amigos...e ele não bebe...nunca tivemos problemas, nem se ralha..."</i> <i>"A minha neta às vezes até diz assim «Ó vó na tua casa ã se discute?». E eu digo-lhe assim «Nã filha só se fala»"</i> <i>"Às vezes a gente tem coisas que ã está de acordo. Não há uma vida inteira que a gente passa que esteja sempre sempre de acordo...mas pronto conversa-se e chega-se a um acordo que ele tenha mais razão ou que seja eu..."</i>
			3.1.2.3 Separação e divórcio	<i>"Ai divórcios não havia...nem separações...aguentava-se ...aguentava-se"</i>

			3.1.2.4 Partilha de tarefas e responsabilidades na gestão da casa	"Não é munto de partilhar...não é munto...eu digo sempre qu'ele é um mal asado" "Mas antigamente os homens não eram munto de ajudar, ñã eram educados pra isso" "Até cando algum começou a ajudar mai as mulheres «Aii olha o maricas e faz isto e faz aquilo»" "Se eu disser ajuda-me cá a fazer isto, ele ajuda" "Mas pronto...as tarefas ñã era munto amigo...e também ñã tinha tempo, porque naquela altura que a gente se casou, depois já do 25 de abril havia munto que fazer munto munto nas fábricas. É digo sempre, só ñã juntou dinheiro quem ñã quis trabalho" "Atão o mê marido todos, todos os dias trabalhava das 8 às 11 da noite...também ñã tinha tempo pra me ajudar" "Também ñã era de fazer, mas também trabalhava munto. Cando era o fim-de-semana até tinha pena dele de trabalhar tanto" "Mas pronto foi assim qu'a gente juntou dinheiro pra fazer a casa...foi-se fazendo a pouco a pouco ...porque ele fazia munta hora e o ordenado a gente nem lhe mexia..."
			3.1.2.5 Educação dos filhos	"Fui eu que o eduquei...pois o mê marido também ...mas eu é que punha as regras" "E atão ele casou-se e ele é que é o dono da casa...ele é que faz de comer...ele é que limpa a casa...porque a minha nora é o braço dirêto do pai dela...e atão anda lá c'o pai pra'qui pra'lem...e ele é que tem as rédeas da casa...ele é que trata da menina..."

		3.1.3 Percepções acerca do papel do homem, hierarquias e relações de poder	3.1.3.1 Padronização e normalização de comportamentos agressivos e desajustados	<i>"Só quando bebia o mê pai se exaltava, sério não havia melhor que ele. Bebia uns copitos e a'cando bebia os copitos era munto mau"</i> <i>"O que é bebia...e o vinho...mexia ali com ele e tratava as pessoas de fora e tudo mal, nã era só a nós era tudo que se cruzava com ele"</i> <i>"Os homens bebião munto...havia cá munta taberna era a quase casa sim casa não"</i> <i>"Quando saíam do trabalho (bebião) e aos fins-de-semana ainda pior..."</i> <i>"Ele batia-lhe porque estava bêbado...às vezes irritava-se...mas depois a'cando estava sério que a gente também nã podia falar munto com ele, mesmo sério, e eu às vezes dizia-lhe «Vocemecê quer tratar mal a mãe, não sabe com'é que a há-de tratar mal, atão diz que ela qu'é p...». Batia-lhe e eram agressões verbais também"</i> <i>"Olhe foi quando o mê irmão veio da Guiné e casava-se o mê irmão mais velho...e o mê pai esse dia veio munto bêbado, munto bêbado, munto bêbado e atão tava lá o meu irmão que tinha vindo da Guiné, tava traumatizado, veio munto munto traumatizado...e então o mê pai chegou a casa munto bêbado e o meu irmão estava lá ao lume ...e ele já tinha vindo no dia 3 e aquilo já era dia 10 ou mais e o mê pai chegou lá e chamou-lhe «Lambão», que ele que tinha visto e que ainda não tinha ido procurar trabalho...e portanto que ele que não estava ali pro governar á boa vida...e então a minha mãe meteu-se...E o mê pai exaltou-se, bateu à minha mãe e bateu no meu irmão, foi ali o fim do mundo"</i>

				(...). Dessa vez foi uma prima que levou a minha mãe e o meu irmão pra casa dela, e ralhou com o mê pai por estar a fazer aquilo. Mas foi munto complicado porque o mê irmão depois também se exaltou ...tava fora dele também e atão foi munto complicado”
			3.1.3.2 Representações sobre comportamentos/attitudes da família e comunidade face às situações conhecidas e vivenciadas	"As mulheres apoiavam-se umas às outras e diziam pra minha mãe, a minha mãe chamava-se I., «Ó I. quando o L. a estiver assim munto mau, vem, vem sem ele dar conta e dormes na minha casa qué pra ele não te maltratar». Era tudo assim amigo" "Ajudavam... a minha mãe ajudavam-na munta vez... Porque tudo criticava o mê pai..." "Houve mais gente que a levou ...eram mais as mulheres que se apoiavam umas às outras..." "Quem apoiava a minha mãe eram as irmãs, aquelas duas tias que não tinham filhos e as outras também mas principalmente aquelas duas que nã tinham filhos mais que a apoiavam" "É como lhe digo, com três meses de casamento já tinha a minha mãe o mê irmão mais novo em casa porque o mê pai estava lá sozinho com eles em casa e tratava-os munto mal, mas mesmo muito mal...e eu um dia fui lá e uma vizinha disse-me assim «Ó L. o teu pai ontem bateu muito à tu mãe» e eu disse «Nã me diga isso...», Nesse dia bateu-lhe munto, bateu-lhe munto"
			3.1.3.3 Razões apontadas para a aceitação dos	"Naquela altura não se ligava, aquilo quase que era normal...porque havia munta taberna e os homens saiam das fábricas e iam pra taberna e

			comportamentos agressivos/desajustados	<i>bebiam...aqueles que tinham um feitio bom pronto, tudo era bem, mas aqueles que tinham um feitio por exemplo como o do mê pai, já era normal...e as mulheres aguentavam e eles batiam e ô depois elas fugiam pra casa da vizinha, pra casa da família...parece que era tudo normal..."</i>
--	--	--	--	---

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
4. Conhecimento acerca da Violência Doméstica e formas de apoio às vítimas na atualidade	4.1 Representações pessoais sobre a Violência Doméstica	4.1.1 Conhecimento e percepções sobre situações de Violência Doméstica conhecidas e/ou vivenciadas	4.1.1.1 Percepções e representações sobre situações conhecidas na família ou comunidade	<i>"Olhe já uma vez apoiei uma pessoa assim...isso inda estava solteira, e em frente da casa do mê pai morava um casal com 3 filhos pequenos ainda e depois foi cá um dia de festa, em que é tradição ver o futebol de solteiros casados e, portanto, o marido daquela senhora era o guarda-redes, e atão deixou meter muntos golos. Embebedou-se vinha zangado, foi pra casa e ralhou, ralhou, ralhou...e eu disse pra minha mãe «Ah, hoje tá a passar um mau bocado» e naquela altura o mê pai nã estava cá estava na França...Era o tempo c'a gente tinha descansado, era o tempo qu'ele estava pra França. Depois vi à janela da frente e o que é que eu vi...ele a arrastá-la p'los cabelos a pô-la fora de casa e aí nã fui capaz de ficar em casa...abri a porta e fui lá...e ele nã a deixava sempre a arrastá-la e eu peguei numa pedra e bati-lhe, bati-lhe nas mãos e ele teve que a largar...e depois levei-a pra casa"</i>

				<i>"E disse-lhe...disse-lhe mesmo pra ele «Ela hoje dorme aqui na minha casa e amanhã a'cando você estiver lúcido atão é que vai pra casa, porque ela hoje nã pode ir a viver pro mesmo teto onde está o animal como você é. E atão levei-a, dei-lhe o jantar e no outro dia foi pra casa dela"</i> <i>"Acho que deviam conversar mais e nã se conversa, às vezes passam-se coisas que nem ele sabe dela e ela sabe dele"</i> <i>"Nesse sentido os tempos mudarem pra melhor...às vezes já tenho dito pro homem...naquela altura se houvesse essas coisas da violência doméstica as cadeias estavam cheias de homens que tratavam mal as mulheres"</i>
			4.1.1.2 Representações da comunidade face às situações de violência doméstica conhecidas	<i>"Mudou munta munta coisa...olhe sabe? Antigamente as pessoas aturavam, os maridos batiam e faziam tudo..."</i> <i>"Antes os homens é que mandavam...e agora é assim como é que eu hei-de dizer isso...os casais agora já não são amigos como eram antigamente (...) e agora nã conversam e cada um anda pra seu lado ...e eu acho que isso às vezes também prejudica"</i>
			4.1.1.3 Atitudes/comportamentos face a situações conhecidas	<i>"Se eu visse que ele, um vizinho era violento pra ela ou qualquer coisa eu era capaz de lá ir ou telefonar pra Guarda"</i>
			4.1.1.4 Conhecimento acerca dos tipos de apoios	<i>"Sim, ouço na Televisão...sim...por exemplo uma vizinha que veja munta violência pode telefonar pra Guarda "</i>

			existentes para vítimas de violência doméstica	
			4.1.1.5 Perceções acerca do tipo de apoio que é dado às vítimas de violência doméstica	<i>"Ontem estávamos a ver as notícias e até nos rimos da desgraça dos outros e disse pro meu marido «ò homem atão agora já não são só os homens que batem em mulheres, agora são as mulheres que batem nos maridos»"</i>

- **Análise de conteúdo entrevista 9**

Tabela 14- Análise de Conteúdo Entrevista 9

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
1. Vivência no contexto familiar de origem	1.1 Dinâmica e estrutura Familiar	1.1.1 Condições de vida na infância e juventude	1.1.1.1 Condições de vida	"A vida antigamente era bastante difícil...os meus pais tinham 8 filhos e foi assim um bocado difícil tinham de trabalhar muito para conseguirmos viver..." "Aos 11 fui servir pra Castelo Branco...depois entretanto às vezes passava uns meses cá...depois tornava a ir pra lá...portanto eu andei assim até casar aos 23" "Era muito difícil porque as pessoas tinham muitos filhos. Mas olhe eu nunca passei fome porque arranjavam sempre maneira de por comer na mesa" "...Era gente pobrezita não ligavam assim muito às coisas...andavam aí pelas ruas descalços e tudo...os primeiros sapatos que eu tive foi quando fui fazer a 4ª classe a Castelo Branco...foi os primeiros sapatos que eu tive...foram feitos pra mim...mandados fazer p'lo sapateiro que havia aí...não andava sempre descalça, no verão se calhar sim, mas no inverno havia aí quem desse sapatos, pessoas que moravam lá por Lisboa e assim...mas assim mandar fazer pra mim foi só quando fui fazer a 4ª classe "
			1.1.1.2 N.º de irmãos/membros da família	"Eramos 8 irmãos, 5 rapazes e 3 raparigas...já só resto eu e 1 rapaz (...) eu era a penúltima dos 8"

		1.1.2 Responsabilidades na gestão da casa e educação dos filhos	1.1.2.1 Principal provedor/a de recursos financeiros na família	<i>"Os meus pais ...pronto... o meu pai houve uma altura que teve uma doença grave...e a minha mãe coitada andava a vender sardinhas de terra em terra...e comprava ovos e depois ia vendê-los a Castelo Branco e...pronto...assim fomos vivendo...e depois os meus irmãos mais velhos já começaram a trabalhar...era assim"</i> <i>"Era assim...A sardinha e o carapau vinha de Lisboa pra cá no comboio e outras vezes vinha um senhor com uma camioneta a trazer e havia um tio meu, um irmão da minha mãe é que recebia e depois as pessoas que vendiam iam lá buscar a ele...e iam vender por essas aldeias..."</i> <i>"E havia muita gente que não tinha dinheiro pra pagar as sardinhas e faziam troca com ovos e assim...e depois nas segundas-feiras a minha mãe ia c'a canastra cheia de ovos a pé a Castelo Branco vender os ovos..."</i> <i>"iam daqui de madrugada...e outras vezes iam pra Lisga que fica a 20 kms daqui e também c'a canastra á cabeça a vender as sardinhas...às vezes tinham que ficar lá de uns dias pros outros..."</i> <i>"Era uma vida bastante difícil...os filhos ficavam uns por aqui outros por ali...tínhamos a avó que morava ali ao pé...porque veja uns mais velhos começaram a ir trabalhar e a ir pra fabrica e normalmente já não nos juntávamos os 8 em casa"</i> <i>"É assim...nas nossas casas dantes, não eram grandes casas...porque a gente dormia 2 ou 3 no mesmo quarto porque nós éramos 8"</i>
--	--	---	---	--

			1.1.2.2 Divisão de tarefas e responsabilidades por parte dos membros da família	"(...) Sim tratava dos filhos todos ...tudo...lavava a roupa no rio...criava normalmente um porquito por ano...criava umas galinhas...de resto nós não tínhamos grandes fazendas" "As raparigas foram a servir também...normalmente em Castelo Branco" " Os meus irmãos começaram também cedo a trabalhar (...)" "Todos foram á escola e assim, mas aquela era a mais velha das raparigas era que tomava conta dos outros...pois a minha mãe saía a vender as sardinhas se essas coisas ou ia pra horta, ou ia lavar a roupa pro rio e portanto, a mais velha é que ficou em casa assim a tomar conta dos outros"
		1.1.3 Relação Hierárquica entre os progenitores	1.1.3.1 Definição de papéis de relações de poder no casal	"Sim os meus davam-se assim mais ou menos mas...o meu pai era muito boa pessoa ...muito querido porque ele foi coveiro muitos anos aqui na terra...mas nos fins de semana ele de manhã aperaltava-se todo e vinha pra Taberna pra conviver com os amigos que vinham sempre nos domingos que vinham á missa...porque antigamente a Freguesia vinha tudo aqui á missa ...e quando era a noite já ia entradito...e ás vezes havia assim uns...ralhetes e aquelas coisas, mas assim nunca nada assim de andar mal" "Ah sim...sim o meu pai era assim um bocado quando estava c'os copos...era assim...mas bater e assim não" "Mas ralhar e chamar nomes feios e assim sim...mas era só quando tava c'os copos"

			1.1.4.2 Estabelecimento de regras e limites	<i>"Sei lá...se calhar era a mãe...quando a gente eramos pequenos isto não era assim grandes educações ...famos pra escola que era aqui no largo e a gente era logo ali naquela rua debaixo...de manhã lá iam pra horta ou lá iam fazer alguma coisa e nós íamos pra escola"</i> <i>"Levávamos umas palmadas no rabo se calhar...era...o pai não...não era assim muito de bater...a mãe é que as vezes se exaltava mais é que dava assim umas palmaditas e assim, mas nada assim de anormal"</i> <i>"Lembro-me uma vez dessa minha irmã que veio pra cá tomar conta de nós e depois à hora de almoço tinha que ir ali à fabrica, que havia aí uma fabrica de telha , levar os almoços e era o pai que andava também noutro lado e depois ela queria que eu fosse a levar a um lado e ela ia a levar ao outro...mas eu apanhei uma birra muita grande e não queria...e lembro-me dessa vez haver assim uma...de resto assim c'a mãe...assim não"</i>
		1.1.5 Perceção sobre as diferenças de género na educação dos filhos	1.1.5.1 Diferenciação na educação entre rapazes e raparigas	<i>"Sim, sim, brincavam juntos"</i> <i>"Eu acho que era tudo igual"</i> <i>"Era assim os mais velhos...o meu irmão mais velho ainda fez a 4ª classe, mas a rapariga a seguir...essa já não sabia ler...porque tomava conta depois dos outros todos"</i> <i>"Aii se tínhamos tempo pra brincar, era a nossa vida íamos pra escola...era brincar aí p'la rua que não havia grandes brinquedos nem grandes coisas...e brincávamos todos juntos...fazíamos</i>

				<i>casinhas e brincávamos á apanhada e ás pedrinhas, essas coisas assim..."</i>
		1.1.6 Diferenciação de papéis em função do género em relação aos filhos	1.1.6.1 Liberdade e diferenciação nos comportamentos esperados entre rapazes e raparigas	<i>"Era os rapazes... iam pra ronda como se chamava dantes ...juntavam-se uns poucos e iam aí p'ras aldeias pros bailaricos que havia e assim...as raparigas nunca saiam de cá...a não ser que houvesse bailes cá na terra é que iam"</i> <i>"As mulheres hoje têm mais liberdade e não é como era antigamente, antes eram mais submissas"</i> <i>"Sim as raparigas eram mais controladas pelos pais"</i>
		1.1.7 Comunicação entre pais e filhos	1.1.7.1 Partilha e discussão de opiniões entre os membros da família	<i>"Huum...Nunca ouvi assim grandes conversas entre os dois...e menos connosco"</i>
			1.1.7.2 Valores transmitidos e comportamentos esperados em relação aos mais velhos	<i>"Havia, havia mais respeito em relação aos mais velhos"</i> <i>"Não só até mesmo com os pais a gente tinha sempre um respeito..."</i> <i>"Ser educada p'ras pessoas ...não andar em má escola e assim..."</i>

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
2. Escola e vida profissional	2.1 Vivências do percurso escolar e profissional	2.1.1 Perceção sobre o percurso escolar	2.1.1.1 Frequência da escola	<i>"Foi a 4ª classe mai nada...as minhas irmãs mais velhas bem queriam que eu fosse pra enfermagem também ...naquela altura era muito fácil fazer o curso de enfermagem..."</i>

				<i>"Sei lá...Se calhar não pensava bem nisso nessa altura...não queria era estudar pronto, mas foi uma pena"</i> <i>"Nessa altura não era preciso estudar como agora e tinha sido fácil, que eu vi por aquela minha prima...e assim, mas atão eu não quis...Pois tinha outras oportunidades na minha vida...logo essa de eu poder tirar enfermagem podia ter sido..."</i>
			2.1.1.3 Separação entre géneros na escola	<i>"No meu tempo ainda havia separação nas escolas ...não eram unissexo...mas depois acabou por se juntarem todos"</i> <i>"No meu tempo havia a escola de rapazes e de raparigas "</i> <i>"Sim, quando eu era miúda, quando eu andei na escola era assim no recreio era separado"</i>
		2.1.2 Perceções sobre os castigos aplicados na escola	2.1.2.1 Castigos aplicados e razões para tal	<i>"Era uma professora...muito muito severa...uuuuu...foi sempre a mesma...ela morava aqui também...ela quando se zangava connosco agarrava-nos aqui na ponta da mão e carrega até se cansar...era assim um bocado...mas era boa professora pronto"</i> <i>"Era rígida, era muito rígida"</i>
		2.1.3 Vivências do percurso profissional	2.1.3.1 Profissão e percurso profissional	<i>"Comecei a trabalhar muito cedo...eu aos 11 anos quando fiz a 4ª classe fui pra Castelo Branco"</i> <i>"Depois de estar a servir já assim mais crescida estive num supermercado, era caixa no supermercado Orlando Salvado...foi o primeiro"</i>

				<i>supermercado que houve em Castelo Branco lá em baixo na avenida do cinema</i> <i>"Depois, entretanto, casei-me...deixei de trabalhar...fui morar pra Santarém...morei lá 24 anos ...tive lá os meus filhos..."</i>
			2.1.3.2 Perceções acerca do trabalho feminino fora do contexto do lar	<i>"Normalmente não se pensava mal...eu quando fui, fui pra casa de pessoas conhecidas os meus pais estavam descansados eles sabiam que eu estava bem entregue (...) mas era aquela coisa da sopeira e assim"</i> <i>"Eu lembro-me de um baile que eu fui lá no Centro Típico Albicastrense e não me sentia assim muito à vontade porque fui com a minha irmã e o meu cunhado e lembro-me de haver ali qualquer coisa porque eu era sopeira...lembro-me de haver assim ali qualquer diferença"</i>

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
3. Namoro/ Casamento e sexualidade	3.1 Perceções sobre o namoro e casamento	3.1.1 Namoro	3.1.1.1 Idade com que começou a namorar	<i>"(...) Já tinha 21 anos e casei aos 23....eu estava em Castelo Branco a servir e o meu marido estava hospedado na casa de uma tia dele também lá em Castelo Branco onde trabalhava uma rapariga aqui da terra e depois por intermédio dela e assim conheci-o (...)"</i>
			3.1.1.2 Como e onde se namorava	<i>"Tinha, tinha liberdade para namorar"</i> <i>"Às vezes namorávamos ali ao portão e assim, e depois entretanto começou a vir aqui às Sarzedas (...)"</i>

			3.1.1.3 Liberdade para frequentar espaços públicos	<i>"Eu não sei se podiam ir ou não, mas eu não ia...ainda hoje eu se for a Castelo Branco eu raramente entro num café sozinha pra ir tomar um café"</i> <i>"Aqui ia aos bailes porque era aqui mesmo ao pé de casa...e havia sempre família, os irmãos e primos e...era sempre gente aqui da terra"</i>
			3.1.1.4 Sexualidade e preparação para casamento	<i>"Não, não se falava...só se falássemos umas c'as outras, as amigas...de resto c'os pais não"</i> <i>"Estava preparada...estava...acho que sim"</i>
			3.1.1.5 Gravidez inesperada no namoro e abandono	<i>"Não me lembro assim de nenhum caso em especial...pois normalmente falava-se, não é?...ainda hoje fala-se..."</i> <i>"Eu às vezes ouvia histórias que as famílias que as mandavam embora e que as punham fora de casa, mas que eu tenha conhecimento de algum caso em especial isso não"</i>
		3.1.2 Casamento	3.1.2.1 Partilha de decisões e opiniões na tomada de decisão do casal	<i>"Era eu que decidia as coisas porque ele passava muito tempo fora de casa"</i>
			3.1.2.2 Relação de confiança entre os membros do casal	<i>"Não era ciumento porque eu também nunca lhe dei razões pra isso"</i> <i>"Eu ia com as vizinhas e tudo...tive sempre liberdade...o meu marido nesse aspeto...nunca foi assim...se eu quisesse ir assim a algum lado...a excursões que eu cheguei a ir várias vezes que ele não gostava de ir...ele nunca se opôs a isso"</i>

			3.1.2.3 Separação e divórcio	<i>"Normalmente não havia divórcios nem nada disso...as pessoas acomodavam-se e que remédio tinham"</i>
			3.1.2.4 Partilha de tarefas e responsabilidades na gestão da casa	<i>"O meu marido era caixeiro viajante e ele ia pra vida dele e eu é que ficava em casa e eu é que fazia a vida de casa, a comida e essas coisas porque ele não...ele em casa não tinha jeito pra nada"</i> <i>"Era eu...até se fosse preciso pintar a casa eu é que fazia"</i>
			3.1.2.5 Educação dos filhos	<i>"Era eu que educava os meus filhos e foi igual"</i>
		3.1.3 Percepções acerca do papel do homem, hierarquias e relações de poder	3.1.3.1 Padronização e normalização de comportamentos agressivos e desajustados	<i>"Eu com o meu pai não achava normal...quando ele gritava com a minha mãe, mas pronto a gente já estava habituada aquilo desde pequenos e sabíamos que era assim...mas depois a coisa passava ..."</i> <i>"Era normalmente aos fins-de-semana e assim qu'ele ...porque durante a semana ele trabalhava e não ia pra taberna...mas aos fins-de-semana gostava de ir"</i> <i>"Nos outros casais não ligavam se calhar era normal...se calhar até era..."</i>
			3.1.3.2 Representações sobre comportamentos/attitudes da família e comunidade face às situações	<i>"Ninguém se metia, não, não..."</i> <i>"No meu caso a minha avó chegou lá a ir quando havia barulho a mais...mas era pra acalmar os ânimos, era pois"</i>

			conhecidas e vivenciadas	"O meu pai era de boca"
			3.1.3.3 Razões apontadas para a aceitação dos comportamentos agressivos/desajustados	"Aceitavam sim porque é assim...a maior parte não trabalhavam, eram os maridos é que trabalhavam ...e depois pra onde é que elas iam? E normalmente tinham muitos filhos...aqui na aldeia quase toda a gente tinha muitos filhos...havia aí pessoas com 10 filhos e com 8 e com 9..."

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
4. Conhecimento acerca da Violência Doméstica e formas de apoio às vítimas na atualidade	4.1 Representações pessoais sobre a Violência Doméstica	4.1.1 Conhecimento e percepções sobre situações de Violência Doméstica conhecidas e/ou vivenciadas	4.1.1.1 Percepções e representações sobre situações conhecidas na família ou comunidade	"Hoje em dia não aceitava, mas se calhar quando eu me casei há cinquenta e quantos anos se calhar aceitaria sei lá, onde é que eu ia? Não é? Vinha pra'qui pras Sarzedas pro pé dos meus pais...não sei...hoje em dia sim...não aceitava"
			4.1.1.2 Representações da comunidade face às situações de violência doméstica conhecidas	" Sim...hoje em dia sim que a gente tem o dever de ajudar e de denunciar e assim, sim"
			4.1.1.3 Atitudes/comportamentos face a situações conhecidas	"Claro que sim...ligar pras autoridades...em último caso era a presidente da junta e ela depois tratava do assunto"
			4.1.1.4	"Sim mais ou menos conheço"

			Conhecimento acerca dos tipos de apoios existentes para vítimas de violência doméstica	
			4.1.1.5 Perceções acerca do tipo de apoio que é dado às vítimas de violência doméstica	<i>"Hoje é mais fácil embora haja ainda muita vergonha para denunciar, são meios pequenos e todos ficam a saber"</i>

- **Análise de conteúdo entrevista 10**

Tabela 15- Análise de Conteúdo Entrevista 10

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
1. Vivência no contexto familiar de origem	1.1 Dinâmica e estrutura Familiar	1.1.1 Condições de vida na infância e juventude	1.1.1.1 Condições de vida	"A nossa criação foi uma criação munto pobre...o que se comia era criado por cá com a comida das fazenditas...era outra vida..." "Tínhamos algumas dificuldades pra comprar roupa, calçado e até a comida, era difícil e em casa não havia assim grandes coisas pra alimentação era o que se tinha e o que se criava, o porqueto, as galinhas, tínhamos a horta, umas ovelhinhas e umas cabrinhas e fazíamos os queijinhos também"
			1.1.1.2 N.º de irmãos/membros da família	"Éramos 3 irmãos, 2 raparigas e 1 rapaz" "Os mês irmãos eram mais velhos, eu fui a mais nova"
		1.1.2 Responsabilidades na gestão da casa e educação dos filhos	1.1.2.1 Principal provedor/a de recursos financeiros na família	"O mê pai trabalhava na lavoura e assim por fora a minha mãe fazia a vida de casa, o mê pai fazia de tudo no campo"
			1.1.2.2 Divisão de tarefas e responsabilidades por parte dos membros da família	"Naquele tempo era assim a minha mãe tratava da casa e cuidava das hortas e ia buscar molhos de lenha pra gente se aquecer e pra fazer a comida, porque não havia outra vida naquela altura" "Eu era ainda munto novinha, eu tinha 7 anos quando comecei a trabalhar pra ajudar em casa e também ia guardar as cabrinhas quando saía da escola" "Todos ajudávamos como podíamos em casa pra não nos faltar nada, mas os meus pais trabalhavam muito"

		1.1.3 Relação Hierárquica entre os progenitores	1.1.3.1 Definição de papéis de relações de poder no casal	" Os meus pais davam-se muito bem" "A minha mãe é que orientava as coisas em casa, mas falava sempre com o meu pai, acho que decidiam os dois as coisas"
			1.1.4.2 Estabelecimento de regras e limites	" Os meus pais não eram assim a modos que, muito severos" " Os nossos castigos eram mais assim de boca. Em pequenos era capaz de levamos umas palmadas...eu acho que a minha mãe nunca me bateu...mas ralhava bastante quando fazia asneiras" "O meu pai é que era assim mais sério, mas a gente só de olhar pra ele tínhamos muito respeito" "O meu pai deu-me uma vez uma bofetada acho que foi o pior que me aconteceu foi essa vez, já não me lembro bem porquê... acho que foi por causa de uma birra que eu fiz, mas lembro-me que levei"
		1.1.5 Perceção sobre as diferenças de género na educação dos filhos	1.1.5.1 Diferenciação na educação entre rapazes e raparigas	"Acho que era diferente, o rapaz era mais livre e a rapariga era mais resguardada" " O meu irmão tinha mais liberdade do que nós, a nossa mãe resguardava-nos muito, acho que tinha medo que nos acontecesse alguma coisa de mal"
		1.1.6 Diferenciação de papéis em função do género em relação aos filhos	1.1.6.1 Liberdade e diferenciação nos comportamentos esperados entre rapazes e raparigas	"O que havia de diferença era que, os rapazes iam-se embora sozinhos e as raparigas tinham que levar a mãe ou uma irmã pra ir a um baile ou pra um lado ou pra outro, pronto... iam sempre acompanhadas e em grupo"

		1.1.7 Comunicação entre pais e filhos		<i>"E nos bailes as mães sentavam-se em volta do baile e no outro dia havia sempre aqueles comentários como é que uma se arrumava mai c'a outra"</i>
			1.1.7.1 Partilha e discussão de opiniões entre os membros da família	<i>"Os meus pais de certeza que falavam entre eles não na nossa frente"</i> <i>"Nós não abríamos a boca. Os pais é que sabiam e nós ouvíamos e calávamos"</i>
			1.1.7.2 Valores transmitidos e comportamentos esperados em relação aos mais velhos	<i>"Havia muito mais respeito pelas pessoas mais velhas naquele tempo, muito mais, a gente guardava respeito a todos, pronto é diferente muito diferente do que é agora"</i>

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
2. Escola e vida profissional	2.1 Vivências do percurso escolar e profissional	2.1.1 Perceção sobre o percurso escolar	2.1.1.1 Frequência da escola	<i>"Fiz a 4^a classe"</i>
			2.1.1.2 Causas que levaram ao abandono escolar	<i>"Começava-se a trabalhar cedo e aprendia-se a fazer de tudo porque as meninas eram ensinadas logo de pequeninas a saber fazer tudo em casa... E os rapazes ou trabalhavam no campo ou aprendiam um ofício. Só quem estudava eram os filhos dos ricos"</i>
			2.1.1.3 Separação entre géneros na escola	<i>"No recreio os meninos brincavam com os meninos e as meninas com as meninas. Eles jogavam á bola, ao pião e as meninas fazíamos rodas e jogávamos ao lenço e assim, a dançar e a cantar"</i>

				<i>"A escola era todos juntos, só no recreio é que brincávamos separados"</i>
		2.1.2 Perceções sobre os castigos aplicados na escola	2.1.2.1 Castigos aplicados e razões para tal	<i>"As professoras davam-nos estaladas ou reguadas... era assim (...)"</i> <i>"A professora punha-nos á beira da mesa e perguntava a tabuada...aqueles que sabiam responder passavam á frente, os que não sabiam ...levavam reguadas"</i>
		2.1.3 Vivências do percurso profissional	2.1.3.1 Profissão e percurso profissional	<i>"Sempre estive em casa e trabalhei no campo também, tinha as minhas hortitas, o porquito e as galinhas, cuidei dos meus filhos...fazia de tudo"</i>
			2.1.3.2 Perceções acerca do trabalho feminino fora do contexto do lar	<i>"Não se pensava mal pois as raparigas trabalhavam quase todas no campo, na azeitona, na ceifa, iam a apanhar resina, trabalhavam em tudo o que aparecia..."</i>

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
U	3.1 Perceções sobre o namoro e casamento	3.1.1 Namoro	3.1.1.1 Idade com que começou a namorar	<i>"Comecei a namorar muito novinha e casei com 17 anos"</i> <i>"Conheci o meu marido na azeitona, eu fui c'o meu cunhado pra aquela azeitona em Abrantes e o meu cunhado era o meu guarda-costas e lá conheci-o...mas nunca, nada de falar. Ele era mais velho 7 anos do que eu e nada disso. Depois ele foi pra ceifa e eu fui também, e ó depois ele escreveu-me e depois quando veio da ceifa é que começámos então a namorar"</i>
			3.1.1.2	<i>"Namorávamos á porta e na rua, mas sempre com alguém a guardar"</i>

			Como e onde se namorava	<i>“Começamos a namorar e quando ele pensou pra casar, ele falou c’a minha mãe e a minha mãe disse-lhe «Aii não, ela é muito novinha, ela não é pra se casar» e ele disse-lhe assim «Mas eu agora quero-a e daqui a amanhã não sei»”</i> <i>“E depois como eu andava muito por lá a minha mãe falou comigo...hoje nem sei se gostava muito dele, porque eu era muito dada à brincadeira e gostava de ir pros bailes e ele não era nada dado a isso”</i> <i>“Eu nem queria nem pensava em namoros porque era muito divertida e muito novinha, era muito garota e inocente”</i>
			3.1.1.3 Liberdade para frequentar espaços públicos	<i>“Chorei muitas vezes que queria ir pros bailes e não podia ir (...) ele não queria ir não podia ir sozinha”</i> <i>“As raparigas tinham que ir sempre acompanhadas pelas mães, já eles... iam pra onde queriam e faziam o que queriam, era muito diferente d’agora”</i>
			3.1.1.4 Sexualidade e preparação para casamento	<i>“A gente antes tinha muita vergonha, não sabíamos nada da vida e eu era uma menina (...) se eu disser que ele foi pai e foi marido acredita?”</i> <i>“Sei lá...acho que não, atão eu era uma cachopa novinha, o que é que eu sabia da vida?”</i> <i>“Não se falavam certas coisas e só sabíamos depois de passar por elas...nem com as outras cachopas nós falávamos, parecia tudo um segredo. E as mais velhas não falavam certas coisas á nossa frente”</i>
			3.1.1.5 Gravidez inesperada no namoro e abandono	<i>“Uii eram apontadas e já ninguém as queria se não casassem com os namorados, às vezes lá</i>

				<i>corria tudo bem e casavam-se. Mas isto é um meio muito pequeno e falava-se logo</i>
		3.1.2 Casamento	3.1.2.1 Partilha de decisões e opiniões na tomada de decisão do casal	<i>"Ele é que punha e dispunha de tudo e eu tentava entender-me com ele...mas a última palavra era sempre dele... foi sempre assim"</i>
			3.1.2.2 Relação de confiança entre os membros do casal	<i>"Os bailes não podia ir...Passei uma vida... porque ele era uma pessoa muito reservada e não podia andar por lá, ir pra'qui ou ir pra'li"</i> <i>"Passei a vida sempre muito angustiada, pois ia pra'li ou pra'qui, chegava a casa e já ia com medo pois agora chego lá e ele manda-me que eu me demorei"</i> <i>"Eu acho que ele era ciumento, acho que sim, ele não dizia, mas gostava que eu andasse sempre á beira dele"</i>
			3.1.2.3 Separação e divórcio	<i>"Não se falava dessas coisas naquele tempo, as mulheres aguentavam e calavam-se"</i>
			3.1.2.4 Partilha de tarefas e responsabilidades na gestão da casa	<i>"Não havia cá dessas coisas, a mulher trabalhava em casa, cuidava dos filhos e tudo e ainda tinha que ajudar o marido nas hortas e no que fosse preciso. Acho que eramos umas escravas do trabalho e da casa"</i>
			3.1.2.5 Educação dos filhos	<i>"Era mais eu que estava com eles, pois ele andava a trabalhar todo o dia, mas a última palavra era sempre do pai"</i>
		3.1.3	3.1.3.1	<i>"Nem sempre me tratou bem...por vezes...às vezes não"</i>

		Perceções acerca do papel do homem, hierarquias e relações de poder	Padronização e normalização de comportamentos agressivos e desajustados	<i>“No casal há sempre altos e baixos, não há nenhum casal que não tenha...ele era uma pessoa muito ativa...não era assim aquela pessoa mansa, calma a falar...não”</i> <i>“Quando dizia as coisas era logo assim pra explodir e eu ficava-me. Acho que tinha medo dele”</i> <i>“Então se bebia uns copitos não lhe dizia nada...”</i> <i>“As pessoas viviam a sua vida e não se metiam na vida dos outros (...) quando havia zangas no casal ninguém se metia. Cada um resolvia os problemas na sua casa e prontos”</i> <i>“Mesmo que a gente se queixasse às mães elas diziam que tínhamos que nos entender com eles, porque elas também faziam assim”</i> <i>“Diziam-nos pra ter paciência e aguentar, que no outro dia já não era nada”</i>
			3.1.3.2 Representações sobre comportamentos/attitudes da família e comunidade face às situações conhecidas e vivenciadas	
			3.1.3.3 Razões apontadas para a aceitação dos comportamentos agressivos/desajustados	<i>“A maior parte das mulheres era assim...aguentavam e calavam-se, porque tinham os filhos pequenos e depois como se governavam a elas e aos filhos?”</i>

Tema	Categoria	Sub-categoria	Unidade de Registo	Unidade de conteúdo
4. Conhecimento acerca da Violência Doméstica e	4.1 Representações pessoais sobre a Violência Doméstica	4.1.1 Conhecimento e perceções sobre situações de	4.1.1.1 Perceções e representações sobre	<i>“Conheci algumas situações de mulheres que eram maltratadas pelos maridos...e às vezes até era com os filhos e tudo, mas naquele tempo o que se podia fazer?”</i>

formas de apoio às vítimas na atualidade		Violência Doméstica conhecidas e/ou vivenciadas	situações conhecidas na família ou comunidade	<i>"Até eu acho que me deixei andar e perdoei muita coisa"</i>
			4.1.1.2 Representações da comunidade face às situações de violência doméstica conhecidas	<i>"Hoje as pessoas já não acham normal que haja estas situações...as famílias também já não aceitam muito bem que uma filha ou irmã leve porrada e pronto...a família já apoia mais. Antigamente não se metiam e era como se nada fosse, era uma zanga de casal e depois tudo passava"</i>
			4.1.1.3 Atitudes/comportamentos face a situações conhecidas	<i>"Não sei...talvez se fosse hoje não tinha aguentado tanta coisa como aguentei e não me calava tanto..."</i> <i>"Acho que as mulheres não se devem calar"</i> <i>"Se soubesse de algum caso nem sei como faria, se calhar tentava ajudar..."</i>
			4.1.1.4 Conhecimento acerca dos tipos de apoios existentes para vítimas de violência doméstica	<i>"Ouço falar na televisão, mas sei pouco sobre isso porque não ligo muito"</i>
			4.1.1.5 Perceções acerca do tipo de apoio que é dado às vítimas de violência doméstica	<i>"Ouço dizer que a mulher hoje, tem mais apoios pra elas e pros filhos, mas sinceramente não sei bem..."</i> <i>"Mesmo assim já viu...tantas mulheres que são mortas e eles não são castigados?...Não percebo..."</i>

APÊNDICE F- Plano de formação para programa de voluntariado

Tabela 16- Plano de Formação dos Voluntários

Formação de Base		
Sessão	Temas	Objetivos
Sessão n.º 1	Apresentação do grupo e dos módulos da formação base e específica	Conhecer o grupo e os formadores Entender os objetivos, a estrutura e o funcionamento da formação geral e específica
	Definição, percurso histórico e áreas de atuação do voluntariado	Concetualizar o voluntariado no âmbito da intervenção não remunerada e do compromisso com o outro, numa perspetiva de cidadania ativa Conhecer o percurso histórico do Voluntariado e áreas de atuação
	Ser voluntário – princípios, direitos, deveres e integração no projeto de intervenção	Conhecer os princípios, direitos e deveres inerentes ao exercício do voluntariado Entender as expetativas e receios na integração dos voluntários no projeto
	Quadro regulamentar do voluntariado	Saber qual o enquadramento legislativo no âmbito do voluntariado
	Importância do trabalho voluntário com populações com necessidades específicas	Reconhecer a importância do voluntariado como um instrumento de desenvolvimento e mudança social na intervenção com populações com necessidades específicas e em risco de exclusão social
	Comunicação e relacionamento interpessoal	Desenvolver competências de comunicação e relacionamento

	Ética e voluntariado	interpessoal eficazes Perceber o significado da ética no âmbito do voluntariado
Formação Específica		
Sessão n.º 2	Sexo, Género e Identidade feminina e masculina	Diferenciar os conceitos de Sexo, Género e identidade
	Envelhecimento em Portugal	Conhecer as dinâmicas do envelhecimento em Portugal
	Aspetos psicossociais do envelhecimento	Distinguir os aspetos Psicossociais do envelhecimento
	Crenças, Estereótipos de Género e Idadismo	Diferenciar as crenças, estereótipos de género e Idadismo
	Enquadramento histórico e cultural das questões da VD e da violência de género	Conhecer o quadro histórico e cultural associado à VD
	Papéis de Género tradicionais	Identificar os papéis sociais de género na história e cultura portuguesa do Séc. XX
	Definição de violência e Violência Doméstica A violência contra as mulheres idosas	Definir e concetualizar a violência e o âmbito da violência contra as mulheres idosas
	Dados epidemiológicos, incidência e prevalência	Interpretar dados estatísticos relativos à VD
	Perspetivas explicativas da VD	Distinguir o quadro concetual que se encontra na base explicativa da VD

Sessão n.º 3	Tipos de violência Causas da violência Relações de poder e controlo Escalada da violência Ciclo da violência Fatores potenciadores de comportamentos violentos Enquadramento legal da Violência Doméstica	Diferenciar a tipologia de maus-tratos associados á violência Identificar a causalidade associada às situações de VD Conhecer as dinâmicas e processos associados à violência doméstica Identificar os fatores potenciadores de comportamentos violentos Conhecer o enquadramento legal no âmbito da VD
Sessão n.º 4	Perfil do Agressor e Perfil das vítimas Mecanismos de negação e atitudes bloqueadoras das vítimas face à VD Identificação de sinais nas vítimas de violência doméstica Identificação das necessidades das vítimas e prevenção da vitimização	Identificar as características dos agressores e das vítimas Reconhecer os mecanismos de negação por parte das vítimas e as dificuldades sentidas para sair da relação de vitimização Identificar e reconhecer sinais de uma relação abusiva Prevenir a vitimização no contexto da VD
Sessão n.º 5	Comunicação empática e assertividade A importância da comunicação verbal e não verbal Técnicas de Escuta ativa	Desenvolver competências de comunicação empática e assertiva Compreender o comportamento e atitudes na comunicação Desenvolver técnicas de escuta ativa e comunicação assertiva

	Ética e confidencialidade	na gestão da informação Construir a confiança na relação na relação empática
Sessão n.º 6	Direitos mulheres idosas vítimas de VD	Identificar os direitos das vítimas de VD e em específico das mulheres idosas
	Princípios da intervenção	Distinguir os princípios da intervenção nas vítimas de VD
	Recursos/respostas sociais da comunidade para apoio a mulheres idosas vítimas de violência	Conhecer os recursos/respostas sociais disponíveis na comunidade para as mulheres idosas vítimas de VD
Sessão n.º 7	Avaliação da formação	Avaliar os conteúdos ministrados na formação